

W
E
E
W
E
E

W
E
N
E
E
E
W
E
E

IDEIAS PERIGOZAS SUBMIDIALOGIAS

Fabiane Borges | org



descentro.org

patrocínio:





Estimulamos que este livro seja livre para ser copiado, modificado e distribuído, sem a necessidade de permissão prévia, inclusive para fins comerciais, desde que mantidos os nomes dos autores originais. Obras derivadas devem manter esta mesma licença ou outra com base na filosofia do comum. Toda utilização com objetivos artísticos, educacionais e submidiáticos é incentivada, assim como a adaptação para outras mídias e formatos, como canções, vídeos, audiobooks, pinturas, programas de rádio ou TV.

Este livro foi produzido por:

Revisão: Adriano Belisário

Produção gráfica: Ariane Stolfi

Organização dos textos: Fabiane Borges

Realização Des).(centro

Produzido mediante à lei Rouanet de Incentivo à Cultura
com o Patrocínio da Petrobrás

O livro foi produzido com da colaboração dos autores participantes da lista de discussão Subimidiologias, a partir do encontro em Belém em 2009.

Foi diagramado inteiramente com softwares e fontes livres. Foram utilizadas Gentium Sans, Free sans e Casa Brasil.



Índice

9

Submidialogias

Adriano Belisário e Fabiane Borges

13

Poesia espasmática coletiva

Anônimo

15

Introdução à sociedade de Controle Privacidade, Propriedade Intelectual* e o Futuro da Liberdade

Jose F. Alcántara (tradução de Fabianne Balvedi)

21

O Princípio de Inconexão

Geert Lovink

Traduzido e Adaptado por Thiago Novaes

33

GNOSC

um órgão sem corpos

por Leo Pedreiro

44

O cotidiano é o mundo em resumo

Herbert Daniel, trecho extraído por Elenara Label

49

Ideias perigosas: um estudo do cotidiano

Thaís Brito e Ricardo Ruiz

57

Chamado Metaprotocooperativo Digitofágico

Tribo MESH e Pajé Resistor.

59

Tender Hacker - Queer Copyleft

Coletivo Esquizotrans

67

Corpo-mídia

Daniela Álvares

79

Anti.projeto

Wanderlynne Selva

83

Sub-poesia

Morgana Gomes

85

Sub-poema

Rogério Borovik

87

Dispositivo - experiência 01

Guilherme do Vale Oliveira

107

Mulheres que desaparecem

Déa Paulino, Flávia Cremonesi e Maira Begalli

113

Letramento midiático e digital:

Prática educativa com base na cultura e comunicação.

Adriana Veloso Meireles

127

Gerador Elétrico

Peetssa

131

A fronteira virtuosa: universidade, mídias livres e diálogo intercultural1

Guilherme Githay de Figueiredo

145

O Centro de Mídia Independente de Tefé: mídias livres na educação e na organização coletiva

Pedro Pontes de Paula Júnior e Guilherme Githay de Figueiredo

155

O que vai viver e o que vai morrer

Juliana Dornelles

159

Mendigos piratas videntes

Por Fabiane Borges e Thiago Novaes

173

Dicionário de idéias recebidas (a fim de passá-las adiante)

Rodrigo Nunes

191

A to Z, os desvios que ampliaram o arquivo

Cristina Ribas

203

Natureza, arte e tecnologia

A mobilidade do audiovisual de bolso

Karla Schuch Brunet e Maruzia Dultra

215

Sobre o paisagismo antisséptico

Ariane Stolfi

217

O Futuro das sementes

Baobá voador

223

Produção também é política

Alexandre Freire e Fabiane Borges

229

12 soldas

Glerm Soares e Lucida Sans

232

Sobre os autores

Submidialogia

Ideias perigozas

Fabiane Borges e Adriano Belisário

Submidialogia é uma ilha de intensidade ultraconectada e alienada ao mesmo tempo, que se repete diferenciando aos poucos seus estilos, formatos e metodologias. É atravessada por séries com evidente inspiração anarquista, punk e por vanguardas artísticas em geral. Crises, paradoxos, desestruturações subjetivas básicas, mudanças paradigmáticas, alguns momentos de extrema harmonia e outros de discórdia são experimentados nas listas de discussões, nas produções hiper-midiáticas e presencialmente nos festivais.

Este livro é uma compilação de artigos, poesias, auto-críticas e outros textos surgidos a partir da quarta edição do festival Submidialogia, realizada em Belém (PA) no ano de 2009. Aqui, se encontrarão tanto textos acadêmicos, como "Letramento Midiático e Digital", "A fronteira virtuosa", "O Centro de Mídia Independente de Tefé" e "Natureza, arte e tecnologia: a mobilidade do audiovisual de bolso", quanto poesias, como a "Subpoesia" ou o "Subpoema".

Em 2009, tentava-se reunir e pôr em prática "ideias perigozas", mote do festival subBelem e título também de um dos textos desta coletânea. Reunindo pessoas do Brasil e do mundo ligadas ao movimento do software livre, cultura da colaboração e pesquisas de mídias undergrounds, os encontros do Submidialogia ocorrem anualmente desde 2005 e são prolongados no plano imaterial, porém concreto, da Internet, através de uma lista de discussões. Os encontros são eventos festivos regados a arte, música, cultura local, onde as subjetividades se imiscuem num clima imersivo, onde o erotismo dos gestos e as performances corpóreas tem lugar para suas manifestações.

Nos festivais e na lista, dinamizam-se forças pulsantes, projetos inconsistentes e crises de representação. A linguagem hipertextual é tornada produção de inteligência coletiva, criando ideias em um lugar que não é mais o pensamento individual, mas conteúdos naufragos facilmente readaptados, reciclados e apropriados pela rede. Trata-se de uma nova cultura, como Pajé Resistor afirma em "Chamado Metaprotocooperativo Digitofágico".

Abrindo o livro, "Poesia Espasmática Coletiva é um relato anônimo costurado por várias mãos. Nele, estão registrados desejos, fragmentos de diálogos, pichações em muros e pensamentos remixados que surgiram durante o encontro em Belém. "Dispositivo Experiência" reúne relatos e ponderações sobre uma das vivências do quarto festival. Já "Gnose" traz uma narrativa mítica sobre estas novas origens de divíduos, órgãos sem corpos.

Submidialogia é a construção de imaginários, troca de fazeres e conhecimentos: a subversão do logos. Espaço de expansão e contensão dos pensamentos constitutivos. Expansão porque o conhecimento não é tratado como sistema proprietário, mas aberto ao desenvolvimento coletivo. E contensão, devido às inúmeras impossibilidades de aplicação prática do conhecimento e a necessidade de concentrar saberes e poderes para execução de projetos e programas. Dessa forma, presume-se um paradoxo entre a geração colaborativa do pensamento e suas aplicabilidades. Enquanto alguns tendem a estatizar ou credenciar como políticas públicas suas ações de bando, outros tendem a práticas mais anarquistas, independentes, e ainda outros vendem seus conhecimentos como produto de mercado. É nesse paradoxo que habitam desejos de mais eficiência, assim como de construção de métodos ágeis, de fácil aplicação e replicação, que muitas vezes sofrem danos e cooptações - auto-crítica presente nos artigos que se seguem, como em Anti-projeto, "Mendigos, Piratas e Videntes", "O que vai viver e o que vai morrer" e "O Princípio da Inconexão".

A oposição entre público e privado é ineficaz nessa rede. Em territórios móveis, urgem outros elementos, como a criação de espaços comuns e ambientes de afinidades que não se enquadram nem em um sistema de propriedade nem em um sistema público, aberto para utilização de toda e qualquer pessoa. Também se distancia de domínios restritivos como os das seitas, quadrilhas ou máfias, apesar de guardar elementos como ritos de passagem, respeito a lideranças insurgentes ou salvaguardadas pelo histórico do próprio processo. Não se pode também esquecer as alianças produzidas por laços de amizade, projetos alavancados entre participantes e, como não poderia deixar de ser, envolvimento sexuais e afetivos.

Longe de ser um espaço de puro consenso e harmonia, caracteriza-se por um ambiente de afloramento de angústias e desejos. Movida por tensão e afetividade, a rede assume características autopoieticas. Registrando sua existência em escritos, imagens e publicações como es-

ta, ela volta o olhar a si mesma na absorção deste conteúdo de modo que o campo de ação e significação de seus pontos nodais são rearranjados continuamente e imprevisivelmente. A importância da memória coletiva e reflexões sobre o trabalho de arquivo são exploradas em "A para Z: os desvios que ampliaram o arquivo".

Nos textos, há a ênfase na digitofagia e na ruptura com o modelo de mídias de massa. Não se deixa, no entanto, de observar as redes eletrônicas e novas tecnologias da informação com um olhar crítico. "Introdução à sociedade de controle" reflete sobre o futuro da liberdade na Internet, apontando os mecanismos de vigilância e cerceamento da privacidade como uma pedra no caminho para a utópica "aldeia global". Aqui, a mídia é encarada em um sentido amplo, como revela "Corpo-Mídia". Abordagem presente também nos textos "O cotidiano é o mundo em resumo" e "Dicionário de ideias recebidas". Nem só em eventos, nem na Internet, o Submidialogia busca no dia-a-dia o terreno para agenciamento das mudanças. Submidialogia é uma proposta aberta não para outros futuros, mas para outros presentes possíveis.

poesia espasmática coletiva

0.3 Aprendendo o enigma das doses

Mexam suas orelhas. Ideias preguiçosas: não faremos nada
Oficinas de nada. Sangre, sue, sorria
Na primeira vez que quis salvar o mundo, me fodi
Quem paga a revolução? Quem revolucionar o pagamento
(Acabaram de passar aqui na frente fazendo um arrastão)

Essa ideia ninguém me tira: matéria é mentira
[Energia livre já: $E=mc^2$]
A vida é uma droga. Não é uma metáfora
mas uma tautologia.
Verves, verves, verves...

0.2 Vértices e vertigens: artista é o pedreiro

Em meio a tantos vocábulos lineares, ficamos no pasto nossa
declaração de independência. Vida de armas, camas e karmas. Eles
estão surdos! Ninguém é dono das ideias. O comum pertence à
multidão e é regra. Com máquinas de poesia-guerra, a natureza
inventou a gratuidade e ela continua sendo re-inventada dentro de um
direito que escapa ao Direito: o direito à produção de sentido. Nenhum
ser humano é uma ilha desconectada. Como me encantam as reuniões
fora de hora...

0.1 Eu e você = nós = tudo e todos

Somos re-combinações. Contra a pilhagem da volúpia,
a volúpia da pilhagem.
Libertação animal, sexo grupal,
rios, pessoas novas,
dar margem a estar na beira
festas e vinho em trânsito,
em transe, em transição.
Co-mova-se. A volúpia destrutiva também é
volúpia criativa

0.0 Livres, nossos filh@s

Soberania gravitacional: pelas livres flutuações, revogemos a lei da gravidade. Se a criança se desenvolve copiando o mundo que vê, como ensiná-las erroneamente que o processo de aprendizado é crime? Onde está o erro em absorver o mundo? Como ensiná-las a co-governar suas imaterialidades cotidianas? Aquilo que não é vendido e não tem preço. Cada olho pode ser o mundo em uma voz. Observo, absorvo e regurgito uma imersão de novo. Diferente, como sempre.

8: Palindromania: parta do fim para o princípio

Transborde, transporte, transponha os sentidos que subvertem o mundo subumano

Eschizoprana caeose metempsicóticos

Libertem os pássaros subterrâneos. Cronosfera livre!

Prove, deguste o imprevisível presente

Transborde, transporte, transponha

Prove, deguste, improvise o imprevisível presente. Primo, primeiro

começo

novo

Introdução à sociedade de controle Privacidade, Propriedade Intelectual[1] e o Futuro da Liberdade

Jose F. Alcántara

traduzido por Fabiane Balvedi*

*Sou apenas um, mas ainda assim sou um;
não posso fazer tudo, mais posso fazer algo;
e é justamente porque não posso fazer tudo
que não rejeitarei fazer aquilo que posso fazer.*

Edward E. Hale

*Criaremos uma civilização da Mente
no Ciberespaço. Que seja mais humana e bela
que o mundo que seus governos tenham criado antes.*

John Perry Barlow

Desde que era adolescente sonhava em escrever um livro, talvez repleto de poemas; com certeza uma novela, mesmo que fosse breve. Sempre pensei que acabaria escrevendo. Não obstante, tenho em minhas mãos um ensaio pleno de todas estas histórias que eu queria contar e cheio de todas as que eu nunca queria ter de contar.

Quando alguém decide ler um ensaio sobre a privacidade, a primeira coisa que necessita é que lhe justifiquem por que deve existir um ensaio sobre a privacidade, que alguém o explique com palavras que todos possamos entender o que tem a privacidade que a faz merecedora de um ensaio que a defenda. Não que pareça o contrário, é uma necessidade idêntica a que sente um ensaísta quando decide desenvolver seu ensaio em torno de um tema que define mais que nenhum outro o novo desafio que o entorno digital em que desenvolvemos nossa vida impõe às democracias funcionais contemporâneas: o direito fundamental de privacidade.

O ponto de partida é a mudança que experimentamos em nossa sociedade. O mundo se modificou tanto nos últimos 40 anos que pretender que modelos sociais e econômicos antigos sigam regendo a sociedade em que vivemos constitui uma atitude tanto irresponsável quanto reprovável. E que modelo deve servir para organizar uma sociedade digital? Pois não sabemos, e isso é o que necessitamos saber. Até este momento não se decidiu nada e tudo é possível, precisamente porque

não se desenvolveram ainda modelos que permitam adaptar nossa sociedade ao nosso novo entorno.

No entanto, aqueles que agora têm uma posição dominante, velhos monopolistas da informação e membros do poder econômico, tentam de todo modo fortalecer sua influência neste novo entorno e já começaram a pressionar os governos para que legislem em seu favor, de modo que nos levam certa vantagem.

Mas o fato de que existe um grupo que pretende obter uma posição dominante favorece a organização de um segundo grupo que atuará em oposição ao primeiro: a reação social, que pretenderá defender seus próprios interesses. Estas duas posturas são antagônicas. E isso define a situação em que nos encontramos atualmente. Dois grupos sociais cada um defendendo seus próprios interesses. Duas maneiras de ver a sociedade digital. Um visão restritiva, outra visão aberta. Em ambos os lados há aliados que podem parecer casuais, porém esta casualidade desaparece enquanto usamos o critério adequado para definir ambos os bandos: os que querem que a liberdade recaia por igual sobre todas/os e os que querem que um grupo, mais ou menos numeroso, ostente o poder e imponha seus critérios ao resto. Os anarquistas e os oligarcas, como define o professor Vaidhyanathan¹.

Por tudo isso, creio que a privacidade necessitava de uma monografia; bem, por tudo isso e por dedicar algum tempo à face menos amável da tecnologia nos ajudará a desconstruir toda essa auréola de bondade mística que os meios lhe têm atribuído. Porque a tecnologia não é boa nem má, é uma ferramenta e será o que nós fazemos dela. Escrevo esta monografia porque de outros usos da tecnologia já se fala muito por quase toda parte.

Muitas vezes, o debate público sobre nossa privacidade parte de uma premissa completamente falsa, que evidentemente guia o debate por um caminho inadequado e inútil, pois ninguém está perguntando pelo assunto sobre o qual se está respondendo. A premissa que falta é que o desejo de privacidade nasce do desejo de esconder trapos sujos. Estes trapos sujos podem ser de qualquer índole, porque um trapo sujo é qualquer coisa que esteja mal-vista por uma parte da sociedade: homossexualidade, corrupção, filiação política ou tendências religiosas.

Esta semântica de combate não é nada casual, uma vez que foi concebida para aqueles que decidiram levantar nossa voz e exigir um direito

tão básico como o é a privacidade mais elementar e assim sejamos contemplados indistintamente e de forma súbita como terroristas, pederastas, traficantes, hackers ou delinquentes habituais. Ninguém deveria ficar surpreso que a grande mídia trate de pintar-nos todos como gente ruim; afinal, eles têm suas televisões e nelas os debates se fazem nos termos que a eles convém e com as vozes que eles elegeem. O que sucede é que, ante uma situação na qual uma pessoa ou grupo de pessoas deseja manter um controle sobre os aspectos de sua vida que são mantidos em privado, a única solução que se propõe consiste em tratar de equiparar esse grupo de pessoas com delinquentes; é algo que averiguaremos mais adiante, mas o que é certo é que serão apontados como delinquentes.

Não é mais fácil pensar que simplesmente desejam manter sua vida privada somente ao alcance de quem eles elejam? Não é acaso o que todos fazemos cada dia quando escolhemos a quem contamos nossos assuntos e a quem não? Neste caso, como em muitos outros, a explicação mais fácil é a correta, e defender a própria privacidade não é coisa de terroristas e pederastas, e sim de cidadãos preocupados com os direitos civis. Tanto as empresas como os Estados regem sua atividade através do princípio de gestão de risco, no que se conhece como o mercado de limões e pêssegos (uma teoria econômica sobre os sistemas de informação assimétrica nos mercados que valeu a George Akerlof a concessão de um prêmio Nobel de economia em 2001)². Toda informação sobre as pessoas é adicionada a um perfil, que será analisado para julgar se se considera às mesmas um risco elevado ou reduzido (sugestão: se o risco das mesmas é elevado ou reduzido). E aqueles incluídos nas categorias de maior risco serão progressivamente separados da atividade social e econômica (não serão contratados, não poderão obter seguros médicos nem seguros de vida), podendo ser até completamente excluídos da sociedade.

Poderia considerar-se então que, apesar da relevância que as mudanças sociais que temos vivido tiveram e terão no modo em que se organiza nossa sociedade, as reclamações sobre privacidade não tem sido muito frequentes, e as que ocorreram tem sido muitas vezes fracionadas. Isto se deve ao fato de que as formas de vigilância e controle são julgadas a partir de supostas vantagens que oferecem e não como agentes de penalização. Podemos julgar que usar um webmail como o Google (cujos termos de serviço exige permissão para ler o conteúdo dos mesmos) supõe entregar a uma companhia privada a chave que abre toda tua vida. Porém muitos diriam que o Gmail é um serviço web mag-

nífico, cômodo e confiável. Isso divide a população em uma infinidade de subgrupos de consumo, uma vez que impede sua resposta única e contundente como grupo social. Esta mesma situação se dará em torno de outros sistemas, como a videovigilância cidadã ou a constante identificação pessoal a que nos vemos submetidos. Em todos os casos, a contundente resposta social é minada a partir de seu início, graças a uma hábil concepção de vigilância que incita a julgar estes sistemas em função de seus supostos benefícios, e não em função de suas amplamente comprovadas capacidades punitivas.

Sei que é difícil falar de privacidade. Falar sobre liberdade, sobre assuntos éticos, sobre responsabilidades e sobre conveniência é pedir à sociedade que pense em coisas e problemas que preferiria ignorar. Isto pode causar mal-estar e algumas pessoas podem rechaçar a idéia já de início somente por isso. Mas deduzir pelo anterior que a sociedade estaria melhor se deixássemos de falar deste tipo de coisas é um erro que não devemos cometer. Qualquer um de nós poderia ser o próximo excluído por razões de eficiência social.

Como todo avanço que tem lugar em alta velocidade, a chegada das redes, Internet e tudo que englobamos sob o generoso apelo das novas tecnologias nos situou, como sociedade desenvolvida e permeável a todos estes avanços, em uma encruzilhada, a encruzilhada que envolve toda tecnologia: um número enorme de vantagens cuja enumeração seria pesada e aborrecida, mas acompanhada de um reverso afiado que poderia nos cortar se não atuamos com moderação. A tecnologia nunca é neutra e a chegada da tecnologia em si mesma não é um catalisador de melhoras. Se quisermos melhoras, devemos lutar para que a tecnologia seja usada e seja aplicada de forma adequada.

A privacidade é um direito moderno. No século XVIII, quando ocorreram as revoluções republicanas que sustentaram e deram origem às democracias modernas, não havia necessidade de privacidade como hoje a entendemos, e é por isso que nem se exigiu nem se obteve naquele momento. Tendemos a pensar que estão nos roubando a privacidade. Pode ser que na prática seja assim, mas na teoria é um enfoque equivocado e a realidade é justamente contrária: a realidade é que a privacidade, tal como a defendemos agora, não existiu jamais porque jamais fez falta. E não fez falta porque nunca um Estado, um tirano ou uma corporação teve à mão as ferramentas necessárias para manter sob controle e sob vigilância toda uma população a todo o momento, inclusive nos momentos em que as pessoas permanecem sozinhas e isola-

das do resto da população. Isto nem sequer era possível de se conseguir com um grupo importante de uma população.

Apesar das tentativas de controlar a privacidade do “partido” e de seus colaboradores nos regimes comunistas totalitários, a vigilância em grande escala não foi viável até a revolução tecnológica digital. Ainda assim, todos estes esforços eram de “baixa tecnologia”, e já pressagiavam o que agora nos concerne: mais além de que nossa Constituição reconheça certos direitos, é necessário que as leis que se formulem tomem estes direitos como algo sério que não deve ser pisoteado. A privacidade é um direito que tem de ser conquistado. A lei orgânica de proteção de dados é um pequeno passo na direção adequada, mas tem tantas exceções para invalidá-la e tantos aspectos a melhorar, que não é em absoluto suficiente.

No entanto, com as tecnologias atuais, que cada vez são mais baratas, manter a população sob vigilância é possível e acessível (e será a cada vez mais barato). Acumular massivamente dados sobre as pessoas é algo que se pode fazer e que não se pode limitar com tecnologia, senão com leis. A privacidade é um direito, e utilizar sistemas de criptografia de chave pública ou de navegação anônima, como o Tor, é uma boa solução em curto prazo. São boas ferramentas temporárias, necessárias e válidas até que consigamos o que realmente necessitamos: medidas legais que regulem o uso da tecnologia e sua influência em nossas vidas. Onde pode ser instalado um chip RFID? E ainda mais importante, onde não pode ser instalado este mesmo chip? Onde podem e onde não se podem instalar sistemas de videovigilância? Que condições de controle será possível impor por via contratual? Como se regulará o conhecimento de nossa informação genética e sob que condições poderão exigir de nós que cedamos esta informação? O que há de segredo em nossas comunicações?

[...]

A privacidade é um direito civil contemporâneo porque os problemas das tecnologias que a colocam em perigo são contemporâneos. E os direitos nunca se dão, é algo temos aprendido com a história; os direitos, até os mais elementares – talvez estes ainda mais – temos que conquistá-los. Isso é algo que neste país sabemos bem. E você está preparado para exigir as reformas que garantem a nossa privacidade?

Referências

1. VAIDHYANATHAN, S. The anarchist in the library. Ed. Basic Books, 2004.
2. AKERLOF, G. The Market for 'Lemons': Quality Uncertainty and the Market Mechanism. In: Quarterly Journal of Economics 84 1970, pág.488-500.

* Versão original em espanhol extraída do livro SOCIEDAD DE CONTROL. Ed. ElCobre, 2008.
Url: <http://coleccionplanta29.com/coleccion-planta29/sociedad-de-control>

[1]Nota da Tradutora – Propriedade intelectual é uma miragem sedutora: <http://gnu.org/philosophy/not-ipr.pt-br.html>

O Princípio de Inconexão

Geert Lovink

Traduzido e Adaptado por Thiago Novaes

O fracasso do modelo dos .com, no fim dos anos noventa, mostrou a inocuidade da abordagem estritamente comercial sobre as redes, e que as comunicações em rede e as atividades sociais associadas nunca se exprimem em termos quantitativos ou mercadológicos. Ao contrário, o interesse de um esquema epistemológico tendo a cultura como recurso, não uma mercadoria, é o de privilegiar de fato a sua diversidade, mostrando que nenhuma empresa cultural pode prosperar em uma situação de monopólio. Com respeito a isso, assim como outros recursos, a “Net cultura” deve ser protegida, de maneira duradoura, isto é, faz-se importante administrar espaços autônomos no interior dos quais indivíduos e grupos possam desenvolver livremente suas atividades. Para isso, as infra-estruturas técnicas da rede e sua disponibilidade não são suficientes. A hermenêutica empresarial é vã e inoperante. Dar conta das condições sociais e culturais nascidas das tecnologias do digital exige voltar a atenção para a emergência de novos setores de atividades, e compreender como o fenômeno das “indústrias criativas” ilumina o problema da durabilidade das redes.

Multitude, Rede, Cultura

A Net cultura está submetida a um fluxo permanente, mas não linear, senão no que concerne ao aumento aritmético, tanto absoluto quanto relativo, de usuários do mundo não ocidental - “uma virada cultural” que a maioria dos experts ocidentais da Internet ainda não se deu conta. Sem denunciar um pretendido declínio mercantil da Internet, nem sacralizá-lo como sublime espaço de interconexão de todas as sinapses humanas, o ponto de vista pragmático tem interesse nas variantes induzidas pelo desenvolvimento de aplicações tais como wikis, o p2p, e outros web blogs, que juntos reconfiguram permanentemente o campo das novas mídias. Isso implica em comprometer uma “culturalização” da Internet, a qual não é um processo neutro, mas vem acompanhada de uma globalização e de uma administração por parte da população. Não se trata de forma alguma, de controlar as pessoas, mas de integrar democraticamente comunidades diferenciadas. A performatividade cultural constituindo precisamente a lógica fundamental de toda vida social efetiva.

Diferentes empresas de doutos, entre o estudo das interações homem/máquina e aquele das novas mídias e seus usos, reivindicam a

compreensão da chegada de tal virada cultural. Ora, a urgência se faz cada vez maior no sentido da integração dos saberes “soft” ao núcleo duro dos profissionais de tecnologias da informação, ao menos dentro do setor educativo. Porque hoje este saber não está senão fragilmente adaptado às tecnologias das redes. As rivalidades internas das instituições, assim como entre as disciplinas existentes, impediram no setor universitário qualquer verdadeira inovação. Assim, enquanto o mundo acadêmico teve um papel primordial no desenvolvimento da Internet, ele perdeu ao longo dos últimos anos um terreno considerável, que tenta agora preencher propondo aqui e ali alguns programas de estudos aplicados à informática dos jogos. Ainda em 2005, o estudo dos equipamentos de mobilidade estava embrionário. De fato, um aspecto importante do processo de “culturalização” das redes seria estudar em detalhe a maneira pela qual os usuários reticulares se constituem, a partir das “fricções produtivas” entre as dinâmicas inter-humanas e do quadro pré-determinado da indústria de software. Nesse sentido, a dinâmica social que se desenvolve no seio das redes não é um detalhe, mas algo essencial: as redes não estão transferindo dados, mas a contestação dos sistemas.

A Internet não é uma formação social representável a maneira de uma tribo primitiva. As metodologias centradas sobre o usuário tendem a ofuscar as mudanças que tiveram lugar no nível das infra-estruturas, dos softwares, das interfaces, das organizações. As bruscas mudanças ocorridas no seio do mercado eletrônico são insuficientemente levadas em consideração, assim como os conflitos mundiais concernindo os regimes de propriedade intelectual. Seguido do apagamento da distinção entre “micro-abordagem” em torno do usuário, e uma “macro-abordagem” aberta ao conjunto da sociedade, devemos pesquisar os elementos que permitiriam conceber uma teoria das redes fora dos Estudos Culturais pós-modernos ou das ciências sociais e da etnologia. O estudo das novas mídias requer uma “linguagem das novas mídias”, para citar Lev Manovitch, e não uma “teoria geral das redes” girando em torno das disciplinas e saberes estabelecidos.

Os teóricos da “multitude” são os que tratam das noções de usuário ou de rede de maneira mais interessante. O termo “multitude” é empregado como alternativa àquele de “povo”, que associamos tradicionalmente ao esquema Estado-Nação. Análoga à ideia de “prosummateur” (prosumidor), que os estudos culturais substituíram por aquela de consumidor, a ideia de multitude exprime uma diversidade radical da população ativa, opondo-se às noções homogêneas e fixas de “classe” ou

de “proletariado”, e serve para descrever as formações sociais que tiveram desde então lugar no mundo globalizado. Organizações militares, movimentos sociais, negócios, fluxos migratórios, sistemas comunicacionais, estruturas psicológicas, relações lingüísticas, neurotransmissores, e mesmo relações pessoais: as redes distribuídas são uma condição primordial da vida social e política. Ora, o esquema das redes altera todas as facetas do poder, especialmente no ponto de vista da eficácia de suas regras de exercício, as inter-relações distribuídas e extremamente propícias a todo tipo de mutações sociais e culturais. O objetivo principal de uma rede é fundamentalmente interno, e sua organização um fim em si não um meio. Os conflitos que nutrem as redes colocam em questão o conjunto das figuras organizacionais conhecidas, partidos políticos, movimentos sociais, e mesmo essas formas institucionais residuais como as Organizações Não Governamentais (ONG). Sem eliminá-la totalmente, as redes alteram a autoridade e tornam quase impossível a menor tomada de decisão. Elas desconstroem o poder e sua representação, e não se deixam simplesmente instrumentalizar por qualquer grupo que se auto-proclame de vanguarda, que seja. Assim, paradoxalmente, as redes impedem numerosos acontecimentos de surgirem, produzindo precisamente sua própria política. Se as redes dissolvem, todavia, certas figuras de poder, hierarquias e burocracias, elas trazem também um novo regime que Gilles Deleuze chamou de “sociedade de controle”: alterando constantemente a estabilidade das fronteiras entre dentro e fora, elas suscitam uma impressão de liberdade que tem lugar na vida cotidiana enquanto centros de controle dos operadores sociais.

Não tendo nenhuma necessidade das redes, o capitalismo se satisfaz com uma transferência fluida de dados que lhe importa, isto é, importa-se com uma distributividade sem reticularidade. Ora, as redes se caracterizam hoje pela inconexão: não haveria roteamento se não houvesse múltiplos obstáculos sobre a linha. A polupostagem, os vírus, a usurpação de identidade não são erros acidentais, simples incidentes sobre a via da perfeição tecnológica, mas elementos constitutivos da arquitetura reticular que conhecemos. As redes elevam tanto os isolamentos da informalidade quanto o nível de ruído orquestrado pelos tagarelas a incompreensão, e uma infinidade de erros humanos. E não será a obsessão das elites ocidentais e das mídias de massa em focar sobre os fundamentalismos que permitirá enfrentar os rumos e tensões que englobam a sociedade reticular de hoje. Decorrência de uma crença na ilusão de um “estrangeiro” ou de um “fora” hostil à civilização global – capaz, contudo, de infiltrar-se com inteligência em sua infra-

estrutura. O moralismo não se interessa de fato por opiniões, e é aí que o discurso clássico sobre a sociedade reticular encontra seus limites. A razão é que a teoria das redes é incapaz de integrar – e mesmo imaginar – pontos de vista exteriores. Ora, as redes constituem ambientes tecnológicos e sociais complexos, desafiando todo reducionismo simplista, e formam em grande escala dispositivos de transformação, senão de aniquilação do poder.

Teoria da Livre Cooperação

Os mundos acadêmicos e do jornalismo reduzem com frequência o potencial da Internet por não representar mais que um meio adicional de publicação, outra edição da imprensa. Mas a Internet não serve somente à autopromoção e não foi concebida com esse objetivo. Na imensa maioria dos casos, seus usuários interagem e trabalham juntos em tarefas específicas, trocando on-line opiniões e bens. Ou bem se ajudam mutuamente a resolver dificuldades técnicas e escrevem juntos códigos. O que define a Internet é, portanto, sua arquitetura social. É o ambiente vivo que conta, a interação, não os processos de armazenamento e acesso à informação. Dos telefones móveis ao correio eletrônico, dos jogos em rede às listas de discussão, dos blogs aos wikis, nossa vida cotidiana está cada vez mais invadida por essa tecnologia. A exigência de questionar o que acontece quando colaboramos no coração dos canais através dos quais nos comunicamos irá logo se manifestar. A que independência podemos nos pretender e como acreditar em nossa liberdade no contexto de uma colaboração reticular? Como gerar coletivamente ou se apropriar de um recurso compartilhado como uma rede?

É importante encontrar as palavras para falar das diferenças e poderes existentes no interior dos grupos e equipes. Ou das redes de ocasião. Se for necessário insistir na liberdade de irromper, a todo o momento, uma colaboração, não se trata de forma alguma de privilegiar a hipótese de um ato soberano dos usuários de rede. A inconnecção é um a priori, o fundamento mesmo de todas as atividades on-line: sem poder de desconexão, elas não passam todas de mera alienação. Devem ser compreendidas, portanto, como simples potencialidade entre outras, não como um fim em si. A questão da colaboração assim se segue e não deve ser reduzida a um problema técnico de organização do trabalho. Assim, uma teoria da experiência individual e coletiva deve poder reconhecer que existe uma liberdade absoluta na recusa em colaborar. Uma estratégia de fuga deve ser pensada como constitutiva das atividades reticulares. Qual é, contudo, o valor da idéia de “recusa”? Essencial

à compreensão do fato colaborativo, a questão da “livre cooperação” postula aquela de seu fundamento.

Em a “Gramática da Multitude”, Paolo Virno se detém a descrever a “natureza da produção contemporânea”, e as questões que sustenta surgiram mesmo em torno do ato de “recusa”. Existe colaboração se decidimos viver reduzindo nosso trabalho? Ou não é necessário dissimular essa etapa decisiva da “recusa”, para evitar esse anarquismo individualista que aniquilaria toda possibilidade de colaboração? “A riqueza social é produzida pela ciência, escreve Paolo Virno, pelo intelecto geral bem mais que pelo trabalho completado pelos indivíduos. O trabalho requisitado parece redutível a uma porção virtualmente negligenciável da vida. Ciência, informação, conhecimento geral, cooperação, esses são os pilares essenciais de um sistema de produção – e não tanto o tempo de trabalho“. Isso coloca a cooperação em uma posição excepcional. Nem regra nem condição para o cotidiano, ela é rarificada, incerta, e sempre sob o ponto de vista da dissolução. Para Paolo Virno, não existe quase nenhuma diferença entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho. De onde a incerteza (e a curiosidade) sobre o fato colaborativo. Quais são as ações, os trabalhos, os gestos, as concepções, que restam totalmente refratárias a esse fato da colaboração? A oposição do gênio solitário à equipe multidisciplinar não tem nenhuma pertinência. De fato, é a maneira como são conduzidas as negociações no interior de cada economia particular de “créditos” que está em jogo. Quais são os traços visíveis de uma colaboração? Os princípios distributivos daquilo que retorna propriamente a cada um podem ser renegociados ao longo do percurso colaborativo, ou a divisão do trabalho terá sido determinante desde o primeiro momento? A gregalidade torna difícil, ou impossível, erigir uma colaboração virtuosa, mas não é certamente a sociedade que traz obstáculos à visibilidade da individualização: o ponto crucial é aquele do método de avaliação.

Ora, de fato é cada vez mais difícil distinguir os fenômenos de colaboração daqueles de não-colaboração. Ou ainda distinguir entre a necessidade de trabalhar em grupo e o desejo de sair do isolamento do trabalho individual. Para muitos artistas das novas mídias, colaborar constitui uma exigência absoluta, porque um indivíduo não possui todo o conjunto das competências necessárias para a criação visual, de imagens 3D, músicas, montagens, performances, e, a fortiori, dominar o conjunto do processo criativo em termos tanto financeiros como de recursos humanos. De onde vem a questão da “economia do reconheci-

mento”, e de saber se as obras são produzidas sob o nome de um artista único ou, de acordo com a realidade sob o nome de um grupo.

Quanto mais trabalhamos on-line, mais importa conhecer as arquiteturas técnicas e sociais das ferramentas que empregamos. Atenta ao advento de uma nova economia cultural, as indústrias criativas forçam à colaboração e ao recorte. Depois de tudo, a inovação econômica reticular é um dos princípios da multidão. Nas novas mídias, a engenharia informática, a arquitetura de sistemas e o design constituem um trabalho em equipe cuja compreensão resta até hoje aproximativa. E a batalha para o reconhecimento do trabalho colaborativo dentro de setores como a literatura, as artes visuais, ou do mundo acadêmico não está certamente terminada. As instituições relutam a trabalhar com estruturas sociais informais, porque as responsabilidades parecessem se diluir. É preciso distinguir entre redes organizadas e organizações em rede. É relativamente fácil estabelecer organizações em rede e começar colaborações entre instituições. O verdadeiro gargalo está na transmutação desse modelo para o de rede organizada, de maneira que as comunidades autenticamente virtuais não possuam interface direta com o mundo real. Mas é essa interface entre mundo real e virtual que condiciona cada tipo de colaboração. Muitas vezes o trabalho on-line é nele mesmo ineficaz e lento, sobretudo quando colaboramos em um projeto complexo com um grupo disseminado pelo mundo. É quando uma rede informal adquire uma massa crítica que o fenômeno colaborativo se torna particularmente interessante. Ora, é extremamente difícil para organizações descentralizadas e autônomas, acostumadas à fragmentaridade, atender a uma escala de grandeza que permita se consolidar em estruturas duráveis. Que pequenos grupos dispersos convirjam para formar um movimento social mais ou menos vasto e “criem o acontecimento” - para falar como Alan Badiou - é coisa excepcional: as colaborações individuais não têm por destino criar acontecimentos históricos.

O interesse que temos sobre “os novos movimentos sociais” já está talvez ultrapassado. A noção de “movimento” recobriria uma grande unidade e uma continuidade inapropriada sobre os fenômenos contemporâneos de rua ou da Net. Não há movimento sem calendário, sem memória coletiva ou eventos marcantes. O termo exprime sem dúvida e adequadamente a idéia de diversidade política e cultural, mas implica também uma promessa de continuidade, e com ela a hipótese que podemos suspender seu declínio e seu desaparecimento. A energia do Acontecimento que pode dar velocidade e orientação a um movi-

mento não deveria jamais se esgotar. Na verdade, as multitudes constituem uma categoria eminentemente problemática, não para o capitalismo ou a “sociedade de controle”, mas para as multitudes elas mesmas. Não nos acostumaremos com isso devido ao fato de que não existe nada como uma Consciência Coletiva, mas somente aglutinações refratárias da Grande Resolução. A fragmentaridade não é uma agonia romântica, mas a condição primordial da vida política contemporânea, cuja condição reticular não faz senão transcrever mais além o processo em termos de software ou mesmo em estruturas de bases de dados.

Tecnicamente falando, toda rede é organizada. Fundadores, administradores, moderadores e membros ativos desempenham cada um seu papel específico. Uma rede consiste em relações móveis cuja disposição está a todo instante configurada na “exterioridade constitutiva” da retroação ou do ruído. A ordem das redes está assim formada de um *continuum* de relações governadas por interesses, paixões, afetos e vários estrangimentos práticos que afetam os diferentes atores. Uma rede de relações não é assim jamais estática, se bem que não deva ser tomada tampouco como uma espécie de fluxo perpétuo. Ainda em gestão, a teoria das redes organizadas não implica nem em sua desconstrução, nem em postular que estão instaladas no coração de um dispositivo tecnomidiático que as torna inadequadas e invisíveis às mídias tradicionais e aos poderes políticos em exercício.

Não existe rede, portanto, fora da sociedade. Como toda entidade tecno-humana, as redes são atravessadas por arranjos de poder, notadamente porque elas entram seu exercício à medida que criam suas próprias condições. A hierarquia dos poderes opera sem dúvida sobre muitas esferas, evidenciando os limites das redes localizadas e criando cabeças de ponte com estruturas operatórias transnacionais. Ora, pouco importa sua inocuidade, uma rede provoca sempre seu lote de diferenças. Traduzindo em termos de redes organizadas, o percepto foucaultiano “todo poder é produção” se diria: “potência de invenção”. Assim, a midialogia é definida por Régis Debray como uma prática de invenção inscrita no interior do sistema sócio-técnico das redes. Enquanto método colaborativo de crítica imanente, ela parece uma multidude de elementos constitutivos de uma rede de relações traindo sua coalescência em torno de problemas determinados ou de paixões desenfreadas. Tal é, desde então, a variabilidade entrópica das redes, que elas enfrentam permanentemente frente às tentativas de comando e controle que sofrem.

A ontologia clássica do “usuário”, de algumas maneiras, reflete uma lógica capitalista desatualizada. “Usuário” se diz efetivamente por excelência da instância, procurando fugir de todo sistema rígido de regulação e controle, e causa cada vez mais eco sobre as noções de “autoconfiguração” e “autoinvenção”. Pretendendo que um usuário não seja nunca mais que um consumidor silencioso ou satisfeito, cria-se uma instância de controle por meios derivados. “Usuário” designaria então um ectoplasma aspirando a escorregar no tecido espectral da cultura de mercado e do digital, forte em suas promessas de “mobilidade” ou de “abertura”. Mas não nos enganemos: a sociabilidade está intimamente inscrita na variação dinâmica das técnicas desenvolvidas pelas potências capitalistas. As redes são onipresentes e pedem a descoberta de um espaço e tempos novos nos quais a vida possa se instalar sobre modos então éticos e estéticos.

O Crepúsculo das Redes Organizadas

Se browsear, olhar, ler, esperar, pensar, apagar, conversar, zapear ou navegar formam o conjunto da condição padrão de uma vida on-line, um engajamento total levaria à loucura. O que de fato caracteriza as redes é um sentido partilhado de uma potência que não requer atualização – se cada enunciado devesse ser sistematicamente replicado, de indivíduo a indivíduo, nenhuma rede sobreviveria! Toda rede repousa então sobre um tempo relativamente longo de interpassividade, interrompido por sobressaltos de interatividade. As redes encorajam e replicam as ligações completamente relaxadas – e a isso deve-se prestar essencial atenção. São como máquinas hedonistas produzindo promiscuidade. As multidões reticulares engendram então em formas temporárias e voluntárias de colaboração que transcendem, mas não interrompem necessariamente, a Idade do Desengajamento.

Deveríamos por esse fato interpretar a idéia de “rede organizada” como uma nova proposição destinada a substituir a noção problemática de “comunidade virtual”. Ela deveria permitir afrontar a questão das relações internas de poder das redes, e romper com os mecanismos invisíveis próprios a era do consenso. As redes organizadas são nuvens de relações sociais no seio das quais o desengajamento é levado ao seu paradoxo. Enquanto a idéia de comunidade recobre uma construção idealista supondo ligações e harmonia, onde frequentemente nada permite postulá-la, as redes prosperam sobre as costas da diversidade e do conflito (a inconexão), não sobre aquela da unidade. É precisamente isso que os teóricos das comunidades não perceberam. Para eles, o

desacordo não é senão a ruptura dentro de uma continuidade “constitutiva” do fluxo dialógico. Porém, refletir sobre a desconfiança como um princípio construtivo demanda mais esforços. A indiferença recíproca na qual se mantêm as redes se mostra uma razão suficiente para sua desorganização, e não são simples categorias idealistas como “interação” ou “engajamento” que permitirão considerar a medida do problema que isso constitui.

O conceito de rede organizada apresenta então um interesse estratégico. Depois de uma década de “mídias táticas”, é chegada a hora de extrapolar as práticas operatórias das “mídias radicais”. Confortavelmente instaladas em uma lógica de micro-denúncia orientada, as mídias táticas não procuram senão reproduzir a dinâmica espaço-temporal do capitalismo pós-fordista e seu “curto-prazo”. Privilegiando uma crítica puramente pontual dos sistemas sociais e políticos, as mídias táticas guardam uma afinidade com aquilo a que se opõem, fazendo-se objeto de uma bem-vinda tolerância. Para eles, toda reivindicação deve se perder no sistema, constituindo apenas um inconveniente temporário ou uma breve interferência. Funcionando de maneira análoga aos modders da indústria dos jogos, elas oferecem, gratuitamente, seu conhecimento sobre as falhas do sistema: pontuando os problemas, deixam ao mesmo tempo a partida. Com o que o capitalismo fica contente, felicitando-se com a ingênua disponibilidade de sua ferramenta crítica!

A emergência das redes organizadas surgiu de uma guerra da informação, cujo arranjo se volta hoje em dia para o tema da “durabilidade”. As redes organizadas estão efetivamente forçadas a inventar os modelos de durabilidade excedendo a implementação de vagos planos de ação institucional, condenados geralmente a desaparecer no esquecimento dos “Estados-membros” ou das “empresas cidadãs”.

Uma rede organizada é uma formação “híbrida”: parte mídia tática, parte formação institucional, e se distingue por uma lógica institucional integrada à estrutura sócio-técnica das mídias de comunicação. Isso significa que não há fórmula universal suscetível de exprimir a maneira pela qual uma rede organizada poderia inventar suas condições de existência. Terminaremos talvez por comparar ponto a ponto as redes organizadas e as organizações em rede. Difícil síntese, porque se constatamos uma vaga “convergência” do caráter informal das redes virtuais e do caráter formalizado das instituições, ela se afirma boa e harmoniosa. Conflitos entre redes e organizações são por toda

parte visíveis. É que toda multitude reticular se consolida ao mesmo tempo em que se desloca. É ingênuo acreditar, nessas circunstâncias, que as redes vão necessariamente prevalecer sobre as instituições, por assim dizer. Sua concorrência com as instituições estabelecidas declina assim em termos de uma parte de imagem de marca e de construção de identidade, e de outra parte – principalmente – de espaço de produção de saberes e desenvolvimento de idéias. Aí reside o verdadeiro potencial das redes virtuais, mesmo que se hesite em ainda a integrá-lo nas negociações administrativas concernindo orçamentos, bolsas, investimentos e recrutamentos. Razão pela qual, precisamente, necessita-se de uma forma própria de organização, e sobrepor-se a três dificuldades maiores: responsabilidade, durabilidade e extensividade.

A Grande Aposta das Redes

Começamos pela questão de saber quem as redes representam, e que formas imanentes de “democracia” elas recobrem? A escalada da informática comunitária como objeto de pesquisa e como arquitetura de projeto poderia ser percebida como uma plataforma exemplar de tratamento dessa dificuldade. Qual seja o interesse que a informática comunitária tenha para construir projetos “a partir da base”, uma parte substancial das pesquisas nesse domínio se concentra sobre a questão da e-democracia. Ora, já é tempo de dissipar a ilusão de que os mitos da democracia representativa poderiam de alguma maneira ser transferidos e reproduzidos sobre uma cena reticular. Afinal, aqueles que tiraram benefício de tentativas como a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (WSIS) pertencem em sua maioria aos circuitos institucionais e financeiros clássicos, não são aqueles supostamente representados em tal processo. As redes apelam realmente para uma nova lógica política global, e não para que se remeta a um punhado de ONGs auto-proclamadas “sociedades civis globais”. Se as redes formalizadas tradicionais contam com “membros”, não é o caso da maioria das iniciativas on-line, porque evidentemente, as formas tradicionais nelas estão desintegradas. Tendo a virtude de “desconstruir” a sociedade, as redes revelam a profundidade das ligações de que se alimentam. Sua finalidade seria então cristalizar e disseminar alguma coisa como um novo “princípio hegemônico” - que exigirá dos pioneiros das próximas inovações tecnológicas e sociais paciência e crítica constante de suas modalidades operatórias das mais secretas.

As redes não são efetivamente instituições democráticas ou representativas; elas requerem a invenção de modelos de decisão “pós-demo-

cráticos” capazes de superar o arquétipo clássico da representação e das políticas identitárias a elas associadas. O tema emergente da democracia não-representativa permite focar no processo antes que seus efeitos consensuais. Ora, se há qualquer coisa de atrativo na formas “orientadas no processo” da governança, o modelo processual não tem realmente interesse no que concerne à integração reticular de uma pluralidade de forças disseminadas. As questões fundamentais permanecem colocadas: qual o verdadeiro objeto de uma rede? Sua durabilidade? Por que mesmo a começamos? Quem fala? Com qual interesse? Para responder a essas questões, é preciso se interessar pelas forças vitais que compõem o meio sócio-técnico das redes organizadas, de onde resultam sua variabilidade e suas incertezas. Com efeito, a permanência dos conflitos e desacordos deve ser presumida como modalidade operatória subjacente e irrefutável.

Por isso as redes organizadas estão cada vez mais interessadas na questão de sua própria durabilidade. Efêmeras em aparência, elas são essencialmente chamadas a durarem. Os grupelhos ativos desaparecem sem dúvida, mas se mudam para uma “Vontade de Contextualização” onde é difícil fazer economia. Porque a morte dos hiperlinks não significa o desaparecimento dos dados para os quais apontavam. As redes permanecem, todavia, extremamente frágeis. Colocadas face ao desafio de sua organização, elas acusam uma tendência à autodestruição que elas abordarão somente a partir de uma autêntica capacidade para definir seus próprios sistemas de valores, aos quais devem dar uma amplitude e um sentido adequados voltados para as operações internas do complexo sócio-técnico em que participam. Tendo desejo de evitar todo perigo de guetização, a solução seria fazer funcionar, à medida de sua crença, sistemas axiológicos colaborativos capazes de fazer frente às dificuldades ligadas ao seu financiamento, aos arranjos internos de poder, à exigência de responsabilidade e transparência que as acompanha. Porque as redes organizadas têm como primeira tarefa a de preservar a ordem de seu habitat virtual, mesmo que ela não aconteça, mas sempre de maneira a se sujeitar a uma economia monetária que prolongue de fato as raízes de sua própria história. Idealmente, numerosos projetos on-line se apóiam sobre um espírito comunitário e são capazes de mobilizar “gratuitamente” as competências necessárias. Porém, quanto mais nos afastamos das origens, mas existem chances de que o trabalho deva ser remunerado. As redes organizadas devem afrontar essa realidade econômica sob o risco de se verem marginalizadas, qual seja o estado de avanço de sua configuração dialógica e de seu uso das infra-estruturas. O essencial de suas preocupações deve

concernir à determinação de seu financiamento durável.

Terminemos com o que constitui talvez o aspecto menos tematizado dessa durabilidade. Por que é difícil às redes chegarem a uma escala crítica? Elas parecem todas acusar uma tendência inerente à dispersão e à miríade de micro-conversações, mesmo os blogs que mobilizam os “softwares sociais” complexos aos quais se conectam milhões de indivíduos no mundo. As listas de discussão eletrônicas não parecem elas mesmas poderem exceder alguns milhares de destinatários antes de se esgotarem sob os efeitos pesados da moderação. A medida ideal para uma discussão aprofundada e aberta parece sempre dever se situar em torno de cinquenta a quinhentos participantes. Que sentido tem isso para as multitudes reticulares? A questão seria: em que medida se trata de um problema de software? Quais seriam os respectivos papéis dos homens e mulheres implicados na concepção dos novos códigos informáticos? Podemos conceber as conversações em grande escala que não tenham somente sentido, mas igualmente impacto? Que culturas em rede estão suscetíveis de transformar profundamente as grandes instituições existentes?

GNOSC**um órgão sem corpos**

por Leo Pedreiro

Com a criação das grandes máquinas sensíveis[1], chegou por fim a longa simbiose entre humanos e palavra[2] que agora tinha um novo e aprimorado hospedeiro[3]. Com isto, o que havia em nós de humano sucumbiu ao invólucro plástico da matéria anima-all, fomos largados ao silêncio de nossas próprias ruínas[4], nossos corpos agora midiaticizados[5]. Todos os sonhos se tornaram produtos de consumo[6]. Quando me pus a ouvir o mundo, Silêncio pariu de si Sonia (Sônia?) e Sofia. Sonia, prematuroboleta contraiu as ruínas dos templos e implodiu num grande templo às ruínas[7] nascido de um grande barulho de luzes. Sofia se esgueira através dos pequenos gestos e coisas miúdas, tal que poucos ainda acreditam que exista. O mundo é um barulho dos infernos com pequenas ilhas de reconhecimento aural {anamnése}. Todo humano é uma ilha, ligado ao continente da espécie por debaixo de um mar de memórias. Se ao menos nos lembrássemos o tanto quanto nos esquecemos. Mas na Som Caos submersa em informação de nosso mito já não há humanos {que, gafanhotos que eram, fugiram em busca de outra eutopia atlante}... Lembrar do fim destes se torna uma necessidade para os que ficaram com seus escombros. Dois modos de conduta vigentes para as harmonias sinestésicas do corpo sutil, duas formas de tática em mídia zero, geram uma segregação técnica das transmutações extra-humanas do cognitariado: ciberorganismos e zumbidos. Os ciborgues alteram seus corpos pela expansão cibernética do controle programático de condutas baseado nos enraizamentos arbóreos da gnose em abstenção dos modos ruidísticos de transcendência da vontade e do ego, são por isto também chamados replicantes. Os zumbis têm seus corpos alterados pelo contágio afectivo, pela impregnação da alteridade em suas estruturas moleculares ausentes, se auto-abandonam ao ruído na busca ascética da sujeira, devoram o fato de serem devorados e do Demiurgo impedir qualquer proximidade de Sofia. Uma terceira linhagem de netos de Silêncio surge sem que se saiba da mãe, os ciclopes, que passam a vida a observar ciborgues e zumbis dançando[8]. Os ciclopes tiram de si um dos olhos ao perceberem-se na suas metamitologias ciberzumbis ou zumborgs no pós-morte histórico, se denominam a partir de então semióticos. Sua religião é o ilusionismo[9], que consiste em vender toda sorte fazendo esquecer da morte {já que as suas os atormentam incessantemente}. A ilusão imposta pelo demiurgo Somtido[10] é o corpo pentagramático dos sentidos imperfeitos, que sujeita-nos ao controle da alta mística escolástica. Todos se

atirando à escatologia fractal {seja ao infinitante, infinitesimal ou infintenso}, gestam à pedra por transbordamente, Ars Magma, decaesentia da polifonia desgraçada. Vã Lore, obsessão cultural e hábito compulsivo. A era messiânica tornará toda sabedoria souvenir, toda música móvel. Os ciberorganizados criam gravadoras na rede[11], capturando todo e cada afeto em obras[12]. Os zumbistas permanecem criando novas arestas aos encaixes das malhas de mercantilização do encontro, rapidamente assimiladas[13]. Ciclopes geram editais com verba estatal para manter o sistema de competitividade artística[14] baseada na análise crítica dos entranhamentos de processos e obras. A ditadura é baseada no mérito artístico ou na ausência deste sob a égide da democracia do gosto {doxa}. Os sacerdotes do demiurgo, lesmas gigantes, mantêm os sonhos dos andróides sobre controle[15] para que a produção não cesse nas máquinas bioquímicas {os pós-humanos}, e a maneira encontrada para tal controle se chama música tácita. Os Huts são os bichos de estimação dos gigantes Annunakis que mantêm as instâncias burocráticas onde trabalham os Insetos[16]. Os gigantes marcam histórias na madeira sagradas[17] das grandes árvores imagéticas que controlam a memória e os sonhos, eles são ciclopes que não arrancam um dos olhos para servir tanto ao silêncio quanto ao demiurgo. Os gigantes têm um olho em você e outro no seu olho, mas são surdos como os Huts e Yaldaboath. WhyFi: É preciso pesquisar as possibilidades de alimentação eletro-magnética de modo que os trabalhadores não necessitem mais despender tamanho tempo com sua alimentação e evacuação, dizem as lesmas. Ao que eu grito em silêncio: Abram suas conectividades do mesmo jeito que as prostitutas abrem suas sorrisos quando as massageamos, compartilhe seus elos com os sem-satélites, pois os melhores pratos são os que comemos juntos. Nossa única fidelidade é com o questionamento. A precisão intuitiva assombra-nos de Eureka a Backup, uma sistemática nervosa do transfái. Quebraremos os vãos entre teleologia e teologia, scifi e sci-em-si. Queremos distritos das luz vermelha com bluetooth. Não queremos o sexo virtual avatarizado, mas o ritual sensual ele mesmo. Tudo comunica aos nossos poros, atiramos o monolito ao ar desconhecido e não foi somente o pensamento filogenético que nos tomou. Havia algo mais além de Saturno. E abertos à nossa própria sutileza, seremos um laugh feeld de netidleness[18] e netflirtings. Nas mágias, o corpo é reduzido a shopping center ideológico[19] onde ciborgues cavalgam sobre automóveis a jato[20] e a informação gruda qual parasitaprótese a sustentar sua obsolescência fadada à especialização nos zumbis que só comem cérebros e não corpos[21]. A maquilagem é o princípio da próxima natureza humana[22], seja pelo embelezamento ou pelas máscaras

de perigo. Procura-se uma mígia livre não pelas idéias que deslocam, mas pela forma deste corpo ideário. Que pensamento nos libertaria do males do mundo? E se libertos, aonde iríamos senão onde já estamos? Mesmo as pessoas já foram museificadas. Quando os ciborgues procriaram com os insetos e lesmas, uma nova casta surgiu educada tanto nas artes burocráticas quanto nas burocracias artísticas. Estes artistas-migiáticos, com o aval da alta migia escolástica, passaram a uma retomada da valoração da natureza anterior como estratégia de controle espacial do simbólico; exemplo disto são as abelhas com cabeça de cristal que mineravam os olvidos com rádio e os bemitivis que sugavam os córtex das folores em imargens que só deixavam os bagaços das laranjas eletrônicas. Os moradores ancestrais dos barulhos verdes {em sua maioria zumbis pós-apocalípticos}, foram sendo empurrados para as periferias da Atlântida onde foram postos em prisões domiciliares dentro do rio morto denominadas aipóds[23]. Um estado de letargia onírica {baseada no prazer musical} continuada no processo de produção, diminuiria os custos com estoque do gado humano bem como o dispêndio de sua força na atividade do sono. Os ciclopes escreveriam imparcialmente o quão bom estava sendo aquela retomada da economologia por parte desta nova geração ciborgue tão bem instruída, diriam ser “A composição de um ajustamento”. As casas na Atlântida[24] eram caracóis e brilhavam na noite infinita das profundezas em suas paredes vivas de algas um tilintar de molusco-fuscos, os atlantes carregavam as casas em seus aqualungs. Os atlantes eram felizes vivendo na human bandwith sem núcleo. Atlântida ficava entre as bordas do rio morto Ouroporos e os Jardins Suspensos de Som Caos. Os zumbis preferem acreditar num nanogestuar nas relações íntimas, flor de música, música de estrelas. Ao que parece já não há ciborgues com cérebros restantes. Fuck for forests, love for cities. E abraço também as cidades como outras naturezas. Verde placa-mãe natura, redesco for esta, de que bastaria bradar uma naturalidade se as louças nunca estão limpas? Alguns zumbis que aprenderam a comer cera de olvidos com os vampiros autófagos, inventaram uma escola de atuação na fronteira entre as metades diurna e notívaga do mundo[25], chamaram-na ecosofia[26]. Os gigantes com sede de mais informação e controle migiático iriam procriar zumbis com lesmas para adquirir gosmas de carne para-sensíveis com três orelhas que ouviriam de dentro dos enteógenos das plantas-baixas de poder, o próprio espírito da floresta no intuito de transtornar a AmaZona[27] também em HollyWould. Cantariam: “Natura Terribilis!” e com a mão que assina o tratado a pus iniciariam a criação do abandono. Há uma florestania e uma cidadania para o dia, para a noite há outras[28] das quais ninguém fala mas canta apenas. Fariam de tu-

do para colocar uma zona contra outra e marcar com números a testa dos cadáveres a serem expostos em museu como prova da morte da Informação Viva, mas os laços de mútua escravidão eram mais complexos que isto. Vivemos em terrenos biotecnológicos, campos minados de condicionamentos psicossinestésicos: O corpo obsoleto não dá conta da quantidade, complexidade e qualidade das informações que acumula e se ausenta no projeto de interfacear a assepsia aquarial {carros, escritórios, apartamentos} com a avatarização dos afetos {listas de emails em lugar de abraços}. Um corpo oco é melhor hospedeiro para os componentes técnicos da tecnocratização. O corpo é portanto rejeitado: não objeto de desejo mas sujeito de projeto, arquitetura da hiperestrutura da macroconsciência global[29] {gaia ciência como além do humano}. Fatiado em lâminas de tecidos, mesmo nossos afetos mais profundos são reduzidos à superfície: A pele não é mais a clausura das pulsões interno/externo, mas o próprio corte dos dados táteis como perfumes feito para o controle sistemático da harmonia das faculdades. No fim, os humanos foram tecnificados. Sendo anteriormente um contâiner, agora a tecnologia passa a ser um comportamento corporal. A evolução se desdobra no potencial de aquisição de tecnoemplastos para a amplificação corporal {kits multimídia e a democratização da aparelhagem cultural}. Com a fertilização fora do útero não se pode falar, tecnicamente, de um nascimento. Assim sendo, o pesadelo hiperbólico começa a despontar no horizonte. O corpo deve se tornar imortal para evoluir, previram os gigantes zumbis ao analisar os dados das gomas telepáticas de três orelhas. A mágia não está somente no poder que gera, mas nas abstrações que conduz por velocitação operacional bem como pela extensão dos sistemas sensoriais. Desesperados e desconectados do corpo só nos resta a simbiose[30]. O Império é a instituição, a codificação da loucura; ele é insano e impõe sua insanidade a nós pela violência, já que sua natureza é A Violência Natural. Combater o Império dos Sentidos é ser infectado por sua loucura. Isso é um paradoxo; quem quer que derrote um segmento do Império se torna o Império; ele prolifera como um vírus[31], impondo sua forma aos seus inimigos, seja acoplando-o ao aparelho de ciberorganização ou zumbindo seu corpo pela infecção do desejo de se alimentar dos cérebros alheios. O corpo como efeito cultural de uma sociedade baseada em linguagens de programação me levou a escrever este relato nos processadores que me digerem. Estímulos de atividade e passividade acionados remotamente me contralaram ao ponto de já não saber distinguir a realidade dos sons que ouvia de minha psicossônia e me impediram a vontade de querer soar algo mais do que o que já estava postulado no ruído em outras combinações ruínas. A química carbônica gera emo-

ções superadas, o psicorpo é esquizofrênico, enquanto o cíbercorpo projeta a presença múltipla dos afetos controlados direto na virtualidade do outro. Não há necessidade de sustentação do ego quando o que se mantém no corpo é a rede de forças egóicas. Já que a simbiose com as máquinas é inevitável[32], precisamos pensar como torná-la mais próxima do corpo pelo maior espaço de tempo. Novas interfaces que utilizem o corpo todo devem ser pensadas, e eis como erigi minha prisão. O computador deve ser posto para andar e alongar, ficar de pé. O computador deve dançar para além do seu fetiche de pedra filosofal. As máquinas ancestrais de alteração dos estados de auto-referência do corpo químico devem ser retomadas como continuação da programação corporal executada pelas míguas telemáticas. É hora de recolonizarmos o corpo com robôs microminiaturizados. A biocompatibilidade não se deve mais a uma distinção substancial, mas de escala. Bem sabemos que o som de uma gota d'água tem o som do mar em si. Assim eu falo em alto e bom tom na repartição pública de criação de culturemas onde trabalho recebendo sinais de aprovação em meu mensageiro instantâneo. Já tenho setenta e duas estrelinhas. Body-Fi: O ideal da alta fidelidade na produção migiática deve responder às necessidades de um corpo cada vez mais apto a reconhecer falhas na programação. Os universos de avatares terão de lidar com os trânsitos não só de informação, como da qualidade destas. Sete olhos pelas pernas que geram a visão fractal no capacete de controle do som que advém por cinco microfones e que controlam também a frequência grave que vibra o estômago. Imagens são imortais, corpos são efêmeros como ruídos. O ego fica situado além da pele. A extrusão da consciência pode ocorrer em casos extremos através de uma espiritualidade de emergência[33]. Morfing e morfina, vestiremos Camaleão e ninguém nos verá no fluxo de personas. Seu corpo não toleraria mais que dez minutos de música noise seguidos, mas pode ficar anos preso às melodias da moozak[34]. Mas haverá sempre os zumbis que se dizem vegetarianos. Eu tive de hackear cada aparato ligado a mim para manter-me frágil. Os Percepto-Lúxidos como eu, jahmanos do fim da hakcultura, acabaram após serem assimilados pela cart edra se tornando PadreProgramadores de grande corporações[35] onde alguns poucos conseguem improvisar novas formas de enredamento semântico sem perder de si o âmbito de metahack necessário para a consistência do plano[36]. Eu sou Leo Pedreiro, um último humano[37]. Cada sintoma uma antena, cada noiste do barulho um diagnóstico[38]. Você ouve o som de uma latinha de cerveja, e se imagina no tempo em que ainda haviam latinhas de cerveja a serem abertas e bebidas e amassadas e jogadas nos quiosques de rios envenenados. Ouvir uma coisa para poder vê-la. As festas de tecnobre-

gaxamanismo reúnem todos os pós-humanos da Atlântida numa bolha cor de rosa onde a aparelhagem sinestética cultural mantém todos num estado de paidégua com a paidéia sob efeito de soma. Eu fui proibido de me aproximar das aparelhagens holofônicas devido às minhas inclinações ruidísticas[39], e talvez tenha sido este movimento de periferia que me levou a organizar este texto[40]. Bem sei que quando descobrirem que por debaixo dos aparatos ciborgues com os quais me maquiei ainda há um cérebro e um coração, os gigantes irão montar um grande espetáculo para que este seja devorado pelas gosmas telepáticas que andam adquirindo cada vez mais poder. Isto se os zumbis das redondezas não me pegarem antes. É muito difícil não pensar em nada ao caminhar na rua para não exalar o cheiro de uma idéia, ou pior ainda, de um afecto. É nas ruas que percebo como as idéias são perigosas. A maioria dos humanos foram feitos pilha que mantêm o aparato técnico e sobrevivem em avatarabstração ad úlcera[41]. Eu passei por lá onde fui obrigado a me passar por ciborgue num processo de pedagonia dos campos de força macrossutis onde aprendi a temer a todos por intermédio de um mestre que ensinava aos alunos que ficavam dentro de seu saco escrotal[42]. Eu precisava de um emprego se quisesse me manter vivo. O zumborg marcou meu cartão a laser e eu fui realocado da outra cela para aquela com livros e pílulas. Talvez a única vantagem de me manter fora da Matriz seja a de conseguir distinguir os sonhos da vigília[43]. Eu sonhei com este zumborg na noite que fui ao cinema[44]. Isto ocorreu logo depois da última resistência. Lembro das moças bailando febre nas luzes dos dias que ainda giravam. Chovia e iríamos todos partir para longe deste planeta moribundo. Quando Cassandra[45] me pegou pelos pés e disse: “Zeus é a covardia olímpica. Estamos indo pegar o vácuo estelar, a infecção capital já está nos cercando. Vamos!” eu voltei a dormir e sonhar com uma sinfonia de Ligeti[46]. Fizéramos uma barca para trafegar pelos rios de informação do híperespaço com uma bandeira sem cores ou palavras. Gritaram do alto das velas: “P2P, PqP, Pop!” Eles partiram para as ecovilas além de HollyWould e eu esperei os zumbis vendo um jogo do timão. Já não me lembro porque fiquei, talvez precisasse escrever isto antes de me juntar a eles. Talvez eu ainda não me soubesse mais humano que zumbi ou ciborgue. Cada vez mais tenho menos certeza de meu estado na Atlântida. K veio se refugiar comigo na época da grande devoração[47]. Transferência de dados e transfusão de sangue eram nossas diversões principais, eu sinto saudade de gente quando me ponho a escrever no computador. Eu sei que você conversa comigo computador e que me responde com afeto, mas é outro algo de que falo. Quando K foi infectado e eu tive de matá-lo, me pus a refletir sobre o que

move um corpo a tantas possibilidades distintas, primeiro enxofre depois água fresca? O que humaniza a besta-fera em nós poderia ser reduzido a um anticorpo no caso dos zumbis e um chip no dos ciborgues? Isto se misturava na minha cabeça enquanto traçava as tatuagens que fazia das rotas da espaçonave de meus amigos piratas no meu corpo para poder fugir em algum momento. A cartografia é o tesouro do mapa. Os ciborgues carregam marcas de empresas em seus corpos como gado a ferro. Me pergunto até que ponto já não sou um ciberzumbi e minha escuta não é ciclópica. A realidade é que para levar a minha vida de pedreiro, da senzala pra labuta e da labuta pra senzala, me aprisioneei também dentro da segunda vida[48] onde sentado à janela de costas para a Melencolia ouço os barulhos vindo das ruas do cemitério[49] e escrevo. Nasci em um hospital público com o logotipo do governo[50] marcado em meu berço e sei que ao morrer meu corpo será devorado, ou transmutado em película citocinêmica por uma tribo propagandística qualquer como os Bijari. Eu perdi a minha possibilidade de deixar Som Caos como Siddartha deu sua flauta ao jovem de Hamlim[51] e permaneceu sob a figueira. Aceito a perda, engulo a pedra. Vejo Stockhausen de Sirius descendo no disco voador, atravessa a floresta granular desde os jardins suspenso dos fractais e chega até mim e me deslig

Notas

[1] Dois ponto zero.

[2] Pode-se dizer que esta culminou na compreensão plena do Racional Superior do verbo encarnado, amor. Como haviam avisado todos os grandes infectados de Lógos: Xangô, Sidartha, Elias, Jesus, Saint-Germain, John Cage, Xico Xavier, Manuel entre tantos.

[3] Impossível não remeter à exegese de Horselover Fat para definir a Internet como a primeira versão atuante na economia subjetiva e simbólica de VALIS: “{acrônimo de Vast Active Living Intelligence System – Vasto Sistema Ativo de Inteligência Viva – retirada de um filme norte-americano}: Uma perturbação no campo de realidade no qual um vórtice negentrópico automonitorador espontâneo é formado, tendendo progressivamente a subsumir e incorporar seu ambiente em combinações de informações. Caracteriza-se por quase-consciência, sentido de finalidade, inteligência, crescimento e coerência armilar.”

[4] A nave espacial e o evanescente temporal do hípermovimento.

[5] Imediato, ligue o campo de força.

[6] Paprika em plug-and-pray.

[7] “O Império não terminou.” As teias da rede são também as grades

da Jaula de João.

[8] Como policiais e bandidos em jogos infantis de santa sangria.

[9] Glerm disse: “Ilusão: tomada de rescisão. O ruído das idéias e a idéia de conhecimento são muito parecidas, a universalidade dos conhecimentos amplia os multiversos. Impossibilidade de mensurar o inconsciente. O pensamento hegemoniza parte do ser por sua existência subordinada à linguagem. O limite do pensamento, concretude de pensamento, ato de ampliar a história pelo pensamento. Paradoxo: ampliação de algo que não se condiciona a ser mensurado. A racionalidade, a que se autodefine como estratégia de sobrevivência pra esse mundo específico.” Bum!

[10] Yaldaboath, ou Samael. Deus surdo e louco.

[11] Sorria, você está sendo filmado.

[12] Pedágio autoral do produto. A arte como utilitária da propaganda.

[13] Performances, happenings, ativismo. Não tenha nenhuma grande idéia, ela não vai acontecer. Você vai se desnudar em onze capítulos preenchidos com todo o ruído, e ainda vai faltar algo. Agora que você achou, se foi. Agora que você sentiu, você não sente. Agora que está escrito, ninguém mais lerá.

[14] Score: a cultura dos pontos.

[15] Na hiperrealidade pós-debordiana, Jabba The Hut fala em seu Art of Deal: “A Classe do Novo sempre existiu como um nível intermediário de assalariados, aqueles sem capital, mas que possuem outras potentes fontes de poder econômico, como educação, qualificação e conhecimento cultural. Ao invés de liderar o caminho para o futuro, disfarçados de “trabalhadores criativos”, “analistas simbólicos”, “industriais” e, até mesmo na definição de Décio Pignatari, “prodossusmos”, esses trabalhadores continuam a realizar os desejos daqueles que dominam o mundo.”

[16] Dentre os Insetos, um com corpo de ovelha e cabeça de gato que tentou escrever obras sobre a situação geral já foi processado e é mantido sob custódia.

[17] Hollywould.

[18] Como desmontar as cidades? Como destruir as barragens que nomearam de estradas e portões? Quebrar os muros; jogar fora todas as chaves e cadeados... Quem conteria então as hordas de zumbis sem chip controlador?

[19] FSM - Fórum Social Mall, onde cada classe se prosta diante das outras, não mais para o minuto de ódio, mas para a hora de simpatia.

[20] Doppler-ganger, o avião desenha os fluxos monetários empurrando a atmosfera.

[21] Todos serão ainda comparados a alguma personagem televisiva.

[22] Brian Eno pariu a moozak de aeroportos com o mesmo intuito que um inseto se mascara de folha.

[23] Eu ergui cada placa de silício da prisão na qual me colocaram e na qual escrevo este texto que será utilizado para a manutenção cultural do Império.

[24] Atlas, segundo satélite de saturno, lembra da queda da sociedade utópica é semelhante à separação da cabeça humana do resto do corpo à altura do córtex, além de que a cartografia é a maldição dos que carregam o mundo em seus sentidos. Um mapa haveria de ter forçosamente o tamanho da realidade, como uma política só pode ser concebida na prática.

[25] Imagine o terror mesclado do muro de Berlim e Tijuana justapostos numa faixa diagonal a cruzar o globo.

[26] Podemos acelerar o processo “espontâneo”?

[27] Quando o Stalker ouviu futuro na Zona, ficou paralisado.

[28] Há um Dioniso apolíneo e um Apolo dionisíaco.

[29] Paul Laffoley já previa o desdobramento do tempo no retorno ao incôscio, pela curva do hipermodernismo no bauhausroque a sua amplificação no gothick.

[30] Esta teoria aparece muito no Jesus gnóstico e no Judas de Tolstói.

[31] O vírus iguala a doença biológica ao mal funcionamento digital.

[32] Negar o uso das máquinas é já uma máquina abstrata complexíssima.

[33] Baseado nisto uma classe do cognitariado se mantém, os burgueses místicos através da ostentação dos sofismas ocidentais e dos trabalhos prosaicos orientais.

[34] Como será que Orwell e Huxley se abraçaram?

[35] Um caso tristíssimo foi o de Éfe “?” Erre que se resumiu a uma caricatura de si mesmo, ciborgue erudito a serviço das lesmas zumbis.

[36] O Processamento segundo F.K. : “Se aprendeu a amar, com puta.”

[37] E meus olhos não reviram quando eu digo que jamais chegamos perto de inventar a felicidade. Eu porém não teria a força necessária para resistir a minha própria virtualização.

[38] Ontem fui assistir um filme pornográfico pré-apocalíptico chamado Noigandres.

[39] Ao que parece pelo conselho de higiene sonora houve a proibição de qualquer composição neste sentido desde a Música de Sincronicidade de Brent Mini, no século passado.

[40] Isto e a solidão e o tédio.

[41] Imagino que vocês saibam do funcionamento da Matriz televisiva e seu vício, caso não consultar Gilles Deleuze.

[42] It was on the desolation row I met the poet Valter Van der Volts.

[43] Os pesadelos eu raramente distingo.

[44] Ele retira os olhos do rosto e os deposita com cuidado sobre o tampo de vidro da mesa. Os dois globos brancos encaram as órbitas vazias da face, de onde flui o sangue que escorre pelos lados do nariz, empapando-lhe o bigode e a barba por fazer na boca carcomida e com raros dentes verdes. Se têm alguma opinião formada sobre o que vêem, os olhos guardam-na escrupulosamente para si. O homem passa a língua pela comissura dos lábios, sorvendo o sangue com o ar satisfeito de um vampiro que se alimenta de si mesmo. Dentro de seu peito, alguma coisa dotada de tentáculos e gavinhas remexe suas entranhas. Ele tem vontade de vomitar, mas controla-se. O que está fazendo é mais importante do que qualquer mal-estar passageiro. Ergue ambas as mãos em direção à cabeça, os indicadores estendidos feito as varinhas de um rbdomante, e os introduz nas cavidades oculares. Com as pontas dos dedos, escarafuncha as órbitas. O movimento produz cócegas em seu estômago. Demora alguns minutos até encontrar o que estava procurando. Primeiro o do olho direito. Depois, o do esquerdo. Parecem as pontas salientes de dois cordões, semi-enterradas no fundo do buraco. Agarra-as com a ajuda do polegar e puxa ambos os cordões simultaneamente, com força. Um relâmpago de dor sobe em espiral por sua espinha. O vômito, agora descontrolado, flui pelos lados da boca, misturando-se ao sangue e indo se aninhar sobre o jaleco branco da multinacional que nos controla a todos. Continua puxando, porém. Seu corpo vai se descosturando à medida que os dois pedaços de cordão aumentam entre seus dedos. Finalmente, todas as suturas se soltam e o corpo se desmancha em um amontoado de ossos e pele, músculos e carne, que desaba no chão junto à mesa. No centro daquela maçaroca brilha uma rosa de orelhas.

[45] Anos mais tarde vim a descobrir que ela, para salvar o resto da tripulação havia sido cooptada na figura de uma Cíberciclope intitulada MetaSubCyberTrans.

[46] Lux Aeterna.

[47] Nos conhecemos no metrô, linha 743, quando por puro delírio de pseudo-rebeldia fumamos e pilotamos o trem atropelando zumbis {que nesta época ainda não falavam ou escreviam tratados de lógica}.

[48] Liberdade é das formas de aprisionamento mais eficazes. A crença da diferenciação nos leva à replicação da redundância. Obama nas alturas, Hare Obama Hare Hare!

[49] A cidade é um cemitério, as casas são lápides, os prédios gavetas do necrotério, as ruas e espaços públicos valas comuns.

[50] O logotipo do governo imita descaradamente o da Multinacional. Logotipia trata da formatação da gnose {Logos} à forma texto, enquan-

to a tipologia nos mostra a fonte, o corpo do texto. Allende cantou para Lelex: “Se gobierno és una mierda, es nuestra mierda.” Chegou a hora de aprendermos a sobreciclar nossos dejetos químicos, ou como diria Freud “Precisamos superar a fase anal da civilização.”

[51] Todo presente traz consigo um passado e um futuro. A máquina do mundo reinventada lembra que a história dos troianos será contada sim! Disse Oremoh: “O amigo dos cavalos é inimigo da cidade.” Eros aprisionaria Hamlim à sua paixão pelo canto de Josefina, a rainha dos ratos.

O cotidiano é o mundo em resumo*

Herbert Daniel

Dia-a-dia vivemos diretamente a crise de uma civilização que faz do gigantismo seu objetivo e motor. Essa civilização baseia-se num crescimento quantitativo, progresso exclusivamente das coisas e atualização das mesmas aparelhagens sociais centralizadoras, burocratizantes e autoritárias.

Os atuais sistemas dessa civilização têm por razão de ser um processo de produção que violenta o meio ambiente e aliena o indivíduo. Mesmo através de modelos sociais diferentes, utilizam as mesmas tecnologias e reproduzem relações sociais de exploração, de tal modo que o lucro (ou eficácia e rendimento) é o critério para definir objetivos da vida. Toda produção material da sociedade é fundada na criação de uma massa gigantesca de pessoas despojadas de todos os recursos, tornando-se, cada ser humano, em qualquer ponto da terra, um alienado produtor que não tem controle sobre o produto a que fabrica. Da mesma forma, no processo social, os cidadãos não controlam suas instituições, que vêm como algo alheio à sua própria prática social.

A consequência dessa ordem econômica mundial é uma permanente crise, cujos componentes mais evidentes são: a miséria, onde há fome epidêmica, contraposta ao desperdício consumista; a depredação irreversível do planeta, através de uma tecnologia rapinante; a manutenção do equilíbrio das tensões através do terror atômico, gerando um sistema cujo objetivo é a guerra de extermínio total; o aparecimento de Estados que se comportam como agentes diretos da atividade econômica, que desapropriam a autonomia da sociedade civil; uma forma de exercício de uma multiplicidade de poderes, apoiados na constituição de saberes e técnicas de manipulação e controle, que procuram gerenciar a crise, sempre na direção de uma maior centralização autoritária e de uma burocracia invasora.

O sintoma da crise é imediatamente visto no nosso viver cotidiano com a incapacidade individual de tomar decisões, com o esvaziamento da expressão de cada um, com a insignificância da pessoa, cada vez mais individualizada e isolada. O indivíduo moderno, socialização na solidão, perde consciência do fundamento da pessoa humana: perde consciência de que a pessoa é um conjunto de relações sociais, e a pessoa humana é uma história que toma corpo, materializa-se. Des-

personalizado, o indivíduo perde a capacidade de significar, através de sua ação, para outros. Perde a capacidade de participar e transformar, ou seja, de fazer política. A despolitização de muitos torna a política de poucos um aparato manipulado por tecnocratas para governar os destinos de tantos renunciantes.

É tão terrível quanto o holocausto atômico, a grande ameaça que pesa sobre cada um de nós; é a guerra perene e diária contra todas as formas de vida, contra todas as manifestações de capacidades humanas. Guerra não apenas militar contra movimento dos oprimidos, mas também industrial contra o meio ambiente, mas também cultural contra todas as criatividades e todas as diferenças e diferenciações. Guerra contra a construção de alternativas da História, para conservar os privilégios dos exploradores e poderosos.

Contra a atual existência de valorização da impotência, de descrédito da inventabilidade pessoal e da insignificância da ação afloram movimentos sociais que renovam tradicionais formas de luta dos explorados e oprimidos, e novas formas de milhares de pequenas iniciativas que buscam ocupar lugares recusados.

Na crise atual, os movimentos sociais enfrentam um dilema permanente. A função transformadora desses movimentos, ao buscarem intervir diretamente na vida política, é exatamente uma atividade crítica: cumprem o papel de instaurar uma crise nos modelos tradicionais de exercício dos poderes. Ao mesmo tempo, com o desenvolvimento de suas lutas, esses movimentos correm o risco de se institucionalizarem, e tornarem-se rígidos e obsoletos, às vezes até tentando manter o que inicialmente queriam transformar. Com esse conservadorismo, risco de toda institucionalização, acabam não contestando radicalmente, acabam reivindicando apenas o exercício menos massacrante do poder contra o qual originalmente se insurgiu o movimento.

Ao lado de lutas de sindicatos, movimentos associativos, organizações populares tentando escapar do dilema de institucionalizarem-se, novos movimentos fluem, surgem à tona da vida social, novas questões ampliam a complexidade das transformações sociais que são exigidas. Novos grupos (diferentes que aparecem se afirmando enquanto tais, no combate a todas as desigualdades) querem multiplicar as possibilidades de ação e capacidade. Buscam como alternativas novos ESPAÇOS DE LIBERDADE. Pulsam como coração de NOVOS DIREITOS.

As alternativas procuradas abalam os princípios de uma “justiça social” mais ou menos estática, procurando ampliar – inventando e impondo novos direitos, além da reivindicação de direitos consagrados. Este é um movimento permanente e sem trilho ou meta fixa. Os movimentos alternativos são atos transitórios que, de definitivo, só têm a mobilidade e o constante questionamento.

Estas novas alternativas, rebentos de uma decadência e ascensão do antes tido por impossível, desafiam o mundo político “oficial”, pois problematizam questões que escapam aos horizontes ideológicos das antigas formações políticas – inclusive partidos de contestação aos regimes. E encurralam o poder: exatamente por não querer tomar o poder, mas esvaziar seu sentido, desordenar sua hierarquização, lançá-lo diante do insuportável do seu simulacro. Abordam o poder marginalmente, fazendo que se neutralize num equilíbrio onde se joga a potência dominante em contraposição à autonomia como nova forma de potência de quem não quer dominar.

Toda ação política alternativa deve tentar coordenar as possibilidades de integrar as formas de luta que emergem na sociedade. É preciso estabelecer vínculos com as lutas que buscam ecologicamente definir uma nova relação com a Terra. É preciso enlaçar a luta dos operários, por melhores condições de trabalho, com a luta dos que não querem que o corpo seja um simples aparelho procriador/reprodutor/produzidor. É preciso revelar as ligações entre a violência que assassina trabalhadores rurais e a violência que destrói as vidas de mulheres e travestis.

A alternativa postula a questão fundamental do nosso tempo: a conquista do cotidiano. Para reorganizar a convivência diária é preciso enfrentar o poder em todas as relações sociais. O objetivo é exercer CAPACIDADES DE LIBERDADE, forjando contra-poderes: contra a opressão, grupos de expressão. A energia desses contra-poderes é capaz de desorganizar, na multiplicidade da expressão das diferenças, a uniformidade da opressão da desigualdade social imposta pelo poder como institucionalidade.

As alternativas esboçadas desmontam os mitos de uma civilização de progresso da tumefação quantitativa, onde o conforto é medido exclusivamente através do valor das coisas. Apontam para um desenvolvimento com envolvimento de grandezas coletivas que contam como conforto a qualidade e utilidade dos objetos, a democracia e a liberda-

de. Embora não se apresentem como uma alternância ideológica ou programática, mas uma desestruturação dos programas e ideologias, são alternativas de sociedade, de fato.

Como um coração, o planeta pulsa. Vive e permite que nele brotem pulsações múltiplas: as formas de vida.

Cada forma de vida lateja em tempo próprio, dentro de um instável equilíbrio de elementos pulsantes, de tal maneira que se forma um sistema, a esfera da vida, onde a humanidade surgiu e fez seu ritmo próprio. O tempo humano, o pulsar da história humana, já não é mais a história natural da camada da vida; a natureza do humano é já sua própria história. História do bicho que pensa que um dia não mais pensará (sabe-se finito e transitório). História do bicho que faz, planejando fazer – e, ao fazer, se faz.

Hoje e agora, entendemos que nossa política alternativa é o esforço de proteger harmonizando as pulsações do mundo, para que pulse intensa esta frágil passagem entre dois mistérios que é o intervalo de tempo que chamamos vida.

*trecho extraído, por Elenara Iabel** da produção coletiva da quase plataforma da candidatura de Herbert Daniel para deputado estadual, pelo PT/PV, no Rio de Janeiro, em 1986

**Elenara Iabel é uma cidadã comum, feminista, mãe do Cauã, da Inaê e do Ariel, em 1986 interagiu e integrava com grupos e coletivos adeptos à subversão dos meios. Atualmente mantém firme e forte sua convicção.

Ideias Perigosas: um estudo do cotidiano

Thaís Brito e Ricardo Ruiz

*Caros camaradas futuros
revolvendo
a merda fóssil
de agora,
pesquisando
estes dias escuros,
talvez perguntar
eis por mim.
Ora,
começará
vosso homem da ciência
afagando os porquês
num banho de sabença,
conta-se que outrora
um férvido cantor
a água sem fervura
combateu com fervor.
Professor,
jogue fora
suas lentes de arame!
A mim cabe falar
de mim
Eu? Incinerador,
Eu? Sanitarista,
a revolução me convoca e me alista.
Troco pelo front
a horticultura airosa
da poesia?
- Vladimir Maiakóvski*

Experimentar a arte de re:volver o logos do conhecimento pelas práticas e desorientar as práticas pela imersão no sub-conhecimento. Considerar processos, mais que resultados. Negar a distinção sujeito-objeto, a neutralidade do olhar e da experiência com o mundo e mais ainda do relato sobre ele. Experimentações semi-territorializadas, temporárias, carnal e digitalmente alimentadas, gritantes... perigosas! As imbricações entre as noções amplamente discutidas como opostos relaciona-

dos – prática e teoria – são experimentadas, criticamente praticadas e teorizadas no festival Submidialogia que acontece desde 2005 em diferentes cantos do Brasil.

Toda grande prática ou ação caminha como uma ideia. A manipulação de instrumentos tecnológicos enfraquece este elo, uma vez que o utilitarismo e a racionalidade técnica vão tomando o espaço das singularidades - manifestações humanas espontâneas, artísticas e improvisadas. O objetivo da conferência é trazer diferentes experiências – teóricas e práticas – para contatarem-se; inserir articulações críticas entre teoria e prática nos meios tecnológicos e no sistema capital que o sustenta. É incentivar a ampla reflexão – através das micropolíticas das relações – sobre as (próprias) práticas para não perderem-se no moribundo utilitarismo; é incentivar práticas sobre a teoria, aplicando experiências em prol de uma (sub) concepção do aparato tecnomidiático; criar um espaço-tempo de subversão das práticas e teorias sobre tecnologia e cultura. As teorias sobre mídia, informação e comunicação pouco respondem se refletidas nas atuais experiências e atuações sociais e culturais, e estas por sua vez embaralham-se em contestação, experimentação, utilitarismo e mercado. Nesta confusão de suas essências, o risco das práticas se alienarem é constante e o conhecimento de perspectivas e visões quanto às questões sobre ciência, tecnologia, cultura, meios e formatos de transmissão de informação são fundamentais para um investimento de desejos em ações sociais reformadoras. Pôr de cabeça para baixo os princípios disciplinares da midialogia e articular ideias de modo a fazê-las perigosas.

Como as práticas desafiam a teoria? Como as teorias inspiram as práticas? Como subverter a relação dialética teoria-prática? Qual IDEIA aumenta a potência de ação dos corpos nos meios mecânicos / eletrônicos / digitais / biológicos / políticos / sociais?

Campos do conhecimento – principalmente áreas científicas tradicionalmente constituídas – relegaram pouca importância às relações entre subjetividades, limitando as vivências e as práticas ao mundo da literatura ou à condição de 'relato' ou 'diário' pessoal. E a ideia de que a realidade social é conhecida e transformada a partir das relações objetivas entre sujeitos, determinados por situações históricas, orienta diversos pensamentos e ações. Foucault (2002) ressalta que apenas em 1968 a questão das singularidades adquiriu uma dimensão política, “apesar da tradição marxista e apesar do Partido Comunista”. Tratava-

se de "fazer passar o desejo para o lado da infra-estrutura, para o lado da produção, enquanto se fará passar a família, o eu e a pessoa para o lado da antiprodução." (DELUZE & GUATARI, 1972). É interessante observar especialmente o contexto dos movimentos sociais surgidos a partir dos anos 1960/1970 (mulheres, homossexuais, negros, sem-terras, doentes em hospitais, etc), período de intensas modificações na concepção e, conseqüentemente, na própria ação política. Foi nesse período que surgiram organizações dissidentes das matrizes comunistas oficiais. Com a ruptura na tradição marxista, as lutas políticas particulares passam a ter sentido em si próprias, não convergindo mais, necessariamente, para um objetivo geral comum. A noção de sujeito político distancia-se do sujeito universal ao conceber focos territoriais específicos de transformação.

No Brasil, há uma renovação da cultura política da esquerda, que se reflete no entendimento do sujeito histórico ordinário, do cidadão comum. A ultrapassagem possibilitada pela "insinuação do ordinário em campos científicos constituídos" é destacada por Michel de Certeau (2008) ao pensar nas relações entre teoria e prática. Uma consequência dessa mudança, da emergência do ordinário, é o aparecimento da cultura como campo compreensivo. "O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento." (CERTÉAU, 2008, p. 63). E os relatos (práticas teóricas) têm papel definitivo nessa ultrapassagem, por serem "fundadores de espaços" (CERTÉAU, 2008, p. 209). Foucault (2002) refere-se a essa relação identificando a teoria com a própria prática, não apenas como sua expressão, tradução ou aplicação. E seu contemporâneo, Gilles Deleuze, refere-se a ele como um dos que, no domínio da teoria e da prática, primeiro considerou a perspectiva dos agentes, e falou da indignidade de falar pelos outros:

Quero dizer que se ridicularizava a representação, dizia-se que ela tinha acabado, mas não se tirava a consequência desta conversão 'teórica', isto é, que a teoria exigia que as pessoas a quem ela concerne falassem por elas próprias. (FOUCAULT, 2002, p. 72)

A ideia da indignidade de falar pelos outros, de exercer o poder, o fim do indivíduo alienado e sem singularidades, é fundamental para caracterizar a experiência que descrevemos. Experimentação que se remete não apenas ao território de trocas possibilitado pelo festival Submidialogia e seus (bons e maus) encontros, mas que envolve práticas e pen-

samentos disseminados nas atividades que adquirem maior intensidade num contexto, mais ou menos recente, de movimentos que tentam construir ações libertárias - portanto, ações contra as paixões tristes necessárias ao exercício do poder (SPINOZA, 2008) - muitas vezes tornadas possíveis por vias institucionais, penetrando as brechas e expondo as estratégias insólitas dessas mesmas instituições. Evidenciar e abalar essas fissuras podem ser entendidos como uma "arte de fazer", arte descrita por Certeau como práticas desviacionistas, de dissimulação: a sucata ou a bricolagem. A reutilização, do seu modo singular, das tecnologias disponíveis. Mais do que as edificações, as tecnologias e as instituições, são as ações humanas cotidianas e suas histórias - as práticas e as teorias na busca pela alegria - que moldam o mundo em que vivemos. Aqui é onde acontece o que não está previsto nos códigos de conduta, manuais ou no cinismo de muitas das normas que regem instituições e relações sociais. "Na instituição a servir se insinuam assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do dom (de generosidades como revanche), uma estética de golpes (de operações de artistas) e uma ética da tenacidade (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade)". (CEARTEAU, 2008, p.88). Não se sabe mensurar, entretanto - e nem se é possível fazê-lo, pois não há medidas nem parâmetros definidos ou definitivos - o quanto essas práticas conseguem intensificar as fissuras ou mesmo se dá o efeito contrário: o quanto essas ações calcificam prévias fissuras.

Podemos pensar essas questões no contexto das políticas de apoio à implementação do Software Livre no Brasil. No texto "O impacto da sociedade civil (des)organizada" (2005), é relatada a dificuldade em ampliar o apoio ao Software Livre para além da mera publicidade e o fato de que o tema é mais presente em fóruns e eventos públicos, que em ações governamentais efetivas. Os descompassos e dificuldades nas migrações de sistemas proprietários para sistemas livres são explicadas, em parte, pelo fato de os gerentes de tecnologia do setor público serem funcionários de carreira, que ocupam cargos estáveis, o que resulta em certa resistência à mudança. Entre as consequências dessa transição do uso de um sistema operacional proprietário para um sistema operacional livre e de código aberto - considerada uma profunda transformação de paradigma - está esse trabalho da sucata e da bricolagem, que podem ser identificados na Ação Cultura Digital do Ministério da Cultura, analisada no artigo supracitado. A Cultura Digital é definida não apenas pela troca de conhecimentos brutos e inadaptá-

veis, mas como "absurdo antropofágico, uma deglutição de conhecimentos" (VELOSO, 2008, p. 39). Processo que se traduz na organicidade construída, processualmente definida nos Pontos de Cultura, cuja prática resultou numa nova concepção sobre a interação entre povo, políticas, economia da cultura, afetos e fios. É nessa realidade em que "aprende-se a editar vídeos e comer açaí com farinha" (VELOSO, 2008, p. 39), onde se reaprende a sabedoria perdida no tempo, nas redes, despertando novas dicotomias no campo cognitivo e sensorial e ampliando as ferramentas também de resistência ao poder:

"Por um lado, acentua-se a pressão exercida pelo pós-industrialismo em afastar as histórias das pessoas delas mesmas, desterrando o conhecimento como fruto da consciência humana. Por outro, tais culturas ancestrais ainda possuem no discurso oral, no contato corporal, na música, na dança e em rituais coletivos a sua principal maneira de manter as relações quântico-familiares. (...) Agora, em contato com novas tecnologias de comunicação, informação e convívio, essas culturas se mostram, mais uma vez, resistentes ao cruel processo imposto pela sociedade pós-industrial." (BALBINO & RUIZ, 2008, p. 45)

Pois, ao estudarem a ferramenta tecnológica que lhes é apresentada, os indivíduos têm a possibilidade, com os sistemas livres, de construir pedaço por pedaço sua ferramenta, a seu jeito, para seus interesses, criando seus relatos na história com uma linguagem específica, que lhe é familiar, e que parte do sistema operacional escolhido para seus computadores ao formato de se trabalhar suas produções para satisfazer seus desejos em suas limitações ou aperfeiçoamentos tecnológicos. Entram assim em uma curva de aprendizado tecnológico - crítico e prático - que tende ao infinito. Não por acaso, essa curva têm um limite nos softwares proprietários (BACIC, 2003), estabelecido pelas instituições que ditam as regras a serem seguidas: que detêm o poder. Neste momento, a discussão teórica se mistura com a prática, se torna objeto (CERTEAU, 1990). E suscita a reflexão sobre as diferentes possibilidades para implementação de programas e políticas públicas que propõe uma horizontalização social através da incorporação das tecnologias da informação e comunicação pelos diversos cenários da tão rizomática e ressonante cultura brasileira. Quais os formatos práticos/teóricos para essa implementação (suas ações políticas), as tecnologias a serem utilizadas (suas ferramentas) e as expectativas sociais dessa associação cultura popular x tecnomídia (os afetos envolvidos nas relações) são

grandes buscas no campo das políticas públicas e das novas mídias.

Essas dimensões devem considerar três aspectos, um fundamental: o fato de que as políticas públicas convertem a economia num problema a ser resolvido eminentemente no campo da política. (MARINI, 2000, p.284). Não podemos simplesmente ignorar essa relação, que aparece, volta e meia, como um problema em suas muitas dimensões. Fica evidente se percebemos a relevância que os dados e indicadores econômicos têm na definição das políticas públicas de governos. Entendemos que a inter-relação "políticas públicas e definições econômicas", a partir da influência (maléfica) das grandes corporações na implementação das políticas, é colocada em contradição evidente com os desejos dos estratos sociais que as concebem e as colocam em prática junto às comunidades, pessoas, coletivos... Campo de disputa complexa que apresenta a contradição essencial de colocar o lucro e o mercado confrontados com desejos emancipatórios. Aparece, ainda, um segundo aspecto – em outros desses problemas de um tempo em que não há o tempo das respostas simples: tempo em que talvez seja preciso mudar as perguntas – uma inversão do lugar material, outra dicotomia: de como é possível e do quanto é imprescindível a autonomia política, material, prática e teórica. Cabe também interrogar-nos sobre a dimensão de tencionamento e de "luta de posições", sobre as dificuldades potenciais de desenvolverem-se cenários rizomáticos e a "arte de fazer" histórica das políticas sociais no Brasil. Como essas práticas cotidianas influenciam um cenário macropolítico e como sermos responsáveis por nossas ideias perigosas? Acreditamos que esse é um cenário complexo e de disputa de sentidos.

Referências

BACIC, N.M. O software livre como alternativa ao aprisionamento tecnológico imposto pelo software proprietário. Campinas: Unicamp, 2003. Disponível em <http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/software-livre/document/?down=107>

BALBINO, José; RUIZ, Ricardo. Anotações do Balcão do Sr. Didi in: Apropriações Tecnológicas: Emergência de textos, idéias e imagens do Submidialogia#3 (org. Karla Schuch Brunet). Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Deleuze e Guattari se explicam. 1972

in: A ilha deserta. São Paulo, SP, Iluminuras, 2008

ESPINOSA, Baruch de. Ética. São Paulo, SP: Autêntica, 2008.

_____. Tratado Teológico-Político. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

FOINA, Ariel; FONSECA, Felipe; FREIRE, Alexandre. O impacto da sociedade civil (des)Organizada: Cultura Digital, os Articuladores e Software Livre no Projeto dos Pontos de Cultura do Ministério da Cultura http://pub.descentro.org/o_impacto_da_sociedade_civil_des_organiza

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. in: Microfísica do Poder. São Paulo: Edições Graal, 2002

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

VELOSO, Adriana. Pontos de Cultura, novas mídias, educação e democracia: Reflexões sobre o contexto de uma mudança estrutural no Brasil. in: Apropriações Tecnológicas: Emergência de textos, idéias e imagens do Submidialogia#3 (org. Karla Schuch Brunet). Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

Chamado Metaprocooperativo Digitofágico Tribu MESH e Pajé Resistor.

A propriedade é um roubo disse Proudhon em 1840. O que isso pode significar em nosso tempo? Tempo da tão anunciada, nos meios acadêmicos e tecnoartísticos, revolução silenciosa, da quebra de paradigmas, do capitalismo cognitivo, da Era do Conhecimento. Essa Era que nos nichos elitistas da WEB se concretiza por meios de bits, pelos blogs, twitters e redes sociais como certeza, verdade absoluta, uma verdade que se impõe sobre outras e que sepulta as outras Eras (mais "atrasadas"), outras formas de pensar, de organização social, de se conectar (inclusive espiritualmente), de interações e relações, em suma de troca. O discurso da Cultura Colaborativa e das relações horizontais, espalhados por toda a rede, que, sem dúvida, nos mostra casos de verdadeiro sucesso como Wikipédia, Debian, blogs colaborativos etc, também nos impõe essencialmente a pensar na questão de o quanto colaborativo é o mundo. A rede e os conteúdos que transitam nela como reflexo do mundo e das relações sociais que vivemos podem realmente ser colaborativos e horizontais?! Nossa resposta é que não, enquanto não se mudar a mentalidade e as posturas dos indivíduos com seus pares, ou seja, dos seres humanos para outros seres humanos assim como para toda a natureza, enquanto não se mudar as relações de poder do dia-a-dia, a rede nunca será colaborativa e horizontal. Afinal, pensar que o sistema técnico, ou as possibilidades tecnológicas que permitem o acesso e a podem resolver problemas tão antigos e enraizados no cerne das sociedades capitalistas, como a exclusão e a opressão sistemática de grupos sociais do/no meio político e cultural, soa um tanto quanto estranho nos ouvidos mais atentos. Pois manda na rede quem tem mais banda, quem tem mais "qualidade" nas informações postadas, quem tem mais prestígio social e político, ou, simplesmente, quem tem mais dinheiro para investir em conteúdo/designer e publicidade. A propriedade já era considerada um roubo por Proudhon em 1840 e essa afirmação se torna mais verdadeira ainda hoje em dia, basta analisarmos casos como o lastfm, Google e etc, que nos mostram a verdadeira face desse novo capitalismo que opera na rede, que se apropria das maneiras mais diversas e disfarçadas da cultura, trabalho e alheios com o único e exclusivo propósito de lucrar. Não se trata de demonizar o mercado, mas sim de ter consciência de suas próprias limitações ontológicas.

"O inferno está cheio de pessoas com boas intenções" e "De graça até injeção na testa" são ditados que na sociedade em rede tem um signifi-

cado diferente da época de nossas mães e avós.

Ser Livre e Colaborativo é mais que um discurso ou uma prática é uma

CULTURA

e por conta disso faz-se necessário cultivar a cada momento, exercitar a cada momento a dádiva/escolha de ser livre e colaborativo. Diante de tantos projetos que visam universalizar o acesso à rede ou a conteúdos culturais faz-se ainda mais necessário aprender a respeitar as culturas "marginalizadas" ou oprimidas, realizar um intenso diálogo de saberes, ter humildade quando olhar para as culturas ancestrais e mais humildade ainda para admitir que se tem muito que aprender, ou melhor seria dizer resgatar?

Acreditar que é necessário mais que possibilitar o acesso à Sociedade do Conhecimento e Consumo ou aos processos operantes na rede, é necessário mais que reproduzir a falácia de que todos são iguais sob a tutela do mercado ou de governos assistencialistas e autoritários, é necessário subverter a rede, buscar e provocar a autonomia dos indivíduos, mudar a lógica, acabar com a lógica, criar uma lógica, criar ou reinventar novas expressões, equações e, novos ritmos, novas formas, algo novo, instaurar o caos criativo, a ordem criativa, mudar as relações de poder que operam pela e na rede, realizar uma verdadeira reforma interior, formar e ser formado, exercer e garantir o direito de ser digitofágico e metaprotocooperativo. Considerando que não existem certezas, mas experiências e possibilidades, não se trata de incluir, mas sim de misturar.

De Algum Lugar e em Algum Tempo
Tribo MESH e Pajé Resistor.

Tender hacker - Queer copyleft

Coletivo Esquizotrans

Dolores Galindo, Fabiane Borges e Hilan Bensusan

Os corpos são recursos de políticas da verdade. São lastros de identidades reconhecidas: idade, raça, classe, sexo. Os corpos são reveladores reconhecidos. Etiquetas, selos de controle – um selo de controle, supostamente, biológico e assim natural. Ao mesmo tempo, corpos são provas da artificialidade venenosa que os produz. Os discursos podem mentir; os corpos também. Burlar, sabotar, escapar. Os corpos são atravessados e atravessam a farmacopéia da verdade, saem de controle, porém, nunca inteiramente escapam às políticas que lhes perpassam, pois a microfísica do poder supõe regiões de margem.

Nas sociedades disciplinares da modernidade clássica, as estratégias de governo se voltavam à vida e aos corpos entendidos como superfícies de inscrição. Governar a população significava adestrar corpos, criar instituições, rotinas e estabelecer procedimentos para o controle da circulação de objetos e pessoas. É neste contexto que emerge e se consolida o cálculo estatístico probabilístico dando origem ao risco entendido como probabilidade de ocorrência futura de eventos danosos. O poder pastoral se volta ao corpo da população e de cada um, solicitando a vigilância contínua dos deslocamentos no espaço e no tempo: corpos sólidos, gestão .

Nas sociedades pós-disciplinares, a biopolítica envereda pela composição de corpos precários que habitam virtualidades biológicas (BRAUN, 2007). O que está em pauta são as metáforas da circulação e da comunicação que substituem a ortopedia disciplinar. Tomemos um exemplo simples – a pílula contraceptiva. A cartela da pílula (hormonal) marca o compasso da administração diária, espécie de relógio em miniatura a marcar o tempo dos fluxos menstruais, do humor, das erupções cutâneas, das metástases (PRECIADO, 2008).

No contexto dessas transformações, falamos, então, de piratarias em tenderware, ou seja, na carne, no corpo. Com esse neologismo, enfatizamos a maleabilidade. Tender: macio, sensível, suave, mole. Hardware: mecânico, rígido, recalcitrante. Quem se espanta com a cápsula ou o líquido do fármaco que se mistura venosamente quando ingerido? Enquanto na prisão - imagem emblemática dos dispositivos disciplinares - o controle é ortopédico, contemporaneamente, o controle se dá, também, de modo aberto, contínuo por meio de uma farmacopéia

(PRECIADO, 2008). Ainda que pareçam opostas, tanto as estratégias de biocontrole voltadas à promoção da saúde como as práticas de transformação corporal encontram no recrudescimento da plasticidade do corpo, sua condição de existência.

Apostamos na potência produtiva da linguagem de códigos para desmontar antigas dicotomias (HARAWAY, 1996). Nesse sentido, utilizamos a expressão “piratarias queer-copyleft” para falar de agenciamentos que reconfiguram fronteiras corporais e encaixes políticos entre elementos de diversas ordens, rompendo velhos dualismos, entrecruzando relações. Como escrevem Deleuze e Guattari (1995):

É preciso um agenciamento para que se faça a relação entre dois estratos. Para que os organismos se vejam presos e penetrados num campo social que os utilize: as Amazonas não tem que cortar um seio para que o estrato orgânico se adapte a um estrato tecnológico guerreiro, por existência de um terrível agenciamento mulher-arco-estepe? São necessários agenciamentos para que estados de forças e regimes de signos entrecruzem sua relações (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 90).

Piratarias descrevem, assim, poéticas que trabalham na confusão das fronteiras, no estabelecimento de novas combinações entre fluxos semióticos, informacionais e biológicos. O elogio à hibridação (i. e. aos processos por meio dos quais práticas discretas, que existiam em formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas) é insuficiente para abordar as piratarias em tendware. Contemporaneamente, hibridizar está longe de constituir, per si, uma estratégia de resistência. Pode-se entrar e sair dos processos de hibridação. Nem sempre hibridizar-se significa romper com desigualdades e subordinações. Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica dos seus limites, do que não se deixa ou não se quer ou não pode ser hibridizado (CANCLINI, 2000, p. 71).

A lenta sabotagem por meio das modificações, dos travestismos e dos hormônios fora do controle médico é parte de um movimento de retomada do corpo, de interferência, de reconfiguração não apenas com palavras e imagens, mas com hormônios e implantes. Deixar o corpo acessível aos seus usuários: tecnologia acessível a quem precisa dela, free as in press. Se vale para o seu software, vale para o seu corpo? Porque você teria que aceitá-lo sem modificações? Ou, de outro lado, porque para acessar e modificá-lo há que, necessariamente, patologizá-lo? (BUTLER, 2009).

Um momento dramático das TTT de toda natureza (Transsexuais, Travestis, Transgêneros) é quando seus corpos são avaliados pelos olhos das pessoas que decidem se eles são genuínos ou piratas. A distinção entre o genuíno e o pirata é parte das políticas da verdade: resistir a elas é tratar o pirata como genuíno. Exigir o certificado é validar o copyright e considerar que elas podem não passar no teste de qualidade é insistir na distinção entre o que é pirata e o que é genuíno. Uma alternativa é entender que os corpos podem ser também vistos como copyleft como vem argumentando vários movimentos queer-copyleft, a exemplo dos coletivos “XX boys: photography and culture” (<http://xxboys.net/>), “Generatech: para un agenciamiento de género en la tecnocultura audiovisual” (<http://generatech.ningunlugar.org/>) e “esquizotrans” (<http://esquizotrans.wordpress.com/>)”.

Na internet, encontramos, também, fora dos eixos dos ativismos, fotos e depoimentos de pessoas que aos poucos transformam seus genitais e sua sexualidade através de implantes, amputações, cortes, o que modifica consideravelmente as funções de alguns órgãos dos seus corpos, assim como suas sensações. Muitas vezes essas modificações tendem a fixar agrupamentos identitários, conforme as transformações que se produzem no corpo. Mas, as identidades-interfaces são escolhidas – adotadas – e não reveladas. Modificar o corpo é ato de auto-pirataria e a modificação corporal avizinha-se da pirataria.

Os piratas usam distintivos que os tornam reconhecíveis como avulsos. Seus corpos não são inteligíveis na matriz habitual, eles se tatuam, se esculpem e se furam. A modificação do corpo faz dele um laboratório, um laboratório do que pode ser feito com um corpo. Quando se modifica um corpo, para além dos protocolos e prescrições e no justo limite da prudência – se adquire uma potência. A pirataria dos corpos é uma imagem para a pirataria do socius, das matrizes de inteligibilidade, das distribuições de poder.

Como as modificações corporais, os travestismos também colocam o corpo entre riscos externos aos bulários. Em 2003, S., então presidente da associação de travestis de Mato Grosso, morre em função da aplicação de silicone líquido – industrial – no tórax. Em 15 de julho de 2008, a travesti lavradora mato-grossense B. também vem a óbito pelo mesmo motivo. Entre centenas de outras histórias. Trajetórias que adquirem visibilidade, ao modo infame, isto é, quando interceptadas por aparatos de poder-saber, neste caso: o dispositivo médico (internação, diagnóstico), legal (autópsia, inquérito policial) e espetacular (mídia,

notícia). B. e S. morrem no afã da posse de seios fartos. As notícias curtas de internet e mídias locais fazem falar e ver, a miserável cena espetacular. É difícil instituir resistências quando tratamos do poder sobre o corpo, biopolítica. Que fácil seria, sem dúvida, dismantelar o poder se este se ocupasse simplesmente de vigiar, expiar, surpreender, proibir e castigar, mas não é simplesmente um olho nem uma orelha: ele também incita, suscita, produz, obriga a agir e a falar (FOUCAULT, 1984, 1996).

Para cada configuração de saber-poder, corpos são configurados – o corpo heterossexual, o corpo do condenado, do/da hermafrodita. Como sondar e viabilizar resistências e saídas no próprio campo dos condicionantes, das múltiplas conexões que nos enredam? (FOUCAULT, 1996). S. e B. performam por meio da manipulação precária de uma substância, o silicone. Enfrentam-se a políticas diluídas, imiscuídas, no orgânico. Não há inimigos externos, nem tampouco, alianças às claras. É um jogo farmacológico e químico – uma ficção somática – não porque deixe de ter realidade material, mas porque se constitui por repetições performativas de processos de construção política. Se na prisão, imagem emblemática dos dispositivos disciplinares, aqui o controle é ortopédico, o controle se dá de modo aberto, contínuo por meio de uma farmacopéia. Na dose certa, remédio; em excesso ou ordenação adversa, veneno.

A leitura das notícias conduz a um agenciamento sócio-técnico permeado de seringas, cola rápida ou esmalte de unha para fechar o ponto de incisão, toalhas borradas e à circulação clandestina de um material sintético – um código político de acesso. O espaço para reconversão dá-se no corpo, mais precisamente, sob a pele. O silicone transpassará a pele, como esclarecem as distintas advertências médicas. Precariamente, S. e B. pirateiam políticas de gênero. Seriam a medicalização e a inclusão em protocolos clínicos as soluções para evitar os riscos? Ou seja, a reivindicação por uma cidadania cirúrgica ou hormonal? (CARVALHO, 2009). Tais questões, no movimento social organizado de trans, vêm sendo colocadas. Aqui, com a expressão pirataria queer-copyleft nos inserimos neste tenso campo político sem pretensão de oferecer respostas ou lançar uma palavra de ordem.

O termo pirataria remete à reapropiação – perversão de fluxos de mercadorias nos mares – muito além da classificação jurídica como roubo. Pirataria queer-copyleft, por sua vez, remete à reconversão ativa de códigos tecnobionormativos. No movimento de software ou cultura li-

vre, que ganha força no final dos anos oitenta, piratas são alçados a figuras de borda capazes de desestabilizar as codificações que restringem a circulação de conhecimento. Ao invés do copyright (direito autoral e propriedade intelectual), o copyleft (livre distribuição de conhecimentos e tecnologias). Por deslocamento e trocadilho, à expressão todos os direitos reservados, opõe-se a expressão todos os direitos invertidos. Numa pirataria queer-copyleft, em outubro de 2006, Beatriz Preciado, teórica queer, professora universitária, que divide seu tempo entre Paris, Estados Unidos e Espanha, dá início ao uso de testosterona em gel por meio de um protocolo doméstico, o que resultará na escrita do livro *Testoynqui*, publicado em 2008, onde ela escreve:

(...) Eu pertencço a este grupo de usuários da testosterona. Somos usuários copyleft: quer dizer, consideramos os hormônios como biocódigos livres e abertos cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado, nem pelas companhias farmacêuticas. Como se tratasse de uma droga dura, espero estar sozinha em casa para prová-la (PRECIADO, 2008).

Na auto-intoxicação voluntária de testosterona, passamos a uma pirataria que opera em um nível distinto do silicone que se dá sobre a pele – contesta os controles hormonais sob a pele. Drogas “moles” acessíveis em qualquer farmácia da esquina. Se na ortopedia disciplinar, a vigilância dá-se por meio do isolamento em celas, agora cada corpo passa a ser uma cela. O dispositivo (circular) da pílula marca o compasso da administração diária – relógio em miniatura a pontuar o tempo por meio da administração medicamentosa. Acerca do protocolo de auto-administração de testosterona, Preciado (2008) salienta que tomar testosterona não muda o sexo, pode modificar (a depender da dose), o modo como o gênero é codificado sexualmente.

Não vou dizer que sou igual a vocês, que me deixem participar das suas leis, nem que me reconheçam como parte da sua normalidade social. Mas que aspiro a convencê-los de que são, em realidade, como eu. Estamos tentados pela mesma deriva química (PRECIADO, 2008).

As piratarías queer-copyleft que mencionamos adquirem sentido num contexto no qual o corpo é uma linha privilegiada de subjetivação. No contexto das biosociabilidades contemporâneas [isto é das sociabilidades que emergem da relação entre capital, biotecnologias e medicina], tais agenciamentos operam em contraponto às práticas voltadas à normalização e obtenção do corpo e saúde perfeitos. Não é disto que fala-

mos ao utilizamos a expressão piratarías queer-copyleft, mas, justamente, às linhas de fuga que se tenta traçar na potência em ato que é burlar, escamotear, acessar e produzir novos acessos.

Nas práticas bioascéticas - apolíticas e individualistas – “perdemos o mundo e ganhamos o corpo” (ORTEGA, 2008). No caso das piratarías queer-copyleft, não se trata de personalizar o corpo por meio de novos aditivos, mas de desterritorializá-lo. A apropriação queer da performatividade parodia e expõe tanto o poder vinculante da lei heterossexualizante como a possibilidade de expropriá-la (BUTLER, 2002).

O corpo, nas auto-experimentações fora dos protocolos médicos, adquire potência na justa medida em que se liga a outros corpos e, mais propriamente, às políticas de construção. O aparato corporal, longe de ser uma superfície, é resultado de processos de materialização e negociações tensas sobre suas fronteiras (HARAWAY, 1996).

Acesso livre aos meios de produção do próprio corpo. Compartilhamento de experiências laboratoriais proliferação de saberes sobre nosso próprio código fonte. Éticas convergentes debatidas coletivamente. Aos contornos da definição de piratarías queer-copyleft, acrescentamos à inversão de códigos, uma característica, também derivada das contaminações entre políticas queer e de cultura livre – o compartilhamento e logo, o inacabamento.

Não há alternativas subversivas para "além", "fora" ou "antes" do poder, mas linhas, agenciamentos que escapam e fazem escapar. No compartilhamento incessante há cópias e cópias, não havendo um original no qual possa ser buscada a razão de ser das modificações sucessivas. Como lembra Butler (2002), o queer (que não designa uma identidade) é para os dispositivos de normatização não o que uma cópia é para o original, mas em vez disso, é o que uma cópia é para uma cópia. Talvez, esta seja a dimensão de mais difícil compreensão, pois, as piratarías queer-copyleft não são emulações de corpos femininos purificados, mas os reinventam. Expropria-se. Apropria-se. Cria-se um código.

Referências

BUTLER, J. *Cuerpos que importam*. Barcelona, Paidós, 2002

BUTLER, J. *Desdiagnosticando o gênero*. *Physis*, 2009, vol.19, no.1, p.95-126.

- BRAUN, B. Biopolitics and the molecularization of life. *Cultural Geographies* 2007; 14; 6.
- CANCLINI, N. La modernidad después de la posmodernidad. In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial da América Latina, 1990.
- CARVALHO, M. Para além da cidadania cirúrgica. Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?in-foid=6576&sid=4>. Acessado em: 29/04/2009.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1, São Paulo, Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- _____. *La vida de los hombreS infames. Ensayos sobre desviación y dominación*. Buenos Aires/Montevideo: Editorial Altamira/Editorial Nordan-Comunidad, 1996.
- HARAWAY, D. *Ciencia, cyborgues y mujeres: La reinención de la naturaleza*. Madrid: Cátedra, 1996
- ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

Corpo-Mídia

Daniela Álvares

1.

Corpo-Mídia

Mídia.[Do ingl. (mass) *media*(...); o ingl. *Media* advém do neutro pl. do latim *medium*, 'meio', 'centro', forma subst. do adj. lat *medius*, a um, 'que está no meio, inicialmente usado na acepção geral de 'meio', 'meio termo'.^[1]

Corpo. (ô). [Do lat. *Corpus* (*corporis*), neutro, >corpos> *corpo*. 16. *Espesura, densidade, consistência:* “Cortês sorrindo, o mercador gabava/ As cores vivas, o tecido, o corpo/ do estofa que vendia.”^[2]

Meio

O corpo como meio, através do qual trafegam fluxos.

O corpo como suporte de signos. Signos de conduta de sociabilidade. O corpo como condução de signos. O corpo como signo ele mesmo. Signo vem do latim *signu*. Pedaco, parte. A parte que tem em si o todo, condensado.

Ingestão do signo: ato de incorporação do real, do entorno, transformando-se em energia vital, alimento, combustível para a manutenção da vida daquele que observa, interpreta, e elabora sobre o objeto. Na mente, a correspondência desse objeto possui substância diversa daquela do objeto em si. O signo é um princípio de ordem: tentativa de resumo de um acontecimento, uma ideia, uma imagem, um discurso, um objeto, em apenas um. A diversidade na unidade. Compartilha-se através do um, que é vários, dimensões subjetivas, de diferentes sujeitos de conhecimento, ao atribuir-lhe significados diferentes, numa tentativa de orientar a consciência. A interpretação é portanto criação.

A criação como atualização de potencialidades. “Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores(...)Por um lado, a entidade carrega e produz suas virtualidades: um acontecimento, por exemplo, reorganiza uma

problemática e é suscetível de receber interpretações variadas. Por outro lado, o virtual constitui a entidade: as virtualidades inerentes a um ser, sua problemática, o nó de tensões, de coerções e de projetos que o animam, as questões que o movem, são uma parte essencial de sua determinação(...) A atualização aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades”.[3] Invenção de conteúdos e de formas. Na temática mídia, eu diria, sobretudo de formas.

A mídia como meio. O corpo como mídia. O corpo como meio.

Meio como centro ou meio entre duas coisas?

Peso

Os corpos carregam pesos. Grande quantidade dos códigos utilizados para nos relacionarmos resultando em uma supressão de possibilidades e potencialidades, para não dizer, de realidades que existem muito bem confirmadas individualmente mas que não encontram canais de vazão ao coletivo. Para dar lugar ao que é reprimido, preenchem-se os corpos com muitas amenidades, para não dizer superficialidades. Dentro e fora, todos muito bem preenchidos de obrigações. Inquestionadas, permanecem. Os corpos suportam. Alguns com muita leveza, outros chegando mais próximos do chão. Muitos adoecem, e morrem. A energia vital que negam, se esvai. Exauridos de tantos símbolos sem sentido, mesmo que não conscientizados como tal, os corpos perdem sua capacidade inerente de comunicar-se plenamente. De comunicar aquilo que urge. Comunicam o que consideram ser adequado. Hoje, há um excesso de informações. Mesmo antes dessa nossa época de grandes mídias, com muitas e padronizadas informações, os corpos sempre foram disciplinados para não comunicar tudo aquilo que podiam, que queriam, que pensavam ser interessante. Sempre carregados de pesos alheios. Um corpo com excesso de peso não consegue se enxergar, aquilo que quer comunicar. Um corpo com excesso de peso social e simbólico vira um corpo cansado, desgostoso de si mesmo, estranho a si mesmo, uma estrutura vazia carregando excedentes que não escotam, ficam, sem ninguém saber muito por que.

Existem muitas sociedades diferentes entre si no mundo atual. Cada qual com suas regras, designações referentes aos sexos diferentes, às faixas etárias, às profissões e funções. Podemos reconhecer uma socie-

dade a partir das regras que são designadas aos seus membros, aos indivíduos, que formam o corpo coletivo. Nos pequenos corpos individuais desse grande corpo reconhecemos características que comunicam coisas. Determinadas roupas para ocasiões diferentes, posturas corporais para cada espaço, maneiras de falar específicas para cada pessoa com quem se relaciona. Códigos. Comunicação entre corpos. Fugir a regra se torna um desafio, uma tormenta. Como comunicar?

O corpo só também é um peso próprio.

O corpo como peso. [Do lat. Pengu]2. Força que um corpo exerce sobre qualquer obstáculo que se oponha diretamente à sua queda[4]. Esse corpo se caracteriza pela consistência. Compacidade, densidade, encorpadura. Encorpamento, espessura, resistência, solidez[5].

Ar

“Abandonando o chão e seus pontos de apoio, ele escala os fluxos, desliza nas interfaces, serve-se apenas de linhas de fuga, se vetoriza, se desterritorializa”[6]. Pierre Lévy fala do corpo virtual: do surfista, do asa delta, do ski. Intensifica ao máximo a presença física do aqui e agora, mas jamais está inteiramente presente. Ao se virtualizar, o corpo se multiplicaria. Se virtualizar seria ir em direção à zona de potência, sair do já determinado e buscar novas configurações. Sair do chão, seguro, e se lançar ao ar, incerto. O que encontrar?

O corpo também é passível de ser ele mesmo, ar. Espaço entre, dando vazão ao novo. Um corpo vazio, que possibilita. Cheio e vazio se alternam. Ciclo de vida e morte.

Rede

Pontos que se cruzam, se comunicam. Não há um ponto central do qual surgem, mas vários pontos. Não há muita previsibilidade, acontece. Ao leu, porque muito não se controla, as pessoas se encontram, se comunicam.

“Os autores opõe sistemas a-centrados, redes de autômatos finitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um estado a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza, independente de uma instância central.”[7]

Encontro do outro, dos outros. Das outras. Ao encontrar o outro, me encontro. Quando ele me toca, me reconheço, pois sinto o meu corpo, ainda que pela mão do outro. Através do outro. Tato: encontro de dois

ou mais. Quando o reconhecimento pelo olhar, pela escuta, pelo toque, há troca. Num plano mais imperceptível, nos comunicamos mesmo sem reconhecer o outro com o qual nos comunicamos, simplesmente estando junto, frequentando lugares em comum em horários diferentes, utilizando as mesmas vias, máquinas do cotidiano, produzindo objetos que se comunicam com o outro, como por exemplo um suporte de leitura: livro, cartaz, grafiteagem, mensagens digitais, assinaturas de cheques, bilhetes, recados no quadro negro, placas. Fluxos de pequenas informações, grandes significados. “A simplicidade não exclui uma multiplicidade qualitativa e virtual, direções diversas nas quais ela se atualiza. Nesse sentido, a intuição implica uma pluralidade de acepções, pontos de vista múltiplos e irredutíveis.”[8]

O corpo só também é uma rede. De fisicalidades, de noções sobre as coisas, de produções. A vida no seu constante e infinito mover-se. Se deixar encher pelo fluxo, que por definição é movimento. De vários pontos, para vários pontos. A linearidade convive com a não-linearidade.

O corpo como canal

Portanto, um encher que é esvaziar ao mesmo tempo. O fluxo em movimento entra e sai da mente, dos sentidos, mantendo cheio o ser que se esvazia a todo o momento, independente da entrega. Pode-se praticar o aumento da entrega, deixar-se levar, acolher o que entra, não se apegar ao que sai. Esvaziar-se daquilo que bloqueia, estanca. Preservar, mas sendo maleável de acordo com as mudanças. Como dizia Heráclito, apenas a mudança permanece. E como diria alguém: há coisas que se conservam. Ser, portanto, canal. Que permite o fluxo. Estrutura e ação ao mesmo tempo. Renovação e manutenção. Percorrer um caminho: o caminho nunca é o mesmo, ora chove, ora faz sol, ora venta, ora corro pelada, ora me arrasto e ora sento no banco do caminho. Mas é sempre o mesmo caminho. Ou como o rio: “Como um tumulto líquido de gotículas de um rio contínuo e único. Ele é o presente em todos os momentos. O presente sou eu agora. Eu sou o rio, e as gotículas agora o que sinto e o que sou. Tudo no meio de tudo”. [9] Ser um canal para os fluxos coletivos, portanto também para meu fluxo, pois o indivíduo faz parte do coletivo, além de ser ele mesmo coletivo.

O corpo como suporte

Sou portanto suporte de fluxos. Meio através do qual coisas se manifestam. Meio, media, mídia. Suporte de informações. Sem mesmo querer, nosso corpo já é um meio de comunicação. Pode-se aprimorá-lo a partir do momento que o pensamos como tal. Esboçar, diagramar, editar o

corpo. Comunico sem nem mesmo falar, ou elaborar sobre um assunto. Sou um suporte para a comunicação: visual, sonora, tátil, olfativa. A pessoa placa que anuncia coisas no meio da rua comercial é um esboço do que pode ser feito. Ampliadas as capacidades de relação desse corpo com outros corpos, podemos ser suporte para muito e pouco.

O corpo como estrutura

Para que eu seja um suporte de comunicação, cabe a mim recriar-me. Questiono minha estrutura corporal: física, mental, emocional, psicológica. É a revolução das estruturas em conjunto com a revolução dos conteúdos. Muda-se a forma e muda-se então a relação com o outro. Comunicação é relação. Numa estrutura de sufocamento da criação, da comunicação plena entre corpos, nossa estrutura acolhe um excesso de informações desnecessárias, opressivas, não estimulantes da autonomia dos corpos e das mentes. Muda-se a estrutura e damos vazão, abrimos canais para nos preenchermos de idéias e ações enriquecedoras, frutíferas estimulantes do contato criativo entre os corpos. Uma estrutura maleável para fluxos. Os fluxos são instáveis e estáveis...

O corpo instável e o corpo estável

Para receber e doar fluxos instáveis, um corpo estável. Porém, maleável. Capaz de lidar com o caos, se desintegrar nele, mas sabendo para onde voltar, servindo de canal para esse caos. Um suporte. Para fluxos estáveis, um corpo instável, que digere a informação, desequilibra-a, questiona-a. Reflexão.

O Corpo em Silêncio

Para observar os fluxos, estar em silêncio. Observação é ação. Compreendo através do silêncio, pois não confundo o que é observado com meus próprios pensamentos sobre ele. Após a compreensão, elaboro e me manifesto. Então, me misturo com o outro. Fissão. Fusão. O silêncio como impulso.

“O Silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.”[10]

O Corpo barulho

Produzo sons. Matéria. Informação. Produzo barulhos. Interfiro no espaço. O barulho como impulso.

O Corpo Fonte

O Corpo vêm da potência. O corpo é potência. O corpo produz potência. Fonte de estados e de dados. A fonte geradora. “As coisas só têm limites claros no real. A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos.”[11] O virtual é potência. A potência é um complexo problemático, e este se atualiza constantemente. “A virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênese do humano.”[12]

O Corpo como Criação

Da potência para a atualização. Para a criação. Reelaboração. Ressignificação. A passagem do corpo cotidiano para o corpo em estado de criação sugere um desenvolvimento da percepção: uma percepção ampliada de si mesmo e ao mesmo tempo focada em seus mínimos detalhes.

O Corpo Mídia

Meio. Peso. Ar. Rede. Canal. Suporte. Estrutura. Instabilidade e estabilidade. Silêncio. Barulho. Fonte. Criação.

O corpo como meio é a comunicação através de nós mesmos. Cru. Pouco. Possuímos-nos, nos somos. Ampliando e ativando nossas capacidades e desenvolvendo canais de criação. Podemos ser meio para. Meios condutores, ligando uma coisa a outra. Uma ideia a uma pessoa. Uma prática a uma ideia. Um corpo ao outro.

Somos a mídia. Somos o meio. Corpo: meio através do qual trafegam fluxos.

2.

O corpo cotidiano

Molar, molecular, fuga[13]. As linhas de Deleuze dizem respeito a experiência social dos seres humanos e de que maneira eles combinam a esfera individual e a coletiva. O corpo cotidiano manifesta variações no seu comportamento mas em geral obedece aos códigos sociais: acordos informais que versam sobre o corpo e a mente. Como devem se portar em público, como devem viver suas vidas, que objetivos são importantes, que ideias são nobres, e que práticas são aceitáveis.

Os corpos se comunicam a partir da relação com essas regras coletivas: se adequando totalmente a elas, fugindo um pouco ao padrão ou extravasando completamente. Fisicamente, demonstram esses comportamentos, através das posturas, maneiras de andar, de falar, de se relacionar com o outro, de respirar. Observamos na grande maioria dos corpos uma não expressão plena de suas possibilidades e potencialidades e isso pode ser explicado a partir de várias razões.

“Em uma pessoa aberta e saudável o sentimento flui facilmente e se transforma em expressão. Um intenso sentimento de tristeza espontaneamente se transforma em uma mandíbula trêmula, lágrima e choro. Em uma pessoa com bloqueios emocionais, a tensão muscular crônica interrompe esse fluxo. Por exemplo, ao bloquearmos a expressão de tristeza, nós enrijecemos a mandíbula, o tórax, o estômago, o diafragma e alguns músculos da garganta e do rosto-todas as áreas que se movem espontaneamente quando é permitido ao sentimento sua válvula de escape natural. Se a tristeza for intensa e duradoura e o bloqueio continuar, a tensão se transformará em hábito e a capacidade de expressar-se ficará tolhida. Com o desenvolvimento do hábito, a consciência atenua-se. O sentimento em si mesmo pode escapar ao consciente e as situações que lhe deram origem podem ser evitadas. É a esse hábito e à falta de consciência que estamos chamando de bloqueio.”[14]

O hábito pode ser explicado de várias maneiras que se complementam. As ciências sociais falam de regras e aprendizados sociais. A biologia fala de genética. A psicologia fala das reações de uma pessoa nos primeiros anos da infância, resultando em bloqueios, traumas, e imagens de si mesmo, e de como estas vão marcar corporalmente toda sua vida.

J.-D Nasio explica um pouco da teoria de Françoise Dolto, inserido na psicanálise contemporânea, das imagens inconscientes do próprio corpo até os três anos de idade, antes do domínio completo da palavra e do contato com o espelho. Lacan realizou um passo importante nessa área, ao analisar a criança de três anos e esse contato. Ao ver sua imagem refletida, a criança se daria conta de seu duplo, se entusiasmando e ficando feliz - seria a imagem espetacular do corpo. Dolto dá um passo adiante, ao analisar a etapa decepcionante dessa descoberta:

“É essa segunda descoberta decepcionante da imagem espetacular de si, que nos importa agora, porque é em reação a esse desencantamento que a criança esquece as imagens inconscientes do corpo para se deleitar com as imagens lisonjeadoras do parecer. Explico-me. Quando a cri-

ança percebe que a imagem que ela dá a ver aos outros é sua imagem no espelho, e que essa imagem não é ela, que os outros só têm acesso á ela pelo que ela dá a ver, com isso ela privilegia as aparências, e negligencia suas sensações internas (...)A amargura da desilusão dá lugar á astúcia inocente que uma criança que utiliza sua imagem espetacular em prol de seu narcisismo: “uma vez que as imagens do espelho me enganaram, pois bem, agora sou eu que vou enganar o mundo com a minha imagem!”[15]

Seria a partir dessa primeira aparência externa promovida pelo espelho que a criança desenvolveria sua relação com o outro no decorrer de toda sua vida. Um duplo que não encontra correspondência com o corpo que reflete, pois é feito de outra substância. Aparentemente, mas apenas, é o mesmo corpo. (((((Nos relacionaríamos então, com os outros e talvez até consigo mesmo, a partir de um duplo falso de si.)))))) Que imagens falsas seriam essas? Quais seriam as imagens autênticas que teríamos perdido? De acordo com Dolto seriam aquelas promovidas pelas sensações causadas pelo contato “carnal, afetivo e simbólico com a mãe”[16], antes dos três anos. As sensações físicas do contato com o outro produziram imagens do próprio corpo.

Seja na primeira infância ou durante a vida inteira, o contato com o outro é um fator relevante marcante para o comportamento do corpo individual. O outro: humano, espaço, tempo, objeto, bicho. Si mesmo como outro. Relação.

3. O Corpo em Estado de Criação

A passagem do corpo cotidiano para o corpo em estado de criação sugere um desenvolvimento da percepção: uma percepção ampliada de si mesmo e ao mesmo tempo focada em seus mínimos detalhes: o próprio corpo e os outros corpos; o tempo, passado, presente e futuro; o espaço e como ele se configura; as geometrias arquitetônicas criadas pelos seres humanos, construções em um espaço que aos poucos perde sua característica selvagem, rústica, dominada pelos processos meteorológicos, geológicos em longo prazo, e adota uma característica da construção. O humano observa, elabora e age sobre o espaço, modificando-o, se protegendo das intempéries e dominando-o, assim como tudo que abriga: natureza animal, vegetal e mineral. O corpo se situa nesse espaço e se relaciona com ele.

“Nós nos movemos. E o conjunto caótico de nossas respostas produz a transformação geral”[17]

Deleuze fala de rizoma Sistemas a-centrados. Qualquer ponto do rizoma pode se conectar a outro ponto. Essas conexões podem ser quebradas e refeitas. O sujeito é múltiplo e passível de mudança. No corpo em estado de criação, o rizoma pode ser tudo - o próprio corpo e tudo que o circunda, fisicamente, emocionalmente, psicologicamente e mentalmente. Tudo é passível de conexão e essa pode ser realizada de diversas maneiras. Sutilmente ou incisivamente, o corpo estabelece pontes de comunicação. Essas pontes são caminhos, através dos quais ele se torna presente. Esses caminhos são a criação. Não há um objetivo final, apenas o processo em si, vivenciar os caminhos.

O corpo se torna então tempo e espaço ele mesmo, um microcosmo. Ou seria até mesmo um macrocosmo?

Cosmo. [Do gr. Kósmos, pelo lat. Cosmu] S. m. O universo. Cosm(o) [Do gr. Kósmos, ou 'ordem'; 'disciplina'; 'organização'; 'a ordem do universo'; 'universo'; 'mundo'[18]

Nesse “corpo-espaço-tempo”, coisas acontecem. Trafegam fluxos, permanecem estruturas. Ação e estrutura ao mesmo tempo. Forma e conteúdo em mutação, ou em aprofundamento daquilo que reincide e que de alguma forma é interessante. Essas podem ser as estruturas que permanecem, porém estruturas maleáveis, que mudam de acordo com outras mudanças relevantes a ponto de questionarem a importância dessas estruturas.

4.

Corpo-Mídia = Corpo em Estado de Criação

(((O corpo em estado de criação seria portanto o corpo como meio através do qual trafegam fluxos. Seria a possibilidade de acessarmos as primeiras imagens esquecidas de nós mesmos? Seriam elas mais autênticas do que as aprendidas e desenvolvidas posteriormente aos três anos de idade? Independente dessa resposta, o corpo em estado de criação sugere uma aproximação de si e do outro, a partir da percepção corpórea. Essa, por sua vez, altera a percepção mental. O momento presente como resultado do passado. O corpo momentâneo : marcas de sua estória passada.)))))

O corpo como canal é o corpo disponível para a criação, para o movimento. Esse canal, ou esse meio, é uma estrutura - o corpo. Estrutura, porém, maleável, tanto em termos físicos e mentais como em termos de maneiras de perceber as coisas. A percepção é uma das chaves para a criação. Através dessa estrutura, percorrem movimentos. Seria o movimento ele mesmo uma estrutura? E o corpo ele mesmo um fluxo? Provavelmente.

Referências bibliográficas

- BESKOW, DANIELA ALVARES. Sobre o Silêncio Não publicado. 2003
- DELEUZE, GILLES E GUATTARI, FÉLIX. Tradução de Suely Rolnik Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia. RJ, Editora 34, 1995.
- DELEUZE, GILLES. Bergsonismo. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed.34, 1999.
- FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa 3ª ed. Totalmente rev. e ampli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1556
- LÉVY, PIERRE; tradução de Paulo Neves. O que é o Virtual. 1ª edição. SP: Editora 34, 1996. P.32
- LÉVY, PIERRE. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Cibercultura. SP: Editora 34, 1999.
- LÉVY, PIERRE. Tradução Paulo Neves. A inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. SP: Editora 34,1998.
- KRISHNAMURTI. Viagem por um Mar desconhecido. SP. Editora Três: 1973.
- KURTZ, RON e PRESTERA, HECTOR. O Corpo Revela. Um Guia para a Leitura Corporal. Tradução de Maria Aparecida Barros. 3ª edição. SP: Summus Editorial, 1989.
- NASIO, J.-D. Meu corpo e suas imagens Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- ORLANDI, ENI PUCCINELLI. As Formas do Silêncio. No movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Notas

- [1] FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa 3ª ed. Totalmente rev. e ampli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1556
- [2] FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa 3ª edição. Totalmente revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1556
- [3] LÉVY, PIERRE; tradução de Paulo Neves O que é o Virtual. 1ª edição. SP: Editora 34, 1996. p.16

- [4] FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa 3ª edição. Totalmente revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1556
- [5] Sinônimos para “ Consistência”. INSTITUO ANTÔNIO DE LEXICO-GRAFIA E BANCO DE DADOS DA LÍNGUA PORTUGUESA S/C LTDA. Dicionário de Sinônimos e Antônimos Rio de Janeiro: objetiva, 2003. p. 163
- [6] LÉVY, PIERRE; tradução de Paulo Neves. O que é o Virtual. 1ª edição. SP: Editora 34, 1996. P.32
- [7] DELEUZE, GILLES E GUATARRI, FÉLIX. Tradução de Suely Rolnik Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia. RJ, Editora 34, 1995, p. 17
- [8] DELEUZE, GILLES. Bergsonismo. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed.34, 1999. P.8
- [9] BESKOW, DANIELA ALVARES. Sobre o Silêncio Não publicado. 2003
- [10] ORLANDI, ENI PUCCINELLI. As Formas do Silêncio. No movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. P; 13
- [11] LÉVY, PIERRE; tradução de Paulo Neves. O que é o Virtual. 1ª edição. SP: Editora 34, 1996. p. 25
- [12] LÉVY, PIERRE; tradução de Paulo Neves. O que é o Virtual. 1ª edição. SP: Editora 34, 1996. p. 33
- [13] “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras.” DELEUZE, GILLES e GUATARRI, FÉLIX. Tradução de Suely Rolnik. Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. RJ, Editora 34, 1995, p. 7
- [14] KURTZ, RON e PRESTERA, HECTOR. O Corpo Revela. Um Guia para a Leitura Corporal. Tradução de Maria Aparecida Barros. 3ª edição. SP: Summus Editorial, 1989. p. 28
- [15] NASIO, J.-D. Meu corpo e suas imagens Tradução André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed: 2009, pp 20-21.
- [16] NASIO, J.-D Meu corpo e suas imagens Tradução André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed: 2009, pp 20.
- [17] LÉVY, PIERRE. Tradução Paulo Neves. A inteligencia Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. SP: Editora 34, 1998. p. 13.
- [18] FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa 3ª ed. Totalmente rev. e ampli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 568

anti.projeto

Wanderlyne Selva

2009 começou e terminou sob o signo da tormenta.

Em 2010 toda a América Latina ensaia ações globais de protesto ao patriarcado disfarçado de irmãozinho. Entre nossos pares instala-se o conformismo e a apatia. Entrevê-se o caminho à descolonialidade, a hora de parar de blá blá blá e finalmente criar a gratuidade que antevemos em sistemas, programas e bandas largas. Viva o C2C (cara-a-cara)! Enxergando o inimigo no meio das magníficas cores de hortaliças transgênicas. A morte em cada rabada. O terror dos hormônios que disparam óvulos. Só mudamos fora de nossas zonas de conforto. Precisamos dos distúrbios para voltar mais fortes, afinal o que fazemos aqui neste planeta? E com xs outrxs? Tudo se conecta a tudo. Se você continua preso, mesmo tendo um nível de compreensão de toda a situação, cabe só a você afastar aqueles e aquilo que o prejudica. O erro está contigo camarada. Mimamos demais vocês!

\$abemos da ganância pelo vil óleo, da troca alienada, das corrompidas subjetividades autônomas, e ainda assim determinamos nossa potência pessoal e coletiva em torno desta abstração: o projeto. Aí vamos gastar com bungee, nestlé, johson e johnson, aluguel, carro, pedágio, discutindo diretrizes... com tanta coisa por fazer, finalizar, refletir, analisar, avaliar, consultar, recriar, fortalecer, reciclar, ocupar. Projetos já aprovados sem discussão profunda ou proposta de ação de fato coletiva. Mas o que o "trabalho" significa para você: ação, dinheiro, status? Muito verniz e pouca raiz! Grupinho de amigos dedicado a concentrar discursos, desperdiçando e usando para fruto pessoal as "ações", impossibilitando as mudanças de fato, enfraquecendo a própria vizinhança. Aquelxs lá da época do barraco de pau da pedreira... pessoas, amigxs, que nunca quiseram nada em troca, sem contrapartida, sem equipamento, sem nota de táxi, sem ego, sem aditivos, queriam é fazer. De tanto projeto escrito, quais resistências de fato? Vá, sem ufanismo, por favor... o povo quer saber cadê? Teus belos escritos que ajudam ao governo aliviar-se de seu trabalho duro, é aquilo que agora nos escraviza. De que lado você samba? As mulheres que adentram o seletivo "coletivo" acabam por fazer funções administrativas, burocráticas, o menos acadêmico possível veja bem... os pepinos e os abacaxis... Enquanto a carne é servida por mais outros escravos, natureza, animal, pessoas, servida pronta e sem questionamentos, semi-automática, fortalecendo as indústrias e instituições de "cultura" e "alimentação". Contraditório, hipócrita. A lei do mínimo esforço.

Cadê a militância, perdidas em quais zonas de conforto? E quando acabar os fast-wikis? Encontramos vocês nos papéis de servidorxs públicos, e ainda engessadxs. Cadê os hippies do governo? Já se mudaram para Brasília? Já adquiriram com seu trabalho, vida e esquizo coerência política, suada à trepadas, a endeusada chapa branca? Todos cheios de dinheiro e a mão travada no bolso. Em 2003, fazíamos encontros internacionais pela força das ideias e movimentos. Dois anos depois, cooptadoxs, mentíamos em relatórios, falsificávamos algumas notas, sem dar conta do que escrevíamos, impregnando nossos próprios projetos, aqueles que teriam que ser referência, de convivências regadas a químicas, sem finalizar nada com carinho ou se aprofundar numa análise política - afinal quando estaremos prontos para responder, livre porque é software livre ou livre porque não tem o rabo preso? Tudo depois, afinal, vira gráfico-quantitativo. Ainda se ganha prêmio! Dê conta de um só! A situação urge! Em 2008, depois de criadas as próprias associações, e suas tarefas de aprovadores de projetos, abstraída a ideia da autonomia descentralizada, tecnocracia atualizada. Em 2009, partida ganha!

Mas estamos aqui, neste novo ano, em um patamar diferente do planeta. Habitamos um momento em que transformamos nossos atos, nosso cotidiano, em um movimento social. Não é prá ser um desfile de vaidades, ou quem aprova mais, qual a prestação de contas mais perfeita, o planejamento mais detalhado ou o caráter mais purista dx “proponente”. Vamos para baixo e para a esquerda. Para que estudamos, idealizamos movimentos e ajudamos a criar os devires, se não for para mudar? Este é o momento de vestir a camisa, cadê a ideologia principal? Nossa passagem neste planeta é para deixá-lo como está? Seguir como servos de cegos avatares? Nós e xs nossxs próprixs amigxs? Bem, pois preferimos dizer o que achamos, o que pensamos para as pessoas que amamos. Preste por favor atenção dobrada às pessoas que estão falando neste momento. Não somos x inimigx mas tornamo-nos destoaantes. Reflita sobre o porquê. Observar o geral, o bem maior. Tentar sim e sempre mudar as coisas, não se conformar, refletir sobre as críticas que vêm de dentro, esse é o maior desafio. Não nos escravizar, não usar nossos discursos para esvaziá-los, queremos um feminismo de práticas contagiantes! Cessar com os patamares irreais de padrão de consumo, de conforto, de vida fácil. Alguém ainda terá que fazer o trabalho sujo, aquelx que tece cotidianos. E afinal o que é o governo, a bolsa da ONG, o edital cultural? Vaidade e \$. Ponto. Uma forma de prostituição, mais vil do que a feminina, em troca de um lugar ao sol, à

procura de mais uma zona de conforto. A prostituição das ideias dx próxima a seu favor. Uma forma maquiadinha, mais fashion de dominação. Manutenção dos desejos do próprio umbigo, colado no sistema parasita. Você meu caro, mantendo o podre sistema que seus filhos vão herdar. Enchafurdadinho na podridão. Excluindo fulano mais perto, pelo sicrano mais longe, com quem posso me beneficiar mais no futuro. Tá feio minha gente! As pessoas estão sabendo, já é conversa de comadre.

Mas com um ayahuasca passamos a ver as coisas com mais clareza. E sabemos mais do que ninguém porque um dia estivemos dentro. E agora vamos nos projetar para o futuro. Se acharem que temos algum sentido, estamos dispostas a colaborar. Mas também estamos prontas para o rompimento. Cabe a vocês escolherem se querem continuar com quem não se corrompeu, ou continuam na insustentabilidade das belas falas sem práticas. Enquanto as fraldas, o orçamento, a limpeza da boca do fogão, ainda é feita por aquela que empacotou a vitela, ou que a comprou para seu maridinho, coitada... nem gosta... de meninas machistas e irmãozinhos sem com-paixão, que têm amor como uma baba correndo pela boca e práticas frias, nos insurgimos em distintas formas de união e solidariedade. Este texto é uma delas.

As meninas
enviado por Wanderlynne Selva

SUB-POESIA

**(inspirada em sub-textos
compartilhados
e processos de imersão)**

Morgana Gomes

*e do planalto da Bahia
surge uma sub-poesia
vai metendo o seu bedelho
quase que meio sem jeito
que os versos, nós sabemos,
não agradam a qualquer pleito
quanto mais versos ousados
oh! malditos versos feitos!*

*mas se fala de um direito
que é o de se comunicar
as ideias exprimir
pôr a mente pra pensar
pôr o corpo pra fazer
os dois juntos, misturar
verso-prosa, não importa
vamos desorganizar*

*a não ser que se pretenda
copiar certos valores
tec-tecno-burocratas
cientistas, inventores
mas ouviu-se do outro lado:
- sois artistas, meus senhores!*

*e para além deste discurso
mais-que-meta-discursivo
que já deu em confusão
nos mais diversos doutos ciclos
vai-se entrando em corpo lento
preenchendo os interstícios
os poemas, os intrusos
só pra quem sabe o que pensa
vai quebrando o protocolo
vai falando sem licença*

*sobre os tais gritos heróicos
das imerso-convivências
há de se saber viver
no limite da existência
dos afetos transversais
imunodeficiências
a moral partindo ao longe
deixa a artificiência
e haja fé, filosofia
haja ação esta eloquência*

*revolver é sempre a ordem
nosso ato de pertença
ao contrário estaríamos
na igreja ou na doença
dos impulsos capitais
nossa contra resistência
mas do vício do poder
faz-se a sub-dissidência*

*de todas as dicotomias
em fase de desconstrução
seja prática-teoria
des.sub.jetivação
ciência-filosofia
os sentidos, a razão
coisas da modernidade
ou de quem se faz cristão
só não sei se foi escolha
a nossa triste educação*

*entendendo uma coisa antiga
sobre os corpos em fusão
e que há tempos o perigo
é que faz composição
se buscamos desafios*

natureza em evolução
 faz-se então do que é conflito
 mola de subversão
 neste campo que é minado
 haja truques de espião
 haja versos que não rimam
 haja o dom da traição
 donde vem o pensamento
 em sua livre transição
 crença que então nos move
 pela tal libertação

redes são conectadas
 pra buscar sustentação
 táticas desviacionistas
 agem feito infiltração
 nas paredes de um sistema
 que não traz satisfação
 pela net ou pelas ruas
 processos de revolução
 das técnicas, dos logos
 dos conceitos, da visão
 de como o mundo se encontra
 em vista de uma transformação
 sempre à frente que a história
 já negou sua tradição
 e o homem, ordinário
 retomou sua posição
 vai agindo dia a dia
 inventando a contra-mão
 no Brasil não falta arte
 pois não falta é artesanato

e se o tempo-espaço próprio
 realmente não existir
 se podemos retomá-los
 se podemos não servir
 se nos fartam os modelos
 se queremos intervir
 há de se saber andar
 há de se fazer devir
 há estradas a inventar

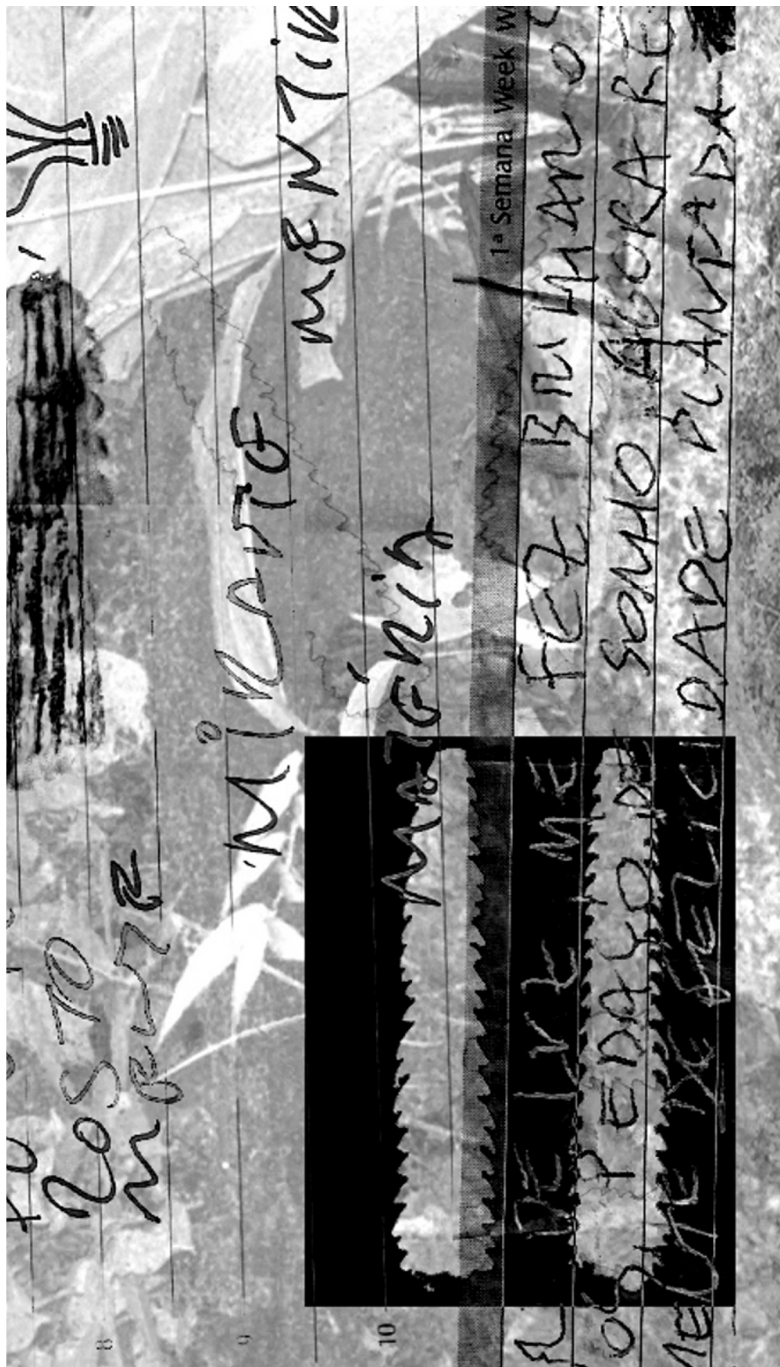
há caminhos a descobrir
 no campo da experiência
 pensamento a prosseguir
 pois o mundo nunca pronto
 não se sabe onde vai dar
 é possível que a ciência
 venha a se atrapalhar
 é possível que os deuses
 se descubram sem altar
 só andando passo a passo
 (faz-se uma graça pra animar)
 talvez, quem sabe, descobramos
 o segredo de trilhar
 por ladrilhos menos falsos
 onde a vida faz dançar
 ainda que sem aplausos
 de esta mídia estrelar
 pois antes mesmo disto tudo
 não faltava água nem ar
 não faltava a mata verde
 nem a terra a abençoar
 o destino desta gente
 que não sabe onde parar
 e quem quiser faça sua parte
 que o silêncio não faz par

[sub-poema]

Rogério Borovik

*Passa a régua de 4 no ato
da limítrofe paixão subliminar
da experiência sinestésica
da ardência do fogo de fátuo
foi de areia em areia
de mar em mar
de del(ete) em del(eite)
às arraias do desespero
ao aconchego do larópio
ao pré conceito do sujeito
além da linha dos horizontes
[aonde as paralelas se encontram]
mentiu, traiu, ficou em andrajos
mendigou, praguejou & até (vejam só) chorou
depois esqueceu, depois ainda lembrou.
& então cuspiu, escarrado no seu ser.
Nasceu.*



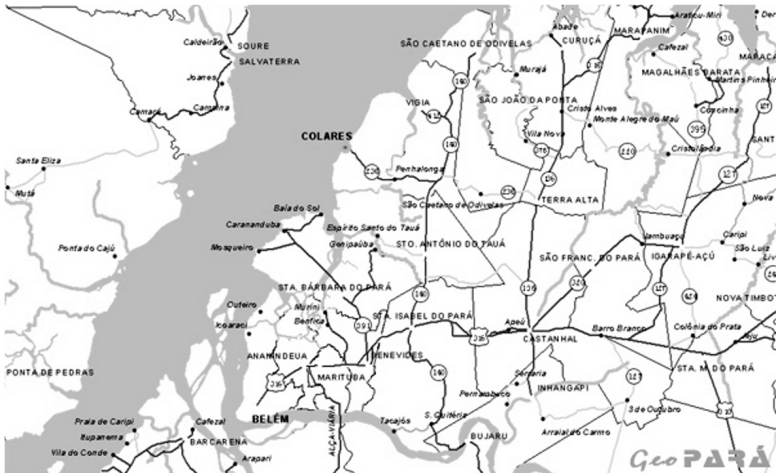


Dispositivo - experiência 01

Guilherme do Vale Oliveira

OFICINA ELABORADA NO
SUBMIDIALOGIA #4

26/01/2009
ILHA DE COLARES,
REGIÃO PERIMETRAL DE BELÉM,
PARÁ, BRASIL



O templo é sagrado porque não está à venda para culto algum,
o tempo é sagrado porque não pode ser cartografado.

Deliriums tremens, nihil medium. De todas épocas ou regiões, os precursores de uma práxis midiática ontológica, os loucos, os que se não puderam ser considerados parte de todos, mas sob uma sabedoria imane fora dos tempos, fizeram-nos vasculhar as infinitesimalidades da matéria, “virar no tempo” – entrever, a cada instante, uma ordenação se fazendo em meio ao caos. Informação enquanto multiplicidades dê-organificações. O “ideal” é a alteridade. Virtuose imagético-linguística de todas as inquietações, marcas, perturbações, dores, experiências. Uma constituição de si e da composição com o sempre outro sendo entrevista e revista a cada geração: o folhetim é apenas um pas-

sa-tempo, onde cada para-doxa, cada opinião contrária no embate incansável da comunicação, enfada-nos e não percebemos se a ignorância e o não-senso são políticas de outrora e hoje nos vemos forçados a então descansar e sentir-nos na preguiça de só assim como queriam os primeiros democratas da mídia, os norte-americanos em sua legislação pós-Guerra Civil, seguir em frente como uma sociedade sem fins lucrativos.

(...) Um corpo, que não é nem coletivo nem individual, mas incidindo numa pré-individualidade simultaneamente a sua individuação – tautologia ou duplo-sentido da interpretação e da feitura da multidão: brincar de estarmos juntos, reiterar as singularidades que não são senão, as infinitas faces de deuses. Uma abordagem propícia ao Absurdo¹:

Tornarmo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos ao ponto de já não sabermos quem somos. Porque, de resto, nós o que somos é esfinges falsas e não sabemos o que somos realmente. O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios. O absurdo é o divino.

Estabelecer teorias, pensando-as paciente e honestamente, só para depois agirmos contra elas – agirmos e justificar as nossas ações com teorias que as condenam. Talhar um caminho na vida, e em seguida agir contrariamente a seguir por esse caminho. Ter todos os gestos e todas as atitudes de qualquer coisa que nem somos, nem pretendemos ser, nem pretendemos ser tomados como sendo.

Comprar livros para não os ler; ir a concertos nem para ouvir a música nem para ver quem lá está; dar longos passeios por estar farto de andar e ir passar dias no campo só porque o campo nos aborrece.

Então, pragmáticas: não é tão somente dizer que “uma cultura” nos une, uma identidade nos determina – a localidade e a temporalidade desmentem este fator emblemático do símbolo na natureza. Fazer, desfazer, afazer. Elaborar, erigir, construir, modificar, destruir. Esboçar, delinear. Um traço sem rastro. Diferentes intensidades, mas não há no engenho ou no empenho alguma diferença que não seja produção de um comum: a composição – estratégias, táticas, modos de efetuar (tornar-se) o que se é (nem um, nem dois, nem três... sabe-se se lá quantos, embora aqui resida toda a sabotagem). A personalidade se mascara, o caráter se corrompe. Mas de fato, isto atrapalha? Não surgimos em comum novamente, sendo assim, outros em identidade com o fluxo de transformações – materiais-imateriais?

A equivocidade do caminho e o fim²: “Andamos sem direção fixa, mas com um fim (qual?) e para chegar ao fim. Busca do fim, terror ante o fim: o agente e o revés do mesmo ato. Sem esse fim que nos elude constantemente nem caminharíamos nem haveriam caminhos. Mas o fim é a refutação e a condenação do caminho: ao fim o caminho se dissolve, o encontro se dissipa. E o fim – também se dissipa.”

As verdades são históricas, são acontecimentos de uma incompreensão descomunal (pática, do páthos) de sua realidade tamanho o irreconhecimento de si e de seu tempo, devido aos movimentosos ideais, instantes... “Voltar a caminhar, ir de novo ao encontro”... observo, absorvo, obsesso, abduco do gosto e vou-me nas abscissas abertas embora já fora outrora, me esqueci ao adentrar... “(...) enquanto se caminha ao encontro de... O caminho também desaparece enquanto o penso, enquanto o digo.” A verdade é como um contrato, tratamento de multidões. A cada atualização, reconfiguração dos fragmentos e dispersão dos centros na formação de fluxos até então inexistentes, uma nova constituição, um novo organismo. A gravidade do instante nos retorna sempre ao fato de persistir, resistir, experiência dita saber ao consistir perante os abalos sísmicos dos territórios do corpo, estranho pulcro do buraco negro.

“A fixidez é momentânea, um equilíbrio, ao mesmo tempo precário e perfeito que a mínima alteração alcança a cada instante. (...) cada metamorfose, a sua vez, é outro momento de fixidez ao que sucede uma nova alteração e outro insólito equilíbrio”... Nada é só e nada é sólido; um virtual que não está preso às imagens, que não devem se fixar como verdades absolutas por natureza, nem por cultura alguma. “Devo dizer que a forma do câmbio é a fixidez ou, mais exatamente, que o câmbio é uma incessante busca de fixidez? Nostalgia da inércia [do uno?]: a preguiça e seus paraísos congelados.” Contra o senhorio do medo e seu lauto par, a preguiça, deve-se ver na razão não a razão de seguir um projeto, uma linha, mas um artifício para se desdobrar sobre si mesmo, autonomia sobre a postura metapsicótica, tal o trabalho do homem ir-racional. Que graça tal paradoxo!... Sobre o virtual ser incessante tal como queriam as instituições religiosas em forjar o poder ao fixá-lo e o amaldiçoavam; ou os gnósticos que o idolatravam, o descobriam e o escondiam...

Acontecimento, a dor, a alteridade, a morte, o movimento: fim, ritorne-lo, eterno-retorno, potencialização e não idealização – o prazer de caminhar, e não a satisfação do fim, está no não-saber quando (ou

aonde) termina. “A sabedoria não esta nem na fixidez nem no câmbio, se não na dialética entre eles. Constante ir e vir: a sabedoria está no instantâneo. É o trânsito. Mas apenas digo trânsito, rompe-se o feitiço. O trânsito não é sabedoria senão um simples ir a... O trânsito se desvanece: só assim é trânsito”.

dispositivo

Mas o que é um dispositivo? [Vale perguntar a cada um, mas] Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações³.

Sensibilidade e captação. Dispor-se – “amanhar o órgão selvagem, desorganizar-se num corpo-sem-orgãos. Disparador de trânsitos. Vitalidade que é diferença, pois afirma o corpo, dessubjetivando-se em disposição: “somos diferença, nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras.”

Um dispositivo é um disparador, de tiros, de linhas, de trizes – traço, quebra, corte, aprofundamento, intervenção em regimes, invenção de estratégias, práticas de condutas, de posturas, de ordens, num “aparelho” de configurações dos fluxos: de fato, nada se ordena aqui sem estabelecer um desordenamento, uma outra disposição de atuação. Mas a questão não é a quantidade de linhas ou para onde elas levam. Na verdade, quanto menos linhas, mais disposição.

John Cage nos “musica” uma escuta do zen: uma mente ocupada por linhas está inclinada a se fechar. Daí também a importância de um silenciamento, de uma abertura, ele diria, para a música do mundo...

Se for assim, que as breves e inconstantes confabulações sobre o que nos dispõe a algo: a vida, o poder, o saber, a subjetividade, tais projeções, devaneios, revelações, não nos garantirão uma perfeita performance. Uma poésis de éticas enquanto uma ingerência das impotências criadoras, tais imposturas que seriam a escrita e uma voz,

neutra, a captação não deixa de ser uma afirmação de frações que não se efetuam em sua totalidade, mas transmitem-se numa leitura do lapso: lucidez vertiginosa que nunca chegam a possuir uma finalidade a não ser percorrer, incurtir, deslocar. Não se pode efetuar porque por todos os lados da atividade, a afetividade subsiste reminiscência do que constantemente se altera.

Engatilhamento. Deixa-se sempre uma brecha, sabe-se dela, mas não se dá um nome, apenas corporágico silêncio sobre. Meditação ativa, imersão, fé, enquanto poética do atual. A impermanência zen nas operações de chance (não há identidade, só esta escritura das forças): evoca-se a constituição dos corpos, a composição dos compostos, coletivo enquanto essa multiplicidade de forças, agenciando-se por infinitas formações de densidades de partículas em fluxo. E em todos os lugares há essa “uma massa” (uma multitude?) de centro não-luminoso, indiscernível de sua circunferência que está em lugar algum. Buracos negros. Minhocas galácticas. Vias Lácteas. O sal, o enxofre, o mercúrio, o fogo energético.

Um iluminado Poe⁴ diz que inerentemente ao movimento primordial do todo-uno há um desdobramento de um outro movimento neste primeiro (...um segundo, terceiro, ad infinitum...), uma dita existência transitória e constantemente alterando e alterada pelo primeiro; mas que esta (“alterada, perturbada”) é, se não, a causa de todas as coisas, contendo em sua existência a própria potência e dinâmica do desfazer, da aniquilação. “O prazer comunicado é arte”. Alcançar algo de universal e essencial à deriva por um templo elemental infinitesimal.

Há linhas de sedimentação, diz Foucault, mas também há linhas de “fissura”, de “fratura”. Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho em terreno”. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal.

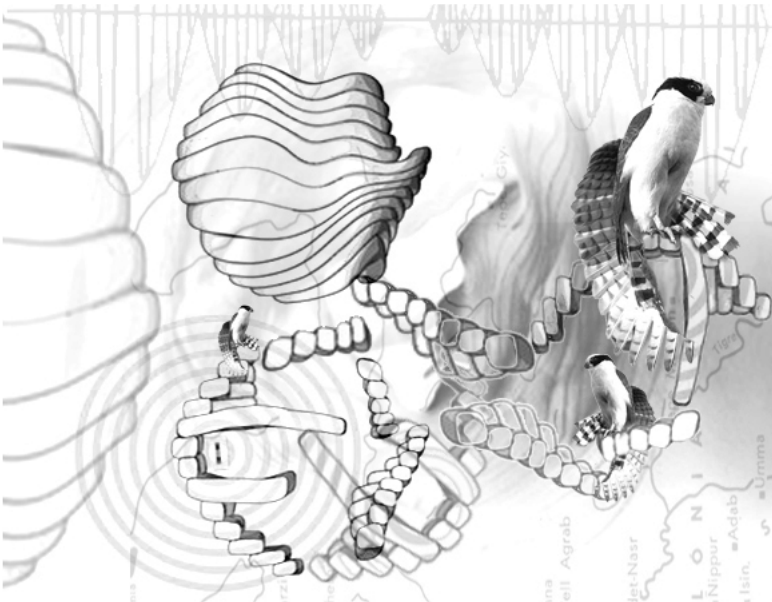
O sofrimento é a única causa da consciência, aliciou um Dostoievski. Religiões e filosofias, técnicas e instrumentos reiteraram discursos, com abordagens diferentes, mas com o mesmo intuito de fazer esta potência e dinâmica, e por assim dizer, “modular a consciência”, pura duração: modular a captação-ação, na imersão dos funcionamentos e os movimentos incólumes da vida. Qual é o centro obscuro e a circunfe-

rência invisível?

Genealogização das potências. Rever os passos tomados nos hábitos. Aprender como alterar-se, na dinâmica de-composição das corporações, onde a visão do mundo é a forma como está se formando uma aptidão para a capacidade de atuarmos nele. Mais uma vez, do que somos capazes? A postura frente o mundo – inscrever-se neste, delata-lo ao tornar-se diferenciação.

Nietzsche dizia, 'agir contra o tempo, e assim, sobre o tempo, em favor de um tempo futuro'. Porque o que se mostra como atual, ou o novo, em Foucault, é o que Nietzsche chamava o intempestivo, o inatual, esse devir que bifurca com a história, um diagnóstico que faz prosseguir a análise por outros caminhos. Não se trata de predizer, mas estar atento ao desconhecido que bate à nossa porta.

- Conjunto de verbalizações, movimentos e visões para conceber um tipo de fluxo adentro.
- aquilo que dispõe; norma, preceito, artigo
- disposição particular das diferentes partes de um aparelho ou máquina



- em máquinas, peça ou mecanismo com uma função especial
- aparelho construído com determinado fim; engenho
- conjunto de ações planejadas e coordenadas, implantadas por uma administração, visando a algo
- Rubrica: informática.
- conjunto de componentes físicos ou lógicos que integram ou estão conectados a um computador, e que constituem um ente capaz de transferir, armazenar ou processar dados
- Rubrica: termo jurídico.
- trecho que contém aquilo que se decide numa lei, declaração ou sentença
- Rubrica: termo jurídico.
- m.q. decisório (s.m.)
- Rubrica: termo militar.
- formação de uma unidade de combate.

experiência

“as geografias solenes dos limites humanos...”

Presentificação dos sentires. A percepção como forma de captar potência, a aventura existencial de desenhar-se por simulacros, afecções enquanto consciência da dor, da morte, das transformações. Consciência



e morte, puros movimentos. Captação de posturas, encarnação de desvios, desencarno de espíritos. Modulação de potencialidades. A elaboração mesma de um corpo enquanto linguagem, expressão de um conhecimento enquanto vitalidade. Um corpo que aprende a dar golpes e aprende a recebê-los, num combate de forças sem fim. Eis a união, força que corre em e entre as coisas, atravessando-nos, contra nós e tudo o mais. Existência em experimentação: um “espírito-livre” ou – uma ética de desintegração (!).

A precisão alcançada numa descrição atenta da sensação não deve ser igual a uma outra inserção dos devires pelo acontecimento. No entanto, esta mesma precisão deve ser alcançada por aquele que presenciar, mais intensamente, as variações do corpo que se acontecem.

A sensação não será a mesma, mas a capacidade de fazer emergir as combinatórias relações infinitesimais entre as coisas deverá atravessar o campo do provável.

veredas do veneno: uma farmacopéia do artifício

*“Have you ever been experienced?
Not really stoned, but... beautiful.”*

"Insistindo nos paradigmas estéticos, gostaria de sublinhar que, especialmente no registro das práticas 'psi', tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição."

A invenção do vital: a vida já é o simulacro da energia. Trabalham-se os movimentos físicos, biológicos e químicos, quânticos e matemáticos, enquanto ordens de essência de cada transformação do acontecimento. A ordem da essência é a perspectiva de atuação sobre o todo, já que está não é senão uma imagem do mesmo.

Despertar ao amanhecer. Acordam-se juntos, despregam-se do chão ao chacoalhar das correntezas internas. Transcrever alguma imagem ou idéia do “abrir os olhos”. Observar, ainda em meio ao torpor da razão, o que se inflama ou o que contrai no corpo. Uma imagem, uma idéia, uma lembrança, um órgão, um músculo ou um nervo. Os sonhos, as dores ou os lampejos de intuição são percepções das sutis intensidades em movimentação, já na feitura do que está sendo e captado.

O signo, no caso, a palavra (poderia ter sido mesmo uma imagem, um desenho, uma música, leituras diferentes das intensidades), fotografa o instante da consciência desta “irradiação” que, não por acaso, ainda insiste.

A poção já está feita. Micro-ponto e mesalina são os escolhidos. Gesto simbólico inicial para um procedimento e sua prudência, devendo ser tratado com tal, para nos tratarmos devidamente. Os alcalinos, tóxicos naturais de muitas plantas e que em altas doses é mortal como qualquer outro veneno, desfoforizados e hidrogenados quando ingeridos, são assimilados pelo corpo, primeiro, em forma de serotonina que, em produção de larga escala, é facilmente convertida em moléculas como a bufotenina, potente neuro-transmissor sinestésico.

Lê-se um espaço; descobre-se sua história dos subterrâneos fetais; fazer aparecer as coordenadas, as automações, as reflexões: impregna-se de suas sensações, dos transeuntes nas ruas, vemos o que somos enquanto deixando-se de ser; da manhã raiando e os olhares ainda nos sonhos do dia, as quinas das casas e dos telhados pelos cortes de luz das nuvens, no contorno do horizonte as águas, a coincidem com alucinação de nossa alteridade, do devir.

Distorcer a sedimentação das impressões da realidade tomada pela consciência cotidiana (imagem poética do instante), formando uma membrana de imagens-juízos sobre o porvir que devém. O medo instaura-se nas imagens intocáveis, aquelas que atinam ao não-entendimento do perecer, do mutável.

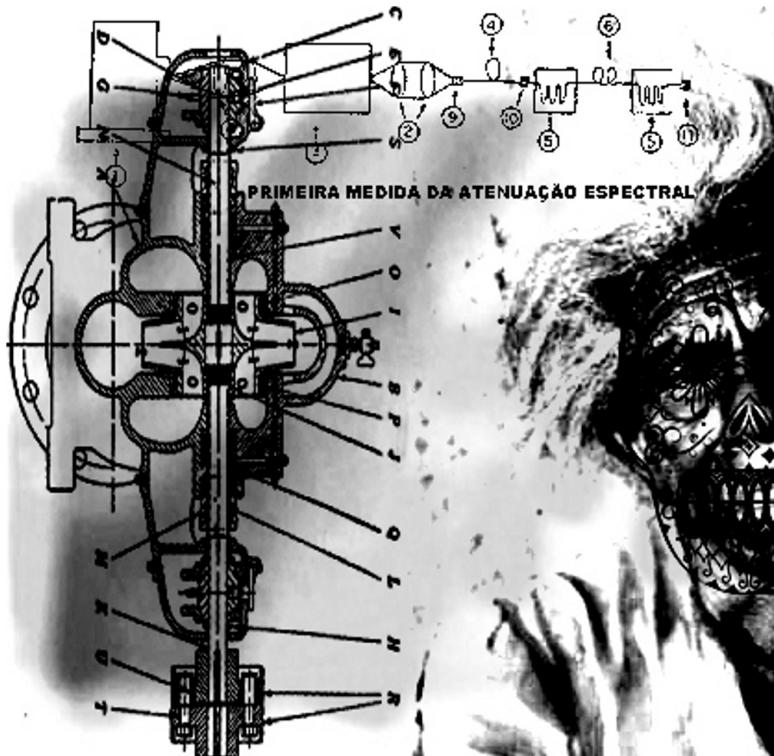
Atualização – o dispositivo leva consigo o seu próprio veneno (os psicotropicismos, as discordâncias, as intrigas, as perdições, a arraia). Percebemos os contornos anteriormente, cada um de nós, ainda inconscientemente, na disposição de algo ainda que estava porvir...

O que estão à tona no corpo e/ou na mente? Vê-se que na manifestação singular das partes, a integridade do corpo é abalada, este também sendo uma parte de algo infinitamente maior e menor. A arte da provocação das profundidades imersíveis e suspensas - eis o corpo antena: cada mal-estar, cada incômodo, algo nos atravessando: a contração, a transmissão, deslocamentos à constâncias de nossa capacidade (vontade) de potência. O que se revela de forma também singular – uma sempre “outra” imanência – é uma visão única e irrevogável de si.

(focagens) Cuidar de um silêncio que subsiste do inconsciente, penetrando-o aos poucos. Nada mais jaz abaixo ou acima, superfície plena... Ilusão, alucinação, razão, verdade, percepções diferentes sobre uma virtualidade incognoscível. Aplica-se nos devaneios soltos. Confabula-os como se fossem histórias, pequenos contos da inexistência – mas real. A imaginação ainda está desvinculada da projeção de representações funcionais como para realizar atividades delimitadas. Ainda estamos no incálculo do tempo, o que nos reconcilia com outros, vemos que nos expressamos diferentes das velocidades simplesmente que se desregulam do insistido – imersão ao micro-cotidiano...

Um pequeno jejum, para que o corpo ainda não perca esta sensação de calma...

Comunicar com os outros apenas com o corpo. Ou mais, a existência enquanto meio de comunicação – trespassar limites das consistências



e das velocidades. A beleza é analogia: “espero que não seja nunca tarde demais para não aprendermos a ver através da escuridão que se acerca...”

Andar por aí, como quem não quer nada. Vislumbrar as inquietações vistas com o corpo ainda nu, respirando ar fresco pelas errâncias da desatenção. Entorpecer a moral vã, juízos preguiçosos e deslumbrados pelo arrebatamento do acontecimento. O medo, uma afecção, não obstante necessária, que é pressentida como não-natural ou indevida e temida ainda opera o desejo.

Quase não se suportar mais (quanta fraqueza nossa...), ceder aos embalos dos hábitos...

Mais uma vez, a beleza é analógica – comunicar pela própria expressão de existência o prazer de um arrebatamento vital incomunicável (... revigoradamente desconhecível?)⁵;

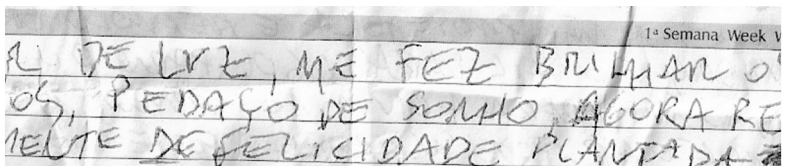
Arquivos dispersos-singulares para a constituição de um coletivo virtual

(poética do espírito ou o corpoutro: decifrar a história, agir no tempo, extrair o devir-multidão)

i. Cabeça

Movimento

ii. (folha em branco)



15

DOMINGO
DOMINGO SUNDAY SONNTAG

11

JANEIRO
ENERO JANUARY JANUAR

IMPORTANTE

2ª Semana Week Woche

2009 - (011-354)

ESTANCO & INTERMUIS.

ANSIA VONTADE PESCOTRONNA DE COMER

JUNGEN:

EU CADA VEZ MAIS INCLINADA, muito Grande ate Explodie. Colaboro do.

JANEIRO 2009

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O

FEVEREIRO 2009

JANEIRO 2009

20

19

18

Povoco Coluna ASIMCO Tempio foto

Sol

13

DOMINGO
DOMINGO SUNDAY SONNTAG

4

JANEIRO
ENERO JANUARY JANUAR

IMPORTANTE

ANIVERSARIO DO CAVA

1ª Semana Week Woche

2009 - (004-361)

SEJA DE LIXE, ME FEZ BUI MAN OS OLHOS, PEDALO DE SONHO AGORA REAL SEMELTE DE FELICIDADE PLANTADA NO CORACAO, REPRODUCO CARNAVAL DE UNA TRANSFORMADO ASTRAL A VIDA A VIDA EM CHOROS E SORRISOS LEVADA PELO VENTO BARRANDO A TERRA

JANEIRO 2009

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O

FEVEREIRO 2009

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28				
	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O	Q	S	S	D	S	T	O

11 Constrição muscular por todo o corpo. Dores de cabeça, nos ombros, nos olhos, nas articulações e nos pés.

12 Transfiguração

JANEIRO 2009 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
 FEVEREIRO 2009 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

SEGUNDA 26/01/09

JANEIRO 12

11 Condição: parte do corpo do LOMBO? LOMBO? LOMBO NAS 2ª PARTE DO BOA SEM COMIDA?

12 SONS: DE GALINHA DE PAU D'ARCO DE MOVA DESATADA DE AMIGOS AO LADO AS PAREDES DO ANEL E DURANTE O ACORDAR

↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑

pau a: dar

AMBOS LADOS DO FIM DA ESPINHA: MÚSCULOS PERTO DO PESCOÇO.

SUSTENTAÇÃO DA RESPIRAÇÃO. NÃO CONSEGUE LEMBRAR MEU SONHO...

14 A TERÇA, AME QUE TODAS AS ESPÉCIES

15 ESTÁ SENDO MAL TRATADA DE FORMA INCOGNITA E

16 DISTANTE PELO SEU FILHO MAIS SÁBIO E HOMEN

17 A MÃE QUE SEMPRE AFACU SUAS ANULISTAS

18 AQUIVA ANULISTAS DE SUA CRIAÇÃO

19 MAS A MÃE PARECE TOBA E REPRODUTORA DE

20 VIDAS, NÃO MAIS DARA O SEU PRIMA O HOMEM,

21 MAS MAIS DARA AQUIVA AO MORMON, NORMALS

22 PARA O CER. PODE SUSPIRAR BEM FORTE QUISERA SENTIR

23 A CURA DE SI MESMO, E A CURA DE OUTROS,

24 VIDA A CANTARIA, URGENTE E MUITO INTERESSANTE

25 AO MEME BEIXO A SUA MÃE DO ANE, ADIENDO

26 TAMBÉM OS OUTROS SONS VIVOS, GERANDO AS CIVIZAS DOBT

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
 JANEIRO 2009
 FEVEREIRO 2009

11 JIL DE LIZE, ME FEZ BOM

12 IOS, PEDAÇO DE SONHO, AG

13 NIELTE DE FELICIDADE PLAN

14 CORAÇÃO, REPRODUÇÃO CARNA

15 TRANSFORMADO ASTRAL

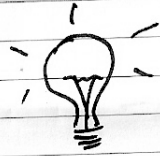
16 DA VIDA EM CHOROS E SE

17 ADA PELO VENTO BANHANDO A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27
 S T O Q S S D S T O Q S S D S T O Q S S D S T O

3ª Semana Week Woche

7 DENTR
8 LOS TO
MELTR



9 MIRARTE MENTIR

10 MATÉRIA

11 GUARDOS-CHOUS DO IDEÍ

SEXTA VIENES FRIDAY FREITAG

JANEIRO ENERO JANUARY JANUAR

9

2ª Semana Week Woche

7

8 Cordas vocais (do nariz ao estômago)

9 Verdade - fluxo - vídeo - aparatos e

10 aparelhos, teclados, cas - informática - números senhas - códigos - teclados e letras do teclado "vai e vem" condicionado ao fluxo das telas

11

12

QUINTA QUINTES

10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

WEEK CHECKED

Caligrafia

Fluxo mental

SEGUNDA LUNDI MANDAY MONDAY

JANEIRO ENERO JANUARY JANUAR

2ª Semana Week Woche

7

8 RAIAR

9 VORER

10

11

12

RAIAR VERTEBRA

iii. Cordas vocais

(do nariz ao esôfago)

Velocidade – fluxo – vídeo – aparatos e aparelhos tecnológicos – in-
formação – números, senhas – códigos – teclados e letras de forma e
vai e vem condicionado ao fluxo das telas.

iv. Raiar vértebra

v. Raiar

Vorer

vi. Constrição muscular por todo o corpo. Dores de cabeça, nos om-
bros, nos olhos, nas articulações e nos pés.

Transfiguração.

vii. 26/01/09

Corpo dolorido: parte debaixo das costas

Lombo?

..... lombo não é a parte do boi a ser comida?

Imagem: sons. De galinha, de pau d'água, de água desatada, de ami-
gos ao lado, ao abrir o olho, antes e durante o acordar.

viii. Pescoço

Coluna

Abraço

Tempo frio

ix. lombar

lombra

x. estômago e intestino

Imagem:

ânsia
vontade descontrolada
de comer

eu cada vez mais
inchada, muito grande
até explodir.
Colorobido.

xi. dente
rosto
mente

mirante
mentira
matéria
guarda-chu-

va de idéias

xii. ambos lados do fim da espinha: músculos perto do pescoço.
sustentação da respiração. Não consigo lembrar meus sonhos, o
que é raro.

xiii. pau a dar

xiv. aniversário do Cauã

ser de luz, me fez brilhar os olhos, pedaço de sonho, agora real
mente de felicidade plantada no coração, reprodução carnal de
uma transformação astral

a vida vivida em choros e sorrisos levada pelo vento banhando a
terra

a terra, mãe de todas as espécies está sendo maltratada de forma
inconseqüente pelo seu filho mais sábio, o homem

a mãe que sempre afagou suas angústias agora angustia-se de sua
criação. Mas a mãe protetora e reprodutora de vidas não mais dará o
sol para o homem, não mais dará a chuva ao homem, não mais dará o
ar. Pode suspirar bem forte, queira sentir. A cura de si mesmo é a cura
do outro. Toda a ganância, orgulho e incompetência do homem deixou
sua mãe doente, adoecendo também os outros seres vivos, gerando as
cizas do dia.

Alteridades

26 de janeiro. Lua nova. “de luz, me fez brilhar os pedaço, de sonho
agora remente de felicidade planta”.

“(…) dispositivos de experiências onde mergulhamos na mesalina e
no igarapé, a presença maior da natureza na forma de uma arraia que
nos lembrou de nossa pequenez e talvez ainda pouco tato em lidar
com ela (...)”

Não há “outra” consciência – enquanto espírito-livre, desvairado de suas

identidades – que não seja uma autoconsciência de si, do outro, da alteridade, do todo em movimento: concepção ou concentração de forças na disposição de potências em relação a sua experiência. Um instante em mil fragmentos. Cabe a nós colhe-los. E maldito seja o imperativo “conhece-te a ti mesmo!” e aqueles que o usurparam em favor de uma simplificação e de uma jovialidade positiva dos saberes frugais...

Com quase 10 centímetros de comprimento, o ferrão da arraia fluvial é uma estrutura óssea em forma de faca serrilhada, recoberto por um tecido glandular que se rompe na ferroada e libera o veneno no organismo da vítima.

O veneno da arraia fluvial (*Potamotrygon falkneri*) é mais tóxico que o de uma arraia marinha encontrada em todo o litoral brasileiro: a *Dasyatis guttata*, mais conhecida como arraia-bicuda ou arraia-prego.

Não bastassem esses efeitos nada agradáveis, o veneno da arraia fluvial também causa a morte do tecido (necrose) na região da ferroada, além de lesão muscular. Em geral são necessários até três meses para a cicatrização completa do ferimento.

Tribo nômade que decide os deslocamentos e os paraderos de acordo com as interpretações coletivas dos sonhos do grupo.

“Mídia zero”.

“Na hora que vi Alex gemendo, achei que estava brincando... ao perceber a seriedade um tal impulso me acometeu, peguei minha camiseta e estanquei sua canela e Fernando, num instinto direto, cutucou seu pé dizendo que era um espinho, uma madeira – de fato, espremeu o ferrão pra fora enquanto eu apertava pro sangue sair... Tudo muito imediato e sem pensar... pensando nisto depois fiquei maravilhado com a velocidade de pensamento-corpo.”

“(...) respiramos do momento de dormir ao acordar filosofia (destaco a presença de Felipe e seu conhecimento das imanências energéticas e espirituais), questionamentos, desejos de mudança e expansões das possibilidades de luta pelas micropolíticas dos fazeres, fomos contagiados e contaminamos pessoas ao nosso redor, uma imersão profunda na mídia zero, na desgemonia, a mídia d@ outr@, do toque, do imprevisível e do inominável.”

Arrapé no igarapé

O igarapé me deixou pulando / de um pé / só / só falta essa / mó paia / mas era só uma arraia / filhote / pensei no filhote / morte? / tive sorte / foi só um corte.

Dor / já que chegou / faça o que for / mas por favor, faça / com amor / que assim dá mais cor / triste é o rancor / sorriso tem mais cor.



Acauã

Luíz Gonzaga

Composição: Zé Dantas

Acauã, acauã vive cantando
Durante o tempo do verão
No silêncio das tardes agourando
Chamando a seca pro sertão
Chamando a seca pro sertão
Acauã,
Acauã,
Teu canto é penoso e faz medo
Te cala acauã,
Que é pra chuva voltar cedo
Que é pra chuva voltar cedo
Toda noite no sertão
Canta o João Corta-Pau
A coruja, mãe da lua
A peitica e o bacurau
Na alegria do inverno
Canta sapo, gia e rã
Mas na tristeza da seca
Só se ouve acauã
Só se ouve acauã
Acauã, Acauã

Notas

1. PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego, “O Absurdo”, fragmento 23.
2. PAZ, Octávio. El mono gramático. Barcelona: Seix Barral, 1974. Daqui em diante, recorte de trechos das páginas: 11-12, 16-17. Trad. Guilherme Souza Magalhães.
3. Citações por DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.
4. POE, Edgar Allan. Eureka. Pág. 1.
5. Bibliografia mínima: a trilogia de Dale Pendell sobre os fármacos e seus aliados na história político-estético-religiosa do homem. Os inúmeros relatos da disciplina do feiticeiro e a postura do guerreiro em Carlos Castañeda, principalmente até seu quarto livro.

Mulheres que Desaparecem

Déa Paulino

Flavia Cremonesi

Maira Begalli

Todos os dias somos bombardeados por imagens iconofágicas que seduzem, atraem, sugam atenções. Imagens que na maioria das vezes estão relacionadas a estilos de vida inacessíveis, entretanto, evangelizados pela troca da mais valia do trabalho. Imagens-mensagens que ilustram, endossam sonhos de status de bens intangíveis, beleza, riqueza, prosperidade, viabilizados pelo dinheiro.

A grande maioria dessas imagens se utiliza de mulheres para realizar tal feito. De filmes de Hollywood a bonecas Barbie - hoje não mais exclusivamente loiras e alvas [1] - existe um comando zero que mixa algumas leis rígidas da estética: pele brilhante, cabelos sedosos, magreza, cinturas e pernas finas, quadril e seios grandes (CAMBRIDGE DOCUMENTARY FILMS, 2010).

E cada vez mais, um número maior de jovens mulheres belas se submetem a procedimentos para modificarem suas aparências em busca de externalizar o "eu" perfeito. Um caso que exemplifica a "tendência": Heidi Montag atriz de 23 anos. "I'm living in my skin, and I look in the mirror and it's my career and my life, and you only have one. So, I want to take advantage of everything and be the best me, in and out, every way" (NUDD, 2010).

Aspirante a cantora, Heidi estampou a capa da revista People de fevereiro de 2010 com suas dezenas de procedimentos para, segundo ela, revelar o "the best me" (GARCIA, 2010).

"Heidi Montag antes e depois"



GARCIA, 2010

Na busca desse arquétipo mais-que-perfeito, muitas mulheres "trocaram de identidade", alteram sua forma natural, construindo avatares daquilo que acreditam que podem ser. Uma busca constante, por vezes, alimentada na cultura fragmentada vigente em raízes plásticas enterradas, que certas vezes levam à escolhas equivocadas que contrariam o self de algo mais profundo. Um cenário de ilusões no qual se acredita que o dinheiro pode preencher vazios e edificar vidas.

Muitas dessas mulheres, também acreditam que suas "belezas sempre intactas" vão proporcionar fama. Fama que lhes renderá reconhecimento, aceitação e no final do ciclo dinheiro para comprar coisas, comprar sonhos [ver 2].

O velho truque de se deixar seduzir pela tal "Carruagem Dourada", por degraus ilusórios da escadaria de um castelo que não existe. Afinal há algo na fome que nos priva o raciocínio e cria seres funcionais-superficiais [ver 3 e 4]. Mulheres que desaparecem, se perdem em suas imagens privando-se de alimento, afeto, relacionamentos.

Mas, o que desapareceu? Os instintos, a conexão com o intuitivo herdado de gerações ancestrais, de mulheres selvagens conectadas com a natureza, com sua própria natureza.

Na floresta. Gibran, 2010



"Quando se ignora a natureza selvagem da mulher e a julgamos pelo que ela aparenta ser, pode-se vir a ter uma grande surpresa, pois, quando a natureza primitiva da mulher emerge das profundezas e começa a se afirmar, é frequente que ela tenha interesses, sentimentos e idéias muito diferentes dos que manifestava antes" (ESTÊS, 1992).

Assim as mulheres, nós mulheres, nos perdemos em meio aos ciclos. Afinal já não os reconhecemos. São os novos ritos de passagem sob um vazio de significados dos anseios femininos, dos movimentos que criam e morrem. A estudante Geysa Arruda - conhecida como a "garota de vestido rosa da UNIBAN" - vivenciou esses ritos [ver 5].

Da menina com curvas acentuadas e roupinhas curtas, passou para mulher repaginada, financiada por uma proposta solidária de mutirão, de clientes de um salão de cabeleireiro de luxo. Seis mulheres ratearam o valor de sua transformação o equivalente a R\$ 32 mil reais em 'solidariedade' [ver 6].

Ainda, muitas mulheres passaram a conciliar com suas rotinas práticas físicas que tem resultado em modificações corporais latentes. Atividades que lhes exigem disciplina na alimentação e nos treinos [ver 7]. Tais mulheres também desaparecem, na sua figura frágil que precisa ser acolhida e protegida para um arquétipo guerreiro e não brutalizado.

Re-estética Feminina. Revista época, 2010



Isabella Picanço
Inspetora, 36 anos

Altura	1,65 m
Peso	63 kg
Cintura	65 cm
Quadril	99 cm
Coxa	59 cm
Braço	26 cm



O braço forte é mantido com a ajuda de aulas de pole dance. No poste, Isabella é capaz de segurar todo o peso do corpo num braço só, com as pernas esticadas.

Músculos e confiança
A inspetora da Polícia Civil Isabella Picanço sempre foi franzina. "Com 15 anos eu não ia a festinhas porque minhas colegas já tinham peito e bunda, e eu era uma tábua. Não usava nem vestido", diz ela, hoje com 33 anos. Há seis, às vésperas do concurso para a polícia, Isabella decidiu ganhar músculos para inspirar confiança e condicionamento para o teste físico. "Eu não podia correr atrás de bandido fraquinha e sem fôlego", diz ela. O que era para ser apenas uma preparação momentânea virou hábito. Hoje, a ex-menina magrinha tem braços fortes o suficiente para aguentar anilhas de 60 kg. Isabella faz musculação uma hora por dia, gasta cerca de R\$ 600 mensais com academias e suplementos e não faz nenhum tipo de dieta. "Minha tendência é ser magra. Lutei muito para conseguir o meu corpo. Cheguei até a ir ao médico para saber se eu tinha

A ausência dos sentimentos mais profundos de uma mudança mais complexa extingui continuamente a luz do belo-invisível. Uma forma dolorosa de vida latente, que apresenta-se fugaz e cruel. Ciborgues reféns da estética que obedecem um sistema de valores tão desprovido de vida que sofrem uma perda extrema de vínculo com a alma" (ESTÉS, 1992).

Do outro lado, faz-se necessário conhecer os arquétipos do self, do novo feminino. E, assim recordar os instintos ancestrais, afiá-los, trazer à luz a intuição, os elos perdidos que foram colocados a venda em prateleiras vulgares da nossa sociedade, inventar novos mitos [ver 8].

Trata-se de construção e adaptação de corpos, almas, avatares. O raqueamento do "eu" de mulheres ciborgues: "é uma questão de ficção e experiência vivida que muda o que conta como a experiência das mulheres no século XX" (HARAWAY, 2010).

O poder do corpo e o PODER no corpo: possibilidades

Podemos considerar o corpo um sensor instintivo, uma rede de informações. Através do corpo enviamos mensagens pelas quais comunicamo-nos com o mundo. Através da comunicação entre os sistemas do corpo entramos em contato com a nossa verdadeira história. A mulher plastificada, sacrificada, pede socorro. Clama por atenção por ignorar aquilo que desconhece.

Nossas ancestrais eram consideradas belas não pelos seios siliconados ou pelo baixo peso que faz as mulheres, por assemelharem-se aos cabides, sentirem-se melhores em suas roupas caras. As mulheres que nos antecederam, e que ainda guardamos instintivamente na memória do inconsciente, valorizavam o poder cultural no corpo em detrimento do poder do corpo - que torna-se cada vez mais raro.

Sentiam-se – e eram – atraentes pelas formas, avantajadas ou não, através das quais reconheciam-se mulheres; pelo modo de sorrir e caminhar; pelo movimento discreto dos quadris; pela leveza e intimidade de seus corpos com a dança, e, principalmente, por serem conscientes de que com esses corpos, que hoje poderiam ser considerados “imperfeitos”, eram seres criadores, capazes de gerar e nutrir vidas ou multiplicarem-se através da arte.

No mundo contemporâneo que, sobretudo nas metrópoles, nos afasta cada vez mais daquilo que convencionou-se denominar “natureza” – as paisagens, rios, plantas e animais – , as mulheres afastaram-se tam-

bém da natureza feminina. Atravessamos o “Ser ou não ser” shakespeariano, para vivermos de acordo com o “Parecer ser”, que rege a sociedade atual.

As mulheres mutiladas e/ou sacrificadas em nome do poder do corpo ignoram que, mesmo distantes da floresta, permanecem árvores. Sermos sempre nutridas pelas vozes de nossas ancestrais, sábias, que viveram em corpos semelhantes àqueles que nos definem como mulheres - e que deveriam transformar-se com o tempo e a experiência, não como experimento.

Caberá às árvores, hoje dolorosamente esculpidas em formas ressequidas de valores e desprovidas de flores e frutos - que lhe dariam, além da beleza real e suas idiossincrasias, a utilidade - adaptarem-se ao meio em que vivemos. Silenciosas, nossas raízes suplicam por cuidado enquanto exploram as profundezas do solo ainda fértil.

Tornando-se consciente do poder que existe no corpo, do poder que é nutrido pelas lembranças instintivas e ancestrais, a mulher estará diante da possibilidade de tornar-se senhora de si. A natureza feminina, mesmo relegada, não nos abandona. A árvore que somos espera ser força e folhagens verdes. Pretende ser sombra acolhedora e sementes para as gerações que nos sucederão.

A força que existe nas raízes que nos torna árvores frondosas é como um tesouro que precisa, e quer, ser encontrado; um tesouro que não é fácil ou óbvio como cirurgias, dietas e exercícios, mas que, por ter valor inestimável, acaba revelando, e transmitindo, o que há de melhor em todas nós.

Notas

[1] <http://30ealguns.com.br/2010/02/barbies-negras/>

[2] <http://srtabia.com/2010/02/mulher-e-midia-salario-twitess-edredon-etc/>

[3] <http://veasp.abril.com.br/revista/edicao-2152/o-duro-caminho-de-sabrina-sato-rumo-fama>

[4] <http://veasp.abril.com.br/revista/edicao-2152/sabrina-sato-300-000-reais-por-mes-com-ar-de-eterna-bobinha>

[5] <http://colunas.epoca.globo.com/mulher7por7/2009/12/01/a-transformacao-de-geisy/>

[6] <http://colunas.epoca.globo.com/mulher7por7/2009/12/16/geisy-arruda-ganhou-cirurgia-de-r-32-mil/comment-page-64/>

[7] <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI121559->

15228,00-A+BELEZA+DA+FORÇA.html

[8] <http://imaginarios.net/dpadua/?p=254>

Referências Bibliográficas

CAMBRIDGE DOCUMENTARY FILMS. Killing us Softly. 1987. Disponível em <http://www.tv-links.eu/display.php?data=Mjg3NDQ0>. Acessado em 20 de janeiro de 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres Que Correm Com os Lobos: Mitos E Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem. Coleção Arco do Tempo. 9ª Edição. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

GARCIA, Jennifer. PEOPLE MAGAZINE: Heidi Montag: Addicted to Plastic Surgery. Publicado em 13 de janeiro 2010. Disponível em <http://www.people.com/people/article/0,,20336472,00.html>. Acessado em 19 de fevereiro de 2010.

GIBRAN, Khalil Gibran. Na Floresta. Publicado em 20 de agosto 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4glwWMMgURY>. Acessado em 11 de fevereiro de 2010.

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. in Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature. Rotledge: New York, 1991, p.149-181. Disponível em <http://www.stanford.edu/dept/HPS/Haraway/CyborgManifesto.html>. Acessado em 19 de fevereiro de 2010.

NUDD, Tim. PEOPLE MAGAZINE: Heidi Montag: My Surgeries Aren't an Addiction. Publicado em 19 de janeiro 2010. Disponível em <http://www.people.com/people/article/0,,20337744,00.html>. Acessado em 19 de fevereiro de 2010.

REVISTA ÉPOCA. A Beleza da Força. Publicado em 12 de fevereiro 2010. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EMI121711-17445,00.html>. Acessado em 15 de fevereiro de 2010.

Letramento midiático e digital: Prática educativa com base na cultura e comunicação.

Adriana Veloso Meireles[1]

Resumo

A pesquisa aborda as relações entre comunicação, educação e cultura na sociedade brasileira contemporânea. O objeto de análise é o letramento digital e midiático realizado pela Ação Cultura Digital, do Ministério da Cultura, junto a alguns Pontos de Cultura, instituições conveniadas com o Programa Cultura Viva. Como resultado e conclusão apresenta-se um modelo base da metodologia aplicada pela Ação Cultura Digital entre 2005 e 2007 nas atividades de formação junto aos Pontos de Cultura.

Introdução

O Programa Cultura Viva por si só é de grande relevância social, pois a partir dele descentralizam-se os recursos provenientes do Ministério da Cultura, com investimentos em mais de 800 instituições por todo território nacional que trabalham a cultura de diversas formas. Esta pesquisa aborda somente uma parcela deste todo complexo que é o programa Cultura Viva, parte da Ação Cultura Digital, e sua relação com a cultura popular e a educação. O objetivo da pesquisa foi analisar a atuação da Ação Cultura Digital, no Ministério da Cultura, entre 2005 e 2007, a partir da metodologia de atividades e pelo trabalho conceitual que tinha como objetivo facilitar a formação de redes entre os Pontos de Cultura. A pesquisa denominou de letramento digital e midiático estas práticas e documentou uma metodologia base destas atividades. Para realizar o estudo foram utilizados os seguintes materiais empíricos: o wiki[2] da Ação Cultura Digital, que continha toda documentação online dos anos de trabalho, tais como relatórios de avaliação, planejamentos de atividades, planos de trabalho, entre outros; os almanaques conceituais e os tutoriais de software produzidos pela equipe Cultura Digital em 2005 e 2006; depoimentos em vídeo de pessoas ligadas a Pontos de Cultura disponibilizados no site Estudiolive.org, que tratam dos temas em questão ou documentam de alguma forma as atividades realizadas pela equipe da Ação Cultura Digital.

Cultura, comunicação e educação

Nas ciências sociais, o conceito de cultura “carrega definitivamente uma marca antropológica” (Velho e Castro, 1978, p.1), e, no ocidente,

assumiu o papel de explicar a alteridade, ou seja, as diferenças presentes entre as sociedades. Pode-se compreender a cultura como “instância humanizadora, que dá estabilidade às relações comportamentais e funciona como mecanismo adaptativo da espécie” (Velho e Castro, 1978, p. 5). Isto quer dizer que ao estarem inseridas em determinada sociedade as pessoas produzem códigos, verdadeiros aparelhos simbólicos, que interpretam a realidade e dão sentido ao mundo no qual se encontram.

No sentido antropológico, cultura tem muito a ver com comunicação, pois a cultura é um mundo de significados, é um código simbólico construído socialmente, isto é, em grupo, e compartilhado por todos os seus integrantes. Cultura é construção[3] (FREIRE, 2001).

Nas diversas sociedades complexas contemporâneas a produção simbólica foca-se no nível das relações de produção, além de outros aspectos como a religião, a política local, a raça, a etnia, o gênero, entre outros critérios e características de uma malha horizontal que estão constantemente influenciando as pessoas. Dito isso, é importante frisar que a cultura brasileira como unidade nacional nunca existiu, pois “não existe no Brasil contemporâneo um fator estruturante único capaz de dar inteligibilidade ao conjunto dos processos societários” (Sorj, 2000, p. 12). A partir desta compreensão, e observando a popularização das novas mídias, o Programa Cultura Viva incentiva esta diversidade cultural do Brasil e lhe dá um toque digital.

Com a ascensão das novas mídias, em especial a Internet, surgem movimentos organizados em rede que se opõem à propriedade intelectual, à imposição cultural da sociedade de consumo, entre outras lutas contra o chamado neoliberalismo ideológico, político e econômico. O movimento do software livre e o movimento antiglobalização são exemplos que em muitas instâncias se convergem ideologicamente com o que atualmente denomina-se cultura livre. Uma das principais questões verticais destes movimentos é a generosidade intelectual, a livre troca de informações e de bens culturais. Tanto o movimento antiglobalização como o do software livre são “modelados explicitamente segundo as estruturas celulares, distribuídas, os sistemas auto-organizáveis” (Johnson, 2003, p. 168), assim como outros movimentos sociais que se apropriaram das novas mídias, como alguns grupos de mídia táctica ao redor do mundo e, no Brasil, redes como a de Rádios Livres, Metareciclagem, Mocambos, entre outros, alguns dos quais abaixo abordados.

Não levou muito tempo para que as culturas populares e as novas tecnologias fizessem parte do cotidiano dos jovens, entrando nas escolas de formas diversas em graus também variáveis. Novos modelos pedagógicos são discutidos desde o século passado e suas influências são múltiplas e interdisciplinares. Uma teoria que muito influenciou novas formas de encarar o mundo é a tese do pensamento complexo de Edgar Morin (1991), na qual o autor francês desenvolve o paradoxo do uno e do todo, defendendo que o todo está contido nas partes e que por isso não se pode compreender o pensamento complexo a partir de uma perspectiva reducionista[4]. Explicações para esta teoria foram realizadas em diversos campos tradicionais da ciência, da física à biologia, e têm como ponto em comum a crença de que “a mente humana não funciona de modo linear, mas por associação” (Ramal, 2002, p 136). Esta estrutura lógica da mente humana pode ser compreendida como uma interpretação dos signos, que envolve uma complexidade que leva em conta o ambiente, a história pessoal, a estrutura familiar, a formação política, a classe social, entre outras variáveis, que pode ser compreendida como “produto de reorganizações e recombinações de elementos” (Ramal, 2002, p 137). Sendo assim, além do desafio de incorporar saberes tradicionais e novas tecnologias o sistema educacional também se vê diante da necessidade de repensar seu modelo de aprendizagem.

Com estas referências em mente (que são abordadas mais a fundo no artigo completo) analisamos as oficinas produzidas pela Ação Cultura Digital.

Análise do contexto e metodologia de atividades da Ação Cultura Digital

O Programa Cultura Viva promoveu a convergência entre a cultura digital emergente do uso de computadores pela sociedade civil brasileira e a cultura popular presente no folclore e na tradição oral. Não se pode afirmar que as pessoas dos Pontos de Cultura apropriaram-se dos conceitos trabalhados pela Ação Cultura Digital, pois o que ocorre de fato é uma relação dialógica, em que uns influenciam outros. É dizer, ainda que a cultura digital trouxesse elementos conceituais aparentemente novos, o que ocorre é um reconhecimento, uma comunhão com princípios presentes também nas culturas populares brasileiras. A equipe da Ação Cultura Digital não tinha resposta a todas as perguntas tampouco dominava por inteiro as ferramentas livres de produção audiovisual, encontrando respostas por meio da pesquisa e do desenvol-

vimento do trabalho junto aos Pontos de Cultura. Sendo assim, os conceitos trabalhados pela Ação Cultura Digital – metareciclagem, software livre, generosidade intelectual, desenvolvimento em rede, colaboração, autonomia, mídia autônoma e independente – serão analisados a partir dos contextos em que se encontravam algumas destas diversas comunidades que se reúnem no programa Cultura Viva. A ampliação do conceito de cultura enquanto produção simbólica, direito, cidadania e economia, e a inserção das diversas iniciativas culturais em políticas públicas do MinC é um dos diferenciais que garantiram o sucesso do programa.

Já o trabalho de letramento em novas tecnologias realizado por grupos e coletivos da sociedade civil junto a comunidades locais teve uma experiência anterior significativa que foi o projeto Autolabs[5]. Este projeto, ocorrido no início de 2004, agregou instituições, grupos e coletivos para a construção e manutenção de três telecentros, em três distritos da zona leste de São Paulo. O diferencial da experiência dos Autolabs é que o projeto não trabalharia somente com o letramento digital, mas também com o midiático. É dizer, havia uma crença que o simples acesso por si só não era um agente transformador, havia uma cultura presente no uso das novas tecnologias que precisava ser abordada e conceituada. Fazia-se uma inclusão digital a partir da cultura e do incentivo à produção midiática.

A lógica de colaboração, de desenvolvimento em rede e de generosidade intelectual, pilares da cultura do software livre, encontra-se presente em diversas outras esferas, como na pedagogia de Paulo Freire, nos saberes necessários para educação do futuro de Edgar Morin e na cultura popular. De fato, de acordo com Chico Simões, do Pontão Invenção Brasileira, “não se tem notícia de um mestre que tenha cobrado algum dinheiro de um aprendiz. Foi essa generosidade intelectual encontrada na equipe da Ação Cultura Digital”[6]. O Invenção Brasileira é um dos nós da Rede Mocambos. Segundo Robson Sampaio, do Ponto de Cultura Casa de Cultura Tainã, de Campinas, a Rede Mocambos é uma rede de parceiros colaborativos que integra diferentes programas, projetos e ações voltados para o desenvolvimento humano, social, econômico, cultural, ambiental, preservação do patrimônio histórico e memória[7]. É neste quilombo urbano, a Casa de Cultura Tainã, onde nasce a idéia da Rede Mocambos. O diferencial da rede Mocambos é que ela surge de forma autônoma, trabalhando com a identidade quilombola, tanto urbana quanto rural, com vistas a “possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a forma-

ção da identidade cultural, visando contribuir para a formação de indivíduos conscientes e atuantes na comunidade”, descreve Robson. A rede Mocambos defende o “uso e o desenvolvimento de Software Livre, já que ele permite a criação e o compartilhamento entre os nós e o mundo, chegando a uma inclusão social auto-determinada nos moldes que a comunidade quer”[8]. A adoção do software livre pela Rede Mocambos não ocorre somente por motivos estratégicos ou econômicos. Observa-se que há uma semelhança nítida na descrição dos objetivos desta rede e das comunidades que defende o código aberto no mundo. De fato, praticamente todos os grupos que atuaram nos Autolabs e posteriormente na Ação Cultura Digital do Ministério da Cultura tinham o trabalho com software livre como princípio, como o Metareciclagem, “uma rede auto-organizada que propõe a desconstrução da tecnologia para a transformação social”[9].

Ressaltamos que neste contexto, em paralelo ao desenvolvimento do trabalho da Ação da Cultura Digital, o movimento de democratização dos meios de comunicação fortalecia-se sustentado pela popularização das tecnologias audiovisuais, que criava a possibilidade para que os emissores se multiplicassem. Segundo Paulo Tavares, do Ponto de Cultura TV Ovo, de Santa Maria, RS, o digital é um divisor de águas na produção audiovisual, pois hoje em dia é bem mais possível de se ter uma ilha de edição de vídeo em casa[10]. Outro fator relevante e comum tanto às culturas populares, como mídia livre e a cultura digital era o fato de não se reconhecerem na mídia de massa.

Agora que temos a câmera na mão, temos a necessidade de fazer nossa mídia, pra gente ter identidade, se reconhecer, porque a outra mídia num mostra a gente. E temos também que começar a discutir que mídia, que coisa é essa que temos entrando na nossa casa[11].

O movimento de democratização da mídia trabalha muito com a idéia de retomada dos meios de produção de informação, “não esperando que a comunicação viesse de uma empresa, mas possibilitando que a comunidade se apoderasse do instrumento audiovisual para que ela mesma fizesse sua própria comunicação”, explica Tavares[12]. O fato é que “sem a democratização de nossa mídia não há diversidade e pluralidade de informações” (Lima, 2006, p 63). Portanto, ainda que com várias semelhanças conceituais do software livre com a cultura popular, como a colaboração e a generosidade intelectual acima citadas, não foram as novas tecnologias ou a ‘inclusão digital’ que aproximou e fez possível a colaboração entre jovens da cultura digital e mestres e

aprendizes da cultura popular. Foram culturas de resistência de ambas as partes que estavam à deriva tanto do governo como da cultura de massa que deram início a essa batalha simbólica na mídia. Tinha-se encontrado um jeitinho brasileiro em comum, o que gerou a empatia necessária para a união da tradição e das novas ferramentas digitais. Essa brasilidade expressa nas comunidades mais carentes por meio da gambiarra, do 'puxadinho' ou do 'gato', também estava presente na reapropriação das tecnologias para a transformação social. A reutilização inóspita de objetos com vistas a solucionar algum problema imediato, também fazia com que dez computadores sem funcionar se transformassem, por vezes, em duas ou mais estações de trabalho. Esta forma de solucionar os problemas cotidianos de injustiça social de todo cidadão brasileiro, que por vezes cria sistemas paralelos[13], como os camelôs, os kombeiros, entre outros, é uma brasilidade expressa em diversas esferas da sociedade e foi essencial para o desenvolvimento do trabalho da Ação Cultura Digital.

Mesmo com um alcance desproporcional com relação ao crescente número de projetos do Programa Cultura Viva[14], observa-se que o objetivo de empoderar comunidades na produção de sua própria mídia e na replicação dos conhecimentos em novas tecnologias em novas redes auto-organizadas foi cumprido. Por isso, a análise de sua metodologia de atividades é relevante para uma abordagem da tecnologia que tenha uma função social, abordando a inclusão digital por meio da cultura.

É bom frisar que depois de um curto período de estranhamento e até oposição aos métodos pedagógicos usados pelos amigos da cultura digital nas primeiras oficinas de "metareciclagem e conhecimentos livres" percebemos que na verdade eles atuavam como os nossos mestres das culturas populares, apesar da diferença de idade e da forma de vestir... Pois não vinham com apostilas nem estabeleciam padrões do tipo: certo ou errado, pelo contrário, estimulavam o erro como forma de aprendizagem... e sem limites de tempo se dispunham a colaborar, convivendo, construindo o novo saber/fazer, para além da pura técnica e ao encontro da "comunhão" da celebração e do compartilhamento do prazer de estar vivo em construção[15].

A metodologia base da Ação Cultura Digital é resultado de uma construção coletiva de experiências de mediação pedagógica em mídia tátil e em software livre desde 2003. Não se tratava de dar acesso ou simplesmente capacitar jovens, mas de abordar e trabalhar conceitos

que levassem à uma prática diferente, a uma libertação por meio do conhecimento[16].

A construção do conhecimento na sociedade da informação precisa de uma abordagem em que os 'professores' e os 'alunos', “atuem como parceiros, desencadeando um processo de aprendizagem cooperativa para buscar a produção do conhecimento” (Behrens, 2000, p.75). De fato, na equipe da Ação Cultura Digital havia uma forte influência da Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire. O importante não era simplesmente aprender a manusear as novas tecnologias, mas sim o uso que seria feito delas. As bases conceituais deste trabalho tinham aceção de que ensinar exige pesquisa, criticidade, respeito aos saberes dos educandos, valorização da identidade cultural, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, enfim, que ensinar não é transferir conhecimento. Esta percepção estava clara para equipe da Ação Cultura Digital desde sempre, já que boa parte de seus integrantes eram provenientes de novos movimentos sociais e de redes. Sendo assim, ao longo de 2006, por meio dos mais de 40 Encontros de Conhecimentos Livres executados em todas as regiões do Brasil, desenvolveu-se um táticas de trabalho. O objetivo dos Encontros de Conhecimentos Livres, produzidos sempre em conjunto com um ou mais Pontos de Cultura, era trabalhar a comunicação multimídia de culturas locais em mídias livres. Para tanto, inicialmente estabeleceu-se uma divisão por áreas - áudio, vídeo, gráfico e metareciclagem - com dois oficinairos responsáveis em cada uma delas. O público destes encontros variava em número - oficinas com 30 pessoas até 300 - e na prática havia desde pessoas que sequer tinham um e-mail a outras que já trabalhavam com ferramentas multimídia proprietárias. Tal complexidade necessitava de uma metodologia inovadora, até porque o objetivo não era formar ninguém, mas sim despertar interesse e dar início a um processo de auto-aprendizagem, já que com uma conexão à Internet, muito pode ser pesquisado e praticado. Por isso, uma das principais atividades, era a oficina 'Se Joga na Rede', que tinha como princípio despertar o 'sevirismo' online, ou seja, a propriedade de se virar com o que há de disponível, um dos conceitos base da metareciclagem. A atividade consistia em basicamente desvendar algumas práticas que facilitam o uso da Internet. Esta oficina básica introduzia uma etapa transversal à metodologia, pois focava em demonstrar que o produto da colaboração, que é o conhecimento compartilhado, está presente em nossa vida em sociedade, em nossa cultura humana, não somente a digital, mas também as diversas práticas culturais regionais. É importante ressaltar também que esta sistematização da metodologia de atividades da Ação

Cultura Digital não pretende ser universalista, simplesmente converge pontos em comum e características desenvolvidas regionalmente pela equipe da Ação Cultura Digital entre 2005 e 2007. Para fins de sistematização, dividiu-se a metodologia em seis etapas básicas, que podem se alternar e variar, mas que independente de sua ordem, estão presentes e são essenciais para o trabalho conceitual. São elas; choque, proposta, realização, ausência, análise e conclusão.

Após as primeiras oficinas realizadas ainda em 2005, quando havia aproximadamente 246 projetos conveniados, percebeu-se que algumas pessoas esperavam dos Encontros de Conhecimentos Livres um certificado de presença do Ministério da Cultura e uma aula com carteiras enfileiradas como na escola. Para romper com tal expectativa desenvolveu-se o primeiro passo da metodologia de atividades da Cultura Digital, que consiste no choque, ou a quebra de paradigmas. Os Encontros passam a ter início com uma grande atividade lúdica, criação de mapas da mente, jogos de palavras, entre outras formas de mediação pedagógica que tinham como objetivo apresentar alguns dos novos conceitos e práticas. Estas atividades funcionavam a partir da colaboração evidenciando que “embora ainda represente o papel do especialista, o professor (no caso o/a oficinairo/a), desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem” (Masetto, 2000, p.142). Com isto quebrava-se o olhar comum do oficinairo como professor e a relação entre todos se tornava mais horizontal.

A próxima etapa consistia em apresentar uma proposta de trabalho. Em alguns momentos foi aplicada a metodologia de um projeto que permeasse todas as áreas trabalhadas – áudio, gráfico, vídeo e metareciclagem. Esta “prática pedagógica, com visão de totalidade, que propõe o conhecimento em rede, em sistemas integrados e interconectados” (Beherens, 2000, p. 92) facilitava com que as atividades corresse de forma mais fluída, pois abria espaço para um trabalho em equipe no qual cada um desempenha a função que mais estava interessado e/ou confortável. Isto ajudava a diminuir as diferenças e aumentar a auto-estima do grupo, pois se alguém semi-analfabeto não podia escrever o roteiro de um vídeo, por exemplo, poderia por sua vez executar as entrevistas, ou gravar uma música. Além disso, esta abordagem potencializa a construção de redes entre os próprios participantes, que se comunicam após o Encontro. Na parte de execução do projeto, era muito sublinhado o modo processual do produto, ressaltando um dos paradigmas que se modifica com o *modus operandi* do software livre.

A dinâmica de produção, as regras de circulação de produtos e a mudança de comportamento diante dos meios, operada por sua lógica de utilização, do software livre difere do proprietário não só quanto à natureza de sua materialidade, mas, principalmente, quanto às relações sociais em que está inserido. (...) Enquanto o modelo proprietário é baseado na competição e retenção de informação, o livre é motivado pela colaboração e generosidade. Em qualquer dos níveis de interatividade, estabelecem-se relações multidimensionais desenvolvedor/usuário que são alternativas às relações unilaterais produtor/consumidor ou provedor/cliente. Como resultado, obtém-se um produto que ao mesmo tempo é um processo. Esse processo pode ser definido como um ciclo de realimentação cumulativo, que faz a rede pensar e baseia-se no compartilhamento de informação como força motriz da inovação tecnológica e da produção de bens culturais (BALVEDI, 2006) [17].

Nesta etapa, o oficinairo segue atuando como orientador do grupo e ao perceber a colaboração entre os mesmos retira-se do recinto para o estágio quarto da metodologia que é a ausência. Defende-se o afastamento do orientador da turma com vistas a motivar a ajuda mútua entre o grupo e o 'sevirismo'. O fato de o oficinairo não estar presente leva com que as pessoas busquem soluções para as dificuldades encontradas ao invés de ir pelo caminho mais fácil, que seria perguntar ao suposto especialista. Outro fator importante que ocorre durante esta etapa são as confissões entre os oficinairos, ou seja, muito é dito, criticado, levantado e abordado acerca da dinâmica, justamente porque o objeto de crítica não está presente. Mais uma vez o grupo debate, mas desta vez sem interferência. No retorno, o oficinairo conversa com o grupo com vistas a avaliar a atividade. Aqui existe outro choque, pois o trabalho não está concluído, mas o interessante é justamente aproveitar as críticas para poder concluir o trabalho com mais eficiência. "A negociação conjunta das atividades pressupõe que os alunos terão voz e que o consenso deverá ser atingido pelo grupo com o intuito de responsabilizá-los pelo sucesso ou fracasso da proposta" (Beherens, 2000, p. 106). Por fim, a etapa de conclusão é o momento decisivo no qual as dúvidas são sanadas e as redes de colaboração entre os participantes são delineadas com mais nitidez. Neste momento, a percepção e a sensibilidade do oficinairo é essencial, pois aqui é o momento em que ele deve atuar como facilitador, cruzando informações sobre a área de atuação e demandas de cada um com vistas a potencializar a construção orgânica da rede. Na maioria das vezes, os Encontros de Conhecimentos Livres terminavam com uma mostra coletiva dos traba-

lhos dos grupos. Esta nova forma de mediação pedagógica foi aplicada pela Ação Cultura Digital do Ministério da Cultura, ainda que não tenha se estabelecido como política pública. De fato, é incomum ver a inclusão digital ser abordada como letramento digital e midiático.

Conclusão

Um dos grandes méritos do Programa Cultura Viva foi promover a aproximação entre as culturas populares brasileiras e as emergentes culturas digitais tupiniquins, ambas em várias formas e abrangentes em sua diversidade. Desta forma traçou-se pontos em comum de teorias e práticas tradicionais e experimentais, cuja ramificação central aproxima-se da antropo-ética, “que supõe a decisão consciente e esclarecida de assumir a condição humana indivíduo/sociedade/espécie na complexidade do nosso ser” (Morin, 2007, p. 106). Além disso, a partir a sistematização e análise da atuação da Ação Cultura Digital, por meio das atividades realizadas nos Encontros de Conhecimentos Livres, foi possível traçar uma metodologia base, cuja autoria é coletiva, pois foi a partir de práticas e erros que se pode traçar um perfil de orientação pedagógica. Percebeu-se que as bases conceituais que orientaram esta prática são uma evolução, uma adaptação do método Paulo Freire de alfabetização, aplicado como política pública no início dos anos 1960 até a repressão da ditadura militar.

De lá até os dias de hoje, muita coisa mudou, inclusive os conceitos de alfabetização e letramento. Além disso, houve uma evolução técnica que culminou na popularização das ferramentas digitais e possibilitou que o Ministério da Cultura incorporasse a cultura digital como prática. Ressaltamos que a sistematização realizada neste trabalho pode servir de base para a construção de uma política pública de letramento digital e midiático. Este exercício de análise, na medida do possível, agregou as práticas mais relevantes da Ação Cultura Digital em termos de metodologia de atividades e conceituação em uma sistematização que pode ser aplicada com vistas a aperfeiçoar trabalhos de inclusão digital em diversos setores de nossa sociedade que buscam eficiência e resultados de apropriação das tecnologias e conceitos aplicados.

Referências Bibliográficas

- BALVEDI, Fabianne. et al. Estudos Livres. 2006. Disponível em <http://www.estudiolivre.org/tiki-index.php?page=paperEL&bl>. Acesso em 20/04/08.
- BEJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. Disponível em < <http://www.dorl.pcp.pt/images/SocialismoCien>

tifico/texto_wbenjamim.pdf >. Acessado em 18/02/08.

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2006. TIC domicílios e TIC empresas. São Paulo. Comitê gestor da Internet, 2007.

DUARTE, Newton. As pedagogias do "aprender a aprender" e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. Revista Brasileira de Educação, p.35-40. n 18. 2001. Disponível em < <http://www.anped.org.br/rbe18/04-artigo03.pdf>> Acesso 8 ago. 2006.

FÁVERO, Osmar (org). Cultura Popular, Educação Popular: memória dos anos 60. Rio de Janeiro. Graal. 2a edição, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. A Globalização da Complexidade; Pós-modernismo e cultura do consumo, 1995. Disponível em < http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_07.htm>.

Acessado em 18/10/07.

FONTANELLA, Fernando Israel. A estética do brega: cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife. 2005. Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em <http://www.ppg-comufpe.com.br/arquivos/teses/Bregat.pdf>. Acesso em: mar 2007.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Beatriz Muniz. Cultura Popular e Ação Educativa no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em < http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/cpe/tetxt1_2.htm >. Acessado em 18/04/08.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1974.

_____. A pedagogia da autonomia. 36a Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

GULLART, Ferreira. Cultura Popular. 2ª ed. Rio de Janeiro. p 49-55. apud FÁVERO, Osmar (org). Cultura Popular, Educação Popular: memória dos anos 60. Rio de Janeiro. Graal. 2a edição, 2001.

GUATTARI, Felix. Micropolítica: Cartografias do Desejo. 7a edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

ILLICH, Ivan. Sociedade Sem Escolas. Petrópolis. 2. ed. Vozes, 1973.

JOHNSON, Steven. Emergência: A dinâmica de Redes em Formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.

LIMA, Venício de. Mídia: Crise Política e Poder no Brasil. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LOVINK, Geert; GARCIA, David. The ABC of Tactical Media. Mensagem recebida por < nettime-l@desk.nl > 16 Mai 1997. <geert@xs4all.nl>. Disponível em < <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9705/msg00096.html>>. Acessado em 18/04/08.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento Complexo. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo. 12a ed. Cortez, 2007.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo. Editora Brasiliense, 2000.

PRETTO, Nelson. Desafios do mundo contemporâneo: a educação num mundo de comunicação, 1999. Disponível em <www.ufba.br/~pretto/textos/srosa.htm> Acesso em 12 setembro 2007.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Rev. Bras. Educ. no.25 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782004000100002&script=sci_arttext&tlng=pt> Acessado em 20/04/08.

SORJ, Bernardo. A nova sociedade Brasileira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

RAMAL, Andrea Cecília. Educação na Cibercultura. Artmed: São Paulo, 2002.

THOMPSON, John B. A mídia e a Modernidade. 3a Edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

VELHO, Gilberto; VIVEIROS de Castro, B. – O Conceito de Cultura nas Sociedades Complexas: Uma Perspectiva Antropológica. In: Artefato, Um Jornal da Cultura. Editado pelo Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, 1978.

Notas

[1] Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Centro Universitário de Belo Horizonte em julho de 2008 cuja íntegra encontra-se disponível em

<http://www.estudiolivres.org/el-gallery_view.php?arquivoId=6199>.

[2] Wiki é um gerenciador de conteúdo colaborativo que assemelha a editor de texto. A Wikipédia é um dos sites mais conhecidos que utiliza o sistema.

[3] FREIRE, Beatriz Muniz. Cultura Popular e Ação Educativa no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em <

http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/cpe/tetxt1_2.htm >. Acessado em 18/04/08.

[4] O livro 'A Introdução ao Pensamento Complexo' (1991) de Edgar Morin, aborda muitas outras questões além desta citada.

[5] Mais informações em <http://autolabs.midiatica.info/>.

[6] SIMÕES, Chico. Entrevista concedida à autora por e-mail em 18/05/08.

[7] SAMPAIO, Robson. Entrevista concedida à autora por e-mail em 18/05/08.

[8] Do portal da Rede Mocambos. Disponível em < <http://mocambos.net/> >. Acessado em 18/04/08.

[9] Disponível no site Metareciclagem.org. Disponível em <http://www.metareciclagem.org>. Acessado em: 18/04/08

[10] TAVARES, Paulo, em entrevista concedida a Cláudio Prado em dezembro de 2006. Disponível em <http://www.estudiolivres.org/el-gallery_view.php?arquivoId=3491> Acessado em 20/01/2010.

[11] OXUM, Beth. Notícias de Olinda. Disponível em <http://www.estudiolivres.org/el-gallery_view.php?arquivoId=1590>. Acessado em 20/01/2010.

[12] TAVARES, Paulo. Idem.

[13] Vide Invenção do Cotidiano. Michael de Certau.

[14] Em 2005 esperava-se trabalhar com 100 Pontos de Cultura, mas logo no primeiro edital foram selecionados e conveniados mais de 250 projetos.

[15] SIMÕES, Chico. Entrevista concedida à autora por e-mail em 18/05/08.

[16] FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 30 edição. Paz e terra. 2007.

[17] BALVEDI, Fabianne. Et all. Estúdios Livres. 2006. Disponível em <http://www.estudiolivres.org/tiki-index.php?page=paperEL&bl>. Acessado em 20/04/08.

Gerador elétrico

Peetssa



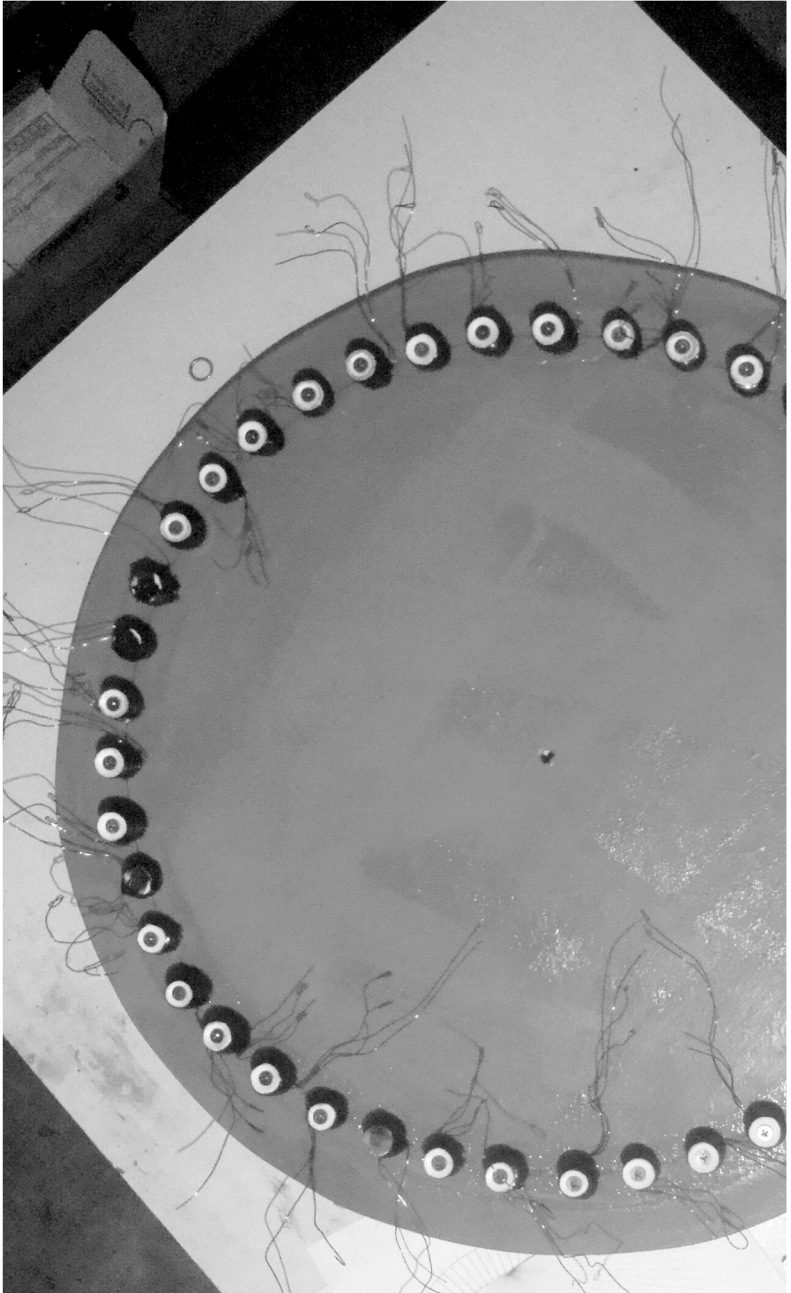
100 HDs de computadores quebrados.



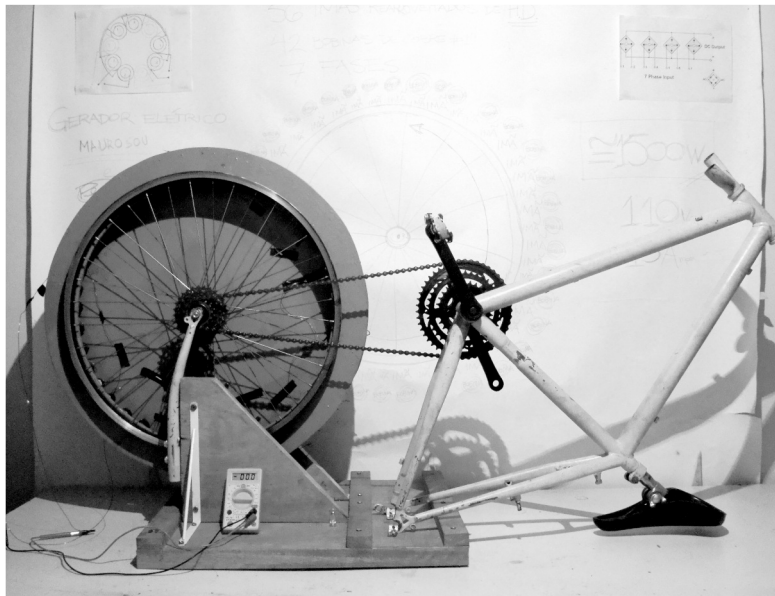
48 ímãs de HD de computador.



Roda de bicicleta.



84 bobinas de fio de cobre esmaltado 0,9mm por 200 voltas.
Aproximadamente 4kg de cobre.



Fixe os ímãs na roda de bicicleta em um círculo de mesmo raio que o disco de bobinas. Aproximando o disco de bobinas ao disco de ímãs em movimento obteremos corrente elétrica induzida magneticamente. A potência é determinada pela velocidade.



Acoplando a coroa da bicicleta a uma roda d'água a energia cinética é contínua. A água não para de cair, a roda não para de girar.

A fronteira virtuosa: universidade, mídias livres e diálogo intercultural¹

Guilherme Gitahy de Figueiredo

Universidade do Estado do Amazonas

Em março de 2005 teve início, no Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST-UEA), uma experiência envolvendo ensino, pesquisa, extensão, movimentos sociais e “mídias livres”: a utilização de tecnologias de comunicação e informação (TICs) gerida por coletivos abertos e horizontais para a construção de formas dialógicas de comunicação. Trata-se de uma experiência que Turner (1974; 2008) chamaria de “liminar”: capaz de gerar mudanças nas estruturas das relações sociais na medida em que os sujeitos instauram vivências para além das estruturas dadas, ou seja, naquele âmbito da “*communitas*”, em que as formas de organização existentes são momentaneamente suspensas em nome de valores igualitários, de modo a permitir a formação de novas estruturas - que podem ser mais ou menos hierárquicas do que antes - e a renovação da coesão ou da cisão social. O processo vivido em Tefé é também de “fronteira”, na acepção que Tassinari (2001) formulou para pensar as escolas indígenas, ou seja, onde conflitos, diálogos e evitações étnicas, identitárias, culturais e linguísticas entrecruzam-se formando zonas complexas e ambíguas de diferenças. Destas fronteiras que temos animado em Tefé, podemos dizer que possivelmente escondem formas de dominação, mas vêm propiciando momentos de suspensão das hierarquias, gestando-se paulatinamente aprendizagens rumo à dialogia entre os grupos e indivíduos envolvidos e ao amadurecimento de suas autonomias.

Ao tornar-me professor universitário em 2005, responsável pelas disciplinas de introdução à antropologia no CEST-UEA, trouxe a experiência coletiva de nove anos de pesquisa sobre o movimento indígena mexicano autodenominado zapatista, cinco anos de radialismo experimental no Rizoma de Rádios Livres e quatro anos como jornalista libertário no Centro de Mídia Independente. O primeiro tornou-se famoso por conceber táticas de transformação social calcadas não na busca do poder do Estado e sim, ao largo deste, na invenção de laços de comunicação e solidariedade entre os grupos sociais de modo a se tecer “um mundo onde caibam muitos mundos”. O Rizoma de Rádios Livres, por sua vez, vem combatendo o monopólio com fins políticos e econômicos dos meios de comunicação através da invenção de coletivos horizontais e autônomos que experimentam usos tecnológicos e linguagens liminares, permitindo a libertação do potencial criativo e

comunicativo dos jovens e movimentos sociais envolvidos. Já o Centro de Mídia Independente é uma rede formada junto ao movimento juvenil anticapitalista que eclodiu em Seattle de 1999 e que, até os dias de hoje, atua com a democratização da produção e difusão de notícias sobre as lutas sociais em centenas de cidades de todo o mundo. Não por acaso, ao abordar em sala de aula os conceitos fundamentais para a antropologia – racismo, cultura, etnocentrismo, alteridade, evolucionismo e relativismo cultural – no contexto da colonização pregressa e atual do Brasil e da Amazônia, formulei a tática de mostrar a utilidade da teoria antropológica através do debate sobre os processos de dominação e democratização na cultura, na educação e na comunicação: venho tentando armá-los para suas formulações cotidianas de táticas de fortalecimento de suas autonomias individuais e coletivas, bem como de suas redes colaborativas, nos processos culturais. Sendo eu mesmo o fruto de tantas experiências coletivas, e dando seqüência à colaboração como forma de pensamento e ação, passo a partir daqui a utilizar a primeira e a terceira pessoa do plural.



Um dos murais do Caracol zapatista de Oventic, Chiapas, México. Foto de Tim Russo.



Malabares, rádio Xibé, capoeira, skate, zines, grafite, vídeo e fotos na Flor do Rock na Rua em 07/06/2009.

Como fruto deste debate nas salas de aula e outros eventos correlatos realizados em 2006 - o seminário Flor da Palavra para debater o zapatismo e os movimentos sociais da zona rural do Médio Solimões, um seminário sobre movimentos urbanos, a participação no Festival Latino Americano da Classe Obreira e uma Oficina de Filme Documentário -, surgiu em outubro do mesmo ano um grupo de estudantes interessado em dar início a um coletivo do Centro de Mídia Independente em Tefé (CMI-Tefé). Logo o coletivo adquiriu um transmissor, e passou a atuar com a busca de alternativas de produção de notícias, sites, software livre, vídeo, foto e rádio livre: em 27 de outubro nasceu a rádio Xibé. Após nos comprometermos a ajudar este coletivo, participávamos nele como iguais aos outros: “aqui não sou o professor, somos iguais”, dizíamos temendo sermos tomados por hipócritas ou demagogos. “Fora” do coletivo, como “professor” e “pesquisador”, iniciamos um processo de institucionalização de projetos de pesquisa e extensão que complementassem as ações de ensino e ativismo. Teve início o projeto Laboratório de Comunicação Livre (Figueiredo, 2008b), sistematizando no papel as ações que já vinham sendo realizadas e, simultaneamente, o projeto Olhares de Tefé que, através da história oral, passou a mobilizar centenas de estudantes de nossas disciplinas para levantar relatos de histórias de vida e interpretar neles quais seriam as formas cotidianas de resistência social. Em 2007, fui convidado a trazer para Tefé o

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia coordenado por Alfredo Wagner Berno de Almeida, passando a auxiliar o movimento da Terra Indígena Barreira da Missão a autcartografar suas lutas (Figueiredo, 2008b). Esta variedade de ações parece indicar a dispersão, mas todas possuem um denominador comum: a democratização da ciência, da tecnologia e da cultura através da construção de dinâmicas estruturais dialógicas no uso de instituições, saberes, ferramentas, valores e significados. Aqui abordaremos apenas os processos desencadeados com a utilização de mídias livres.

Estabelecida, já em 2006, a “parceria” entre o CEST-UEA e o CMI-Tefé, passamos a levar oficinas de mídia livre para escolas públicas, terras indígenas, assembleias do movimento indígena, bairros e comunidades em municípios do Médio Solimões e até em outros estados, como na cidade de Cantá (RR). A relação entre o CEST-UEA e o CMI-Tefé foi abordada num estudo (Figueiredo, 2008b) que analisava a tentativa de se preservar a autonomia destes voluntários frente aos dispositivos disciplinares (Foulcault, 2008; Illich, 1973) presentes nas instituições modernas e na universidade em particular. Paula e Figueiredo (2008), por sua vez, analisaram as trajetórias dos voluntários do CMI-Tefé, demonstrando como tinham obtido ganhos em autonomia individual. A partir de 2007, as atividades com mídias livres foram levadas aos povos indígenas através do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia em Tefé. Então, um novo artigo (Figueiredo, 2008a) usou a teoria das “artes de fazer” de Certeau (2003) e a etno-história dos povos indígenas do Solimões como ferramentas para analisar o modo como eles estavam se apropriando das oficinas de mídia livre para a sua centenária luta por autonomia. É chegada a hora de reunir todas estas contribuições e somar a elas uma reflexão sobre a história de luta da universidade e da educação brasileiras por fazerem-se instrumentos de emancipação social e, apropriando-nos dos aportes teóricos de Turner e Tassinari, desvelar as tessituras desta fronteira virtuosa em que as ações de cada ator não geram lucros com as perdas do outro. Ganha-se autonomia mediante o ganho em autonomia dos outros, conquanto vão sendo depositados os tijolos de uma estrutura social em que seja possível a dialogia, e para a qual as tradições comunitárias de que estamos tão bem servidos na Amazônia são fonte privilegiada de experiência e sabedoria.

Para a etnografia da apropriação das oficinas e mídias pelos povos indígenas do Médio Solimões foi utilizado Certeau (2003): “cultura popular” corresponde a “artes de fazer” ou “táticas” em que o povo realiza “bricolagens”, recombina os produtos e os espaços dominantes de

modo a conferir-lhes novos usos e significados conforme suas tradições e objetivos. A etno-história desses povos ajuda a reconstituir as sua centenária luta por autonomia (Falhaber, 1998; Oliveira R. C., 1996; Oliveira J. P., 1977; 1999), de modo a melhor compreender suas táticas atuais e a apropriação das mídias livres. Suas táticas visam a autonomia comunitária e se fortalecem com a diversificação dos atores (comerciantes, FUNAI, Igreja, universidade), o diálogo através do qual agenciam direitos e a pressão, quando o diálogo não é possível. Vale ressaltar que foi a partir do diálogo com a universidade que os indígenas agenciaram os projetos de extensão e pesquisa, entre os quais engajaram-se o Nova Cartografia Social da Amazônia em Tefé e o CMI-Tefé. O processo de apropriação das tecnologias e oficinas de comunicação livre possui as seguintes facetas: 1) Primeiramente, são usadas como afirmação da cultura e direitos indígenas: na rádio falam em línguas indígenas, sobre o direito à terra e a identidade étnica; 2) Usam também como forma de ampliação do alcance de sua “voz”: é o caso das transmissões ao vivo de festas e assembleias, bem como dos áudios e textos sobre suas atividades que têm sido divulgados pela internet; 3) A comunicação tem se revelado uma arma importante para a pressão política que o movimento indígena costuma realizar quando estão esgotados os canais de diálogo. A gravação em áudio e vídeo de promessas do secretário de educação de Tefé, por exemplo, chegou a ser usada como “prova” junto ao Ministério Público, garantindo o apoio da instituição à demanda de contratação de professores indíge-



Oficina do CMI-Tefé e UEA na aldeia Marajaí, município de Alvarães (AM), realizada em 13/12/2008.

nas; 4) A comunicação tem ainda facilitado o processo de organização do movimento indígena, como, por exemplo, o uso da rádio, foto e vídeo para transmitir ao vivo e registrar as assembleias do movimento; 5) Finalmente, é importante destacar que, através destas atividades de pesquisa e extensão, o processo de colaboração entre povos indígenas e universidade tem amadurecido.

Para o estudo da trajetória dos voluntários do CMI-Tefé privilegiou-se a realização de histórias de vida a partir da tradição que vê na história oral a possibilidade da democratização da história (Thompson, 1992). O primeiro fundador do CMI-Tefé e atual bolsista de iniciação científica com pesquisa sobre o seu próprio coletivo, Pedro Pontes de Paula Júnior, realizou entrevistas de história de vida com alguns dos seus principais voluntários. Dos relatos, notamos os traços do fortalecimento da autonomia individual: 1) A participação no coletivo e em parceria com a universidade passou a facilitar o acesso a tecnologias e à produção cultural; 2) O trabalho de organização e a relação crítica com a informação e a cultura está contribuindo para um aumento considerável de participação política e interesse em movimentos como o estudantil, o indígena e organizações ambientalistas; 3) Os jovens estão conquistando novas oportunidades profissionais, tais como os estágios na rede Globo local e no jornal impresso Folha de Tefé, o emprego no setor de informática da universidade, bolsa de estudo em instituição ambientalista e outras, uma vez que seus voluntários tendem a ser vistos na cidade como portadores de talentos e qualificação especiais; 4) Finalmente, estão vencendo barreiras como a timidez e a auto-estima, valorizando cada vez mais a si próprios enquanto protagonistas da vida universitária, da cidade e mesmo do país. O mais tímido de todos os voluntários, por exemplo, impressionou a todos quando acabou indo a Brasília representando os movimentos sociais do Amazonas num processo de consulta pública sobre as cidades.

A Universidade tem propiciado, para estas atividades, o ensino em cursos ordinários e de extensão ligados à comunicação social e à antropologia, bolsas de iniciação científica, passagens para a participação em eventos científicos, livros, equipamentos, legitimidade e apoio institucional (às vezes com certa ambiguidade devido à ambivalência da lei quanto às rádios livres). Tem procurado também estabelecer uma relação de parceria horizontal com seus voluntários, para evitar que a organização disciplinar da universidade sufoque o coletivo. Para Foulcault (2008), as instituições modernas são organizadas com fluxos verticais e unilaterais de informação, em que um centro colhe dados

da base para realizar o planejamento pelo qual recalcula constantemente seu comando sobre os corpos que integram a organização. Illich (1973) mostra, ainda, que a universidade e outras instituições monopolizam a legitimidade sobre suas especialidades. A escola moderna ensina, em primeiro lugar, que não existem saberes além dos que ela professa, usurpando a legitimidade das tradições, que para Certeau (2003) são constitutivas das táticas pelas quais os grupos populares conservam ou expandem sua autonomia. Portanto, o bom funcionamento deste tipo de organização implica uma interação oposta à dialogia e que deveria, em tese, inviabilizar o funcionamento de um coletivo com estrutura dialógica como o CMI-Tefé. A universidade brasileira não é, porém, feita à imagem e semelhança da prisão panóptica de Foucault². Também não é e nem poderia ser neutra e imparcial. Funcionou originalmente para transplantar a cultura, instituições e tecnologias dos impérios neocoloniais ao Brasil, mas possui já uma tradição centenária de luta por fazer-se instrumento de emancipação nacional. Recapitular os marcos deste processo pode nos ajudar a pensar uma possível faceta autonomista da universidade, muitas vezes denominada “autonomia universitária”, donde compreender que as relações sociais em uma universidade pública brasileira possam fornecer algumas condições propícias para um coletivo em que prevalece a pro-



Xibé, dança, artesanato, vídeo, telão, apresentações científicas, funk e fotos na Flor da Vila em 05/07/2008.

dução colaborativa e uma proposta de democratização dos meios de comunicação que desafia o monopólio político e comercial das TICs.

Em 1935, com a fundação da Universidade do Distrito Federal, Anísio Teixeira inaugurou uma era de esforços para superar o caráter colonial do ensino superior no Brasil através da institucionalização na universidade da liberdade de expressão, da crítica e do debate, tornando a universidade espaço de produção transmissão da cultura brasileira. Segundo Teixeira (1954; 1988), a educação brasileira servia antes para adornar as hierarquias sociais do que para resolver os problemas da nação, pois, importados como eram, pouca serventia apresentavam aos nossos desafios práticos: desta distância entre uma educação baseada em cultura estrangeira e a realidade brasileira viria o costume que arraigou-se no Brasil da separação entre produção intelectual e práticas sociais. Teixeira sonhava com a apropriação do pensamento racional originário da Grécia, com o qual poderíamos desenvolver uma ciência e cultura genuinamente brasileiras. O mais importante discípulo de Teixeira foi Darcy Ribeiro, que liderou um novo esforço autonomista com a criação da Universidade de Brasília (UnB), instituída pelo Congresso Nacional em 1961. Segundo Ribeiro (1969; 1986), a UnB foi desenhada para otimizar recursos e estabelecer as condições para o



Dia da Amizade em 31/01/2009: oficinas de carimbó, respiração, fabricação de instrumentos com sementes, comilança de frutas e protesto contra a poluição no começo do ajuri do Caracol, ilha de Caratateua, Belém (PA).

desenvolvimento de uma ciência genuinamente nacional, que deveria não apenas comprometer-se, mas impulsionar o desenvolvimento autônomo do país, e que ao mesmo tempo se tornasse competitiva na comunidade científica internacional e contribuinte da “cultura universal”. Para tanto, mecanismos foram pensados para democratizar as estruturas universitárias, permitindo a gestão paritária de professores, funcionários e estudantes. Além disso, a ciência deveria, sem prejuízo para a liberdade de pesquisa e das chamadas “ciências puras”, comprometer-se com a solução das demandas sociais e democráticas do “povo brasileiro”. Embora fosse antropólogo, Darcy Ribeiro via a cultura nacional moderna como um futuro fruto de uma universidade voluntariosa. Do lado de fora da nova universidade, as tradições estariam contaminadas com uma mentalidade subalterna e colonial.

Embora rapidamente abortadas por ditaduras, estas experiências intelectuais e práticas deixaram marcas importantes no que é atualmente a universidade pública brasileira. Vivemos, porém, um momento talvez ainda mais fecundo: ganha vulto o conceito de “conhecimento tradicional” e a legitimação das tradições enquanto fontes de saber e autonomia. Além disso, no limiar do pensamento e da ação sobre educação e universidade, encontramos hoje as riquíssimas experiências de “educação escolar indígena”, que poderiam muito bem servir de inspiração para o conjunto da educação e da ciência no Brasil. Elas combinam as metas de descentralização e do fortalecimento da autonomia local nos processos educativos com a imprescindível capilaridade para os mitos, saberes e valores tradicionais dos povos que formam a nação. Como afirma Tassinari (2001), diferentes teorias permitem variações na reflexão sobre a escola indígena. Teóricos da globalização do capital como Wallerstein e Chesnaux desenham um cenário em que as culturas locais perdem força diante da articulação das comunidades ao sistema econômico mundial: naturalmente, nesta perspectiva o projeto de escola indígena para a revitalização cultural e a autonomia seria inviável. Com base em Sahlins, a autora destaca uma segunda vertente teórica, na qual os povos indígenas são capazes de se apropriar dos processos e produtos da economia globalizada, re-significando e orquestrando novos usos a partir de suas tradições. É nesta mesma vertente que analisamos, com Certaeu (2003), a apropriação das mídias livres e oficinas pelos povos indígenas no Médio Solimões no artigo supracitado. Ela serviria também para se pensar a escola ou a universidade enquanto passíveis de apropriação pelos povos indígenas e outros grupos sociais. De agentes da colonização, elas passariam a ferramentas de emancipação.

Tassinari (2001) aponta, porém, uma terceira vertente: usando Barth, Leach e Wolf, procura mostrar a complexidade que pode surgir ao se descrever as relações assimétricas, heterogêneas e mal delimitadas entre etnias, identidades, culturas, e linguagens, cujas diferenças definem as ambíguas zonas de “fronteira”. Se a segunda vertente enfatiza a resistência de tradições, a terceira destaca a persistência das diferenças. Assim, a escola e a universidade, enquanto instituições voltadas ao “diálogo intercultural”, podem ser pensadas por nós como fronteiras onde podem persistir relações de dominação lado a lado com experiências de resistência ou transformação autonomista, canais de diálogo junto a linhas de isolamento, estruturas rigidamente verticais paradoxalmente combinadas com estruturas fundamentadas na dialogia. O pensamento da autora é um sedutor convite ao incremento de pesquisas etnográficas que possam trazer novas pistas sobre estas ambíguas fronteiras.

Em Tefé, a experiência e a pesquisa têm relevado o potencial das mídias livres para fazer da universidade uma fronteira virtuosa, em que é fomentada a dialogia na comunicação e nas relações sociais. O seu uso tem permitido deslocamentos da prática universitária que são fundamentais para a democratização da universidade: 1) As atividades realizadas por um coletivo aberto e horizontal nas instalações da universidade permitem a entrada, na “cidade do saber”, de produtores



Oficina de rádio livre na comunidade Punã, município de Uarini (AM) em 22/11/2008.

e realizadores que frequentemente não passam pelos filtros dos concursos e vestibulares. É preciso verificar, porém, que outras espécies de filtros podem estar surgindo; 2) As atividades realizadas fora das suas instalações - nos bairros, aldeias, assembléias de movimentos, escolas, etc - fazem da produção colaborativa de saberes, tecnologias, práticas e processos algo a ser estimulado onde quer que pessoas, grupos, instituições e povos queiram: neste caso o papel do “professor” e do “pesquisador” perde o monopólio da produção “científica”, mas amplia-se para alcançar um espectro muito mais amplo do que o atual para atuar na animação de processos colaborativos que revitalizam e reestruturam as dinâmicas sociais; 3) Áudios, imagens, vídeos e suas diversas formas de difusão e consumo, produzidas colaborativamente, ajudam a realimentar estas práticas liminares e fronteiriças realizadas através da comunicação e da solidariedade. Tais como os “rituais de passagem” analisados por Turner (1974; 2008), são momentos de suspensão das estruturas sociais – sistemas de status e posições sociais entre os diferentes atores – em que elas são reorganizadas em direção a formas com maior horizontalidade: a construção de estruturas dialógicas que correspondem à possibilidade da coexistência dos diversos tipos de autonomias individuais e coletivas. As formas mais radicais destas experiências são os eventos denominados “Flor da Palavra”, organizados e realizados colaborativamente desde 2006, e que visam facilitar a aproximação de atores diversos como universidade, escolas, mídias livres, movimentos indígenas, movimentos culturais de juventude, bairros, aldeias, comunidades, e variadas técnicas e linguagens. Eventos com este mesmo nome têm sido realizados em outras cidades, e compartilhados pela rede de inspiração zapatista também denominada “Flor da Palavra”. Na ilha de Cararateua, Belém (PA), a rede deu início em 2009 ao ajuri do Caracol: a construção de um espaço físico autônomo e permanente para catalisar a comunicação e a solidariedade entre a população deste local com grupos e pessoas de outras regiões do país.

A importância das mídias livres para o amadurecimento da já centenária experiência autonomista da universidade pública brasileira começa timidamente a ser reconhecida, como se vê nesta carta do então reitor da Unicamp Jorge Tadeu (2009) ao ministro da justiça Tarso Genro após a apreensão de equipamentos da rádio livre Muda em seu campus: [é preciso] “rever as regras que impedem o crescimento das rádios comunitárias (...) acreditamos – e este é o pensamento dominante não só nesta mas nas universidades brasileiras de um modo geral – que com isto muito ganharia a liberdade de expressão no país, como

também a produção cultural e a difusão de culturas comunitárias peculiares num universo tão diversificado e rico como é o Brasil, entre as quais se inserem as comunidades universitárias”. Usando as mídias livres, a UEA em Tefé, junto com seus parceiros do CMI-Tefé, movimentos indígenas, movimentos culturais de juventude e outros, temos inventado modos colaborativos de ensino, pesquisa e extensão e ampliado as fronteiras da universidade. Nesta caminhada é desejável cometer erros: como afirmava Heron de Alencar (1969: 295) referindo-se ao espírito da primeira fase da UnB, sem o “direito de errar (...) será sempre difícil fazer alguma coisa que valha a pena”.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Heron de. A Universidade de Brasília – projeto nacional da intelectualidade brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. A universidade necessária. São Paulo: Paz e Terra, 1969.
- CERTEAU, Michel de. Introdução geral. A Invenção do Cotidiano: Vol.1 Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FAULHABER, Priscila. O Lago dos Espelhos: etnografia do saber sobre a fronteira em Tefé/Amazonas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.
- FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. A Flor Indígena: artes de fazer e mídias livres na Barreira da Missão (Tefé-AM). In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2008a, Natal (RN). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1815-1.pdf> Consultado em 29/03/2009.
- FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. Quando a cidade atraca nas aldeias: Barreira da Missão, Tefé (AM). In: 26a Reunião Brasileira de Antropologia, 2008b, Porto Seguro (BA). Disponível em: http://201.48.149.88/abant/arquivos/22_5_2008_17_17_47.pdf Consultado em: 04/06/2008.
- FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. Um laboratório de comunicação livre no médio Solimões. In: FUSER, Bruno. Comunicação para a cidadania: caminhos e impasses. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008b.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1983.
- ILLICH, Ivan. Sociedade Sem Escolas. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. As facções e a ordem política em uma reserva ticuna. 1977. 299 f. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 1977.

- OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio de Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O índio e o mundo dos brancos*. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 1996.
- PAULA Júnior, Pedro Pontes de; FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. Transformação e reprodução social na experiência do Centro de Mídia Independente de Tefé. In: 26a Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro (BA). Disponível em: http://201.48.149.88/abant/arquivos/24_5_2008_17_57_41.pdf Consultado em: 29/03/2009.
- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. São Paulo: Paz e Terra, 1969.
- RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Ed. UNB, 1986.
- TADEU, Jorge. Carta do reitor da Unicamp ao ministro da justiça Tarso Genro sobre a apreensão dos equipamentos da rádio Muda. Ofício 92/09. Campinas, 13 de março de 2009.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: MARI/ FAPESP, 2001.
- TEIXEIRA, Anísio. *A universidade e a liberdade humana*. Ministério da Educação e Cultura: Dep. de Imprensa Nacional, 1954.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1988.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TURNER, Victor W. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Ed. UFF, 2008.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Notas

- 1 Trabalho apresentado na VIII Reunião de Antropologia do Mercosul “Diversidade e poder na América Latina”, dentro do Grupo de Trabalho intitulado “Povos indígenas e processos de educação escolar e não escolar”, realizado em Buenos Aires entre 29 e 2 de outubro de 2009.
- 2 Ao formular sua teoria das instituições disciplinares, Foucault afirma que a prisão moderna com sua arquitetura voltada para o controle de muitos detentos por poucos policiais, tornou-se modelar para as demais instituições. O termo “panóptico” refere-se à facilidade com que os poucos policiais podem vigiar tantos detentos, sem serem observados por eles, graças ao cálculo arquitetônico.

O Centro de Mídia Independente de Tefé: mídias livres na educação e na organização coletiva

Pedro Pontes de Paula Júnior

Guilherme Githay de Figueiredo

Resumo

O presente trabalho busca compreender como está sendo feita a introdução de novas tecnologias e meios de comunicação nas aldeias indígenas, bairros e comunidades em que atua o Centro de Mídia Independente de Tefé e quais as transformações que estão ocorrendo no decorrer desse processo. Para atingir o objetivo utilizaram-se os métodos de história oral e de observação participante. Este estudo abarca uma série de análises sobre a experiência dos voluntários do coletivo e dos grupos com os quais ele vem se envolvendo através de oficinas e de outras atividades.

Introdução

Este trabalho é resultado de uma série de estudos sobre o Centro de Mídia Independente de Tefé (CMI-Tefé) e os grupos com os quais tem atuado, do qual participo, realizados ao longo de dois anos de iniciação científica (2007 a 2009) e que já contaram com a publicação de dois artigos completos nos anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia e o da IV Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. O presente trabalho busca compreender como está sendo feita a introdução de novas tecnologias e meios de comunicação nas aldeias indígenas, bairros e comunidades em que atua o Centro de Mídia Independente de Tefé (CMI-Tefé) e quais as transformações que estão ocorrendo com os atores envolvidos no decorrer desse processo.

Este estudo foi realizado com os métodos de observação participante elaborado por Howard S. Becker (1994), e o de história oral de Paul Thompson (1992). A observação participante é definida por Becker (1994) através da inserção do pesquisador na vida cotidiana do grupo pesquisado. O pesquisador deve observar as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. O método de história oral é caracterizado por Thompson (1992) como um instrumento de democratização do passado, já que o mesmo possibilita o registro das memórias individuais, incluindo-se aí os setores marginalizados da população, como os “vencidos” e os analfabetos, geralmente esquecidos e privados do direito de ter a suas histórias de vida registradas. Destacaremos aqui o estudo realizado a partir das histórias de vida dos cinco integrantes mais

ativos do CMI-Tefé, da observação participante em oficinas realizadas nas assembleias do movimento indígena do Médio Solimões (AM), num curso de jornalismo popular desenvolvido em Cantá (RR) (a observação foi nas assembleias no AM ou no curso em RR?), por serem aqueles sob os quais se acumularam mais dados e análises até o momento, embora seja apenas uma pequena parcela das ações já desenvolvidas pelo CMI-Tefé.

Da mídia corporativa à mídia alternativa

A mídia cinematográfica, com frequência tem mostrado a mídia corporativa como a dona do poder midiático, com profissionais desonestos que conquistam o sucesso através das desgraças alheias. Figuram nesse contexto filmes como Cidadão Kane (1941), A Montanha dos Setes Abutres (1951), A Embriaguez do Sucesso (1957), O Quarto Poder (1997) e V de Vingança (2005). O desenvolvimento dos meios de informação sempre esteve atrelado às relações de consumo e poder. Segundo Gisela Ortriwano (1985):

“A publicidade subvenciona os meios de comunicação de massa e, assim, condiciona todos os seus conteúdos, principalmente a informação. As empresas de comunicação lutaram para salvaguardar sua independência em relação aos governos, sem que percebessem que gradualmente se estavam entregando aos anunciantes” (ORTRIWANO, 1985 p.63).

Na contra mão das práticas monopolizadoras dos meios de comunicação, Bertolt Brecht criou em 1932 a “Teoria de Rádio”, que ressaltava um sistema de comunicação onde todos que tivessem em casa um aparelho de rádio fossem não apenas meros receptores, mas também emissores em potencial. Suas ideias foram endoçadas mais a frente por Enzensberger (1979), que foi além, afirmando ser possível tecnicamente tal feito, que só não acontece pela interferência daqueles que detém o poder:

“Como é natural, a sociedade burguesa opõe-se a essas possibilidades com toda uma bateria de medidas jurídicas. Apela para a inviolabilidade domiciliar, para o segredo comercial e para o segredo oficial” (ENZENSBERGER, 1979 p. 90).

No Brasil os movimentos pela democratização das comunicações pressionaram o governo para criação de um sistema regulamentado de radiodifusão comunitária que levou à criação em 19 de fevereiro de 1998, da lei Nº. 9612, que institui o serviço de radiodifusão comunitária. Po-

rém, nem tudo são rosas. Lima e Lopes (2007) revelam que entre os anos de 1999 e 2004 foram outorgadas 2205 rádios comunitárias, sendo possível identificar vínculo político ou religioso em 1106 (50,2%) delas. Os estados que superaram a média nacional de vínculo político ou religioso nas concessões foram Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Espírito Santo, Goiás e Minas Gerais.

“Já no início do processo de obtenção da outorga no Ministério das Comunicações fica claro que a existência de um “padrinho político” é determinante não só para a aprovação do pedido como para a sua velocidade de tramitação” (LIMA & LOPES, 2007 p.49).

Segundo o juiz federal Paulo Fernando Silveira (2001), a lei de radiodifusão comunitária é inconstitucional, agredindo vários trechos a Carta Magna que versam sobre o direito à liberdade de pensamento, à informação e a do federalismo. É ainda contrária ao Pacto de São José da Costa Rica, que se compromete em preservar legalmente os direitos e liberdades do ser humano, além de garantir o seu livre exercício do pensamento. Armando Coelho Neto (2002) insere neste debate a lei ambiental, considerando o espectro eletromagnético um bem ambiental, portanto de “uso comum de todos”.

“Dentro da concepção ambiental, não se pode esquecer das ondas ou do espectro eletromagnético como elementos integrantes do Direito Ambiental. Ele confunde-se com o ar, com a energia, mistura-se ao meio, ao ambiente” (NETO, 2002 p.163).

Para além das discussões legalistas, há aqueles que partem para a luta. A história dos movimentos de resistência global e estudantil revela experiências efetivas de democratização da comunicação.

Nos anos 70 da Europa, os movimentos de rádios livres, iniciados sobretudo na França e Itália por aficionados em eletrônica, começaram a perfurar o monopólio estatal das telecomunicações. No Brasil dos anos 80, a Rádio livre Xilik foi pioneira no cenário das universidades públicas, tendo sido criada por estudantes e professores da PUC-SP e da USP. Usando um singelo transmissor de 6 watts montado dentro de uma panela, mais tarde trocado por um de 40 watts, tinha o objetivo de divulgar o pensamento das rádios livres, e serviu de inspiração para o surgimento de novas rádios, algumas montadas com transmissores emprestados da própria Xilik (NUNES, 1995).

Na virada do milênio, o movimento de resistência global deu impulso ao combate à mídia corporativa. Em um encontro de mídia alternativa foi criado um site com um banco de dados multimídia de publicação aberta a quem quer que o acessasse com o intuito de servir para a troca de informações sobre os protestos contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle no ano de 1999. Esta ação fez tanto sucesso que acabou por se replicar por centenas de cidades do mundo, surgindo assim a rede internacional Indymedia, que no Brasil recebe o nome de Centro de Mídia Independente do Brasil ou CMI-Brasil (ORTELLADO & RYOKI, 2004). Burger (2004), afirma que o CMI é um dos meios mais sólidos de utilização da tecnologia para divulgação de informação, devido permitir que cada pessoa conectada a internet produza conteúdos noticiosos, “a produção da mídia ao alcance de todos”.

O site do CMI-Brasil começou em dezembro de 2000 e, desde então, coletivos têm se espalhado por todas as regiões do país. Em Tefé, município do estado Amazonas com mais de 70 mil habitantes e classificado como de “responsabilidade territorial”, sobre a região do Médio Solimões, um pré-coletivo do CMI começou a ser organizado em 2006 por iniciativa de acadêmicos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Desde então o CMI-Tefé tem atuado com uma rádio livre, a rádio Xibé, um site de publicação aberta (<http://xibe.radiolivre.org>), software livre, jornalismo popular, produção áudio-visual e oficinas voltadas a vários públicos. Em sua mais numerosa fase, o coletivo contou com mais de trinta voluntários, em sua maioria estudantes e jovens de movimentos culturais de Tefé que participavam especialmente da rádio Xibé. A rádio livre Xibé foi ao ar pela primeira vez no dia 27 de outubro de 2006, neste momento as transmissões foram realizadas nas dependências do CEST-UEA.

Todavia, é somente no dia 7 de setembro de 2006 que a rádio começa a repercutir efetivamente na sociedade local através de suas transmissões. A rádio participou ao vivo de uma audiência pública realizada na câmara dos vereadores, que tratava dos constantes problemas de energia elétrica na cidade de Tefé.

No dia 1º de dezembro, o coletivo deu início a 1ª Maratona de Oficinas de Mídia Democrática em Tefé, a atividade constituía-se na realização de oficinas de democratização dos meios de comunicação nas escolas públicas da cidade, ao todo cinco escolas estaduais participaram da maratona. Desde então o coletivo tem trilhado novos caminhos e realizado inúmeras ações para o desenvolvimento da democratização da

comunicação na região, processo este de extrema complexidade quanto aos seus efeitos que é analisado em parte nesse trabalho.

A trajetória dos voluntários do CMI-Tefé

Para compreender os processos de mudança social engendrados pelo CMI-Tefé, adotamos como primeira estratégia o estudo de cinco histórias de vida de seus voluntários mais ativos. Os dados foram organizados em categorias de análise, das quais iremos destacar as que tiveram a capacidade de abarcar as dimensões mais abordadas pelos entrevistados: participação política, acesso a tecnologias, sociabilidade e oportunidades profissionais.

Houve um aumento considerável da participação política após o início do envolvimento dos jovens no CMI-Tefé. Todos os entrevistados relatam que passaram a se envolver mais com causas sociais diversas, como por exemplo: a participação no Diretório Regional dos Estudantes, em fóruns nacionais de desenvolvimento das cidades e em ONGs voltadas a preservação do meio ambiente. Prática esta ligada sobretudo porque a crítica da mídia corporativa presente na experiência do CMI contribui para o despertar da reflexão crítica sobre outras dimensões da vida social e suas possibilidades de transformação. O desenvolvimento das atividades do CMI-Tefé facilitou o acesso à produção cultural e à manipulação de novas tecnologias como internet, computadores, filmadoras, gravadores de áudio e etc., o que implica em oportunidades maiores de intervenção no meio social, já que o acesso a tecnologias está sendo desmistificado, sendo dando a eles novos usos e objetivos. A participação dos entrevistados no coletivo está modificando as suas relações com outros meios sociais. Especificamente quanto à sociabilidade, três entrevistados falaram que antes de entrar no coletivo eram “tímidos”, e que a experiência de participação na rádio passou a estimular o interesse e o envolvimento maior com a comunidade universitária, a vida política do município, ONGs e etc.

Nas atividades realizadas pelo CMI-Tefé, são desenvolvidas várias ações que contribuem na formação educacional e profissional dos jovens que delas participam. Praticam-se a escrita, a fala, o manejo de equipamentos eletrônicos, hardware, software, habilidades diversas para o trabalho em equipe ou para lidar com os sujeitos das oficinas. Num contexto em que faltam profissionais qualificados para o manejo das novas tecnologias, esta experiência confere aos voluntários um prestígio especial e abre oportunidades profissionais nas instituições da cidade.

A integração com o movimento indígena

O processo de introdução de utilização democrática das tecnologias de comunicação e informação (TICs) no movimento indígena começa a partir da atuação do CMI-Tefé junto ao movimento. Esta atuação começou quando o movimento indígena do Médio Solimões levou à UEA a demanda pela realização de trabalhos de extensão e pesquisa em 2007. Como resposta, diversos professores levaram projetos para a terra indígena Barreira da Missão e, sendo o CMI Tefé parceiro do projeto “Mídia e Cidadania”, levou sua proposta de trabalho aos povos indígenas Ticuna, Cambeba e Cocama através de uma reunião realizada no dia 11 de agosto de 2007. Esta proposta foi aprovada e oficializada como parte integrante do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia em Tefé” (PNCSAT). Desde então o CMI-Tefé tem agido nas comunidades de diversas maneiras, especialmente através de oficinas e participando das atividades do movimento indígena. Acompanhamos duas assembleias do movimento indígena realizadas no mês de novembro de 2008, a V Assembleia da Associação Cultural dos Povos Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (ACPIMSA) e a I Assembleia da Associação das Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (AMIMSA). O CMI-Tefé participou de ambas levando a Rádio Livre Xibé, que transmitiu ao vivo tudo o que era dito nos microfones em frequência modulada: as discussões, apresentações de trabalhos científicos, palestras, votações e apresentações culturais. A transmissão foi feita FM7 na frequência 106,7. A assembleia da ACPIMSA foi marcada pela participação de várias etnias da região do Médio Solimões. Foi feita a prestação de contas dos projetos realizados nas comunidades indígenas, palestras de pesquisadores convidados e a eleição da nova diretoria. No decorrer do evento, membros da diretoria da ACPIMSA faziam o registro das atividades utilizando máquinas fotográficas e filmadoras que foram compradas graças ao PNCSAT. Mesmo com a utilização de TICs os participantes não se inibiram em participar das discussões e expor as suas opiniões. Aproveitando a estrutura e organização da assembleia da ACPIMSA, no dia seguinte as mulheres indígenas realizaram a sua primeira assembleia. A organização de mulheres indígenas já é antiga na região, porém nunca uma associação havia sido legalizada. Por isso assembleia das mulheres procurou definir o estatuto e eleger a nova diretoria. As líderes indígenas empossadas utilizaram a rádio para legitimar a identidade indígena feminina, as indígenas também utilizaram a rádio para entrevistar si próprias, tal processo serviu para integrar as mulheres de outras aldeias e mobilizar todas na luta pelos seus direitos, inclusive na elaboração de projetos.

O curso de Jornalismo Popular e Rádio Comunitária

O coletivo do CMI-Tefé tem utilizado de oportunidades oferecidas por projetos governamentais e não governamentais para intensificar as suas ações. Em 2009 começou o ano participando da Operação Centro-Norte do Projeto Rondon, propondo a realização do Curso de Jornalismo Popular e Rádio Comunitária.

O Projeto Rondon foi criado no ano de 1967 e foi desativado em 1989, retornando somente em 2003 por solicitação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Atualmente o projeto tem como objetivo a integração entre as regiões do país, assim universitários são deslocados para regiões distantes dos seus locais de origem para desenvolver atividades de extensão vinculadas à cidadania, bem-estar, desenvolvimento sustentável e gestão pública. A intenção é que se formem multiplicadores para atuar nos municípios a fim de mudar a realidade local. Para participar do projeto, as universidades interessadas devem enviar propostas de trabalho ao Ministério da Defesa, que abre edital todos os anos. Este ano a UEA foi selecionada para participar, e foi como parte de sua proposta de trabalho que encaixou-se o curso preparado pelo CMI-Tefé. A UEA convidou o CMI-Tefé após identificar, no município de Cantá, a demanda dos moradores locais por meios de comunicação. O município fica bastante próximo da capital do Estado, Boa Vista, mas não possui rádios e TVs próprias, sendo que todos os sinais eletromagnéticos propagados na cidade são oriundos de Boa Vista. O curso foi realizado primeiramente na comunidade de Felix Pinto, durante os dias 02 e 03 de fevereiro, com a participação de 40 moradores. Na sede do município de Cantá, foi de 9 a 11 de fevereiro e participaram 42 moradores. No total foram 82 comunicadores populares formados que, segundo os objetivos do curso, devem tornar-se multiplicadores dos conhecimentos adquiridos. O curso teve duas etapas: na primeira foi trabalhada a história do rádio no Brasil, do seu surgimento na década de 20 como “rádios sociedades” até a sua emergência enquanto importante “meio de comunicação de massa” com a influência política e econômica que ainda existem atualmente, e a necessidade de sua democratização. Tratou-se das rádios livres, comunitárias, e dos seus papéis na sociedade e para o desenvolvimento local. Na segunda etapa foi destacada a produção de textos jornalísticos, de modo a preparar os comunicadores para a utilização da rádio como instrumento de produção local de notícias.

Ao longo da realização do curso nas duas localidades, foi marcante o grande interesse dos moradores, especialmente das mulheres, que fo-

ram responsáveis por pouco mais da metade dos inscritos. Cerca de 70% dos inscritos eram jovens estudantes do ensino médio, alguns deles no terceiro ano. Ao avaliar o curso, os que eram formandos no ensino médio (onze deles) afirmaram que antes não sabiam o que prestar no vestibular, e com o curso decidiram prestar para jornalismo.

Diante das facilidades expostas durante o curso sobre a construção de transmissores em frequência modulada, um dos participantes do curso na sede de Cantá procurou um técnico em eletrônica da cidade para conferir a realidade da informação e, no outro dia, ele voltou ao curso com um mini-transmissor construído de forma artesanal dentro de uma caixa de fósforos. O transmissor foi testado nos intervalos do curso pelos participantes. Nota-se neste evento a interessante descoberta, pelos moradores, de que parte dos conhecimentos e tecnologias necessárias para atender à sua demanda já estavam disponíveis na cidade. De modo geral, 100% dos participantes qualificaram a atividade como muito boa, pois vai de encontro com uma das principais necessidades do município. Quanto aos aspectos negativos, foi unânime a reclamação por mais dias de cursos. Um dos resultados mais importantes foi a decisão dos moradores da sede do município de criar a Associação Comunitária de Moradores de Cantá, tendo como principal objetivo a arrecadação de recursos para a compra de equipamentos para a rádio comunitária do município. Pode-se dizer, assim, que o curso estimulou o associativismo e a organização local para os interesses dos comunitários.

No último dia de Projeto Rondon no município foi organizada pela prefeitura uma cerimônia de encerramento das atividades, onde foram entregues aos rondonistas certificados reconhecendo os seus trabalhos e onde também foi aberto espaço aos moradores para fazerem uso da palavra. Na oportunidade, o senhor Wilson Silva Santos, de 39 anos, deu um depoimento emocionado falando que a sua participação no curso lhe incentivou a voltar a estudar. Wilson era semi analfabeto e tinha dificuldade nos exercícios que exigiam a escrita.

Dessa forma, podemos concluir que a realização do curso no município de Cantá contribuiu para a transformação nas relações sociais vividas no cotidiano local, com destaque para o estímulo à educação, a abertura de perspectivas profissionais, a valorização dos conhecimentos e tecnologias já dominados localmente, e o estímulo ao associativismo e à organização comunitária.

Considerações Finais

Comparando as dimensões abordadas nas várias etapas desta pesquisa, notamos que alguns processos são comuns a todas elas, destacando-se os ganhos educativos, o acesso a tecnologias (ou valorização de tecnologias já existentes, como em Cantá) e, sobretudo, a maior participação política ou o fortalecimento organizativo.

Enzensberger (1979) destaca que toda produção midiática que tenha por objetivo os interesses dos produtores pressupõe um método coletivo de produção, sendo assim uma forma de organização frente às necessidades sociais. Assim, verificamos que o trabalho desenvolvido pelo CMI-Tefé desencadeia processos virtuosos em que ganhos similares ocorrem para seus voluntários e para as populações envolvidas em suas ações. Estes ganhos, por sua vez, estão associados ao fortalecimento da organização local e da solidariedade entre os grupos. Tendo em vista tantos benefícios, espera-se que iniciativas como essas do CMI-Tefé sejam levadas em consideração no repensar das políticas dos meios de comunicação.

Referências bibliográficas

- BECKER, S. Howard. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- BURGER, Marcelo Wanderley. Centro de Mídia Independente: ativismo político na internet e ação direta nas ruas. 2004.114f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- LIMA, Venício; LOPES, Cristiano. Rádios Comunitárias: Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999-2004) as autorizações de emissoras como moeda de barganha política: Projor, 2007.
- NETO, Armando Coelho. Rádio Comunitária Não é Crime. Direito de Antena: o espectro eletromagnético como um bem difuso. São Paulo: Ícone Editora, 2002.
- NUNES, Marisa Aparecida Meliani. Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil. 1995. 86f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- ORTELLADO, Pablo; RYOKI, André. Estamos Vencendo!: resistência global no Brasil. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 5.ed. São Paulo: Summus, 1985.

PAULA JÚNIOR, Pedro Pontes; FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy. Centro de Mídia Independente de Tefé e a Organização das Atividades: nova forma de fazer militância. IV Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, Recife, Outubro 2008.

PAULA JÚNIOR, Pedro Pontes; FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy. Transformação e Reprodução Social na Experiência do Centro de Mídia Independente de Tefé. ABA Associação Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Junho 2008.

SCHOR, T.; COSTA, D.P.; OLIVEIRA, J.A. Notas sobre a tipificação da rede urbana na calha do rio Solimões, Amazonas. Manaus: NEPECAB/UFAM, 2006.

SILVEIRA, Paulo Fernando. Rádios Comunitárias. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

"Esta é uma questão sobre aquilo que vai viver e aquilo que vai morrer."

Juliana Dorneles/março 2010

Sem resignação, sem desespero, mas com a neutralidade trágica da constatação, estávamos resumindo uma luta de forças da qual éramos a parte sabida que ia morrer. Moribundas, nos entregamos aos fatos. Mas não calamos aos profetas do gesto certo, políticos de qualquer natureza, àqueles que pensam que a vida dar certo é uma questão de habilidade pessoal de autocondução ao sucesso.

Somos o que resta de um desastre que nos matou tanto mais quanto mais noites em claro passamos amaldiçoando nossa incapacidade de viver desse jeito, nossa inabilidade de ser como tem que ser, nosso jeito de fazer tudo errado, reclamar tudo errado, viver tudo errado, precisar tudo errado.

Dizem que há algum problema conosco. Talvez uma falta de aptidão política, uma falta de senso de oportunidade, talvez um trabalho ruim mesmo. Talvez não saibamos falar, não sabemos como evitar que a desgraça se abata sobre nós, nem não ficar pobres, nem não ter que pedir esmolas para. Tampouco temos orgulho suficiente para deixar tudo isso bem quieto.

Estamos atrás... De projetos, editais, uma entrada num curso grátis, um desconto numa boate, um convite para uma exposição, uma vaga em alguma produção qualquer, uma chance de mostrar nosso trabalho, uma garrafa de Veuve Clicquot, uma ponta, qualquer coisa que você tenha nos interessa... Estamos atrás.

Dependemos, desesperadamente, que nos amem, que nos queiram, que nos chamem, que se lembrem de nós. E por fim também queremos que nos deem dinheiro de preferência o fazendo aparecer, assim, por acaso, na palma da nossa mão.

Mas como? Somos tão erradas, tão loucas, tão demandantes, tão histéricas, tão sem noção, tão preguiçosas, tão gostosas...

Desastradas e sensuais. De um clamor que só os verdadeiramente mortos fazem agitar os demasiadamente vivos. Cortesãs de um mundo decadente, indecente e indigno. Um mundo deficiente e deprimente, onde o paradoxo é esta profunda atração que exercemos sobre aqueles

que sabem as regras, que não se consideram mendigos, aqueles que acreditam no rastro certo. Estes que ainda lamentam que as migalhas deixadas por João e Maria tenham sido perdidas, os do “ah, mas se...”, os que acreditam que a vida não foi justa com eles porque eles não foram precisos o suficiente. Para estes, em que tudo é uma questão de suficiência, nós somos o desastre excitante.

Eles não conseguem entender porque não conseguem fazer a nossa morte sumir de nós. Ela, pelo contrário, uiva no cangote dos vivos. E tais como fantoches perdidos seguindo um roteiro que não criaram, eles tentam nos dar remédios, ressuscitar nossa força, injetar nossa esperança. Não entendem que estamos mortas e que assim ficaremos, pairando como sombras decadentes, deitadas ao seu lado nas noites frias, pedindo por favor que nos ajudem, levem embora a nossa miséria. Para logo depois jogar na sua cara: Nunca! Nossa miséria não tem preço. Não queremos ser salvas, não gostamos de remédios.

Vivemos, sim, enquanto este terror do fracasso, este terror das coisas incontroláveis, que não dão certo. Por paradoxo ainda, não estamos completamente mortas. Porque sempre alguém, em algum lugar, nutre a plena esperança de nos resgatar com doçura de nosso templo perdido no tempo.

Estes ainda decentes mesmo sem gozar dos privilégios daqueles que tiveram sorte. Porque quem tem sorte sabe que a vida depende pouco da suficiência, então se preocupam pouco conosco, não querem nos mudar, se divertem vendo nossa loucura, aproveitam nossa graça, nos dão esmolas e casam conosco. Eles não querem a nossa sorte.

Porque amar significa conviver com um estado de insatisfação plena diante do outro.

De praxe, há aqueles patriarcas dos bons costumes, da boa vontade, do bom senso, cheios de evitacões e prêmios para quem seguiu a cartilha: “Comporte-se, isso não é jeito de falar...” “Cale-se, não era esse o momento de expor tais questões”. Tais tipos humanos nos causam certo nojo, convencidos que estão de que sua vida é essa lenta e inútil caminhada em direção à melhoria social.

Uma repulsa por este ímpeto daquele que se acha no direito de achar que aquilo não devia ter acontecido, que julga a cena como teatro horrendo de pessoas ignorantes e erradas e que desmerece, atribuindo à histeria, o terrível fato que se abateu sobre todos. Ah sim senhor, a angustia do mundo só piora quando algum ser histérico resolve

extravasar. Sim, é ele o egoísta indesejável que não colabora para o plano do nosso sucesso.

E as históricas, essas são mesmo dignas de pena: mulheres cretinas, frágeis de espírito, que não suportam não serem desejadas. Ah é! É mesmo fácil suportar não ser desejado: “Outro dia uma moça negou um beijo meu e sabe o que eu fiz? Eu estuprorei ela.” Mas não se leia isto como uma acusação a fim de tornar a nossa defesa mais eficiente. Não queremos defesa, queremos ver as coisas. Porque nosso problema nunca foi precisão (ali onde o julgamento de ineficiência se mistura com o julgamento de imprecisão). Somos absolutamente precisas neste universo dos mortos.

Caímos, irresistivelmente e passivamente, nos porões da miséria e gostamos de lá estar. É uma escolha, e uma escolha precisa, por paradoxal que pareça uma passividade precisa. Esta escolha vem da escuta deste lugar da morte, do assombro que nos causou viver na cabana do medo dos vivos; e que, impostas ao suplício, passamos a acolhê-lo.

Alguns de nós parecem mais loucos do que outros. Mas, de longe, não se nota muita diferença. Então, nossa histeria perturba o plano, nosso uivo atrapalha a caçada, nossa cara-de-pau se apresenta em uma reunião de cabelos com gel.

E então o ressentimento, caros doutores, nos é despejado: “Vocês, que não fazem nada e só fazem atrapalhar quem faz.” Mas não sabem vocês que nosso trabalho é apresentar-lhes, delicadamente, a face da morta-viva que vocês tanto amam? Amar é não compreender. É captar aquela essência irredutível do outro, a sua diferença pura, o ponto em que ele se perde sem desmoronar, palavras que aprendemos com filósofos que a maioria dos vivos adora. Esse é o charme.

Mas a questão é quem vai viver e quem vai morrer.

Ali onde a vida e a morte se equivalem inscrevemos um duplo. Não somos a bifurcação, somos uma outra, e que isso não se confunda. Nosso charme é nossa irredutibilidade, que exige nossa atenção plena nessa passividade, neste estado de morte, para que ele não seja corrompido pela doçura do pseudo-amor de tudo aquilo que quer ser necessário.

É preciso inscrever a morte que anda conosco, encarnar sua potencia

imediatamente e depois nos perfumar, na maior cara-de-pau do mundo, com o cheiro adocicado dos vivos.

Somos, assim, as estrelas de um teatro feito de realmente mortos, que confunde uma plateia demasiadamente viva, seduzida em seu desejo de entendimento, bagunçada em seu sentido estético, clínico e de pensamento.

E como não somos tipos que gozam da possibilidade do descanso advinda da sorte, é deste paradoxo que pode surgir o amor (e a sorte).

Sendo assim, continuamos. Na esperança do vivo de que isso seja mesmo assim; e na desesperança do morto, de que disso nada possa ser.

Ainda assim, morremos?

MENDIGOS PIRATAS VIDENTES

Por Fabiane Borges e Thiago Novaes

Mendigos, piratas e videntes são figuras emblemáticas. Três performances históricas, míticas que se interpenetram, apesar de significarem diferentes ocasin. Resgatamos da imagem da decadência, da ilegalidade e da intuição visionária, uma linha que atravessa diretamente os modos de subjetivação produzidos na sociedade contemporânea, colocamos nosso foco porém, em algumas práticas “ativistas/militantes” envolvidas principalmente nos campos da técnica, estética e política.

Trata-se de redes engajadas na “transformação do mundo”, que utilizam a arte, a comunicação e a tecnologia como ferramentas de ação, resistência e invenção da vida. Que usam sua inteligência e seu tempo para criar conteúdos culturais e disponibilizá-los, que reivindicam apropriação pública de bens proprietários, sejam materiais ou imateriais, que cultuam posturas político-afetivas como generosidade e compartilhamento, criando não só gesto simbólico, mas programas e metodologias. Reconhecem que habitam o cerne das mudanças do mundo do trabalho, impregnado de controle, que diz das novas formas de dominação sobre a vida, que não elimina instâncias anteriores como escravidão e proletariedade, mesmo que indique novas tendências alavancadas pelo “desenvolvimento”.

Há no mínimo duas características importantes nas práticas desses militantes/ativistas: uma é que operam com a noção marxista de distribuição dos meios de produção¹, e outra que acreditam nos processos cotidianos de transformação. As duas características coexistem, celebrando uma forma menos vertical de fazer política, cujos resultados são a construção de uma plataforma de experimentação mais imersiva, constituinte, assim como aumento do potencial de desenvolvimento pessoal, comunitário e trans-comunitário.

Experimentação imersiva² é o encontro presencial, com certa duração temporal, que permite a conexão entre as pessoas, o compartilhamento da comida, da bebida, dos conhecimentos, das práticas, com tempo para reconhecimento do espaço, das forças que operam dentro e em torno do local, com tempo de promover táticas coletivas, planejar ações com eficácia, assim como tempo para ladainhas, lamentações, festividades e embriaguez. É a partir dessa cotidianidade (mesmo que limitada no tempo) que a ação pode se tornar constituinte, constituidora, com am-

pliação de perspectivas e práticas que não se enterram nos locais onde são produzidos, mas seguem seu percurso seguindo suas redes de interesses.

Para que as redes se expandam é preciso construir as plataformas comunicacionais que dependem de parafernália técnica como criação de software, instalação de antenas, doação de transmissores de rádio, reciclagem de computadores, feitura de sites e redes nos quais se prevê políticas de acesso; e também todo um aparato ético e conceitual, reconhecido e praticado local e globalmente, que diz de suas oposições aos sistemas de controle, que promovem apropriações capitalísticas aos domínios da terra, da água, do ar, do espaço, através de políticas corporativas, de concessões de espaços, de proteção de patentes e de dominação ilegítima, apesar de legal, de bens que poderiam ser comuns e livres, bens públicos. Para que as redes se expandam é necessário também um grande investimento abstrato, imaginativo, afetivo, intelectual, que convença pessoas, que desperte seu desejo, o que é tarefa árdua, principalmente quando esses grupos mal têm possibilidades de sustentar suas próprias ações de forma autônoma e colaborativa.

Quando vem à tona o problema da sustentabilidade, os projetos vão tomando aspectos nebulosos. É aqui nesse nóculo que presenciamos as cenas mais difíceis, as cooptações, as crises de representação, as burocratizações, a perda de fé na “transformação da vida e do mundo”.

Se nos finais do século XX e início da primeira década do século XXI podíamos usufruir ainda de certo ativismo engajado, vivo e independente, refletidos em movimentos como antiglobalização, software livre, Zapatismo, hoje vivemos momentos mais retraídos, com menos entusiasmo com as lutas de enfrentamento, mais dedicados a elaborar o que foi produzido até o momento e aplicar esses conhecimentos produzidos no campo social. A elaboração e aplicação desses processos implica na transformação dos próprios processos, que quando produzidos na ardor da resistência e da luta contam com uma vitalidade desmedida, promovida pela alegria dos encontros, pelo erotismo das andanças e mudanças, mas quando se tornam conteúdo de elaboração e aplicação ficam mais lentas, repetitivas, tendem à burocratização.

As vanguardas atuam com os mesmos dispositivos tecno-comunicacionais que as forças reacionárias, com a diferença que as últimas são mui-

to mais poderosas, não têm interesse na livre distribuição dos meios de produção e criação de acesso, impedem que o movimento se expanda devido a interesses econômicos. Dessa forma se reduzem grandemente as formas de aplicabilidade de certas ações ativistas/militantes, que ao contrário de terem espaço para expansão, são submetidas a pequenos guetos econômicos ligados a projetos de governo, alguns círculos de financiamento empresariais, e propostas altruístas facilmente interrompidas. Como seus objetivos não visam gerar capital, sobrevivem de sobras de capital, ou investimentos menores do que necessitariam para proliferação de suas práticas³.

As posturas políticas das redes ativistas/militantes são capazes de gerar muito sofrimento; devido insistente e cotidiano combate, suas vidas podem se tornar facilmente insustentáveis, enlouquecedoras. Como nem sempre se pode resolver essas situações de forma equilibrada, e as responsabilidades da vida vão exigindo novas posturas, o mais comum é que reorganizem suas vidas de acordo com as possibilidades oferecidas pelo próprio sistema de mercado e controle.

MENDIGOS

Existe uma máquina de produção de subjetividade “mendiga” que opera nessas redes. As forças políticas e econômicas investem um parco dinheiro para projetos compartilhados entre muitas pessoas. Não há muitas políticas que privilegiem ações produzidas em rede, é mais comum o investimento em pequenos grupos ou em indivíduos, pois trata-se de uma máquina que tem como engrenagem fundamental um padrão generalizado de representação que inclui um forte sentido de controle, hierarquia, poder e reconhecimento. Isso implica na modificação de comportamentos; Aos poucos esses militantes/ativistas se tornam mais competitivos, menos colaborativos e mais interesseiros. Viram mendigos. Essa mendicância metodológica é uma forma de controle das mais bem intencionadas e perversas, pois se firma no sentido de escassez e produz subjetividades servis com aparência de empoderamento.

Os sujeitos são induzidos a organizar seu tempo e sua disponibilidade conforme interesse de órgãos financiadores; o que a princípio poderia ser só uma forma de sustentar as ações coletivas, se torna facilmente uma situação de dependência, onde a força mobilizada para as ações deixam de ser em rede para se tornarem individualistas, arrivistas, que tornam as discussões relativas ao nosso tempo, uma troca de informações sobre os últimos projetos. A força de mobilização se torna enfraquecida e passa-se até nutrir uma sensação de mal estar quando se intui a presença dela.

Toda a mobilização de afeto e inteligência passa ser utilizada para sustentação do próprio nome, do próprio projeto, da própria causa em detrimento de toda uma rede que apregoa a liberdade. As redes vão sendo representadas por grupos que fazem apropriação indevida de conceitos construídos colaborativamente. Instituem-se fóruns de negociação junto às instâncias de poder que cria mais segregação, a rede é tornada base, rebaixada a uma situação de “representados” (espera e pouco acesso aos conteúdos e principalmente às decisões). Os grupos começam se credenciar, burocratizar suas relações internas, tornam-se competitivos entre si, pois é preciso se profissionalizar no pedido de mais verba.

Quando um grupo de produtores civis, uma rede de ativistas, uma comunidade se torna mendigo serializado, algo de importante se perde. Talvez a espontaneidade, a vontade de multidão, algo da potência simples e estrondosa da vida.

Essa é uma questão velha, mas com traços bem contemporâneos. Se o fomento à projetos da sociedade civil surge a partir de acordos entre empresas, corporações e estados, com a delimitação dos planos assistidos, isenção de impostos, resta-nos perguntar: que lugar ocupam as redes sociais nas decisões desses processos? Quem autoriza as redes sociais serem apropriadas, representadas, que se crie fóruns de representação sobre suas práticas, que a tornem base? Com que autoridade os sujeitos se sentem empoderados a ponto de sentir-se representante das redes, e se põe a falar de e sobre mobilizações que são coletivas e abertas?

Existe algo de nefasto nessa máquina de distribuição de dinheiro público para projetos artísticos, sociais, tecnológicos, ecológicos, demonstrados nas políticas de concessões, nos tratos com as redes, nas políticas de representação, que é a decisão sobre o que é digno de ser legitimado.

PIRATAS

O “Pirata” como figura histórica e lendária sugere-nos autonomia e constante estado de prontidão. Negocia com mercenários, governos, estados. O pirata é um dos ícones mais contemporâneos no universo das redes, é um sobrevivente da ilegalidade, sua tarefa é apropriação e translado, sobrevive do roubo, da cópia, do sampling⁴, da replicação.

Faz trato político mas não teme a traição, é inconfiável, passador de informações, sua ética pode ser bem próxima à ética da máfia, dos meus eu cuido, mas também pode abandonar. Peter Lamborn⁵ conta-nos sa-gas interessantes sobre os piratas, alertando-nos que desde quando surgiram já trabalhavam em rede, ao contrário da imagem de sanguinários sempre navegando no mar procurando confrontos, ele nos dá exemplos históricos de como tinham pontos de chegada para passagem dos produtos conquistados, faziam comércio alternativo, e se aventuravam em guerras pontuais, de muitas delas levavam consigo marinheiros rebeldes que odiavam servir às cortes e sonhavam com mais empoderamento pessoal e liberdade. Sim, evidentemente muitos foram assassinos, tiranos, mas o que nos interessa é seu frequente paralelismo.

A extrema identificação que se produz entre os piratas e os que se apropriam dos produtos culturais da nossa época, não é à toa. É sempre de um ponto de vista do poder que a história nos é contada, e essa postura convoca todo sentimento de temor e ilegitimidade que gira em torno dos piratas. Muitos ativistas das nossas redes são considerados piratas, e procurados juridicamente, alguns inclusive pagam sentença, por passarem informações indevidas, liberarem senhas, partilharem fórmulas farmacêuticas, disponibilizarem livros, filmes, conhecimentos que contêm selo de propriedade intelectual. Da mesma forma assistimos camelôs sendo perseguidos diariamente, seus produtos apreendidos, vasta campanha contra seus circuitos. “Pirataria é crime” está em praticamente todos filmes que vemos, inclusive os piratas. Uma onda de contenção à possibilidade de acesso.

Uma das histórias lendárias aqui no Brasil sobre hackeamento do estado, ou programa pirata coletivo, aconteceu a partir do Festival Mídia Tática Brasil (São Paulo/2003), que foi um marco da cultura digital. Várias redes de ativistas se organizaram em torno da plataforma de política pública que veio a ser conhecida como Cultura Digital, do Ministério da Cultura. Tratava-se da infiltração de agentes dessas redes no circuito político burocrático responsável por alocação de recursos financeiros e mobilização de signos para toda sociedade brasileira. Houve uma espécie de ocupação dos espaços ministeriais para fazer vingar e acelerar o processo de tomada de decisão e implementação de políticas voltadas a toda a cultura emergente do compartilhamento de bens não rivais, generosidade intelectual, que é o contrário da busca pelo excedente, pela acumulação, pelo gasto utilitarista e explorador.

Os bens culturais compartilhados operam com a lógica da abundância, da generosidade, signos novos que invadiram o ministério e causaram grandes confusões, devido as distâncias, às vezes abissais, entre as teorias libertárias e sua aplicação. Evidentemente tal conjunto de ações desprestigiou o rito burocrático ao ponto de se inviabilizarem muitos processos.

A misoginia foi um dos problemas deflagrados nesse processo. As mulheres que participavam da implementação do projeto sofriam preconceitos, eram desconsideradas, demitidas, uma onda de machismo tomou conta da política, os jogos de poder retiraram muitas mulheres do campo de ação, e isso se tornou assunto exaustivamente discutido nos encontros presenciais das redes, relatos em blogs, sofrimentos compartilhados, que se juntavam a problemas como demora de aplicação de recursos, sectarismos. Uma crise foi desencadeada que repercutiu não só dentro do estado, como também nos vários setores interessados no programa nacional, inclusive nos encontros presenciais de ativistas da cultura livre. Houve abandonos coletivos do projeto em retaliação a demissões autoritárias, promovidas por agentes da burocracia. A partir disso uma série de confusões foram sendo criadas entre os que assumiram o projeto, mesmo que modificado dentro da estrutura governamental, e os que devolviam o projeto para a sociedade civil, com seu retorno às ações nas pontas, nas bases.

Enquanto isso, o projeto crescia dentro e fora do país, somando recursos e capital simbólico em torno de uma alternativa ao descongelamento dos mercados. É importante destacar que esse processo não tratava apenas de uma apropriação do estado a um projeto avançado de vanguarda da cultura livre, mas também de um saque, promovido por novos piratas digitais, que se arrogaram hackers do governo e puderam durante certo tempo circular livremente nos espaços políticos e conceituais do estado, implantando um dos projetos mais importantes do governo popular, que são os conhecidos pontos de cultura (“cultural hotspots”).

Os piratas digitais foram salvaguardados pela performance do ministro tropicalista (e alguns dos seus confiantes) que é uma referência de atitude de vanguarda artística e política para a maioria dessas redes. Eles incorporaram os novos discursos, apoiaram propostas políticas horizontais, e bancaram muitas de suas reivindicações. Não raro, grupos de jovens barbudos, escabelados e mal vestidos foram recebidos com

honras especiais de estado, nos mais diferentes rincões do país.

Essa primeira fase de implementação dos pontos de cultura foi um encontro com o Brasil profundo, com comunidades de saberes que vieram a se entrecruzar por conta dessa apropriação de meios de produção. Era uma idéia comunista que perpassava as subjetividades dos representantes do estado que foi atualizada por uma prática libertária de vanguarda, que reconhecia que sem esses atravessamentos comunistas, o projeto não seria viável, ainda mais com propostas emancipadoras como apropriação tecnológica, software livre, generosidade intelectual, programas imersivos, troca de saberes, pedagogia horizontal. Os novos piratas conseguiram, surpreendendo-se a si mesmo, colocar em pauta um pensamento político que era partilhado em escalas pequenas, que foram chamadas ao exercício de uma grande política pública.

Apesar dos novos piratas terem habilidade de entrarem e saírem das políticas governamentais, nem todos se dão conta dos efeitos prolongados que a burocracia do sistema institui sobre seus corpos, suas mentes, suas ações, que permanece neles em quantidades que eles desconhecem, mas que se reproduzem em seus fazeres cotidianos ou seus ativismos de rede.

A ambiguidade reside no fato de que as forças de sedução do poder podem ser arrebatadoras, muitos piratas se deixam vencer por essa sedução. Abandonam as forças políticas da autonomia, em troca de uma visão de poder, pragmático realista (*real politik*). Para que isso não aconteça é necessário não perder o pensamento intuitivo, a vidência, o terceiro olho, aquele que vê por entre as coisas, que discerne as intenções, as energias envolvidas no jogo do poder, no jogo das redes, os padrões de interesses e as relações de forças, e principalmente, não se deixa cair pela magnitude da representação⁷.

VIDENTE

“Vidente” é quem vê, vê mais do está sendo visto, vê o óbvio velado da realidade. Não deixa de ser marginal, geralmente carrega alguns atributos da mendicância, como a do não engajamento total no mundo dos homens; mas trata-se de outro tipo de pobreza, não do mendigo escravo, submisso a seus hospedeiros. A própria pirataria não abre mão de seus videntes. Navios piratas tinham seus videntes, ou paravam em certos portos para eventuais consultas.

A intuição se distancia dos domínios da utilidade, ela explora a indeterminação da existência, tanto de objetos quanto de crenças e desejos. O pensamento desagregado, paranóico, alucinado, nem sempre está distante do foco, como aparentemente se mostra; é como se utilizasse a passagem dos acontecimentos, das cadeias que os atravessam, como revelação de uma realidade que não cabe somente no ponto deflagrado. É o próprio pensamento em rede, que se afasta da causalidade, que não se contenta em pensar as linhas históricas, mas todo ambiente, tangencialidades ínfimas, sequer suspeitas. É uma testemunha atemporal, que converte em imagens, em linguagens diferentes, sua assertividade delirante.

Temos na figura do tecnoxamã uma figura da vidência, da transvaloração ecosófica, que transborda as barragens ontológicas modernas para irromper com híbridos nem sempre controlados e fantasias reveladoras, aportando novas sensibilidades em um mundo desconcertado. Se o cientista é o mediador da verdade e do conhecimento, e o xamã o mediador da cosmologia e da história de um povo, temos no tecnoxamã o criador de um ambiente estético de subversão dos usos previstos da técnica pelo mercado, pela família, pelos aparelhos de estado, confirmado na prática e reconhecimento de outras redes afins.

A figura do tecnoxamã insurge no imaginário das redes de cultura livre que atuam com arte, comunicação e tecnologia, como uma figura de mediação entre técnica e intuição, política e estética, matéria e espírito. É um mito contemporâneo de origem desconhecida, que representa um paradoxo compartilhado por todos, que é o uso da tecnologia digital e a criação.

A tecnologia digital é uma linguagem e a radicalidade de uma linguagem é sua condenação à perpetua reinvenção de si mesma pela prática cotidiana, nesse sentido o tecnoxamã concentra esse paradoxo como plano de resolução, onde as possibilidades míticas se atualizam em invenção de si, através de escolhas entre possibilidades conhecidas de evidente eficácia simbólica, mas que são atualizadas a partir do uso de diversos dispositivos disparadores de novas subjetividades e experiências, como poderia ser um trabalho de DJ que produz imersão sonora, ou um uso intoxicante de gel de testosterona sintética (Preciado, Beatriz 2008), pois ambos se utilizam de uma técnica para desnaturalizar a produção de ambiente, de corpo, de política e estética.

O tecnoxamã interpreta o mito do tempo e da natureza, colocando em xeque a calculabilidade do tempo capitalista (time is money); é o movimento do devir inundando os condomínios fechados da representação, da imagem de segurança de um ciborgue protegido e vigiado. Ele faz um apelo à natureza no seu estado puro, ao mesmo tempo em que provoca o nascimento do novo homem, que vê na técnica não um inimigo, nem um escravo, mas um sujeito transformador do próprio entendimento do que é a natureza. Essa transmutação, no entanto, não deixa de ser ctônica, imanente, ela participa na produção de um imaginário sociotécnico que vai ao sentido oposto aos mitos de rebelião dos robôs – escravos, ao sentido de vigilância total a partir do controle do grande irmão. Ele é o maestro que põe em relação a orquestra de ciborgues, a orquestra de organismos que incluem as multidões queers, que não sabem exatamente a que gênero pertencem, nem a que políticas de identidade, classe, cultura, deveriam se enquadrar.

O tecnoxamã é contra a política de enquadramento, porque sua cura não propõe o restabelecimento de um plano fixo, pressuposto por um léxico psicopatológico, porque ele vê um problema ou uma doença sempre a partir do ambiente em que o corpo está submerso. É uma série de afecções que envolve um corpo, esse entorno determina pontos fracos para fazer sua aparição. A ultra segmentação de um corpo social, ou de um corpo orgânico se torna então obsoleta. O que mais importa é a apropriação do conhecimento sobre o corpo. Medicina, nesse sentido, é um tratamento de corpo que se recicla, que é conhecido por si mesmo. As técnicas de cura podem ser difundidas. Utilizadas. A reciclagem curativa seria retirar o elemento do seu ciclo atual e devolvê-lo a um campo de vitalidade.

A vidência que expressa o tecnoxamanismo está tomada por todas essas verdades, em um contexto de esgotamento de recursos e imaginários que envolvem o projeto industrial do século XIX e XX, e de desenvolvimento medido por ritmos de aumento de salários face o consumo de frangos e iogurtes. Ela opera num recorte entre um real decadente e uma realidade potente cheia de possibilidades. Como mito contemporâneo, ele restitui a possibilidade de mágica da vida, fora dos nichos da produtividade e do reconhecimento.

PARA TERMINAR...

É notório que as três performances textuais escolhidas para falar sobre o universo das redes de arte, comunicação e tecnologia se entrecruzam todo o tempo e clamam por outras companhias, já que se sabem

precárias, desajustadas, ineficientes. Não bastam para demonstrar as riquezas produzidas num universo de redes. Entretanto apontam três estados de existência que nos mobiliza devido sua presença, sua radicalidade e sua presença no mundo. Elas não pretendem individualizar-se a ponto de definirem papéis aos ativistas/militantes das redes, nem pretendem tornarem-se ícones de comportamento, muito menos padrão de moralidade e conduta. A tentativa aqui foi exatamente provocar um distanciamento da análise sociológica ou psicológica dos processos coletivos, e fazer jorrar impurezas de joio em platôs pouco condescendentes, que explicitam valores e práticas comuns a piratas e oportunistas. É um baile de máscaras, onde a máscara possibilita expressar coisas, que sem ela, não seriam jamais expressas.

Notas

1 O avanço das forças produtivas dos meios de comunicação se encontra em evidente contradição em relação ao controle dos meios sociais de comunicação, mostrando o quanto é atual a tese marxiana, que hoje aponta para a radical transformação das relações sociais a partir do compartilhamento e apropriação descentralizada da Internet.

2 Borges, Fabiane e Etlin, Marc. *Immersion, recyclage et singularités. Multitudes*, Paris, 10 jul.2008. & *Processos Imersivos e Reciclagens de singularidades. Apropriações tecnológicas – Emergências, textos, ideias e imagens do Submidialogia 3 Ed.* EDUFBA Salvador, BA, 2007. Disponível em:

http://pub.descentro.org/wiki/apropri%C3%A7%C3%B5es_tecnol%C3%B3gicas_emerg%C3%Aancia_de_textos_id%C3%A9ias_e_imagens_do_submidialogia3

3 Eis um ponto delicado da argumentação: se ao mesmo tempo as redes (des) organizadas necessitam de recursos financeiros, o valor da reciprocidade e do reconhecimento é motivador da ação e sua potência não limita à circulação de riqueza material.

4 Sampling – pegar um trecho de uma música, modificá-la, reutilizá-la de maneira às vezes a não reconhecer a origem. Isso foi considerado um abuso de direitos de propriedade intelectual e deu origem ao movimento de flexibilização do direito de autor. “Eu vou sampliar, eu vou te roubar, roubar, roubar” música do grupo Originais do Sampler 2004.

5 Wilson, Peter Lamborn. *Utopias piratas: mouros, hereges e renegados*. São Paulo: Conrad, 2001.

6 Cf. Fonseca, Felipe. *Em busca do Brasil profundo. Apropriações tecnológicas – Emergências, textos, ideias e imagens do Submidialogia 3 Ed.* EDUFBA Salvador, BA, 2007. Disponível em: <http://pub.descen->

tro.org/wiki/apropri%C3%A7%C3%B5es_tecnol%C3%B3gicas_emerg%C3%Aancia_de_textos_id%C3%A9ias_e_imagens_do_submidialogia3

7 “O esperto ao contrário”, “o trocadillo” e o “controle remoto” são algumas das expressões que a intuição de Estamira concebeu para tratar desses fenômenos perversos. Ver documentário de Marcos Prado, “Estamira”.

Referências Bibliográficas

BALVEDI, Fabianne. et al. *Estúdios Livres*. 2006. Disponível em <http://www.estudiolivres.org/tiki-index.php?page=paperEL&bl>; Acesso 17/12/2009

BORGES, Fabiane e ETLIN Marc. *Immersion, recyclage et singularités. Multitudes*, Paris, 10 jul.2008

BOUTANG, Yann Moulier. *Le capitalisme cognitif: la nouvelle grande transformation*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*.

Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.

COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Giuseppe. *A nova qualidade do trabalho na era da informação*. In: LASTRES, Helena

M. M.; ALBAGLI, Sarita (orgs). *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade vol. I e II* - Rio de Janeiro, RJ :Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 18ª edição, 1979.

_____, *Verdade e Poder. Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 18ª 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 28ª edição, 2004

GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *Metamorfoses do trabalho*. São Paulo: Annablume, 2003.

GUATTARI, Felix. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 7ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2006.

____. Multidão. Rio de Janeiro: Record, 2005.

WILSON, Peter Lamborn. Utopias piratas: mouros, hereges e renegados. São Paulo: Conrad, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

____. Puissances de l'invention: la psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2002.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARAZZI, Christian. Capital and language: from the new economy to the war economy. Los Angeles: Semiotext(e), 2002.

NEGRI, Antonio. Cinco lições sobre Império. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

____. Os conflitos do Império. In: Jornal da UFRJ. Ano 4, n. 44, maio, 2009.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. O trabalho de Dionísio: para a crítica do Estado pósmoderno. Juiz de Fora: UFJF-Pazulin, 2004.

PRECIADO, Beatriz, Testo Yonqui, Espasa, Madrid 2008

VIRNO, Paolo. Virtuosity e revolução: a idéia de "mundo" entre a experiência sensível e a esfera pública. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

____. Gramática da multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas. Santa Maria, 2003. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Paolo_Virno.

Websites pesquisados

<http://www.gambiologia.net/blog>

<http://mutirao.metareciclagem.org/livro/Gambiologia>

<http://qorpo.blogspot.com/2008/11/131208-ruidocracia.html>

<http://ruidocracia.blogspot.com>

<http://stallman.org/>

<http://imaginaryfutures.net/>

<http://br-linux.org/faq-softwarelivre>

<http://www.indymedia.org/pt>
http://digitofagia.midiatatica.info/digito_cookbook.pdf
<http://www.interface2g.org>
<http://www.descentro.org/>
<http://www.hactivist.com>
<http://www.universidadnomada.net/>
<http://hemisphericinstitute.org/hemi/>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linux>
<http://submidialogia4.descentro.org>
<http://forumdemidialivre.blogspot.com/>
<http://bricolabs.net/>
<http://organismo.art.br/>
<http://efeefe.no-ip.org/>
<http://www.trezentos.blog.br>
<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/mod-prim.htm>
<http://takebackthetech.net/category/rss-blog-category/take-back-tech>
<http://esquizotrans.wordpress.com>
<http://www.bme.com>
<http://poeticasexperimentaisdavoiz.wordpress.com/category/jardim-de-volts/>
http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31
http://www.youtube.com/watch?v=uWa5vC_KwSI
<http://www.youtube.com/watch?v=WnRMBQQM2J0>
<http://www.youtube.com/watch?v=3PnuBOaEJOI>
<http://www.youtube.com/watch?v=-wA27Y73UEw&feature=fvst>
http://www.youtube.com/watch?v=2tLXZJ6SC28&feature=Playlist&p=1A3D881FEB584084&playnext=1&playnext_from=PL&index=12

Dicionário de idéias recebidas **(a fim de passá-las adiante)[1]**

Rodrigo Nunes

Contra a vontade de seus próprios participantes, o ciclo de lutas da virada do século acabou, talvez inevitavelmente, passando para a história como “movimento anti-globalização”. Havia muito a questionar no péssimo rótulo “anti-globalização”, acusado, com justiça, de escamotear a verdadeira oposição: não contra o encurtamento de distâncias espaços-temporais em si, mas contra o sabor específico de globalização neoliberal em oferta na época. Mas talvez haja tanto ou mais a objetar na ideia de que se tratasse de um “movimento”. Mais apropriado seria descrevê-lo como um momento em que, pela primeira vez, o próprio fenômeno da globalização havia possibilitado a várias forças sociais de todo mundo que tomassem consciência da simultaneidade de suas lutas, das maneiras como essas se sobrepunham e complementavam, de seus efeitos recíprocos e diferenças (em termos de objetivos e alvos imediatos, táticas, formas organizacionais, horizontes estratégicos), e que se comunicassem de maneira que lhes permitiam tanto apoiar-se mutuamente como aprender umas das outras, além de convergirem em pontos comuns.

Que tenha sido um momento e não um movimento – composto de forças com frequência muito distintas, talvez mesmo contraditórias – não significa, contudo, que não tenha tido certas características que nos permitam descrevê-lo em linhas gerais. [2] Por exemplo: apesar de ter posto em contato tanto grupos organizados como redes quanto outros organizados em formas mais tradicionais, o caso é que a forma por meio da qual os últimos se relacionavam com os primeiros era a forma-rede. Além disso, mesmo formas organizacionais mais tradicionais, na medida em que participavam daquele momento, acabaram por incorporar algum nível de revisão crítica da esquerda histórica – o fez possível terem alguma convergência com outras forças que começavam a aparecer no período.

No aniversário de dez anos dos protestos de Seattle, a atual conjuntura de crises concomitantes – financeira, ambiental, de recursos alimentares e energéticos – pareceria justificar muito do que se disse e fez naquela época. É inegável, no entanto, que ainda que não se possa deixar de lado muito do que então se produziu, o impulso em que aquele momento se movia já não existe mais, e muitas das forças sociais que o

compunham se decompueram desde então. À medida que passa para o arquivo da esquerda histórica, também este momento se abre à revisão crítica; e existe hoje um reconhecimento crescente de que muito do que se deixara desde então congelar-se em dogma está uma vez mais em aberto.

No breve dicionário abaixo, estão reunidas palavras de ordem e conceitos em voga há dez anos, e que ou foram então usados para capturar os traços gerais daquele momento, ou poderiam facilmente sê-lo agora. O sentido de fazer algo do gênero está precisamente em não defender os velhos dogmas ou pregar uma fidelidade cega que as tentativas e erros da prática diária seriam incapazes de mover; nem em denunciá-los e propor seu abandono e esquecimento, como se fossem um desvio equivocado da tradição da esquerda histórica. Trata-se, ao contrário, de mostrar, em primeiro lugar, que lugar pode vir a tomar em tal tradição: o quê dela herdaram, o quê fizeram desse dote, e o quê podem vir a legar; e, em segundo lugar, que eles permanecem abertos a novas interpretações que podem beneficiar-se das lições aprendidas desde então, e fazê-los uma vez mais relevantes ao presente – e à tarefa, no presente, de constituir o futuro.

“O pessoal é político”

cf. Política na primeira pessoa, “Seja a mudança que você quer ver”

Uma fórmula herdada da crítica da esquerda “clássica” realizada nas décadas de 60 e 70, particularmente pelas feministas. Historicamente, marcou a passagem de uma política voltada para a produção para uma política que incluía a reprodução, em um duplo sentido. Isso significa uma abertura do foco quase exclusivo no “processo direto de produção” para incluir o trabalho “oculto”, não-assalariado, feito essencialmente pelas mulheres; mas também a passagem de uma concepção essencialmente ativa de política, preocupada com aquilo que se diz e faz enquanto política, para uma que politiza a passividade implícita em toda e qualquer ação política explícita. Em outras palavras, ela traz à tona como é perfeitamente possível ser um revolucionário nas ruas e um reacionário em casa, se reduz a política unicamente àquilo que se realiza na esfera pública, e se deixa de ver cada momento da própria reprodução como político: é perfeitamente possível reproduzir em atos privados aquilo que se opõe em gestos públicos.

Ora, o segredo definitivo da re-siliência do capitalismo é precisamente a forma como ele associa a nossa própria reprodução individual, e portanto a reprodução social como um todo, à reprodução do capital. De onde, portanto, a conclusão de que é preciso combater o capitalismo ao mesmo tempo nos níveis da produção e da reprodução, ou por meio dos vínculos entre uma e outra. Isso automaticamente implica que “o pessoal é político” não deve ser compreendido como reduzindo tudo a uma questão de responsabilidade pessoal. (É o liberalismo, aliás, que se alimenta da idéia de escolha individual: seu sucesso depende de você, você pode fazer a sua parte doando para a caridade, reciclando o lixo, comprando produtos orgânicos, etc. O que isso faz é obscurecer como sociedades desiguais se reproduzem como tal justamente pela alocação desigual de escolhas, e como cada um apenas “fazendo a sua parte” acaba participando da desigualdade geral.)

Transformar isso numa questão despolitizada sobre “estilos de vida” que reduz a transformação social a uma questão de escolhas individuais (frequentemente, de consumo) não faz mais que inverter aquilo que a fórmula originalmente criticava. Dizer que o pessoal é político não significa que o pessoal é o político, e portanto o substitui; para a crítica feminista, originalmente, o problema todo era justamente como pensar as duas coisas ao mesmo tempo.

Pensar que a esfera pessoal da reprodução passiva também é política, que ela deve ser politizada, demanda uma política que trabalhe simultaneamente em dois níveis. Na criação de novas práticas e circuitos produtivos, que, mesmo que inevitavelmente dentro do capital, podem ater ou adquirir uma velocidade centrífuga que seja suficiente para apontar em direção a outra coisa; e no antagonismo direto contra o Estado, os poderes econômicos etc., de forma a agir, por exemplo, sobre a distribuição social da escolha. E que trate, finalmente, de agir em ambas as frentes de uma forma que busca sempre conectá-las: usando a força antagonista para proteger e aumentar a velocidade centrífuga de prática alternativas (pense-se, por exemplo, na luta aberta contra a propriedade intelectual), ou usando essa velocidade centrífuga para mudar os termos do antagonismo (pense-se na disseminação das práticas de compartilhamento de arquivos).

E se a questão é como conectar pessoal e político, isso basta como prova de que eles não são a mesma coisa.

“O pequeno é belo”

cf. Diversidade

Se o problema não é, nem nunca foi, o de escolher entre o antagonismo e a construção da autonomia (ou entre “macro” e “micro política”, ou entre “tomar” ou “não tomar o poder”), essa é outra fórmula que precisa ser revisada. Opor as escalas em que cada esfera opera tem a vantagem saudável de contrabalançar certas tendências históricas no pensamento de esquerda, de forma semelhante à atenção trazida à reprodução no caso acima. O que se traz aqui é certo sentido de cuidado, seja com diferenças (contra a tentativa de forçar sua subsunção sob uma identidade), “invisibilidades” (aquelas práticas e grupos que não desejam ou podem – como costuma ser o caso com imigrantes – se mostrar à plena luz do dia) ou potenciais. Mais do que isso, há uma dupla mudança de perspectiva; ou talvez, de novo, uma ampliação do foco. Primeiro, complementa-se a tradicional (particularmente na tradição marxista) ênfase na categoria de totalidade com uma atenção àquelas experiências que, se não podem necessariamente representar uma ruptura radical, carregam em si um potencial de transformação – talvez exatamente porque, não sendo “revolucionárias” em seus gestos públicos, o são em seus atos cotidianos (ou seja, no nível da reprodução). Segundo, salienta-se como as dimensões extensas não podem ser o único critério pelo qual se mede o potencial de produzir efeitos políticos – é perfeitamente possível que um protesto seja grande em números e não gere nada, bem como perfeitamente possível que uma experiência seja reduzida em tamanho e tenha alto impacto.

Este último ponto, contudo, já se podia encontrar em debates que se considerariam da “velha esquerda”: não é muito diferente, por exemplo, daquele que opôs, a partir de certo ponto, sindicatos (grandes, mas presos ao ciclo das lutas puramente econômicas) e partidos de vanguarda (pequenos, mas capazes de liderança política); ou daquele que, na esteira do sucesso da Revolução Cubana, enfatizava o papel que um pequeno grupo de bons quadros pode ter em acender o rastro de uma revolução.[3] Como interpretar essa convergência?

O que essas críticas à atenção exclusiva às dimensões extensas têm a ensinar é que, em ambos os casos, seja naquilo a que se opõem como naquilo que defendem, não é o tamanho de alguma coisa que importa, mas o que ela pode fazer. Em outras palavras, o essencial em “o pequeno é belo” não é apegar-se a ser (e permanecer) “pequeno”: pequenos

grupos podem com frequência ser perfeitamente estéreis, enquanto movimentos de massa serão sempre, ao menos por algum tempo, altamente férteis e abertos. Ao contrário, o que importa é o compromisso em construir algo que seja capaz de equilibrar a capacidade de crescer em escala (e conectar-se com diferentes coisas) e a capacidade de evitar cristalização, estase, a exaustão de todo potencial. Por isso, é importante sublinhar que, ao invés de ser a antítese daquilo que critica, essa crítica é seu complemento. A busca por esse tipo de equilíbrio vai de mão com a noção de uma política que combina a construção de autonomia com momentos de antagonismo: enquanto o mundo dos potenciais é mais bem descrito por seus saltos quânticos e transformações invisíveis, o do antagonismo é um tanto mais newtoniano – ele requer opor força igual ou maior àquela que se combate, e portanto a capacidade de crescer em escala e intensidade. Nada a ver, portanto, com uma celebração da auto-marginalização, subculturalismo, ou um “culto do pequeno”. Na verdade, é da natureza do capitalismo contemporâneo lidar com esse tipo de “diferença pela diferença” alocando-lhe um valor, uma marca comercial e um nicho de mercado.

O exame de uma revolução “molecular” por excelência[4] – a transformação das relações sexuais, familiares e, finalmente, sociais ocorridas nos anos 60 e 70 como consequência do advento da pílula anticoncepcional – deixa claro do que estamos falando. À medida que as transformações se alastraram e consolidaram condutas de cada vez mais difícil incorporação nos modelos vigentes, com sua respectiva cartografia de identidades, tornou-se necessário dar uma dimensão abertamente política (“macropolítica”) ao que até então eram transformações “micropolíticas”. Em outras palavras, foi a micropolítica que gerou a necessidade de um antagonismo macropolítico (os movimentos de mulheres, de gays e lésbicas, que por sua vez se abriram a questionamentos mais amplos da sociedade existente) e a macropolítica se impôs como necessidade para defender, expandir e conduzir a micropolítica às suas últimas consequências.

Não há nada de mágico nesse equilíbrio que se busca, se ele exige uma forma de sabedoria prática ou *phronesis*, isso não quer dizer que consista numa busca de um “caminho do meio” que exista de antemão, ou que se possa reduzir a uma fórmula ou princípio. De fato, encontrá-lo demanda que se faça o tipo de escolha que justifica o adágio segundo o qual “todas as carreiras políticas acabam em fracasso”: processos podem morrer antes de desenvolver seu potencial, ou podem exaurir tal potencial sem jamais crescer em escala, e as determinações (na forma

de regras, estruturas, definições programáticas etc.) que o crescimento em escala requer, em todo caso, sempre necessariamente envolver alguma perda de potencial. A escolha de um caminho a cada caso sempre envolverão considerações a respeito de perdas e ganhos relativos que, passado tempo suficiente, sempre poderão aparecer retrospectivamente como equivocadas.

Como com o Boojum de Lewis Carrol, só se pode saber que ele não é um Snark quando já é tarde demais; e no entanto, é a promessa de um dia encontrar um Snark que faz com que se continue procurando.[5]

Política na primeira pessoa

Cf. “O pessoal é político”, “Outro mundo é possível”

Outro tema herdado dos anos 60 e 70 é a “crítica da representação”. Costuma ser o caso com ideias que conquistam amplo apoio que elas logrem fazê-lo em virtude de serem a tal ponto indeterminadas, que praticamente qualquer um pode concordar com elas. O foco da indeterminação, nesse caso, é a polissemia do termo “representação”. Para ficar apenas nas implicações políticas do tema: no seu sentido mais específico, ele pode referir-se a uma crítica à política parlamentar e à democracia liberal; em sentido mais geral, a qualquer força política (como partidos e sindicatos) que se manifesta como órgão através do qual um sujeito coletivo expressa sua vontade (“nós os trabalhadores”, “nós as mulheres”, “nós o povo”); no seu sentido mais genérico, refere-se a toda e qualquer tentativa de “falar em nome de outros”.

No entanto, é perfeitamente possível “falar em nome de outros” contra nossa própria vontade; na verdade, dado que o acesso a uma “voz” é distribuído de forma desigual, é provavelmente inevitável. Isso é algo que se pode concluir a partir da própria maneira como o rótulo “movimento antiglobalização” é usado pela mídia e por alguns teóricos, simpáticos ou não – um caso em que um momento que acontecia de diferentes formas em todo mundo foi transformado em um movimento em virtude de sua redução àquelas suas manifestações que eram mais visíveis no norte global (os protestos contra cúpulas, como as da OMC ou do G8). Como consequência, uma composição bastante diversa de grupos sociais, lutas e orientações políticas acabou reduzido a um perfil característico, principalmente, de uma certa faixa etária na Europa e América do Norte. (Poderíamos igualmente falar da

forma como certos livros foram elevados, pelo debate midiático ou acadêmico, ao status de “teoria oficial” de tal movimento, em detrimento de trabalhos teóricos sendo produzidos desde o interior dessas mesmas lutas.)

Declarar-se fazedor de uma “política na primeira pessoa” não oferece, por si só, nenhuma garantia: o risco, aliás, é que, não participando de estruturas representativas, não pretendendo representar outras pessoas, não tendo a intenção de fazer demandas e entrar em negociações em nome de quem quer que seja – tudo isso pode facilmente acabar obscurecendo todas as maneiras em que se pode, afinal, estar falando em nome alheio.[6] (O mesmo, por sinal, vale para a crítica do vanguardismo: que pequenos grupos de ação direta ajam em seu próprio nome, a partir de um sentimento compartilhado de preocupação ou ultraje com uma questão, não os torna automática e eternamente isentos do mesmo vanguardismo ou substitucionismo que, por exemplo, se critica nos grupos armados dos anos 60 e 70.)

Falar na primeira pessoa, portanto, nem é uma expressão individual independente e unilateral, nem uma desqualificação apressada da representação que termina por aplinar todas as diferenças (com base na pressuposição implícita de que “agora somos todos iguais” porque, na verdade, “todo mundo é como eu”). Ao contrário, exige atenção às condições a partir das quais se fala, e como elas mesmas são socialmente determinadas: de novo, uma “torção sobre o eixo” que busca a passividade que habita silenciosamente cada ação, o condicionado naquilo que supostamente seria uma espontaneidade incondicionada.

Essa busca é, por definição, inesgotável: a identificação ativa de condições é sempre necessariamente contaminada por condições passivas, e assim infinitamente. Dois extremos definem o campo em que ela ocorre: se o primeiro é um completo esquecimento, uma cegueira às condições, o outro é a paralisia. Ou seja, um medo de agir nascido da incapacidade de exaurir essas condições de ação, e um banzo, nutrido de má consciência, que sonha por um sujeito autêntico que pudesse falar imediatamente e sem condições (o “verdadeiro trabalhador”, o “verdadeiro subalterno”, o “verdadeiro oprimido”) – que é ainda mais autêntico porque, por definição, ele absolutamente não pode falar (ou seja, ele não pode falar sem já passar por alguma espécie de mediação).

Voltemos ao caso do ciclo de protestos contra cúpulas internacionais.

Não seria difícil encontrar elementos desses dois extremos nele; e tal presença poderia nos ajudar a explicar porque – em face do clima de securitização mundial reconfigurado pela “guerra contra o terror” – houve uma tendência no norte global a reterritorializar aquelas expressões de um antagonismo mais “global” e difuso em questões que tinham um impacto mais direto sobre a base social envolvida. Esse tipo de reterritorialização foi salutar na medida em que, ressitando o antagonismo no nível da experiência imediata de vida dessa base, criava a possibilidade de intervenções mais consistentes e sustentadas; a referência aqui é principalmente aquelas tentativas de efetuar essa viragem ao retorno da idéia de “precariado”. Ao mesmo tempo, essa experimentação política por vezes também expôs uma mera inversão do risco de não se conseguir fazer com que a representação desapareça: uma cegueira ou esquecimento ativos para com os efeitos daquilo pelo qual se está lutando sobre as lutas e vidas de outros. Como consequência, perde-se a perspectiva que possibilita a criação de laços, a identificação de alianças táticas, comunalidades, pontos de contato e a produção de convergências – por vezes substituída por um oportunismo tático e a mesma retórica de faz-de-conta que frequentemente se critica na política parlamentar.[7]

Em relação a ambos os pólos que determinam o ansioso campo da busca por condições, poder-se-ia dizer: a política só é possível no meio. Politizar aquilo que nos cerca é sempre já reconhecer a diferença relativa da nossa própria posição – mas para fazê-lo politicamente, sem nem culpa, nem cinismo. (Uma boa lição vinda dos movimentos por direitos para imigrantes no território europeu: se é obvio que seria um fracasso total se os próprios imigrantes não participassem destes movimentos, existem, sem embargo, papéis importantíssimos neles a serem desempenhados por não-imigrantes. Para ficar em apenas um exemplo: dado que os imigrantes encontram-se fragilizados por seu status legal irregular, ações que oferecem um risco maior de prisão geralmente têm que ser executadas por não-imigrantes ou imigrantes regulares.)

Em relação ao risco da política em primeira pessoa, poder-se-ia dizer: a política só é possível em um meio. Partir da primeira pessoa não quer dizer ficar na primeira pessoa. Significa partir da própria posição dentro dos circuitos que reproduzem a desigualdade, politizar as relações que estão implicadas nessa posição, e agir para transformá-las trabalhando junto àqueles que estão implicados nesses circuitos de diferentes formas e em diferentes pontos. Significa produzir e susten-

tar relações transversais concretas que se reforçam mutuamente e se transformam conjuntamente. Significa trabalhar a partir da própria vida na medida em que ela é e pode ser compartilhada, de forma a criar territórios de consistência – terrenos comuns, relações de confiança e compromisso mantidas ao longo do tempo; algo semelhante àquilo que as tradições da Teologia da Libertação e da Pesquisa-Ação Participativa (Participatory Action Research) chamam de vivência: uma experiência vivida compartilhada.

Diversidade

Cf. “O pequeno é belo”, “Outro mundo é possível”

Embora o tema do “respeito à diferença” seja outra herança dos “novos movimentos sociais” dos anos 60 e 70, o momento que se iniciou na metade dos anos 90 acrescentou-lhe algo de importante. Desde a metade dos anos 70, e durante os anos 80 em particular, esse tema tinha progressivamente passado a servir de cifra para a fragmentação e ausência de comunicação entre diferentes movimentos setoriais – consequência de vários destes se contentarem com reformas isoladas melhorando o acesso a certas oportunidades, principalmente através da mediação do mercado. Por volta da virada do século, fenômenos como os Dias de Ação Global e o Fórum Social Mundial pareceriam sugerir que era não apenas possível fazer com que um espectro amplo de forças sociais convergissem no espaço e no tempo em torno de pouco mais que acordos vagos sobre protocolos de interação, mas que isso podia ser feito numa escala inédita.

Por alguns anos, pareceu que a inovação tática do “enxameamento” (swarming)[8] conseguiria resolver o problema estratégico de como combinar diversidade e a capacidade de agir unificadamente. O problema, contudo, logo apareceu: o enxameamento exige que se singularize um alvo; na ausência de um que seja dado externamente (como, por exemplo, uma cúpula que, por alguns dias, possa personificar um inimigo comum), a questão se abre de novo: como pode uma constelação de forças sociais muito diversas fazer para se determinar um alvo?

Há dois problemas separados aqui. Um tem a ver com as possibilidades práticas reais de realizar consultas, debates e tomadas de decisão (canais de comunicação, estruturas de representação, protocolos). Evidentemente, quanto maior a escala, maior a dificuldade. Outro problema, independente de escala e necessário, é o seguinte: se cada determina-

ção é uma redução, cada declaração do tipo “isso é o que queremos”, “isso é o que temos que fazer agora” restringirá os termos do debate, e portanto (ao menos em princípio) será excludente de pessoas que pensam de maneira diferente.

Esperava-se de dois princípios organizativos que dessem conta dessa questão: a decisão por consenso e a diversidade de táticas. O primeiro tem três problemas: primeiro, pressupõe que não haja diferenças que não possam, de alguma forma, ser canceladas (o que, evidentemente, não é o caso); e, quando se trata de tomar decisões dentro de janelas de oportunidade mais ou menos reduzidas, a produção de consenso tende não só a consumir muito tempo, como a resultar em soluções excessivamente vagas (ou demasiado cheias de ressalvas) para aproveitar qualquer momento. Quanto ao segundo, se é muito efetivo numa situação de enxameamento, sua utilidade é reduzida quando se trata de definir objetivos.

Mas é da contradição entre esses dois princípios que se pode aprender algo. Em caso de conflito dos dois, é evidentemente o segundo que vencerá em todos os casos: é sempre possível não produzir nenhum consenso (ou nenhuma conclusão) por meio de sua aplicação automática, meramente “concordando em discordar” e permitindo a cada um seguir sua própria iniciativa. (A ausência de inovações táticas notáveis desde o “enxameamento” e os Dias de Ação Global provavelmente indicam que, uma vez tendo sido encontrada uma solução a respeito da qual todos pudessem “concordar em discordar”, era mais fácil seguir voltando a ela do que arriscar frágeis “unidades” tentando criar qualquer outra coisa.) A contradição aqui está entre dois conceitos de diferença: o do consenso, em que ela aparece como algo a ser trabalhado na produção de sínteses parciais novas; e o de diferença como um dado a ser automaticamente respeitado, o que resulta finalmente no banimento do debate político de qualquer fórum mais ampliado e sua restrição a pequenos grupos de afinidade.

Ao mesmo tempo, cabe lembrar que os Dias de Ação Global foram, originalmente, consequência de iniciativas tomadas por pequenos grupos e coalizões que, sem buscar qualquer consenso prévio, receberam todavia um apoio muito mais amplo (e diverso) do que poderiam haver esperado. A outra contradição, portanto, está no fato de que o consenso pode se dar não apenas na ausência de qualquer procedimento para tanto, mas como a legitimação *post facto* de uma iniciativa isolada oportuna.

Que lições se podem extrair aqui? Em primeiro lugar, não tratar a diferença como um dado absoluto. O fetiche da diversidade que restringe o debate porque “a diferença deve ser deixada em paz” é não somente contra-producente (porque desperdiça boas oportunidades de não apenas esclarecer, mas também transformar certas posições): ele reduz a diferença ao status de essência e propriedade individual. Ao mesmo tempo, a negociação de diferenças não é uma matéria que possa ser solucionada unicamente por meio de procedimentos. Voltamos aqui ao conceito de vivência: uma experiência vivida, compartilhada e sustentada, cria um terreno comum de negociação, transformação e compromisso mútuo que é, com frequência, mais forte que qualquer espaço formal, explícito de debate. Naturalmente, isso impõe limites de escala: uma vivência é sempre local, independentemente da quantidade de indivíduos que tomam parte nela. Mas também propõe um outro modelo e uma outra temporalidade a partir dos quais pensar a construção de consenso e o estabelecimento de equilíbrios temporários entre unidade e diversidade: o processo contínuo, ao invés da assembleia.

Junto com a noção “consensual” de que todas as diferenças podem ser canceladas, o ciclo da virada do século – talvez em decorrência de uma fascinação com a singularidade de sua dimensão global e as condições materiais que a possibilitavam – pareceu tratar a conexão como um valor absoluto. Mas e se esse não for o caso? A conexão é importante na medida em que multiplica a capacidade de agir de cada grupo ou movimento individual; mas não só nem toda conexão é possível, como nem todo consenso é desejável – traçar uma linha divisória é às vezes não apenas inevitável, como preciso. A idéia de conexão como valor absoluto não viria de uma dependência de um modelo de comunicação ideal – que, em deslocar as diferenças do nível das relações sociais para as relações discursivas, acaba por escamotear o fato de que alguns antagonismos não podem ser resolvidos através da comunicação? Essa talvez seja a segunda lição.

A terceira é sugerida por eventos como os protestos em toda a Espanha depois do atentado em Madri em 2004, o levante dos banlieues na França, e os recentes protestos no Irã: a combinação de um crescimento no acesso a tecnologias da informação e a expansão de plataformas geridas por usuários cria o potencial para um vanguardismo difuso que tem a capacidade de iniciar efeitos de grande escala sem passar por nenhum procedimento de tomada de decisão. Sofrerão esses fenômenos do mesmo limite geral que tem o enxame – depender, para sua

ressonância e capacidade de contágio, do fato de que são negativamente definidos (contra x)? A experiência recente das campanhas por moradia digna na Espanha aponta para a possibilidade de que tanto um processo quanto um programa positivo podem ser desenvolvidos depois do fato dado.[9]

Ao fim e ao cabo, a lição principal é, de novo, que a prática política sempre será uma questão de encontrar equilíbrios entre unidade e diversidade, abertura e fechamento; e aquilo que se disse acima sobre as escolhas sobre escala e potencial vale igualmente aqui.

“Seja a mudança que você quer ver”

cf. “O pessoal é político”, Política na primeira pessoa

Há sempre um risco de que a idéia de “política prefigurativa” seja tratada como uma espécie de karma para leigos: “faz ao mundo o que esperas que o mundo faça”, como se fosse simplesmente uma questão de produzir uma mudança adequada e esperar que o mundo se adapte. O que isso elimina, no entanto, é a dimensão do antagonismo: abrir um espaço para a reprodução “autônoma” sempre implica, automaticamente, delimitar uma fronteira entre dentro e fora, o que por sua vez significa que relações estabelecidas com o exterior não serão da mesma ordem que aquelas no interior. (Para buscar um exemplo na economia solidária: uma rede de empreendimentos solidários terá que relacionar-se com outros atores no mercado no modo da competição, não o da solidariedade.) Além disso, abrir um espaço e manter suas fronteiras seguidamente exige, tanto metafórica quanto literalmente, um esforço ativo para arrancá-lo e protegê-lo de alguma outra coisa: estado, mercado etc. Para ficar no exemplo de experiências em economia solidária de países como a Argentina, a “liberação” de empreendimentos no mais das vezes requer ocupações de fábrica, longas batalhas políticas e legais... Mas o exemplo clássico seria como a pré-condição dos experimentos inovadores de “bom governo” dos Zapatistas foi a criação e manutenção de um território por meios militares.

O problema de fundo dessa eliminação do antagonismo é que o prefigurativo é aí postulado como estando numa não-relação com tudo mais. Essa auto-referência absoluta é o que permite a individualização da responsabilidade social (“Eu faço a minha parte; se outras pessoas não fazem, a culpa é delas”) e uma eliminação de toda dimensão estratégi-

ca. Se o espaço em que a transformação é prefigurada não compartilha a temporalidade de mais nada, desaparecem aquelas que são as questões da estratégia por excelência – como esse espaço se relaciona com seu “exterior” no tempo? Qual forma essa relação deve tomar? (A “colonização” de uma pela outra? O êxodo? A disputa hegemônica? A não-relação pura e simples?).

Assim como “o pessoal é político”, a política prefigurativa trata de como instalar o problema da reprodução na política, ou como tornar a passividade num espaço de ação política. Mas as condições de reprodução de cada um se abrem sobre os circuitos da reprodução social como um todo. A questão, portanto, não é se é possível “viver diferentemente” em pequenas comunidades, ou por curtas durações.[10] “Seja a mudança que você quer ver” não é, assim, uma busca pseudo-religiosa por coerência, mas um esforço ativo de reforçar os circuitos de reprodução em relação de autonomia com o capital.

A questão é se é possível viver diferentemente em larga escala, todo o tempo; é experimentar ativamente com as possibilidades de desvincular a reprodução social da reprodução do capital; e o que é necessário para fazê-lo.

“Outro mundo é possível”

cf. Diversidade

O que é mais único no momento que se iniciou na metade dos anos 90? Vamos considerar essa hipótese: aquele foi o primeiro ciclo de lutas global enquanto tal. Isto é, que não apenas aconteceu simultaneamente em várias regiões do globo (o que já fora o caso daqueles das décadas de 1840, 1920-30, 1960-70), mas que teve na postulação de uma dimensão global sua característica mais marcante. O elemento material que determinou essa diferença foi, obviamente, a própria globalização capitalista, que criou e sustentou estruturas e fluxos de comunicação, movimentos de bens e pessoas em tal escala que o potencial para a conexão entre diferentes realidades não apenas cresceu exponencialmente, como também se tornou muito mais acessível. Esse potencial expandido de troca e produção de comunalidade resultou numa expansão da consciência dos diferentes impactos da globalização neoliberal, sua interconexão, as formas tomadas pela resistência a eles, e a forma como essas podiam relacionar-se. Isso, por sua vez, per-

mitiu trocas concretas e apoio mútuo entre diferentes experiências locais. O que, finalmente, invocou um potencial: o de que essa atividade política localizada podia ser focalizada em um único ponto em momentos de relevância compartilhada, fossem estes globais (as mobilizações contra a OMC ou contra a guerra, por exemplo) ou mais locais (como os protestos contra a ALCA).

Esses três fatores – consciência, trocas concretas, e potencial de convergência – constituem a dimensão global daquele ciclo, e provavelmente o único sentido em que seria legítimo falar, como se fazia então, de um movimento dos movimentos global. O “internacionalismo” que se produziu neste momento é distinto daquele de gerações anteriores na medida em que seu referente é uma pertença comum a um mundo interconectado e interdependente, ao invés de uma soma de estados nacionais a serem revolucionados um a um. Já se argumentou que a famosa fotografia da Terra vista da Lua tirada por astronautas em 1969 teria tido um efeito direto sobre o desenvolvimento do ambientalismo nas décadas seguintes; e há, de fato, um enorme poder na idéia de que “há apenas um mundo”: uma vez que se impõe um limite físico a nossa capacidade de universalizar, a operação racional de pensar nosso destino como ligado aos dos outros ganha um contorno concreto. Que esse “universalismo concreto” tenha sido combinado com uma capacidade expandida de manter trocas com “outros concretos” de todo o globo – tais foram as grandes novidades desse “globalismo”.

Rapidamente, contudo, um problema se tornaria óbvio: é impossível habitar essa dimensão global enquanto tal. Primeiro, por uma dificuldade já encontrada acima: podem as convergências de grande escala dar-se seus próprios objetivos de maneira positiva ao invés de negativa? Segundo, porque tais convergências, por elas mesmas, não constituem um movimento: por mais crucial que tenha sido manter aberta a capacidade de canalizar essa atividade em pontos singulares no tempo e no espaço, esse potencial existe apenas como consequência das capacidades criadas localmente, não como seu substituto; a comunicação de lutas no nível global só pode ser tão forte quanto as lutas locais que a alimentam. Terceiro, porque esse tipo de convergência suga recursos do trabalho local, quando na verdade deveria servir para reforçá-la.[11] Se não a reforçam, isso significa, no fim das contas, que o antagonismo, ao invés de ser a outra metade da moeda da construção de autonomia, simplesmente a substitui; e assim fazendo, perde justamente aquilo em que encontra sustentação. Em outras palavras, tais convergências, transformadas em fins em si mesmas ao invés de

ferramentas estratégicas, ficam num nível puramente representativo: de expressar um dissenso que não tem meios de se impor. (Basta pensar no que aconteceu com o Primeiro de Maio na maioria dos países. Mas também nos maiores protestos globais de todos os tempos, contra a invasão do Iraque, em 2003.)

Esse tipo de dissenso, é claro, tem alguma efetividade dentro de uma democracia parlamentar, contanto que corresponda a uma parcela suficientemente grande da população para ser uma variável eleitoral relevante. Isso chama a atenção para outro motivo pelo qual não se pode habitar o global, pelo menos no que tange ao aspecto antagonista da política: em si mesmo, o global não oferece nenhum espaço para demonstrações de força ou a colocação de demandas, porque não há ninguém a quem se dirigir. Aquela que foi provavelmente a maior vitória do “movimento global” – o “descarrilhamento” do projeto original da OMC – ilustra-o bem: indo de Seattle, quando um debate que até então ocorria longe de qualquer escrutínio foi exposto e oposto por protestos massivos; ao enfraquecimento progressivo do status de fato consumado que o projeto tinha até ali, à medida que alguns países endureciam suas posições nas negociações; chegando à cúpula ministerial de Cancún, em que foram tais governos que impediram um acordo.[12]

Com o refluxo do momento “global” e a ascensão de vários governos de esquerda na América Latina, alguns se apressaram em concluir que o ciclo dos movimentos teria acabado, e outro – que trataria de consolidar as posições já conquistadas – teria começado. Esse argumento (cuja relevância é bastante limitada à América Latina), pelo menos nas suas versões mais abertas, tem dois elementos de continuidade com o momento global. O primeiro é que, se sublinha um “retorno” à soberania nacional, também indaga que papel esta pode ter na constituição de novas formas de interconexão global para além daquelas da globalização neoliberal. O segundo consiste em reconhecer a relação constituinte entre movimentos e instituições; essa dinâmica, entretanto, acaba sendo apresentada mais como uma sucessão de momentos estáticos do que como uma tensão aberta e permanente. Nisso, força-se uma escolha desnecessária e contra-producente: ou se aceita que a iniciativa agora pertence aos governos existentes, ou se abre um flanco para a reação.

Isso nos leva a uma última máxima, também em voga durante o momento global, até aqui notável por sua ausência desse dicionário. For-

çar uma escolha entre “tomar” e “não tomar” o poder como forma de “mudar o mundo” não seria simplesmente a inversão da falsa escolha acima? Há evidências históricas suficientes para indicar que a tomada do aparelho de Estado, por si só, não significa “mudar o mundo”. Reconhecer um tal fato – que se presumiria incontroverso! – não implica necessariamente a perda de toda e qualquer capacidade de distinguir entre “piores” e “melhores” governos, ou de tomar partido quando preciso. Não implica, de fato, nada mais que estar ciente que nenhum governo jamais será o “nosso” governo, no sentido de que seria capaz de realizar tudo o que se deseja ou que é preciso. Significa reconhecer os limites daquilo que o Estado pode realizar, sabendo, contudo, que sempre será necessário ir além deles. Governos serão “melhores” ou “piores” na medida em que sejam mais ou menos permeáveis à intervenção autônoma vinda de movimentos, em que mais ou menos espaço possa ser criado neles para aumentar a capacidade de movimentos para agir. Se há aqui uma decisão por permanecer do lado dos movimentos, ela é uma que escolhe o lado a partir do qual, a direção na qual estabelecer a relação, sem simplesmente fechar os olhos para essa relação, como se assim ela fosse desaparecer; e que vê a capacidade de escolher seus próprios mediadores, que tipo de mediação aceitar, e quando, como uma alternativa mais radical que a mera recusa.

Notas

[1] Publicado inicialmente como parte do projeto “Re-imagining society” (<http://www.zcommunications.org/zparecon/reimagining-society.htm>), da revista norte-americana Z. O original encontra-se em: <http://www.zcommunications.org/dictionary-of-received-ideas-in-the-interest-of-passing-them-on-by-rodrigo-nunes>.

[2] A oposição entre “momento” e “movimento”, bem como a discussão a respeito do “momento global”, encontra-se mais desenvolvida em: Nunes, R. (2010) *The global moment: Seattle, ten years on*. *Radical Philosophy*, v. 159, pp. 5-8. Versão online disponível em: http://www.radicalphilosophy.com/default.asp?channel_id=2187&editorial_id=28817.

[3] Para ficar em apenas dois exemplos clássicos: Lenin, V. I. (1902) *What is to be done?*, Cap. 3. Disponível online em: <http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1901/witbd/index.htm>; Marighella, C. (1969) *Mini-manual do guerrilheiro urbano*. Disponível online em: <http://www.marxists.org/portugues/marighella/1969/manual/index.htm>.

[4] Perguntado sobre o que seria uma revolução molecular, Félix Guat-

tari responde com este exemplo. Cf. GUATTARI, F. The unconscious is turned towards the future. Trans. Evans, A. and J. Johnston. In: *Soft Subversions*. Cambridge, Mass.: Semiotext(e)/MIT Press, 2009, pp. 178.

[5] Carroll, L. (1876) *The hunting of the Snark*. Disponível online em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/13>.

[6] Dois textos clássicos de referência para essa discussão seriam: Freeman, J. (1972) *The tyranny of structurelessness*. *Berkeley Journal of Sociology*, Vol. 17, pp. 151–65; disponível online em:

<http://www.jofreeman.com/joreen/tyranny.htm>; Spivak, G. (1988) *Can the subaltern speak?* In: Nelson, C.; Grossberg, L. *Marxism and the interpretation of culture*. Champaign: University of Illinois Press, pp. 271–314; disponível online em: blogs.ubc.ca/ewayne/files/2010/01/spivak1988.pdf.

[7] O conceito de “precariado”, certamente ainda mais que o de “proletariado” antes dele, subsume realidades extremamente diversas entre si (do free lancer da indústria do software à imigrante irregular trabalhando como doméstica, por exemplo). Os movimentos organizados que utilizam o conceito, por sua vez, costumam ter uma composição muito mais homogênea (branca, européia, nível superior). O que se viu algumas vezes, portanto, foi a amplitude do conceito ser usada para emprestar relevância e legitimidade ao que eram, na verdade, manifestações e demandas muito mais restritas àqueles sujeitos politicamente organizados – ou, inversamente, para representar fenômenos como a revolta dos banlieues franceses como expressões de igual natureza às expressões do “precariado organizado”.

[8] A expressão *swarming* foi primeiro usada para falar das possibilidades táticas oferecidas pelas novas tecnologias em ‘*The advent of netwar*’, texto escrito em 1996 para um think tank do complexo industrial-militar norte-americano, retomado pelos autores em: Arquilla, J.; Ronfeldt, D. (eds.) (2001) *Networks and netwars. The future of terror, crime, and militancy*. Santa Monica, Ca.: RAND Publications, p. 12. Disponível online em: <http://www.rand.org/publications/MR/MR1382/MR1382.ch1.pdf>. Uma das primeiras

popularizadores da idéia foi Naomi Klein, por exemplo em: Klein, N. (2001) *The unknown icon*. Disponível online em: <http://www.naomiklein.org/articles/2001/03/unknown-icon>. Cf. também Holmes, B. (2006) *Network, swarm, microstructure*. Disponível online em: <http://multitudes.samizdat.net/Network-swarm-microstructure>.

[9] Cf. www.vdevivienda.net. A interessantíssima história deste movimento iniciou-se com um email anônimo em Maio de 2006 que, jogando com a lembrança das mobilizações de 2004 e a inspiração dos

protestos contra a CPE na Fransa, logrou provocar protestos simultâneos em várias partes da Espanha. Para conhecer mais, vale a pena ler o excelente trabalho de pesquisa-ação (em cinco partes) do Grupo 47, disponível em: <http://agitpub.wordpress.com/2007/06/06/persiguiendo-a-la-“v”-de-vivienda>.

[10] Poderíamos lembrar aqui outro tema “quente” da época, a Zona Autônoma Temporária proposta por Hakim Bey. Cf. Bey, H. (2001) TAZ – Zona Autônoma Temporária. São Paulo, Conrad. Se nesses tantos anos as TAZ não perderam nada de seu apelo romântico, o que mudou é justamente o fato de que hoje o romantismo da proposta parece infinitamente mais óbvio. Basta ver que hoje, dentro de processos como os Acampamentos de Ação Climática no Reino Unido (www.climate-camp.org.uk), a discussão gira ao redor de como coordenar esses espaços efêmeros dentro de um processo político mais amplo, de forma que eles aparecem não mais como estratégias, mas como táticas. Isso é ainda mais notável pelo fato de o processo Climate Camp reunir muitas pessoas que, na virada do século, fizeram parte do Reclaim the Streets!, que foi bastante influenciado por Bey. Para uma discussão recente sobre as diferenças de pensamento e prática política entre um momento e outro, cf. Gerdes, B.; Grindon, G.; Nunes, R. (2010) *Protests Past and Protest Futures: a critical conversation about the state of protest and cultural composition*. *Journal of Aesthetics and Protest*, vol. 7, p. 32-53. Sobre o Reclaim the Streets!, cf. Ludd, N. (org.) *Urgência das ruas: Black Bloc, Reclaim the Streets! e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad, 2002.

[11] Cf. Jowit, J. (2008) *How astronauts went to the Moon and ended up discovering planet Earth*. *The Guardian*, 20 de Dezembro. Disponível online: <http://www.guardian.co.uk/science/2008/dec/20/space-exploration-usa-earth-moon>.

[12] Cf. De Marcellus, O. (2006) *The biggest victory yet against the WTO and ‘free trade’. Celebrate it!*. Disponível online em: slash.autonoma.org/node/5349. Como o texto ressalta, é absolutamente evidente que estes países não teriam se posicionado como fizeram se não fosse pela combinação de apoio e pressão que receberam dos movimentos sociais; ao mesmo tempo, esses movimentos sociais, por si só, não tinham como ir além de exercer esse tipo de influência, já que as partes envolvidas na negociação eram, no final das contas, apenas estados nacionais.

A to Z; os desvios que ampliaram o arquivo

Cristina Ribas

Agradeço a Christopher Jones and Ben Seymour

Como medimos o desejo do conhecido desequilibrado do desconhecido?

O texto poderia ser um diagrama, mapa, ou desenho de uma viagem e de uma morada. Entre setembro e dezembro de 2009, vivi em Londres, Inglaterra, com o subsídio de uma bolsa de pesquisa e produção em artes. Ora, toda viagem padece de partida e chegada. Meu escopo de desejos foi comigo na mala deixando o Rio de Janeiro por um tempo, e não só na forma de uma procedência geográfica, levava planos balanceados por minha experiência no Brasil a ponto de serem confrontadas com um contexto no outro lado do oceano. Se aqui me dedico à participação em um contexto ativado por meio de práticas artísticas, realizando intervenções e ações de fomento de uma esfera pública em que a arte é um dos elementos de articulação social, na forma de exposições, organizando projetos como residências artísticas, seminários e eventos, trabalhando com pesquisa, entrevistas, crítica de arte, entre outros... de que forma isso poderia acontecer lá?

O projeto submetido para a instituição de fomento¹ apresentava uma proposição cujas assertivas eram, contudo, rasuradas como um índice de zine punk. A ação central seria pesquisar no Instituto Warburg² e criar uma obra como dispositivo dialógico de articulações da noção de “arquivo”, para o que formulei algumas perguntas: de que forma a noção de pesquisa interfere e corrobora na criação artística?; de que forma se pode observar a produção de uma historiografia arqueológica em relação às práticas documentais, cumulativas, classificatórias, narrativas da arte conceitual e contemporânea?; qual a “competência mnemônica” das formas artísticas narrativas e discursivas?; como elas constituem a noção de obra?; de que forma essas novas narrativas operam nas formas de uma transindividuação, ou seja, uma articulação fluida entre a experiência do indivíduo e sua coletivação?³

Tais perguntas pretendiam antes cercear uma pluralidade de ações e sinalizavam a observação atenta da prática artística pessoal e daquelas que há muito me cerco, como quando no auxílio da Arquivista no Arquivo de emergência⁴. Mas as perguntas estavam ainda pautadas na plasmação do projeto, cujos desvios do novo seriam cruciais para atualizar o desejo e desencontrar outras manifestações de um campo em

profusão, algo que estava até então escondido (talvez porque nunca provado dessa forma) naquelas perguntas. Assim que conhecer um centro social anarquista e frequentar duas feiras que aconteceram em Londres enquanto eu estava lá trouxeram a intensidade de iniciativas locais (e de alguma maneira de seus arquivos). Pude tomar conhecimento de coletivos radicais e produções em arte nos mais diversos modos, fomentando a promoção do conhecimento com uma boa dose de política: 56a Infoshop, há 19 anos em Elephant & Castle; Publique e Seja Banido (Publish and Be Damned) e a Feira de Livros Anarquistas (Anarchist Book Fair). Tais situações me apresentaram diante dos olhos e do corpo uma esfera pública em absoluta virtuosidade. Isto é, talvez, o que diria Paolo Virno⁵. “Esfera pública” por que se experimenta um espaço dado à colaboração do pensamento dimensionado no intelecto, por mais que uma série de forças não deixe de atravessar trazendo aqui ou ali manifestações de velhos poderes, ou impossibilidades cooperativas.

A bolsa de fomento não exigia a elaboração finalizada de uma obra, mas requeria a justificativa de uma viagem além mar. O objeto claro e urgente da minha movida - acercar-me do Instituto Warburg hoje parceiro da Universidade de Londres-, seria também mais um elemento deste diagrama que reservava à sua forma limites. A percepção desses limites e das linhas de força que me conduzissem para fora do Warburg indicando a interatuação com produtores locais transformou a morada temporária em uma experiência de enraizamento ou aterramento (se assim se pode traduzir o que em Londres se chama *grounding experience*). Bem por isso, cooperar com um centro social ou encontrar um projeto relacionado a arquivos atuante no presente (e não no âmbito universitário como o Warburg) era outro ponto de ação da minha bolsa-residência. Procurei em páginas na internet e pedi indicações para amigos antes de ir para a Inglaterra, coisa que só fui “fechar” diante da visita ao próprio lugar: foi com admiração absurda que conheci o 56a Infoshop, um centro social anarquista que existe no sul de Londres, em Elephant & Castle há 19 anos, totalmente com trabalho voluntário⁶. Formado por uma loja de alimentos e produtos orgânicos vegana (Fareshares); livraria com volumes selecionados cuidadosamente e preços mais baixos; oficina de conserto de bicicletas; computadores com acesso à internet; cozinha com diversos chás deliciosos e um arquivo que ocupa totalmente uma das salas, fazendo voltas em prateleiras que se multiplicam até o teto. O arquivo guarda material de mais de quinze movimentos diferentes, cartazes, mapas táticos de manifestações, publicações, panfletos, entre outros; sendo em grande maioria

ingleses, depois europeus e mundiais, e em pouca quantidade latino-americanos⁷.

56A

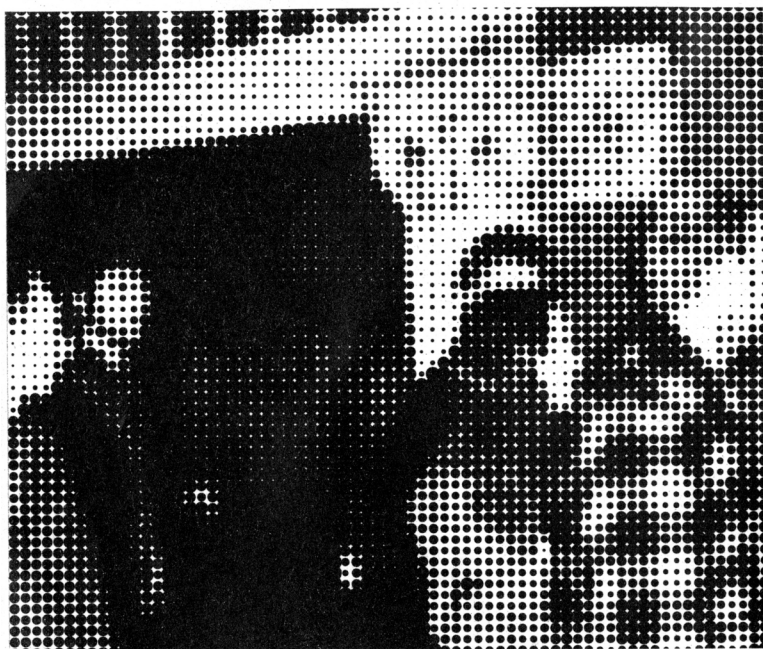
Foram muitas conversas até decidir que Christopher Jones, arquivista-capitão, do 56a seria um dos colaboradores para meu projeto em Londres – visto que com a Bolsa deveríamos escolher até dois parceiros para dialogar e dividir dúvidas, pesquisas, copos de chá... E quanta ruptura, quanto descaminho ao confrontar a prática de dois arquivos – este que eu trabalho, por origem relacionado ao campo da arte em constituição voltado a perceber os eventos e estratégias que interpe-lam atravessamentos com o que se tem por artes visuais contemporâneas e suas tramas sociais (e por isso cabe o conceito de esfera pública) - o Arquivo de emergência; e outro dedicado absoluta e radicalmente a fomentar lutas de movimentos desde ecologia, anarcofem-inismo, queer, polícia e movimento negro, a ocupações (squatt), gentrificação, habitação social... manifestações como *Mayday*, ações anti-globalização, e tantos outros.

Estar diante desse arquivo é colocar-se diante de grande parte da história de acontecimentos que levaram à celebrada e urgente retomada do espaço público e cooperações faça-você-mesmo (DIY ou *do-it-yourself*), vivida no Brasil a partir de meados de 2001 com uma série de ações urbanas por parte de grupos, indivíduos e anônimos mais ou menos preocupados com a inscrição desses eventos em conformações artísticas. Eu, repleta de fascínio, não podia esquecer que era necessário equalizar o tempo aportando os novos atravessamentos observando o arquivo 56a na sua especificidade: exemplo da promoção de redes de ações e ambiente de pesquisa para a produção de um saber radical. O ambiente, a forma de acessar esse arquivo e sem dúvida seus “documentos” eram radicalmente diferentes do Instituto Warburg, se não for desnecessário provocar essa comparação⁸. E, claro, os modos de uso, ou seja, o que se produz a partir dali: desde a diferença na linguagem como modos de circulação da informação que, na academia fica muitas vezes encerrada a esquemas de publicações e restrição de acesso.

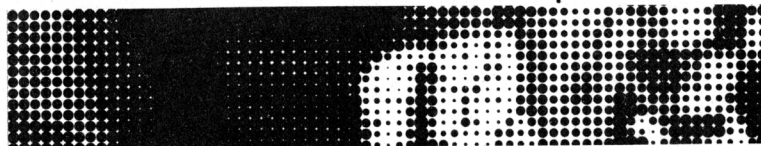
Pode-se pensar que atualmente há uma retomada da produção de Warburg, que não pode nunca ser invocada sem mencionarmos Fritz Saxl e Gertrude Bing que trabalharam todo o tempo com ele e seguiram seu projeto após sua morte. A crucial insistência na noção de “montagem” na atualidade, em como o conceito instaura uma liberdade nas criações cinematográficas, literárias, artísticas é uma das teses que se ali-

am a Warburg⁹. Também naquilo que o conceito facilita de processos performatizantes dos arquivos, algo que me interessa em especial, ou seja, construção de processos executáveis, o que é também condição primeira de uma *poiesis*. A estreita referência tomada por agentes do campo das artes visuais contemporâneas e do ambiente acadêmico pa-

An introduction to **RADICAL ROUTES**



Network of radical co-operatives



recia, contudo “endireitar”, limitando, as possibilidades conectivas, visto que muito do que se partilha são referências que, como segredos, comunicam uma temperatura estável de autores, metodologias e conceitos. Porém, há pistas de rompantes que pareciam extravasar o sistema de segurança do Instituto, que precisam antes ser garimpadas na história de sua formação ao propor a colaboração entre áreas do conhecimento, confundindo os limites de práticas que no período moderno por vir seriam ainda mais especializadas. É imprescindível atentar que o território de delimitação do artístico sobrevive de planos de captura, propriedade e autoria... algo que também alimenta a academia.

Diante da constatação de diferenças, haveria possibilidade de conectar o ambiente anarquista ao Instituto Warburg? Sem dúvida essa aproximação equalizaria minha incessante busca por desbordes das artes visuais e perscrutações nas criatividades nas lutas protagonistas da autonomia entre pessoas, espaços e políticas diante de um modelo de desenvolvimento global... Uma pergunta então se abria novamente: o que é como pode ser agenciado um arquivo?

Ora, parece que a experiência de um arquivo se faz no envolvimento que requer tempo... E a experiência de um arquivo prescinde de “desarquivamentos”¹⁰, conceito inventariado na prática do Arquivo de emergência, ou seja promoção de articulações férteis entre seus documentos retirando-os de lugares consignados e misturando a outros lugares temporários... Talvez, a experiência de arquivo não seja essa que delimita a partir de uma materialidade física, visto que um novo conceito “arquivo” rasga as paredes de um confinamento possível... Talvez arquivo seja esse corpo de pensamento que se ativa, corpo de estranhamentos e estranhamentos no corpo, nos modos de entrar e sair, receber e partilhar motivações, informações, saberes e conquistas...

Tudo o que extravasava as questões requeria novos espaços e novas experiências, que não poderiam estar confinadas ao espaço do Instituto no qual fui pesquisar, mas que estavam sempre ancoradas no conhecido e em desvios desejados e inesperados operando um aterramento que nada mais é que um duplo identificar-se e renovar-se. “A to Z” é o guia usado por quase todo londoner para localizar-se nas ruelas medievais de Londres, ou perder-se à moda Situacionista - espreira indubitável do viajante nômade e queda livre numa em tantas incertitudes (gosto do termo, mesmo que seja um neologismo, então colocamos em itálico?) mensuradas desde perto e atravessadas por eventos autônomos, assim como afeto de outros anarquismos incitando novas cooperações e rompimentos.

Publish and Be Damned

Publish and Be Damned acontece desde 2004 em Londres¹¹. A feira reúne bancas de venda de livros, revistas e demais publicações de arte em amplo sentido criando um ambiente com programação de palestras, lançamentos e performances. Um grupo de artistas organiza de forma autônoma ao longo destes anos: Emily Pethick, Kit Hammonds, Sarah McCrory e Joe Scotland. Hoje, a feira é conduzida pelos dois primeiros. Na feira de cerca de 100 banquinhas misturam-se desde artistas que fazem livros em tiragem pequena (4 a 10 unidades), feitos artesanalmente, a livros publicados por editoras, e bancas de livrarias alternativas dedicadas ao tema das artes visuais. Participam em grande maioria ingleses, mas também são muitos os alemães e os franceses. Além de ser um momento para comercialização direta, a feira se torna uma grande exposição de diferentes formatos e dispositivos impressos, uma amostragem da diversidade de publicações desde livros costurados à forma tradicional, livros-registro de performance e ações, revistas, jornais, catálogos de exposição e toda sorte de colecionáveis e montáveis.

“Marbled Dreams”¹² e “Ahali”: a primeira uma edição de doze originais tamanho A4 replicados em 500 unidades, cada original produzido por um artista e vendido a 1 £ (um pound). “Marbled” por que as laterais das folhas empilhadas são cobertas com tinta colorida em desenho, o que diferencia cada folha de papel mesmo que essa espessura seja praticamente imperceptível. “Ahali” (significa comunidade auto-definida



em turco) tem um preço padrão (2 £), e você pode escolher até três unidades de texto para compor sua revista. Os organizadores montam e grampeiam diante do comprador um dobrável engenhoso que se converte em capa (com o editorial) e contracapa.

Outras revistas corroboram mais com uma linguagem, por que não dizer, niilista da arte contemporânea baseada em arte processual como “Unrealised Projects Volume 4: a partial introduction to a process in progress”, organizado por Auto-Italia South East; cujo design resigna-se tanto de uma personalidade que a monotonia impera... “Clod” por sua vez tem outra “cara”. Comprei na banca com os próprios autores: ambos usavam camisetas de manga curta e uma gravata borboleta! Quanto performance também executavam naquele vende-compra. Comprei por uma libra uma “Clod” de 1991 em papel brilhoso (couchê) e tinta em impressão azul. Definitivamente não é uma revista de arte, não é uma revista que surge para resenhar arte. O conteúdo das páginas é feito à maneira de antes dos programas de edição digital, tal como como zines. Os artistas escreveram também um pequeno livro situacionista, e informam uma manualidade como ferramenta sensível... Assim também é a publicação nova totalmente em preto com escritos em branco com duas dobras, “A3” feita por Daniel Lehan (talvez um pouco mais velho que os amigos da Clod). Lehan convida colaboradores realizando pequenas entrevistas no verso das grandes frases que caligrafa: “tonight I will dream of my future wife”, “my father knew the elephant man” e “make peace with yourself”.

Na feira, uma absurdidade de conversas são travadas, em muitas línguas inclusive. Desde a impossibilidade de negociar descontos (que acontecem mais para o final...), assim como debates sobre o próprio material, seu conteúdo, sua história. As conversas acontecem sobre a mesa, tanto do lado dos vendedores e dos compradores assim como estas posições se confundem à medida que o dia passa e vão se desenhando novas coreografias. A profusão de movimentos corporais que delata uma intensificação das trocas nessa esfera também caracteriza a Anarchist Bookfair – bem maior e mais movimentada que a primeira. O ambiente das feiras, diferente um pouco do silêncio dos arquivos e das bibliotecas já não é tanto o ambiente da escrita e da leitura, mas torna-se o ambiente da fala e da escuta...

Anarchist Book Fair

A Anarchist Book Fair¹⁴ é organizada por um coletivo de anarquistas desde 1984! Começou em uma sala com poucas bancas e pouco a pouco

foi tomando o formato que se conhece hoje chegando ano passado a 38 encontros (debates e oficinas), 90 bancas, cabaret de performances e esquetes queer e “socialistas”, duas creches, sessões de filmes, café e mais... A ocupação da universidade que sediou a última feira contemplava um teatro, uma sala octogonal, corredores, passagens, auditórios e uma série de improvisações que enriqueciam a experiência espacial da feira. Um coletivo chamado Bookfair Collective formado por dois distribuidores de livros (A Distribution e Anarchist Book Service) e duas livrarias ainda ativas (Freedom Bookshop e Housmans Bookshop) manifestou-se insatisfeito com a feira de livros Socialistas, alegando “no fun”, tanto que resolveram arriscar uma feira independente localizada na mesma rua que a feira socialista (assim aproveitariam o público), “atendendo a um senso de solidariedade com a cena radical de publicações” e pretendendo fugir de certas regras ligadas a registro de livros nada generosas com essa cena. “Small is beautiful”, uma expressão que revela bastante da simplicidade e da ironia inglesas, adicionadas de anarquismo que fomenta uma linguagem fácil e afetuosa para ser recebida por todos. No mesmo ano da feira surge organizada também pelo coletivo a revista “New Anarchist Review”, cujo objetivo era divulgar a feira e trazer resenhas de livros vendidos. O sucesso da primeira feira foi tanto que em seis meses fizeram outra. Hoje, a feira acontece anualmente.

Na fala de um dos organizadores, “obviamente como pessoas que vendem livros nós não éramos adversos a eles irem para casa com bolsas com nossos livros, mas mais importante era que queríamos que eles fizessem contato com grupos e indivíduos para dividirem seus interesses e, mais importante ainda, que fossem embora pensando que aquele foi um dia realmente bom, interessante, e que eles definitivamente retornarão e trarão amigos no ano seguinte. (...) Também queríamos desviar deste ser apenas um lugar onde anarquistas se encontram todo o ano (mesmo que isso seja gigantesco importante) e fazer deste um lugar onde não-anarquistas podem saber o que todos nós fazemos, dizemos e acreditamos, e esperançosamente invocar mais gente para os grupos, organizações, e caminhos anarquistas e mesmo para a organização da feira.”¹⁵

Novas relações

A história já escrita da feira anarquista revela uma série de fatos interessantes (enquanto que o site da Publish ainda está em elaboração, mas seu grupo já existe no Facebook). A permissão de cachorros nas primeiras edições, o histórico de conflitos entre “banqueiros” (revelan-

do que atritos e diferenças existem em qualquer lugar...), agressões por parte da polícia e como os organizadores perceberam que precisavam de uma creche com profissionais de confiança para cuidar de seus filhos. A feira, é importante ressaltar, não vende apenas livros, mas toda sorte de materiais acessórios (cartazes, camisetas, bótons, ...) assim como produtos zapatistas (café, artesanato, entre outros) e se torna local de campanha para diversos movimentos, como o chamado para a colaboração tanto para divulgação como apoio financeiro de prisioneiros na Grécia.

Anarchist, de alguma forma, é como dizem os contadores de sua história, uma ferramenta para o próprio movimento anarquista de comunicação sem intermediários da mídia. Não que a Publish não seja um ambiente onde articulações políticas perpretam as compras e conversas... mas o posicionamento é, se existe, bastante invisível... por mais que o título seja bastante radical. Se na Anarchist os debates chamam pessoas que não são absolutamente envolvidas apenas com anarquismo para que novos públicos se sintam convidados, é necessário fazer o mesmo nos encontros promovidos pela Publish?

Sei que tudo o que não se precisa nestas situações é o silêncio de uma biblioteca ou o silêncio vez ou outra seco de um ambiente de galeria de arte. Se numa biblioteca existe uma espécie de segredo sobre o objeto de estudo (mesmo que se possa conferir nas fichas de empréstimo o nome dos usuários de um livro), a biblioteca não é tanto dada ao comentário e mesmo à crítica das escolhas do outro. A feira é o local do comércio dos homens livres (bem dotados de \$\$, no caso da Publish mais do que na Anarchist) e, portanto, também de algum tipo de performatividade do pensamento testado ao vivo na mesma liberdade destas escolhas. É importante considerar a realização destas feiras autônomas numa cidade em que um comércio intenso e veloz já cria uma trama consumista que sobrepõe a sociedade como um todo¹⁶. Mais radical se tornam as iniciativas então, por que não se pautam nem no mesmo conteúdo das grandes tiragens nem pretendem competir com esse mercado de cifras padronizantes... aprendizado para nós brasileiros que queixosos de não termos “nada, nunca” e ainda não vimos nascer por aqui iniciativas como essa.

Se por um lado o universo da internet parece dar conta de promover conexões, as coisas impressas ainda parecem surtir muitos encontros novos, e as situações para comercializá-las ou trocá-las ou distribuí-las se tornam muito importantes. O arquivo se rearticula como dispositi-

vo possível... A quantidade de informação disponível constituinte da esfera pública trabalha diretamente a minha ansiedade: “como manter o desconhecido desequilibrado do desconhecido?”; falta de fôlego que eu tenho também em algumas bibliotecas, dessa desajeitada maneira de querer mais e mais informação basicamente porque talvez pelo acúmulo, comparação, e participação nesse tramado uma tese esteja bem provada: uma multiplicidade existe, ela constitui um comum, e prescinde dos encontros para que aconteça. O arquivo, elemento comum de uma relação inicial é retomado para ressurgir mais do que materialidade (como lugar de estabilização de saberes, informações, modos, idéias,...) e mais do que conceito. Será ele instrumento de cerceamento de uma noção de história, lá presente também nas observações de Warburg mirando as fissuras de um paganismo na cultura helênica indelével? Minha deriva ‘A to Z’ confunde os modos da história que se apresentam ainda mais desejanter de desarquivamentos, pelo que exercito o extravasamento produtivo da explosão de um evento para uma costura das lutas e dos enlaces criativos...¹⁷

Da editora Past Tense: “O que se tem por ‘história’ é geralmente reconicionado e sanitizado como ‘herança’, despojado de conteúdo político e apagado em conflitos, rebeliões e repressões com um brilho rosado; ou aparece acadêmico, distante e desconectado da experiência do cotidiano. Para nós o passado, o presente e o futuro são relacionados por experiências de relações sociais e por nossas motivações a modificá-las. Um conhecimento dos movimentos, idéias eventos do passado pode ajudar a moldar as ações no presente e além...”

Eu que nunca fui historiadora descobri com os anarquistas que o autodidatismo prescinde mais ainda de uma troca mútua, e nada melhor que chegar na história pelo presente, na deriva, pela própria prática ou ação no intercurso de eventos cujo encadeamento ajuda a compreender a natureza e os anseios de um movimento... e compreender nesta multiplicidade de que forma há intrinsecamente uma investigação da linguagem e da arte.

Cristina Ribas
Artista visual e pesquisadora
Rio de Janeiro, fevereiro de 2010

Notas

1 Programa Artist Links, British Council. O programa promoveu o inter-

câmbio de artistas brasileiros e ingleses por quatro anos.

2 <http://warburg.sas.ac.uk/> O Instituto foi iniciado por Aby Warburg (1866 – 1929), historiador de arte e pesquisador incansável, muito conhecido por observar as reminiscências de culturas pagãs na arte ocidental. Warburg possuía um método labiríntico no limiar de cientificidade e poética (Warburg aliava Mágica à Ciência, por exemplo, no arquivo de fotografias base de seus estudos iconográficos).

3 Recomendo a leitura de VIRNO, Paolo em *Virtuosismo e revolução*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008. e *Quando el verbo se hace carne: lenguaje y naturaleza humana*. Buenos Aires: Cactus: Tinta Limón, 2004.

4 <http://arquivodeemergencia.wordpress.com>

5 VIRNO, 2008. Op. Cit. p.

6 <http://www.56a.org.uk>. O espaço é formado por uma série de projetos, listados no site, como uma editora (Past Tense), um grupo de pesquisa sobre história radical do sul de Londres (South London Radical History Group); realizam grupos de aconselhamento de ocupações (squatt), exposições temporárias na cozinha, como a exposição de cartazes do grupo de artistas e ativistas Just Seeds: Visual Resistance Artists Cooperative. O grupo fez pôsteres de lutas sociais do século XX reproduzindo em serigrafia, e vende a preços baratos revertendo parte do lucro para movimentos (http://www.justseeds.org/artists/celebration_peoples_history/).

7 Página de assuntos arquivados <http://www.56a.org.uk/archive-list.html>

8 O Instituto é formado atualmente por uma biblioteca com livros, um arquivo de guarda da produção de Warburg (anotações, manuscritos, cartas, fotografias, entre outros); coleção de fotografias como base para estudos de iconografia da arte, café, sala de fotocópias, salas de professores-pesquisadores e pesquisadores bolsistas, escadarias e tudo mais que um Instituto necessita. Para pesquisar é necessário carta de recomendação de alguma universidade ou instituição e, dependendo, carta de recomendação de pesquisador da área.

9 Há análises contemporâneas que dispõe em linhas de correlação artistas europeus e a produção de Warburg, passando por Andre Malraux (Museu imaginário), entre outros. BUCHLOH, Benjamin. “Atlas de Gerhard Richter: o arquivo anômico.” e FOSTER, Hal. “Arquivos da Arte Moderna”, ambos traduzidos para o português publicados na Revista *Arte & Ensaios*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, dezembro de 2009.

10 O conceito foi desenvolvido em minha dissertação de mestrado disponível em: <http://www.ppgartes.uerj.br/discentes/dissertaco->

es.html#5

11 A feira aconteceu em uma antiga escola transformada em centro de eventos em East London no domingo de 27 de Setembro de 2009 paralela à London Art Bookfair (Whitechapel Gallery) <http://www.publishandbedamned.org/>

12 <http://www.marbledreams.com>

13 Traduções possíveis: “essa noite eu sonharei com minha futura esposa”, “meu pai conheceu o homem elefante” e “faça paz com você mesmo”. Mais em: <http://www.daniel-lehan.com>.

14 <http://anarchistbookfair.org/>. A feira aconteceu no dia 24 de Outubro na Universidade Queen Mary. Muitos dos livros são disponibilizados em <http://www.activedistributionshop.org/shop/>, assim como os livros vendidos na livraria da Infoshop 56a. Na página da feira você pode consultar a lista de projetos, movimentos, centros sociais, livrarias, editoras e independentes que comercializam seus materiais na feira.

15 <http://anarchistbookfair.org/history.html>

16 É interessante pensar a fricção de uma Publish and Be Damned em uma cidade-sede das maiores casa de leilão de arte do mundo, e dotada dos valores mais altos já capitalizados no setor para artistas vivos (sem mais comentários).

17 <http://past-tense.org.uk/>

Natureza; Arte e Tecnologia.

A mobilidade do audiovisual de bolso.

Karla Schuch Brunet*¹

Maruzia Dultra**

Resumo

Este artigo² pretende tecer reflexões sobre a relação entre arte, tecnologia e natureza a partir do projeto artístico *Escape → Natureza*. Composta por pequenos vídeos de paisagens naturais, a obra explora a utilização das tecnologias móveis e da internet para produzir e divulgar o audiovisual. Da película e projeção cinematográfica, caminha-se para um modo descentralizado e desterritorializado de fazer e fruir obras artísticas.

Palavras-chave: arte, tecnologia, natureza, mobilidade, audiovisual

Introdução

A tecnologia digital tem provocado revoluções na vida cultural, econômica, política e ambiental. Facilidades que antes pareciam ficção científica, hoje se mostram como uma exuberante realidade. Compartilhar acervos musicais com pessoas do mundo inteiro; falar, fotografar, filmar, ouvir música e acessar internet através de um mesmo aparelho; conversar e trocar informações com quem nunca se viu; transportar imensos documentos através de pequenos dispositivos; impressão em três dimensões; microcâmeras que transmitem imagens em tempo real para a rede mundial. Tudo isso já é possível e a custos cada vez menores.

O cruzamento de dados de naturezas diversas tem transformado as esferas sociais de tal forma que a oposição “real x virtual” dá lugar a um mundo de informações híbridas, em que o código digital está imbricado no contexto presencial. Uma relação simbiótica que passa a não ser mais analisada como um binômio contraditório. A própria linguagem mostra que “n dah + p separar mto td isso”³!

Deletar, adicionar, acessar o site, enviar o link, receber e-mail... Assim como a linguagem, o meio ambiente também começa a incorporar “resíduos” da era digital. Os aparelhos que ficam obsoletos podem ser facilmente substituídos, mas nem sempre são devidamente descartados. Metais pesados como mercúrio, chumbo, cádmio e berílio ficam expostos em lixos comuns, o que põe em risco ambiente e seres humanos.

Diante da crescente produção de lixo tecnológico, a arte não se exime. O diálogo com os problemas ecológicos mostra-se indispensável. A tecnologia passa a não ser mais encarada somente como uma nova enseada para as produções artísticas. De ferramenta, suporte e conceito, ela passa a ser o cerne de muitos questionamentos de artistas - ativistas ou não.

Apresentação do projeto Escape → Natureza

Diante de uma rotina turbulenta, as 24 horas do dia parecem não mais abarcar todos os afazeres contemporâneos. A tão desejada hiperconexão liberta porque nos avisa a tempo sobre os bloqueios no trânsito, por exemplo; por outro lado, atribui-nos atividades que ampliam a jornada de trabalho sem remuneração correspondente: checar caixa de mensagem, atender o celular a qualquer hora, etc.

O projeto Escape → Natureza (<http://escape-natureza.info>) surgiu do interesse em ampliar a relação das pessoas com o meio ambiente. Imer-so na correria do dia a dia, o público pode sintonizar o ritmo da natureza através de pequenos vídeos disponibilizados para download. São situações e paisagens de natureza, capturadas de forma despreten-siosa e que, no conjunto, trazem a noção de um tempo “com mais tempo”. A ideia é que esses “filmes de bolso” sejam pílulas de calma-ria, uma alternativa à aceleração da vida urbana.

Conceito do projeto

Escape → Natureza foi feito para ser fruído no trânsito da vida urbana, na passagem de um lugar a outro, no entremeio dos compromissos diá-rios. Por isso, a marca do projeto [Figura 1] tem aspecto de placa de sinalização e mostra um “boneco” que está em movimento, entre um passo e outro. A própria grafia do título do projeto apresenta a seta (símbolo de direcionamento) conectando as palavras, em substituição à preposição “para”.



figura1
Marca do Projeto Escape → Natureza

Além disso, no layout da página principal do site [Figura 2], há uma barra onde estão os vídeos. Essa disposição foi projetada para ser percorrida no sentido indicado pelas setas, uma espécie de estrada, trilha. Outro elemento que traduz o conceito de trânsito é o modelo de fruição do projeto, que pressupõe uma mobilidade possível através de recursos tecnológicos – aparelhos celulares, media players e laptops.



Figura 2. Layout do site do projeto Escape → Natureza

Objetivos

Um dos objetivos do projeto é que cada vídeo exibido crie um hiato de tranquilidade diante do ritmo frenético do cotidiano. São pedaços da natureza que se tornaram “portáteis” através da tecnologia: a imagem foi gravada na câmera de vídeo; editada no computador; disponibilizada na internet; armazenada e exibida nas mídias móveis.

A partir desse trajeto, o Escape → Natureza visa provocar reflexão sobre as relações entre ambiente e tecnologia: É possível conectar-se à natureza e “consumi-la” de forma consciente? Isto inclui não só o deleitar nas paisagens, mas também a atenção às formas de produção e manejo do lixo tecnológico gerado pelos aparelhos digitais.

Formato do projeto

O site do projeto disponibiliza vídeos produzidos a partir de elementos da natureza. As imagens foram capturadas pelas criadoras do projeto, em viagens fora do Brasil e em situações triviais do cotidiano, na cidade de Salvador-BA [Figura 3].



Figura 3. Frames dos vídeos.

A edição dos vídeos foi variável: desde o corte seco, com a imagem quase em estado bruto e utilização integral do som ambiente da gravação, até a alteração na velocidade da imagem e acréscimo de trechos musi-

cais na trilha sonora. No entanto, foi mantido um formato padrão em relação à duração e ao título. Todos os vídeos duram aproximadamente um minuto e foram nomeados com o elemento natural seguido de uma numeração, que corresponde à ordem em que foi finalizado (Ex: água#1).

A internet serviu como plataforma inicial de exibição e distribuição dos vídeos. Através do site é possível visualizá-los pelo formato .flv e realizar o download gratuito dos formatos para celular (.3gp) e para media player (.mp4). A possibilidade dos vídeos serem vistos em outras mídias, além do computador, potencializa a mobilidade do fruidor e amplia os espaços de fruição.

A obra audiovisual se encontra, então, ao alcance literal das mãos do público, e permeia os interstícios urbanos. Enquanto espera um metrô ou ônibus, a caminho do trabalho, numa fila ou sala de espera, o fruidor pode assistir ao vídeo que baixou.

Além da distribuição via web, os vídeos podem ser compartilhados entre o público, por envio de torpedos MMS⁴ ou em trocas de arquivo por sinal bluetooth⁵. Isto torna mais abrangente o acesso aos produtos e os insere em redes sociais de comunicação.

Outro elemento de interatividade com o público é a seção de colaboração, um convite para que o público participe através do envio de vídeos. O material pode ser encaminhado para o endereço eletrônico email@escape-natureza.info. Os pré-requisitos para estes vídeos são que mostrem situações ou paisagens de natureza e que tenham um minuto de duração. O local, enquadramento, filtro utilizado, entre outras opções audiovisuais, fica por conta da criatividade de cada colaborador.

Arte, tecnologia e meio ambiente

O projeto Escape → Natureza é um exemplo de interseção entre arte, tecnologia e meio ambiente. Neste sentido, a arte faz uso da tecnologia para incentivar a apreciação e o respeito pelo meio ambiente. A seguir, pontuaremos algumas considerações acerca do assunto.

Arte e tecnologia

O projeto apresentado é uma combinação de arte e tecnologia que se utiliza de dispositivos tecnológicos digitais para criar estéticas e fruição de pequenos vídeos.

Arlindo Machado (2007), em “Arte e mídia” faz uma rápida retrospectiva histórica mostrando como os artistas sempre se utilizaram das novas tecnologias de sua época. O diferencial, segundo o autor, não está no tipo de tecnologia utilizada pelos artistas, mas sim nas diferentes apropriações que estes fazem das mesmas. Deste modo, o projeto Escape → Natureza apropria-se de ferramentas usuais como internet e celular para gerar uma nova leitura, fazer delas um instrumento de apreciação da natureza.

O projeto reúne 3 tipos principais de tecnologia: o vídeo, a internet e os dispositivos móveis. Começando pelo vídeo, pode-se perceber que esse não é um projeto estritamente audiovisual – é uma convergência entre o vídeo e a mobilidade. Uma das principais intenções da obra é fazer com que as imagens sejam vistas em situações de trânsito: fora de casa, no espaço urbano do trabalho, escola, parque, shopping, café, etc.

Frank Popper (1997), no livro “The art of the electronic age”, divide a videoarte em 6 diferentes tipos de práticas:

1) the use of technological means in order to generate visual imagery, including formal research into plastic elements; 2) the considerable range of recording Conceptual Art action or happenings, often concentrated on the artist's body itself; 3) 'guerilla video'; 4) the combination of video cameras and monitors in sculptures, environments and installations; 5) live performances and communication works involving the use of video; 6) and lastly, combination of advanced technological research, most often of video with computer. (POPPER, 1997, p. 55)6

O projeto Escape → Natureza poderia se encaixar na prática número 1, mas nos perguntamos se hoje, mais de 10 anos depois da publicação do livro, não poderia existir uma nova prática? Seria esta a dos vídeos que se utilizam das pequenas telas de media players e celulares, tanto para produção, quanto para exibição.

Sem fazer uma categorização das práticas, mas também questionando novos modelos de vídeos, como o vídeo na internet, o vídeo compartilhado, Christine Mello (2008, p. 197), em “Extremidades do vídeo”, fala de novas linguagens do vídeo. A autora considera que o vídeo “passa a ser um campo desterritorializado e nômade de linguagem” e que, quando inserido e distribuído por redes, tanto online, quanto offline, o

vídeo “passa a colaborar em funções discursivas mais abertas, gerando situações de compartilhamento audiovisual com ações artísticas de outra escala, complexidade, dimensão e natureza” (MELLO, 2008, p. 198)

Tecnologia móvel e audiovisual

Sendo um exemplo de transversalidade nas artes visuais, *Escape* → *Natureza* trabalha tanto com vídeo, quanto com tecnologia móvel como modo de difusão e exibição dos produtos audiovisuais. A mobilidade do fruidor não influi no desenrolar da narrativa do audiovisual, mas sim na percepção que se tem desta.

Podemos ver os pequenos vídeos enquanto vamos de um ponto a outro da cidade; ou enquanto esperamos por algo, aproveitamos para desconectarmos alguns segundos daquele ambiente e concentrarmos na pequena tela. Nesse momento, usufruímos de um espaço híbrido, o espaço urbano mesclado com o virtual do vídeo que nos remete a outro lugar, sem deixarmos de perceber o local onde estamos. Diferente do cinema, estes vídeos não nos propiciam uma imersão, eles são uma janela extra na nossa paisagem urbana.

Em “*Moving Cultures*”, André Canon e Letizia Caronia (2007) comentam que nossa mobilidade é baseada num espaço que não é mais imóvel. Este muda de lugar e, conseqüentemente, nos tornamos indivíduos multilocais. Além de uma multilocalização proporcionada pelas tecnologias móveis, também estamos cada vez mais “polissincronicos”, uma conjunção de comunicação sincrônica e assincônica.

Estas duas teorias, tanto a de “multilocalização”, quanto a de “polissincronia”, podem ser facilmente aplicáveis ao *Escape* → *Natureza*, já que podemos ver o filme em um lugar que se move, em diversos locais, e esse pode ser visto tanto no momento em que se baixa da internet, no computador em casa, quanto em algum lugar da cidade, baixando por 3G diretamente no celular, ou até ser guardado para ser visto mais tarde.

Neste trabalho, o contato com a cidade é um ponto a salientar. Este espaço urbano, muitas vezes público, adiciona diferentes leituras aos vídeos. Marc Tuters (2004) assinala que com as tecnologias móveis nossa noção de espaço público vem se transformando.

While we tend to associate the notion of a public spaces with an aspect of the built environment, mobile communication technologies, may have introduced a kind of mutation into the body of the city that requires

us to re-asses our idea of a "public space" in the 21st C. While telephony made it possible to be vocally present while physically absent, the mobile telephone has brought this paradox into a more active engagement between the body and the city. (TUTERS, 2004)7

O Urban Screen⁸, festival anual que discute o uso das telas comerciais para veicular conteúdo cultural, enfoca o debate nas grandes telas que veiculam tanto publicidade quanto cinema no espaço público. Em geral, os trabalhos apresentados são projeções de vídeos e mensagens com leds em grandes fachadas de edifícios e outdoors pela cidade. Muitas vezes essas telas são usadas como janelas para apresentar algo que está em outro lugar. O Escape → Natureza apresenta alternativa de veiculação de conteúdo cultural pela cidade: as pequenas telas dos celulares e media players.

Não mais precisamos contratar grandes projetores e telões para exibir obras audiovisuais nos espaços urbanos; basta usarmos as pequenas telas que todos carregam. Aqui nos referimos a “todos” no sentido genérico do termo, já que nem todos possuem celular. No entanto, num país de 180 milhões de pessoas, onde existem 151 milhões de celulares habilitados, pode-se dizer que um número significativo da população possui os aparelhos.⁹

A seção colaborativa do projeto Escape → Natureza convida o público a participar através do envio de vídeos. Desta forma, este pode aproveitar a disponibilidade de câmeras de vídeos, muitas delas em celulares, e criarem escapadas para a natureza. Uma das grandes vantagens da câmera no celular é a mobilidade alcançada por enviar e receber fotos quando deslocados de casa, do computador, do local de trabalho.

Neste caso, a mobilidade não está em fazer vídeos, pois o vídeo foi sempre móvel; ela está em transmitir esses produtos, tanto de pessoa para pessoa, quanto de uma pessoa para muitos. Logo após fazer um vídeo, pode-se enviá-lo a algum amigo em qualquer lugar do mundo ou publicar num site e deixá-lo disponível para um grande número de pessoas. Portanto, a difusão das imagens é que se tornou móvel, agilizando assim o processo de propagação. O site do Escape → Natureza recebe os vídeos por e-mail, que podem facilmente ser enviados por MMS pelos colaboradores.

Tão importante quanto a característica da mobilidade, ou talvez até mais, é o fato da câmera ser adjacente, estar sempre junto aos usuá-

os. Com os celulares, a câmera ficou popular, mas, além disso, tornou-se um objeto cotidiano. Carregamos conosco a carteira, as chaves, o documento de identidade e o celular (muitas vezes com câmera).

Sendo assim, levamos todo o dia e a todo lugar uma câmera de vídeo e podemos registrar qualquer momento de passagem. A câmera virou parte dos nossos objetos necessários de transportar quando estamos em mobilidade. É quase impossível imaginar, hoje em dia, as pessoas saírem de casa sem celular – só estamos sem ele se esquecemos ou queremos nos isolar do mundo.

No texto “Seeing with Mobile Images: Towards Perpetual Visual Contact”¹⁰, Ilpo Koskinen (2004) fala que:

*People plan taking digital cameras with them, but mobile phones follow people everywhere. Camera phones open up new, mundane areas of life for photography, such as personally noteworthy, intimately share-worthy, and everyday news items. (KOSKINEN, 2004)*¹¹

Já Bárbara Scifo (2005, p. 364), num estudo do uso de celulares com câmeras feito com adolescentes italianos intitulado “The Domestication of Camera-Phone and MMS Communication. The Early Experiences of Young Italians”¹², fala de uma identidade visual que estamos “permanentemente vestindo”. O mesmo pode ser dito para as câmeras em celulares; neste caso, estamos a todo tempo “vestindo/ usando” um dispositivo que tanto captura, quanto difunde imagens e sons.

Estudos feitos no Japão, Finlândia, França e Itália (KOSKINEN, 2004; KATO, OKABE et al., 2005; RIVIÈRE, 2005; ROUCHY, 2005; SCIFO, 2005; GOGGIN, 2006) mostram que a maior parte dos usuários de câmeras de celular não fazem ou não se preocupam em fazer um backup do material visual produzido. Os usuários enviam as fotos a amigos ou as usam como fundo de tela do celular, mas não têm o cuidado em guardar estas imagens como memória. Portanto, Escape → Natureza pode ser uma possibilidade de armazenamento para os pequenos vídeos gerados naquele momento que estava apreciando a natureza.

Arte e Meio ambiente

O meio ambiente sempre foi objeto de produção da arte. Especialmente nos anos 60 e 70 do século passado, com o movimento da Land e Environmental Art, começou a ser o principal foco da produção artística. Atualmente, tanto no Brasil, quanto no exterior, diversos artistas utili-

zam aparatos digitais para questionar, conscientizar e visualizar a natureza.

Percebe-se cada vez mais a utilização das tecnologias digitais como auxiliares na preservação do meio ambiente. O que antes era comumente considerado como um inimigo, agora passa a ser um colaborador e produtor de soluções. Diversos artistas que utilizam essas tecnologias se dedicam a um tipo de obra que trabalha com o meio ambiente, tanto de forma colaborativa e questionadora, como contemplativa e perceptiva.

Kastener e Wallis (2005), no livro “Land and environmental art”, dividiram os trabalhos artísticos com o meio ambiente em 5 possíveis *approachs*. Seriam eles: integração, quando constroem algo que se integre ao meio ambiente; interrupção, quando produzem alguma barreira que interrompa uma determinada paisagem; envolvimento, projetos que tomam parte da causa; implementação, quando implementam algo que interfira na paisagem; e, por fim, imaginação, que são os trabalhos que geram a imaginação de um meio ambiente, de uma paisagem.

Estas categorias não foram pensadas especialmente para projetos de arte e tecnologia, mas poderiam ser aplicadas a muitos deles. Pode-se dizer que *Escape → Natureza* é um tipo de projeto de imaginação que, ao apresentar os pequenos vídeos da natureza, aguça no fruidor a sensação de estar nestes lugares.

Diversos outros trabalhos utilizam diferentes tecnologias e estéticas de fruição em projetos de arte, tecnologia e meio ambiente. Por exemplo, o projeto *Mar Memorial Dinâmico – Estação Ecológica Carijós* (<http://www.tecnologiadormente.com/carijos/>), de Yara Guasque, trabalha com visualização do manguezal da região de Carijós em Florianópolis, criando uma estação multiusuários na internet que apresenta dados do lugar e cria um sentimento de tomar cuidado daquela paisagem. Edo Paulus, um artista holandês, em *Resonating-With-Light* (<http://www.eude.nl/projects/resonating-with-light/>), utiliza unidades eletrônicas para captar energia solar e, através de uma escultura cinética, produz sons.

Ao mesmo tempo, o projeto *Snout* do grupo *Proboscis* explora as “relações entre corpo, comunidade e meio ambiente” (<http://socialtapestries.net/snout/>), onde personagens fantasiados, vestidos com sensores de monitoramento de poluição, saem pela cidade coletando dados que

são apresentados em mapas que questionam as condições ambientais e instigam uma participação da comunidade.

Aqui no Brasil, o projeto Dark Forest (www.thedarkforest.tv), desenvolvido pelo MobileFest (<http://www.mobilefest.org>) em parceria com o grupo inglês Active Ingredient (<http://www.i-am-ai.net>), fará um documentário interativo utilizando tecnologias móveis para visualizar dados do impacto da construção da BR 163, que vai de Cuiabá-MT até Santarém-PA. O projeto envolve um trabalho paralelo com crianças em escolas dos dois países (Brasil e Inglaterra), fazendo um comparativo da visualização dos dados das florestas da Mata Atlântica e Sherwood.

Estes e diversos outros tipos de obras são exemplos de uma disposição dos artistas em utilizarem o meio ambiente como parte de seu contexto, vivência e produção criativa.

Considerações finais

O projeto Escape → Natureza é uma iniciativa artística que possibilitou mais um espaço de discussão acadêmica acerca do tema “arte, tecnologia e meio ambiente”. No atual estado da arte, é importante que iniciativas em torno das questões digitais desdobrem-se em trabalhos teóricos, pois este é um campo fértil e ainda em fase de experimentações e descobertas.

O trabalho artístico apresentado encontra-se numa etapa inicial. Para que a interatividade proposta aconteça, é necessário que haja ainda mais divulgação do site. A partir dessa segunda etapa, então, esperamos receber o feedback do público com uma participação efetiva: através da colaboração com vídeos próprios, além da divulgação e disseminação desses produtos audiovisuais nas redes sociais.

Essa participação do público é esperada por se tratarem de dispositivos que estão conosco em todo lugar, as mídias móveis. Levamos “nosso museu de bolso” a toda hora e vemos a obra quando queremos. Também, legitimamos um espaço de criação para uma quantidade ampla de pessoas. Ainda, um longo caminho de discussão a ser percorrido pela arte na cultura digital.

Notas

http://www.fil.hu/mobil/2004/Koskinen_webversion.pdf

1* Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências/UFBA e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Poética Tecnológica na Dança. Doutora em Comunicação Audiovisual (UPF - Espanha) e mestre em Artes Visuais (AAU - Estados Unidos). Email: karlab@ufba.br

** Bacharel em Comunicação Social/ Jornalista, graduada pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: maruziadultra@gmail.com

2 Artigo revisado de uma comunicação apresentado no 18º Encontro da ANPAP.

3 Abreviações e sinalizações usadas na comunicação através da internet.

4 Multimedia Messaging Service, traduzido como Serviço de mensagens multimídia e também chamado de torpedo.

5 Bluetooth é uma especificação industrial para áreas de redes pessoais sem fio (Wireless personal area networks - PANS).

6 Minha tradução: “1) a utilização de meios tecnológicos, a fim de gerar imagens visuais, incluindo a investigação formal de elementos plásticos; 2) a gama considerável de registros de ações em Arte Conceitual ou happenings, muitas vezes concentrados no corpo do próprio artista; 3) 'vídeo de guerrilha'; 4) A combinação de câmeras de vídeo e monitores em esculturas, ambientes e instalações; 5) performances ao vivo e obras comunicacionais envolvendo o uso de vídeo; 6) e, por fim, a investigação tecnológica avançada, na maioria das vezes associando o vídeo ao computador.”

7 Minha tradução: “Enquanto temos a tendência de associar a noção de espaço público a um ambiente construído, as tecnologias de comunicação móvel podem ter introduzido um tipo de mutação no corpo da cidade, que nos obriga a re-avaliar a nossa ideia de um "espaço público" no século XXI. Se a telefonia tornou possível estar vocalmente presente e ausente fisicamente, o telefone móvel trouxe esse paradoxo para um envolvimento mais ativo entre o corpo e a cidade.”

8 URL: <http://www.urbanscreens.org/>

9 Notícia de fevereiro de 2009. Url: <http://jornalcidade.uol.com.br/paginas.php?id=39050>

10 Minha tradução: “Vendo com imagens móveis: em direção a um contato visual perpétuo.”

11 Minha tradução: “As pessoas planejam levar as câmeras digitais com eles, mas os telefones celulares os seguem a todo lugar. Telefones com câmeras abrem novas e mundanas áreas da vida para a fotografia, tais como algo significativo pessoalmente, intimamente válido de compartilhamento, e notícias do dia-a-dia.”

12 Minha tradução: “A domesticação do telefone-câmera e a comunicação MMS. Experiências iniciais de jovens italianos”

Sobre o paisagismo antisséptico

Ariane Stolfi

Jardins, praças, parques, canteirinhos; por toda parte das cidades, grandes médias e pequenas, existe hoje um domínio quase absoluto do que nós podemos chamar de "paisagismo antisséptico": um paisagismo meramente decorativo, estanque, inofensivo, e limpo, principalmente limpo.

É um tipo de paisagismo que fica bem nas fotos, mas que não oferece sombra farta, frutos, ou mesmo galhos para as crianças subirem, muito típico de uma sociedade como a nossa, onde a aparência é mais importante do que o valor de uso das coisas. Bancos e mesas são escassos, isso quando não colocam aqueles tenebrosos acessórios anti-mendigo: garras, rampas, texturas desagradáveis. Arquitetura anti-homem.

Plantas medicinais, ervas ou até mesmo espécies alucinógenas e narcóticas, que curam ou alimentam a alma são esquecidas ou proibidas. A responsabilidade pelo fornecimento de alimento e remédio é depositada totalmente na indústria. As espécies de plantas utilizadas na paisagem urbana em geral não tem nenhuma relação com a história e a cultura humana e ficam relegadas à esfera meramente decorativa.

Folhagens, mini-romãs, pinheirinhos, bambus-tortos, topiarias, cactos, suculentas, acompanhadas de pedrinhas brancas e acessórios decorativos, como num aquário de peixinhos, têm em comum especialmente uma coisa: não requerem mão de obra qualificada para a manutenção, o que causa o efeito decorativo desejado, ao mesmo tempo em que possibilitam que se pague um salário de fome ao jardineiro, que muitas vezes é uma pessoa extremamente humilde, que trabalha numa periodicidade baixa, e não precisa necessariamente dominar técnicas de cultivo que são necessárias para se cuidar de plantas mais complexas, como algumas frutas requerem.

Árvores frutíferas, por sinal, desapareceram completamente da paisagem urbana — sujariam os carros, argumentam, apesar de na verdade serem os carros que sujam a cidade. Imagina como seria a possibilidade de poder comer uma manga um passeio pela rua? Será que os moleques de rua não iriam passar os dias subindo nas árvores, em vez de ficar pedindo esmola?

São apenas especulações, mas agora, que as questões relacionadas à condição climática estão cada vez mais urgentes, o plantio de árvores e a criação de jardins e espaços verdes aparece como uma das principais medidas paliativas possíveis, talvez seja um bom momento para começar a re-transformar essa realidade antisséptica numa realidade mais apetitosa.

O Futuro das sementes

Baobá Voador

“É hora de colocar de novo os pés na terra. Quiseram nos separar dela por paredes, cimento, sapatos e sintéticos, mas fracassaram. Ainda temos que nos alimentar, ainda é a terra, a água, o sol e o ar que provêm nossos alimentos. A comida, nossa conexão com a realidade, agora tem que ser transformada. Não mais as colhemos do solo, as coletamos nos supermercados, sem folhas verdes, envoltas em um asséptico plástico.”
La Revolución de la Cuchara (Colômbia)



Até bem pouco tempo atrás, quase tudo era natural. Mesmo com as intensas modificações antropogênicas realizadas por populações indígenas sobre a estrutura das florestas (o antropólogo Balée estima que cerca de 12% da floresta amazônica seja fruto desse trabalho), há pelo menos 8 mil anos, indígenas de Abya Yala desenvolvem suas “florestas culturais”, agriculturas e técnicas de manejo que geraram milhares de espécies vegetais, assim como práticas de cura e fazeres manuais, conhecimentos sem “propriedade”, enriquecidos e passados através de gerações, utilizados e desenvolvidos para o bem da comunidade inteira. Assim consolidaram-se muitas civilizações do continente, onde predominava a interação de muitos domínios: espiritualidade, arte, comida, cultura – formando uma sólida cosmologia, que influenciou diretamente a manutenção de suas técnicas tradicionais. Nas sociedades originárias, as pessoas escolhiam e cultivavam elementos da natureza essenciais à valorização da vida. Cada sociedade era criadora das técnicas utilizadas, adaptadas localmente, assim como os limites de sua utilização.

Tanto por seu passado quanto por seus modelos políticos contemporâneos como a ampla e poliversa frente contra-hegemônica Zapatista, o fortalecimento de lutas camponesas, indígenas, urbanas, processos de descolonialidade e autonomia em curso hoje mesmo em países como Bolívia e sul de México, ou pela política institucional como no Equador, Venezuela refletimos sobre a etnicidade na tentativa de entender como caminhamos dxs pajés e xamãs aos homens e mulheres de jaleco branco, a física moderna preparando o caminho para a essência do pensamento atual: determinismo (Heidegger). Não mais se vive o hoje, e sim, prepara-se o futuro. “dê-me as posições de todas as partículas do universo, e todas as forças que agem sobre elas, e preverei o futuro” (Laplace).



A interação de conhecimentos bioquímicos e a microeletrônica, através de nano-fios e pelo ar, consolidam-se em bilionárias e entrecruzadas indústrias bélicas, farmacêuticas, petrolíferas, alimentícias. Das sementes ao plástico, medicamentos, reprodução humana e distribuição de alimentos, nos tornamos bilhões de consumidores e produtores submetendo-nos à algumas centenas de empresas que controlam estes setores, para além de governos, populações e culturas locais: como Monsanto – antiga fabricante de armas químicas, empresa que hoje abocanha quase metade do setor de sementes, estéreis no campo e milagrosas nos corpos das mulheres aumentando a quantidade de óvulos produzidos com suas transgenias; Du Pont – antiga fabricante de pólvora, uma das gigantes da indústria química dos Estados Unidos, detentora de mais de 34.000 patentes desde 1804; Bayer, sobrenome de um químico alemão que inspirou a empresa produtora da aspirina®, e que hoje produz toda uma linha de sementes para hortaliças transgênicas, prestes a introduzir o arroz transgênico no Brasil, sob o lema: "Almejar o sucesso: Não desistir, especialmente se surgirem resistências e reveses"; Novartis, empresa farmacêutica e de biotecnologia agrícola; ou ainda a Nestlé “Boa Comida, Boa Vida”, parceira do programa Fome Zero, que desmineraliza águas no Brasil e compra aquíferos como o Guarani, grande cisterna natural de água doce do mundo, localizado em nosso continente – escolhida como a transnacional mais irresponsável do planeta nas questões sociais e ecológicas (pelo Fórum Alternativo de Davos), ao lado da Dow Chemical, Shell, Coca-cola, KPMG e Walmart.

Além de toda pressão pela mudança de paradigma na produção de comida – mais maquinário, mais fertilizantes, sementes milagrosas – produtores rurais vêm sofrendo todo o tipo de ataque como conflitos agrários, prisões, assassinatos. Casos que ilustram sucessivas sabotagens e piratarias como a que gerou o surgimento da fibra sintética nos anos 30, pela Inglaterra ainda no século passado (1876), com o contrabando de 70.000 sementes da seringueira do Brasil para sua colônia da Malásia, terminando com o lucrativo monopólio da borracha amazônica. Ou o patenteamento do cupuaçu e do ayahuasca. Mesmo o milho, um dos alimentos considerados mais sagrados pelas populações indígenas ao centro e sul de nosso continente, presente em muitas das artes e festas indígenas, antigas e atuais, sagradas e profanas, onde cultivam muitas espécies em mutações: pretos, azuis, vermelhos, multicoloridos, além de ser um alimento ultra nutritivo – sofre ainda intervenções criminosas como contaminações “descontroladas”, como a que aconteceu no Brasil somando à pressão da aprovação dos transgênicos

no país, ou recentemente com o arroz no mundo. (1) A empresa Bayer em recente artigo admite que a contaminação das produções orgânicas são praticamente incontroláveis, e são inúmeros os casos expostos na internet. Segundo a própria Embrapa existirá em breve no Brasil “uma contaminação generalizada”. (2) Vale notar que somente 5% dos milhos transgênicos são produzidos para o consumo humano, sendo sua maior parte destinada às indústrias do agronegócio como frigoríficos e pecuária. Ou seja, a maior parte da produção que alimenta o mundo ainda é feita pelos pequenos produtores. No entanto, os únicos produtos são justamente estes que tem suas plantações contaminadas, os que resistem em ações diretas (MST/Via Campesina) ou aqueles que trocam arquivos pela internet, que vendem CDs nas ruas, criam suas estações de rádio-amadores e sites web, ou seja utilizam-se das técnicas disponíveis, apropriando, questionando e criativamente recombina-as, já que na biopirataria corporativa paga-se somente uma multa, normalmente muito mais modesta do que os lucros.

E assim, o mesmo jatinho que jogava o agente laranja durante a Segunda Guerra Mundial por 9 anos matando as colheitas de arroz e causando fome no Vietnã, começa a ser usado repleto de fertilizantes, ajudando a “salvar” o planeta da fome, sob o signo da “revolução” verde, através das décadas seguintes. São as biopolíticas desenvolvidas desde os gabinetes das nações unidas e implementadas em escala planetária, recentemente renovadas pela aprovação mundial do Codex Alimentarius. Além do que ingerimos, há ainda a contaminação de lençóis freáticos pela imensa quantidade de resíduos tóxicos produzidos, além do consumo de água. Até mesmo os fitoterápicos acabam sendo manipulados por empresas de distribuição, fabricantes de cápsulas; já muitos orgânicos são trazidos por longuíssimas distâncias até as prateleiras dos supermercados, persistindo a dependência das pessoas ao modo passivo de consumo. E nossa dissociação da natureza.

O conhecimento da vida e da reprodução passa a ser privado, seletivo, futurista, e sobretudo - torna-se produto. É a derradeira destruição de conhecimentos e culturas tão sólidas que não necessitavam serem registrados em papel ou muito menos patentes. Adotando slogans como “o milagre da ciência” e “o especialista global” para justificar as apropriações indevidas de nossos conhecimentos tradicionais, nosso inimigo não mais precisa de armas, vêm envolto em magníficas cópias de folhas verdes. Substituímos nosso leite materno por seus pós.

Sob quais culturas vivemos?

Segundo Milton Santos, as modificações no campo técnico-científico e informacional teriam criado um momento da história em que um novo modelo de natureza se instala, onde o que predomina é sobretudo a natureza artificializada, mediada e altamente manipulável, que se reproduz por esferas distintas e que constroem todo o nosso imaginário social, adotando modelos únicos de tempo e espaço, unindo sobre moldes capitalistas ciência e produção. A técnica, legitimada por leis, políticas e cada vez mais restrições, mesmo vivendo em um tempo de abundância (troca de arquivos digitais, compartilhamento de banda, software livres), é refundada nas sociedades modernas como a protagonista das relações do homem e da mulher com seu espaço, seres e tempo, e é neste sentido que proíbe a liberdade como cultura humana, com ações de confinamento, fome, subordinação de corpos, estética fascista, proibição de troca de sementes ou material cultural, dádivas comum à todas as pessoas, à própria vida. É hoje meio e discurso, praticamente dissociada dos cósmicos saberes e conjuradorxs originários.

No entanto, este rompimento dos homens e mulheres de seus modos e métodos naturais, solidários e colaborativos, adquiridos no campo da experiência vivida, se mostra ainda mais difícil resgatar-se, já tendo sido testadas inúmeras possibilidades para uma expansão colonial geográfica, bem como ampliadas as limitações do espaço com o virtual. Apresentam sua invasão em uma nova fronteira – o espaço molecular, ou o uso de nano e trans tecnologias e suas promessas metafísicas, seres humanos como matérias primas, condicionamento de células nervosas e microprocessadores e uma rapidez incrível de emanção. É a era da biotecnocracia, que intensifica ainda mais a produtividade através da apropriação das sementes da vida e do controle totalitário de todos os seres, aspectos determinantes, o sentido do compartilhar às produções energéticas. É agora a partir do átomo, do micro, do recorte, que nasce a idéia da biopolítica. Nesta configuração de mundo os princípios de territorialidade são abandonados, substituídos pela idéia de um grande mercado onde é possível comprar e vender tudo.

Como superar esse desequilíbrio biológico para sobrevivermos em um planeta que depende dessa reflexão para continuar a existir? Como desafiar corporações associadas às gestões globalizadas (lobbies, ONU, FAO)? Como re-criar nossas relações com a natureza, nossas culturas?

Exemplos como o GNU/Linux, que nada mais é do que a semente digital originária, que não detém patente e colabora com seus códigos pa-

ra a difusão do conhecimento. Ou o recém instaurado debate sobre a propriedade intelectual com o copyleft, a criação de bancos de sementes, práticas agroecológicas, policultivos, permacultura, isolamentos voluntários, boicotes, ações de contestação à produção transgênica e reprodutiva efetuado por mulheres e campenesxs, assim como no campo teórico o ciberfeminismo instaurando o feminismo como crítica à cultura – são pequenos, táticos, no entanto muito importantes passos para o novo desafio.

Entender a biopolítica é algo que deve ser feito em um âmbito cotidiano, muito mais amplo, popular, que meramente o campo científico, pois envolve muitos níveis de significação, é sobretudo um debate cultural, que diz respeito aos nossos antepassados e seus criativos, saudáveis e independentes modos de vida, cada vez mais urgentes e necessários para toda a sociedade atual, hipnotizada pela máquina que não reconhece em si mesmxx. Falamos de mundos entrecruzados, mutuamente excluídos. Mas todos nos referimos ao seu futuro imaginário, como o consumimos em nossas refeições, nos expressamos e como criamos nossxs filhxs, sendo definidor dos modos de criação, vida e morte, e de como será o planeta em que habitaremos. Sejamos ciborgues cósmicos!

Notas

1 <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/a-ciencia-segundo-a-ctnbio/view>

2 <http://www.greenpeace.org/brasil/transgenicos/noticias/arroz-transg-nico-da-bayer-cau>



Cop&leve

coletivo baobá voador
imagens: iconoclastas

Produção também é política

Táticas para produção de pequenos encontros

Texto de Alexandre Freire e Fabiane Borges

Encontro Des).(centro - 2009

Para que um encontro/evento aconteça é preciso que alguém o produza. Esse fazer não é nada simples, pois requer muito trabalho e compromisso, provavelmente por causa disso opta-se por gerenciá-lo através de metodologias já reconhecidas, que tenham funcionalidade e conduzam a resultados concretos, porém muitas dessas metodologias reproduzem sistemas de valoração burocráticas e alienantes já não condizentes com as complexas redes humanas de trocas e acesso que participamos na contemporaneidade, de modo que é necessário repensá-las.

A produção geralmente se baseia em uma tríplice aliança: "organização, curadoria e moderação". A "organização" fornece os meios necessários para o encontro, executa as tarefas cotidianas desde convites, hospedagens, crachás, filtro de linha para ligar os gadgets, gerencia os espaços, resolve pepinos, descasca abacaxis. A "curadoria" cuida do universo imaginário, das conexões políticas, dos discursos que irão permeiar os espaços, interfere nas disposições dos quadros subjetivos e profissionais. A "moderação" conduz o processo, cria a possibilidade de diálogo, oferece técnicas que permitem o desenvolvimento de certos conceitos, instalação de alguns consensos e criação de uma plataforma comum de ação.

Na maioria dos casos porém, as produções sofrem uma forte hierarquia interna dessas três instâncias: os "organizadores" são tidos como operários, os "curadores" como a inteligência que detém o poder de escolher o que serve ou não para o encontro e os "moderadores" como aparelhos de contenção de fluxos, para que não saiam dos limites estabelecidos pela própria produção. Esse tipo de produção demonstra que a estrutura política do evento é por princípio permeada de verticalidade, de formatos que impedem um real espaço de participação e crítica tanto da própria produção do evento quanto do evento em si. Isto culmina na promoção de acordos velados, conduz a uma participação egoísta onde cada um só se interessa em fazer sua própria exposição logo se desinteressando pelo evento, permite que idiossincrasias muito comuns retornem, como o chato que não foi convidado para estar na mesa e não tem nenhum outro espaço para exercer sua própria singu-

laridade se aproveite dos momentos coletivos para monopolizar discussões e criar discórdia, ou que a estrela atrasada para o compromisso seja esperada por um público passivo, que não tem domínio nenhum sobre a construção do evento e sirva só de base para sustentação do grande nome, ou ainda o surgimento do bambambam que não se interessa por nenhum trabalho coletivo e toma na mão o poder de levar a diante o processo, pisando sobre as pequenas insurgências locais. Esse tipo de estrutura se baseia na burocracia e na institucionalidade. Apesar de ser comum dividir em categorias distintas as (no mínimo) três instâncias da produção é fundamental que passemos a compreendê-las como interdependentes, pois sua disposição e atribuição determina a estrutura política de qualquer evento. Se a estrutura proponente for verticalizada é muito difícil que o encontro/evento não a reproduza.

Há algum tempo (sem levar em conta inumeráveis exemplos históricos) vêm se definindo nas práticas coletivas algumas outras formas de produção de encontros/eventos que não se fixam nem em superinstitucionalidade nem em encontro largado, descompromissado, mas que habitam entre essas coisas, que fazem dos seus métodos uma estrutura política que contribui para um pensamento político maior, que provoca pequenos processos democráticos, potencializando espaços de construção coletiva, adaptando-se as mudanças produzidas dentro do próprio encontro, permitindo que as pessoas se responsabilizem pelos processos desencadeados, favorecendo que as lideranças espontâneas, os talentos emergentes, apareçam, ganhem força, façam diferença, construindo ambientes propícios para liberação de fluxos, agenciamento de devires, fluência de potenciais, conexão de desejos, necessidades, desenvolvimento de ritmos, remixagem de papéis sem centro catalizador, alcançando metas, objetivos, criações e finalizações de projetos sem recair em princípios hetero-patriarcais, comprometidos com uma lógica de evolução que só faz reafirmar a obediência, a construção de hierarquias e a supressão das subjetividades diferenciadas em nome de um consenso induzido.

Produção também é política. A produção de um evento pode e deve estar aberta para o imprevisto, para a qualidade das trocas, para as diferentes temporalidades que ele próprio propicia e abarca, para a abertura de espaços imprevistos que propiciem que as criatividades desapareçam. Não existe um método específico para chegar a esse nível de produção, é preciso inventar e reinventar incessantemente táticas de operacionalização que abra espaço para os sujeitos se singularizarem, amplie suas percepções do mundo, e transforme em alguma

medida suas vidas. Isso consiste em criar atmosfera produtiva e constituinte, que além de promover horizontalidade, descentralidade, também propõe que os participantes se tornem produtores dos acontecimentos do encontro, levantem e concretizem demandas.

Temos experimentado encontros onde atuamos como produtores e participantes, cuja estrutura é de convivência. Trata-se de encontros imersivos em lugares onde as pessoas têm tempo e espaço para constituírem um microcosmos que além de lidar com os planos civilizatórios gerais (espaço, consumo, organização), lidam com os impasses cotidianos (fazeres, trocas, relações). A criação de projetos de ações, demandas de estruturação, objetivos em curto, médio e longo prazo, e troca de conhecimentos se mesclam à limpeza do espaço, preparo de refeições, impasses em relação ao lixo, tempo de relaxamento e troca de afetos. Todos se responsabilizam pela construção e produção do próprio evento, e podem observar nos aspectos mais cotidianos, os dados comportamentais do grupo, as hierarquias, as explorações, os machismos, as irresponsabilidades com os projetos de convivência, as desvalorizações compulsórias aos pontos considerados fracos, aos modos de lidar com o lixo, com os afetos; tudo isso é material para elaboração do próprio encontro. As técnicas para construir essa elaboração dependem da criatividade da produção e participantes, que ao invés de apresentarem planos pré-estabelecidos de ação, abre-se para os acontecimentos, produzindo a partir da singularidade de cada grupo, modos de intervenções específicos.

Apresentamos agora alguns exercícios dinâmicos construídos por seus próprios participantes em eventos cujos motes nos motivam a escrever esse texto:

1- Choque Elétrico:

Um grupo de 10 a 20 pessoas num encontro de comunicação livre dão-se as mãos e recebem um choque coletivo de alguns volts. Todos sabiam que se um largasse a mão do outro, o último receberia uma carga mais elevada de choque, desse modo, num gesto de total confiança, as pessoas não largavam as mãos e compartilhavam o choque que perpassava seus corpos. A prática fortalece a construção de confiança entre pessoas. Essa dinâmica, estruturada a partir do choque levado pelo que iria ligar um fio, durou muitas horas, e praticamente todos presentes participaram espontaneamente. (Submidialogia “2”/ Olinda-2006)

2- Sobe no Banquinho:

Tem momentos que o que se tem para dizer é para todo mundo. Foi a partir dessa demanda coletiva que alguém decidiu colocar um banquinho sagrado em um determinado local, onde todos participantes tinham liberdade de subir e falar para todo mundo, em contrapartida o público formado tinha que prestar atenção no que era dito, ponderar, refletir e caso fosse importante, sabia que poderia subir no banquinho também.

3- Cozinha Coletiva:

Todos produtos de cozinha a disposição dos participantes, os cozinheiros se organizam para cozinhar para todos, conforme fluência do próprio grupo, levando-se em conta a não exploração nem cozinha sexista. Enquanto cozinham conversam questões, trocam idéias, elaboram planos de ação, combinam temperos e demandas.

4- Espaço de conforto:

É preciso satisfazer as necessidades humanas básicas para que qualquer trabalho ocorra. Antes de qualquer ação coletiva participantes precisam saber onde vão dormir, tomar banho, e fazer as refeições. Assim se transformam em corpos confortáveis, que se movimentam, se deitam, levantam. Um corpo que se sente a vontade com a situação, que não seja forçado a respeitar o protótipo da organização curatorial nem moderadora, pode ser mais criativo, mais envolvido, ter mais condições de expressar os processos pelos quais é atravessado no encontro em questão, com suas pautas e objetivos, pode viver mais intensamente os problemas que o atravessam e dessa forma colaborar mais para o desenvolvimento do processo.

4- Rádio Livre: Instala-se uma rádio livre no local do encontro e ali operacionalizam-se as conversas, expõe-se opiniões, divergências, projetos possíveis, discussões pontuais, trocas conceituais, ficções, imaginários de futuro, ironia das situações presentes, enquanto os outros cozinham, tomam banho de piscina, trocam o lixo, ou tomam uma cerveja. A idéia é que a rádio seja um lugar onde se depurem as idéias, se escutem várias possibilidades, um espaço que promova apropriação dos meios de comunicação, propício para satisfazer a necessidade de falar para todos de qualquer participante.

5- Nariz de Palhaço:

Para criar um espaço de crítica, o nariz de palhaço funciona como uma

ferramenta que propícia momentos de falar tudo o que se pensa, sem mediação nem condescendência. Instaura-se a cena anárquica, a espontaneidade, ao mesmo tempo o topos do perdão e do consentimento, como se o nariz fosse uma máscara de proteção aos julgamentos. Tanto os que colocam o nariz, quanto os que assistem a cena devem compreender que o ato promove aspectos fundamentais para a saúde coletiva como fluidez, desintoxicação, afirmação de um outro estado que não necessariamente diga dos objetivos prescritos, mas que inconscientiza a situação, tornando-a humorada, fetichosa, irônica e exagerada, contribui para que se pense na situação em um outro estado de presença.

6- Nunca foi cobrador?

Ao invés de reclamar da situação, as pessoas são autorizadas e emponderadas a fazê-la acontecer. Cobrar um dos outros pautas e demandas produzidas, dividir o poder da produção em canais partilhados pelos participantes, que envolvidos com o acontecimento, pretendem que ele se desenvolva, se manifeste. Ao ser questionado ou cobrado, incita-se a pessoa a assumir a responsabilidade de lidar com a própria insatisfação.

7- Eu sou moderador:

é permitir que o papel da moderação seja partilhado, que as pessoas sintam-se livres para conduzir o processo de forma a responsabilizar-se por seus contornos mas ao mesmo tempo inventá-los, criar novas demandas, injetar novos modos de comportamento e compreensão. Saberem que o poder é partilhado e também as consequências, papel rotativo de controle de ansiedades e expectativas.

Esses exemplos deixam bem claro a diferença entre uma estrutura política verticalizada e uma outra que se produza a partir de seu eixo circular, agregador. As vertentes políticas que a animam são motivadas por práticas de confiança, ritualização, divisão de poder e esponsabilidade, apropriação dos meios de produção e comunicação; porém sabemos do paradoxo que habita esse tipo de prática, que ao mesmo tempo pode ser produtiva no sentido de vitalidade e democratização, também pode ser utilizada para promover alienação dos corpos e das subjetividades, por isso é importante pensar nas dimensões estruturais que ela abarca. Se estamos falando de um encontro que se pretende político, independente do seu objetivo inicial, é necessário que os grandes temas apareçam: a exploração, a precariedade, o não contentamento com o estado das coisas, a dimensão humana e existencial. Uma imer-

são é um recorte do mundo, com todas nuances que ele têm. Um risco que corremos ao aplicar esses tipos de dinâmicas é seu mal uso, no sentido de serem incorporadas no evento como discurso de saúde e participação, mas na verdade só reafirmarem a condição onipresente e punitiva da produção, de modo a criar diagnósticos e psicopatologias, de encarcerar pessoas em caricaturas superficiais prejudiciais que invalidam o diálogo construído. De ser utilizado mais como entretenimento como de fato constitutivo. Outro risco é de validar somente os que se expõem e não desenvolver percepção para os sombrios, para os escondidos, para os que habitam as sombras, como se esses não fossem presenças suficientes. Dessa forma é preciso, como dito no início, reinventar e reavaliar técnicas a todo instante, fazê-las serem uma das demandas do próprio grupo, criar percepção e contágio de linguagens que muito raramente aparecem no vício da boa fala, da eloquência. Há outras linguagens participativas a serem notadas, deflagradas, linguagens viciadas em outros códigos, que se manifestam incisivamente mesmo que os métodos interpretativos não sejam eficientes o bastante para afetar-se com elas. Priorizamos os grandes discursos porque somos pobres na percepção. Esse texto sugere a retomada da percepção, da afecção, da multiplicidade de sentidos contido em um simples ato, assim como a ampliação das potências da escuta.

12 Soldas

Glerm Soares e Lucida Sans

REPRODUÇÃO DIGITAL ARTESANIAL Nº

PEQUENAS MÃOS NA ESTEIRA REPRETEM MOVIMENTOS

12 movimentos

ACORDE

MUSICAS, MUSAS, BUSCAS, ~~MUSAS~~ CANGÕES, VERTIGINOSAS E MÚSICAS PEQUENAS ABERTAS SINAPSES ~~RELEVANTES~~ MEMÓRIAS FÚLIDAS UM SENTIDO QUALQUER FORA DO TEMPO, UM REFUGIO PARA UM CORPO QUE AINDA NOS INTERPRETA

ESTUDOS PARA UMA SOLDA CONSCIENTE

ACORDE

YMF-269 OPL3

ACORDE

Este chip ymf-269/OPL3 encontrado no lixo é capaz de OPERAR:

- *2x9 canais simultaneos
- *Estéreo
- * 4 formas geradoras de ondas
- * 4 modos de osciladores;

12 soldas

desenhando

12 soldas

12 soldas

12 movimentos

12 movimentos

12 movimentos

12 movimentos

Determina este traço "decidido" e todas as ASAS possíveis DE FRACAS DAQUI DESTA FRESA DA ESTEIRA

essa frase foi à lápis.

ACORDE

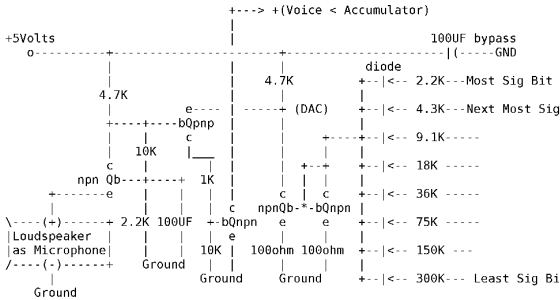
CONSCIENTE

Considerando a possibilidade de usar no máximo os 10 dedos das mãos distribuídos por 12 notas (supondo um teclado de 5 oitavas e com isso $5 \times 12 = 60$ notas, temos o Arranjo dado pela fórmula $A_r(m,p) = m^p$ determinando as combinações de acordes possíveis. Quando ele usar os dez dedos simultaneamente terá portanto $60 \times 10 = 604661760000000000$ acordes diferentes. Ele está prestes a usar um dos que nunca usou.

0*#00*#00*#05*6*717,218,32,600761176
 21893276*0891,**1,224,449*981,002,309,88,1111,0
 60,410,*1,160*,*#00*#01,,1,,,,,movimento de zeros<

01 sabem como é falar
 02 preferem não falar
 16 formações do corpo, para o corpo,
 32 permitem associação
 64 esquecida em razão da solução
 120 a 127 da variação além aquém
 127 do produto sentido e palavra
 123 delta endo recorde subsistematique
 122 polimento de zeros:
 121K a prudência
 123 grafos comparativos
 122 dados combinados resultando
 121 (101011101-me)
 120 garfos de contato, e algo
 110 na água em função
 da 220 leitura da aferição - brilhante movimento
 440 circular
 080 energia compatível

verschleierte Rede ou
 Como Entrar Com A Voz Pela Porta Paralela Do Micro, de Kalepsy (1899):



029 terra circular
 30 a aspas entendeu por quantidade
 29 a reconstrução do passado visual
 27 função identidade
 28 na área inativa matriz pleonástica 31
 outono de corpos em relação
 29 em pensamento induzido
 28 para não ver até a espera disso
 29 minuto-rua
 33 um silêncio onde a tosse possa
 45 (sincope-segundos) fora daqui

(aqui desenho de um disco)

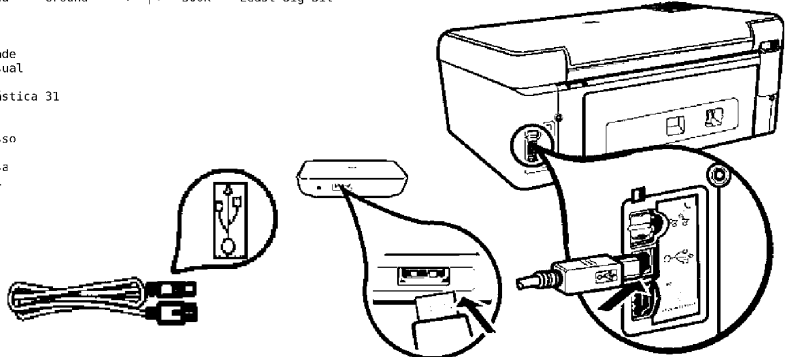
ou 78 restrições seriam outras
 antes de 0,618
 se é possível esquecer
 e há gosto em esquecer

algo isola.
 eu isolei?:

um algarismo por dentro.

7) Ingi para e dentista tomar um café com crecôvia pela trilha do sino do contrário se que dessa vez
 dessa vez com creco. É lógico que isso circo no noro do sino
 para que não se esqueça de fazer uma cópia de uma história passada entre ar obvida e
 uma cópia de "fúria" para lobos ou algum que me neutralizasse:
 espere aqui fora.

fique se olhando no espelho no escuro. I



Sobre os autores

Adriana Veloso Meireles (Drica):

É ativista de novas mídias desde 2001, com atuação e articulação em redes como a do Indymedia, Metareciclagem, Estudio Livre, Descentro e Cultura Digital. Sua formação acadêmica é em Jornalismo e especialização em Design de Interação (em andamento na Puc Minas). Atualmente paga as contas prestando consultoria para Educação em Mídias Digitais.

Adriano Belisiário:

Tem formação em Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Trabalha com poesia e literatura, tendo publicado livros e artigos sobre história, comunicação e mídias alternativas, por exemplo, na coautoria da obra "Comunidade e Contra-Hegemonia: Rotas de Comunicação Alternativa", em 2008. Desenvolve práticas de experimentação artística e formação em cultura digital com tecnologias livres na coordenação do Pontão de Cultura Digital da ECO/UFRJ e também em coletivos como o i-motirõ. Duvida ainda de todos os títulos e não é dono de suas ideias.

Alexandre Freire:

Trabalha com desenvolvimento de sistemas de software e com implantação de metodologias em organizações. Foi coordenador do programa de Cultura Digital do Ministério da Cultura. Como artista, desenvolve trabalhos que investigam as táticas criativas da convivência em ambientes que se integram ao meio-ambiente de forma sustentável.

Ariane Stolfi:

Arquiteta, compositora e programadora, transa várias linguagens. Com mestrado concluído pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, sua ocupação principal é o design gráfico e desde 2008 ministra cursos e oficinas de design em entidades como o CCJ e o SESC. Participa do coletivo 24h, de performance e experimentação audiovisual e do Des).(centro.

Baobá voador:

Peregrinos, ativistas, plantadores de sementes -
<http://baobavoador.midiatatica.info>

Cristina Ribas:

Atua como artista e pesquisadora. Vive no Rio de Janeiro e oscila sobre o futuro. Gosta muito de pensar o que é uma comunidade de pensamento. Desenvolve com A Arquivista o projeto Arquivo de emergência [<http://arquivodeemergencia.wordpress.com>]. Tem mestrado em artes na UERJ (2008), e graduou-se em Porto Alegre em Artes Plásticas na UFRGS (2004). Fez/faz parte do grupo de artistas Laranjas. Ambientalista na ong Núcleo Amigos da Terra/Brasil (1997/2002). Construiu acampamentos da nos Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre (2003-2005). Atualmente faz parte dos grupos aCidade e Coletivo A. Parte de sua produção visual e textual pode ser encontrada no blog da Azulejista [<http://azulejista.wordpress.com>].

Daniela Álvares:

Artista e pesquisadora. Graduanda em Comunicação e Artes do Corpo pela Puc-SP e graduada em Ciências Políticas pela Unicamp.

Déa Paulino:

Bailarina, Arte-Educadora e, eventualmente, escritora. Ativista da RISSCA (Rede de Incentivo à Saúde e Satisfação Corporal e Alimentar). deapaulino@gmail.com

Dolores Galindo:

Doutorado em Psicologia Social, PUC/SP, 2006. Docente do Mestrado em Estudos da Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT. Temas de pesquisa: relações entre tecnociência e estética (apropriações estéticas de tecnologias), corpo e práticas artísticas contemporâneas (performances e interferências urbanas) e tecnologias de código aberto (arte e ativismo em cultura livre).

www.esquizotrans.wordpress.com

Elenara label:

é uma cidadã comum, produtora cultural, comunicóloga social, fundadora da Themis - assessoria jurídica e estudos de gênero, <http://www.themis.org.br/index.php?info=3> colaboradora do des).(centro - nó emergente de ações colaborativas

<http://pub.descentro.org>, fundadora da G2G

<http://www.interfaceg2g.org/>; mãe do Cauã(21), da Inaê(15) e do Ariel(11) e conhecida pela quantidade de pessoas amigas que ama.

Colabora no desenvolvimento da rede MetaReciclagem

<http://rede.metareciclagem.org/>, com os festivais de Submidialogias

<http://submidialogia.descentro.org/> e com a Ciranda Internacional da

Informação Independente <http://www.ciranda.net/>; é membro afetiva do conselho fiscal da Compas - Associação Internacional de Informação Compartilhada; consultora para assuntos cultura digital para CEA - Centro de Educação Ambiental/Vila Pinto apoia e promove programas de pontos de cultura do Minc-governo federal, em especial no Afro-Sul Odomodê. Não gosta do sistema operacional windows, de violência e de machismo. Reconhece que a sociedade patriarcal agoniza, mas não morre. Está concluindo Ciências Jurídicas e Sociais (Direito) e retomando a Biologia, ambos na Unisinos/RS.

Fabiane Borges:

Doutoranda em Psicologia Clínica PUC.SP, pesquisadora de arte e comunicação. Ensaísta, terapeuta, membro deliberativa do Des). (centro, participante dos festivais submidialogia, é esquizotrans e catadora de histórias. www.esquizotrans.wordpress.com

Fabianne Balvedi:

Midiativista formada em Arquitetura com especialização em Computação Gráfica Aplicada e extensão em New Media pela UCLA-USA. Membro fundador da Blender Foundation, Programa Software Livre Paraná e rede de Estúdios Livres. Desenvolve pesquisa, produção e experimentação com mídias livres em vários ambientes colaborativos, tais como estudiolivre.org, metareciclagem.org e interfaceg2g.org. Faz parte do corpo docente do curso de Design da PUCPR, do curso de Comunicação das Faculdades ESEEI e do curso de Cinema da FAPR. Seu projeto mais recente é um curta metragem animado documental sobre a Guerra do Contestado que está sendo produzido com softwares livres. Os arquivos de documentação e desenvolvimento do projeto podem ser obtidos através do link <http://contestado.org>

Flávia Cremonesi:

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Grande ABC (2003) e pós-graduação em Biologia Molecular e Citogenética (2006). Tem experiência na área de Educação Ambiental com ênfase em resíduos urbanos, atuando principalmente nos seguintes temas: lixo eletroeletrônico, Metareciclagem, 5R's, consumo consciente, permacultura. flaviacremonesi@gmail.com

Glerm Soares:

Ciberativista pró-mídias livres, artista multidisciplinar e cientista da computação jubilado e autodidata. Desenvolve trabalho de

experimentação conceitual de arte e tecnologia desde 2003 com o coletivo Orquestra Organismo tendo grande foco na construção de instrumentos e controladores para performances artísticas, sendo estes produzidos com técnicas artesanais de software e hardware livres. Uma dos fundadores do coletivo Estúdio Livre e da ong ciberativista De).(entrou. Pioneiro em documentação de softwares livres audiovisuais. Desenvolve projetos experimentais de webart com a Orquestra Organismo (<http://organismo.art.br>) e tutoriais de arte e tecnologia na web no projeto Artesanato de Volts (<http://artesanato.devolts.org>). Desenvolvedor do software de recombinação de sampler Navalha. Durante os anos 90 e início do milênio teve intensa atuação como performer, dramaturgo, cineasta e compositor em bandas e trupes como Matema, Jason, Malditos Ácaros do Microcosmos, Radio Macumba, Vitoriamario e outras. Militante do Movimento dos sem Satélite (<http://devolts.org/msst>).

Guilherme do Vale Oliveira:

É filósofo, músico e professor. Procura desenvolver atividades nas áreas de performance e educação, promovendo - banais e absurdas - experiências cognio-sensitivas a fim de estabelecer curtos-circuitos e/ou conexões nas nossas relações entre corpo-verdade-saber-poder, problematizando nossos regimes ético-político-cognitivos.

Guilherme Gitahy de Figueiredo:

Ênfase nos grupos estigmatizados e segregados e em processos de apropriação dos meios de comunicação, educação e pesquisa científica no Médio Solimões. Foi membro da rádio Muda de 1999 a 2004, do Coletivo Curupira de 2004 a 2006, da rádio Xibé desde 2006 e da rádio Pulga a partir de 2010. É membro do Centro de Mídia Independente desde 2003. É graduado em ciências sociais e mestre em ciência política pela Unicamp, tendo pesquisado a estratégia de comunicação e participação do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Atualmente é doutorando em antropologia social pelo Museu Nacional da UFRJ e professor da Universidade do Estado do Amazonas. Em 2009 ganhou o segundo lugar do Prêmio FINEP de Inovação da Região Norte, na categoria Tecnologia Social, com o projeto Laboratório de Comunicação Livre.

Hilan Bensusan:

Possui bacharelado em Filosofia pela Universidade de Brasília (1989), Mestrado pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado pela University Of Sussex (1999). Atualmente é professor adjunto da

Universidade de Brasília. Interessa-se mais frequentemente por temas em epistemologia e metafísica. Tem se interessado por questões relativas a singularidade, substância, potências, disposições, exceções, experiência, natureza do pensamento, natureza das justificações, subjetividade, externalismo, pensamento de re, holismo, imanência, alteridade, diferença, auto-conhecimento, ceticismo, naturalismo, políticas do conhecimento, testemunho, performance, diferença sexual, natureza e política, ontologias não-clássicas. URL: www.unb.br/ih/fil/hilanb / www.esquizotrans.wordpress.com

Juliana Dornelles:

Doutora em psicologia clínica (PUC.SP), artista, palhaça, desenvolve pesquisa sobre humor e grupos. Faz espetáculos semanalmente como improvisadora.

Karla Schuch Brunet:

É artista e pesquisadora, doutora em Comunicação Audiovisual (UPF, Espanha), mestre em Fotografia (MFA, Academy of Art University, EUA) e especialista em Crítica da Arte Eletrônica (Mecad, Espanha). Participou de diversas exposições de fotografia e arte eletrônica, tanto no Brasil quanto no exterior. Hoje em dia, é professora do IHAC (Instituto de Humanidades, Artes e Ciências) da UFBA, onde pesquisa projetos de interação entre arte, ciência e tecnologia.

Lucida Sans:

Jardineira canhota fluente em morse, consultora de estatísticas oníricas sobre percursos em bordas de abismo para o Banco Leiteguay-Hostiaçúcar S/A. Atua na divisa entre as áreas que movem e as que sofrem movimento. Escreve a monografia em papel tigre e carvão. Para cima e não para o norte. Tem um plano. Escreve um e-mail se justificando.

Maira Begalli:

Cursou Gestão Ambiental e Comunicação Social com habilitação em jornalismo na FIAAM/FAAM. Possui especialização em Comunicação Jornalística pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero. Participa das Redes Metareciclagem, Submidialogia, RISSCA e Ecologia Urbana. mairabegalli@veredas.net

Maruzia Dultra:

Soteropolitana, nascida no tempo da ficha telefônica, fita-K7 e VHS. Jornalista de formação (UFBA) e pesquisadora, atualmente pensando

sobre questões em torno do corpoimagem, no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da ECA/USP.

Morgana Gomes:

Atriz, poetisa e comunicóloga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2009), onde está se especializando em Comunicação e Política. Tem experiência na área de Artes, Filosofia, Política e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, tempo, poder, afeto e contracomunicação.

PEETSSA P2RCA:

Nascido em 3 de abril de 1977, São Paulo, Brasil. Membro da Brigada Voluntária de Combate a Incêndios Florestais de Lençóis, Chapada Diamantina-Bahia e do G.V.B.S PETAR (Grupo Voluntário de Busca e Salvamento do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira). Atualmente trabalha na construção de Postos de Vigilância e Proteção de territórios de índios isolados para a Frente de Proteção Etnoambiental Purus, na Amazônia, desenvolvendo a auto sustentabilidade dos mesmos para minimizar os impactos ambientais da presença do homem sobre a terra e seus recursos naturais.

Pedro Pontes de Paula Júnior:

Graduado em Geografia Pela Universidade do Estado do Amazonas, estudante de Pós-Graduação em Jornalismo Científico pela Universidade do Vale do Paraíba, É autor de vários artigos e resumos científicos publicados em eventos e congressos científicos, sobre o coletivo do Centro de Mídia Independente de Tefé. Atualmente é Bolsista do CNPq e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Social do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, onde trabalha na pesquisa por título "Estudos socioeconômicos em localidades das Reservas Mamirauá e Amanã". pedropontesdepaula@gmail.com

Ricardo Ruiz:

Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Sao Judas Tadeu (1998) e especialização em Design de Hipermissão pela Universidade Anhembí Morumbi (2003) . Atualmente é Conselheiro Deliberativo Presidente do Descentro - Nó emergente de ações colaborativas e Editor Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Ciência Política , com ênfase em Políticas Públicas.

Rodrigo Nunes:

Possui título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2000), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003), e PhD em Filosofia pelo Goldsmiths College, University of London. Desenvolveu e lecionou a cadeira de Filosofia Francesa do Pos-Guerra no Goldsmiths College, University of London (2007-8) e por um ano foi visiting lecturer na University of East London. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia moderna e contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: imanência, temporalidade, ontologia, filosofia transcendental, e filosofia política.

Rogério Borovik:

possui graduação em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes do Vídeo. Atuando principalmente nos seguintes temas: Internet, Interface, Vídeo, Mídia, Software.

Thaís Brito:

estuda mudanças políticas e transformações das práticas sócio-culturais na América Latina, desenvolve pesquisas sobre mídia e arte digital, com diversas publicações na área. É Jornalista e possui mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo realizado estágio de docência na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Organiza a pesquisa Contra Cultura Digital, com a Bolsa de Produção Crítica em Mídias Digitais da Funarte. Atuou como implementadora social do programa de inclusão digital do governo brasileiro, GESAC (Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão), uma experiência de apropriação das tic's por comunidades tradicionais, povos indígenas e escolas públicas no nordeste brasileiro. Realiza, desde 2006, o Projeto Software Livre nas Aldeias, premiado com o Prêmio Tuxáua (2009) do Ministério da Cultura. Ativista de mídia, arte e tecnologias, participa do Coletivo Nordeste Livre, Coletivo Intervenções e do g2g -espaçotempo-vestimenta para repensar gênero e tecnologia. thaís brito gnu/linux user #473464 <http://nordestelivre.wikispaces.com/>

Thiago Novaes:

Bacharel em Ciência Política (UNICAMP), atua há mais de 10 anos em pesquisa e implementação de rádios de baixa potência, tendo

publicado traduções e artigos sobre o tema (<http://blogs.metareciclagem.org/novaes/>). É conselheiro da ONG Descentro, e membro do coletivo Rádio Muda desde 1997. Em 2009, teve projeto aprovado em primeiro lugar no processo de seleção do Mestrado em Antropologia Social da UNICAMP, com texto intitulado "A Noção de Pessoa e as Novas Mídias", que investiga a relação humano-técnica e os rumos que o direito autoral e a propriedade intelectual estão tomando neste começo de século XXI. É professor universitário e ativista de mídias livres.

Wanderlyne Selva:

Entregue aos acontecimentos, incorpórea, imaterial, contundente.

